

Elias Ferreira Veras

**CARNE, TINTA E PAPEL:
A EMERGÊNCIA DO SUJEITO TRAVESTI PÚBLICO-
MIDIATIZADO EM FORTALEZA (CE), NO TEMPO DOS
HORMÔNIOS/ FARMACOPORNOGRÁFICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, como requisito para obtenção do título de Doutor em História. Área de Concentração: História Cultural.

Orientadora: Dra. Roselane Neckel

Coorientadora: Dra. Joana Maria Pedro

**Florianópolis
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Veras, Elias Ferreira
CARNE, TINTA E PAPEL : A emergência do sujeito travesti
público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos
hormônios/farmacopornográfico / Elias Ferreira Veras ;
orientadora, Roselane Neckel ; coorientadora, Joana Maria
Pedro. - Florianópolis, SC, 2015.
228 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, . Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Travesti público-midiatizado. 3.
Farmacopornografia. 4. Fascínio. 5. Estigma. I. Neckel,
Roselane. II. Pedro, Joana Maria. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
História. IV. Título.

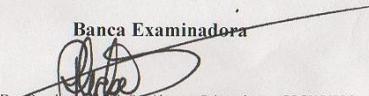
**Carne, tinta e papel.
A emergência do sujeito travesti público-
mediatizado em Fortaleza (CE), no tempo
dos homônios/farmacopornográfico.**

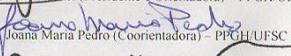
Elias Ferreira Veras

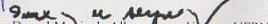
Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de:

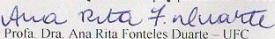
DOUTOR EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora

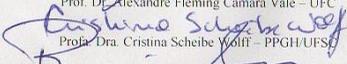

Prof.ª. Dra. Roselany Nogueira (Presidente e Orientadora) – PPGH/UFSC

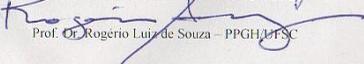

Prof.ª. Dra. Joana Maria Pedro (Coorientadora) – PPGH/UFSC


Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior – UFRN


Prof.ª. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte – UFC

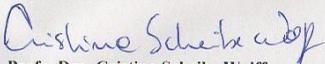

Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale – UFC


Prof.ª. Dra. Cristina Scheibe Wolff – PPGH/UFSC


Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza – PPGH/UFSC

Prof. Dr. Fernando Cândido da Silva (suplente interno) – PPGH/UFSC

Prof.ª. Dra. Marlene de Faveri (suplente externo) – PPGH/UFSC



Prof.ª. Dra. Cristina Scheibe Wolff

Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 07 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho às travestis que fazem de sua existência cotidiana uma “batalha” contra os preconceitos, a favor da liberdade.

Dedico-o, especialmente, à Dediane Souza, pela amizade, pelo aprendizado e pela inspiração.

Aprendi com Dê que as questões teóricas só têm sentido se forem utilizadas como instrumentos críticos de transformação social.

AGRADECIMENTOS

Parece que foi ontem...

Juliana lendo a primeira versão do meu projeto de pesquisa (e me falando de **Iica**); Ana Rita lendo a última (e me sugerindo acrescentar Joan Scott); o primeiro encontro com Luciana, nos corredores da UFSC, durante o processo seletivo; as professoras Joana, Roselane e o professor Rogério me entrevistando, na sala do LEGH; a aprovação no doutorado; a comemoração com Letícia...

Não foi ontem. Foi há um pouco mais de quatro anos.

Desde então, graças ao doutorado, os encontros e as amizades (muitas delas têm a idade desta tese) se multiplicaram.

A dificuldade de interromper este trabalho se deveu, em parte, ao temor da orfandade dos momentos felizes proporcionados pelo doutorado. Todavia, assim como esta pesquisa não se encerra com esta tese, os encontros e as amizades também não (não foi fácil me convencer disso). Avante!

É justamente às pessoas queridas, cujas presenças atravessam este texto, que manifesto os meus mais profundos agradecimentos.

Agradeço à Letícia Lopes, pela amizade generosa, pelas conversas animadoras (“Vai dar certo!”), presentes (Foram tantos os docinhos!), cobranças (“Quantas páginas você escreveu hoje?”) e ajuda na pesquisa. Sem o companheirismo de Letys, tudo seria mais difícil.

À Juliana Justa, por ter me encorajado a trilhar os caminhos do “universo trans”. Aprendi com Ju, com nossas andanças embriagadas de vida por becos, bares, cinemões e eventos acadêmicos, o que não poderia ter aprendido nos bancos da academia. Que o nosso primeiro encontro, o nosso primeiro café e a nossa primeira cerveja se prolonguem infinitamente.

À Cíntia Lima, que me acolheu em Florianópolis, por me ensinar os fantásticos caminhos da noite blue de floripa, a força do feminismo e a beleza das regras gramaticais. Pelas leituras críticas e sugestões a este texto, e, sobretudo, pela amizade, através da qual aprendi a admirar e a amar a diferença. Obrigado, Piri.

Ao Kênyo Araújo, que, nos momentos mais angustiantes da escrita deste trabalho, afagou, generosamente, o meu coração. Pela presença (via *Facebook* e *Skype*), pelas ponderações e pela sabedoria. Be, quem sabe um dia não escrevamos um livro sobre a importância do “mapa mental” na elaboração de uma tese?

À Luciana Andrade, por nossos cafés-divãs, nos quais discutíamos as dores e as delícias da escrita da nossa tese, que também

eram as dores e as delícias de tantas mudanças em nossas vidas; por me ensinar mais sobre a importância das palavras e da amizade.

À Idalina Freitas, que me apresentou as profanações de Michel Foucault, pela amizade inspiradora e pelas gargalhadas foucaultianas que ainda virão.

À querida Soraia Carolina, pela amizade e pelos sonhos compartilhados, que adoçaram a angustiante vida de doutorado. Que nossos encontros-cafés se prolonguem por outras paisagens histórico-afetivas.

À Maria Helena Lenzi, mais um presente do doutorado em minha vida. Por compartilhar comigo, principalmente, nos meses finais da escrita da tese, reflexões e gargalhadas foucaultianas. Os dias que antecederam à “conclusão” de nossos trabalhos foram mais leves, graças às nossas mensagens trocadas via *Whatsapp*. O mundo nos aguarda, Be!

Aos amados Pereira (Junior), Tel Candido, Alexandre Joca, Alex Sousa, Cadu Bezerra, Oseias dos Reis, Paulo Victor Fernandes, Elton Francisco, Rafael Saldanha, Fernando Damázio, João Paulo Pereira, Edgar Gomes e Carlos Cariacás, pela amizade-presente, pelo cuidado-incentivo. Por nossa comunidade de bichas. Tudo fica mais alegre na companhia de vocês.

Ao meu irmão querido, Neto Veras, pela presença e pela cumplicidade.

Ao Gilmar de Carvalho, que, ao longo da escrita da tese, para minha sorte e alegria, deixou o lugar de “fonte” e de interlocutor da pesquisa para ocupar o de amigo e leitor afetuoso.

Às queridas Ana Rita Fonteles, Cristiane Marinho, Ilidiana Diniz e Fernanda Queiroz, por suas estéticas existenciais e intelectuais inspiradoras e pela amizade afetuosa.

Ao Henrique Barbosa, pelas leituras críticas que não deixaram que este trabalho escapasse (demais) dos trilhos da disciplina histórica.

Ao Juliano Gadelha, por me apresentar o fascinante mundo de Paul B. Preciado.

Sou grato às/aos amigas/os de Fortaleza, Aline Silva, Cícera Barbosa, Claudio Junior, Daniel Ribeiro, Eduardo Estevam, Geovânia Lavor, Laodicéia Flores (Lao), Márcia Moreno, Marcos Lima, Marília Duarte, Micheline Rocha, Raimundo Hélio, Raquel Rocha, Suely Freitas, Waldeiyza Monteiro, Valéria Laena, pela presença afetuosa; aos/às amigos/as que conheci em Floripa, Alexandre Dezidério, Betty Kammers, Camila Serafim, Gabriela Marques, Gleidiane de Sousa, Jimena Massa, Jocemara Triches (Joce), Larissa Freitas, Luã Freitas, Mairla Pires, Maria Fernanda, Mirian Nascimento, Misaél Correa,

Rochelle Santos, Silvana Pereira, Simone Ávila, Tarcísio Meneghetti, Vera Gasparetto, Verônica Siqueira, por fazerem da ilha um lugar inesquecível; aos/às amigos/as que conheci em Barcelona, Adriana Pimentel, Ana Lúcia, Benito Rigueira, Cristina Flavia, Diego Alonzo, Eduardo de Oliveira, Esther Vives, Eulália, Filipe Fernandes, Glauber Moreira, Julieta Vartabedian, Nádia Aroca, Péricles Carvalho, Ramon Guardia, pela felicidade do encontro; aos meus novos amigos, Herley Lins, Jonhn Mafra, Paulo Souto Maior, Roberto Josino, pelas histórias que ainda compartilharemos.

Ao meu psicanalista, Luiz Antônio, que me ensinou a sobreviver aos gozos e às castrações da tese.

Ao Igor Queiroz, com carinho e admiração (*In memoriam*).

À minha orientadora, Roselane Neckel, que esteve presente (mesmo na ausência) por meio das suas pesquisas históricas, das suas lições aprendidas na disciplina da linha “Relações de poder e subjetividades” e do seu sorriso foucaultiano inspirador e encorajador.

À minha querida co-orientadora, Joana Maria Pedro, que soube orientar este trabalho equilibrando conhecimento histórico, rigor acadêmico, afeto e generosidade. Aprendi, com Joana, que é possível escrever uma história daqueles/as que (ainda) estão à margem da história; que o conhecimento histórico é lugar de transformação social; e que é possível escrever uma tese com riso e alegria. Obrigado pela presença, compreensão e inspiração.

Ao querido Oscar Guasch, que supervisionou meu “doutorado Sanduíche” em Barcelona. Aprendi com Oscar que a pesquisa acadêmica também é feita de humor e de prazer, além de compromisso intelectual e político.

Aos/às colegas do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH-UFSC), Grupo de Pesquisas e Estudos em História e Gênero (GPEHG-UFC) e do Grupo de Estudos Foucaultianos (GEF-UECE), pelo aprendizado que atravessa este trabalho.

Aos/às militantes do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), pela oportunidade de pesquisar, em seu acervo histórico, sobre a memória LGBT de Fortaleza.

Aos/às funcionários/as da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (BPGMP), de Fortaleza.

Aos/às funcionários/as do Banco de Dados da Fundação Demócrito Rocha e da Biblioteca da Universidade de Fortaleza (Unifor), que me possibilitaram consultar, no período em que a BPGMP esteve fechada para reforma, os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*.

Ao Hugo Santos, Val Menezes e Will Lacerda, que me ajudaram na pesquisa na BPGMP, pelos achados e pela agradável companhia durante as tardes de pesquisa.

Aos professores que participaram da minha qualificação, Alexandre Fleming Câmara Vale, Durval Muniz de Albuquerque Junior e Rogério Luiz de Souza, pelas sugestões e críticas.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina; aos/às colegas de turma do doutorado; e aos/às professores/as, especialmente, à Bernadete Ramos Flores, Pedro de Souza, Cristina Scheibe Wolff e Luzinete Simões, pelos inestimáveis ensinamentos.

À Capes, pela bolsa de doutorado e pela bolsa “sanduíche”, que possibilitaram minha estadia/estudos/pesquisas em Florianópolis/Fortaleza/Barcelona.

Às travestis e aos homossexuais que colaboraram com esta pesquisa, por compartilharem comigo suas memórias, acervos e histórias: Thina Rodrigues, Rogéria, Bianca, Eva Gardney, Dami Cruz, Jovanna Cardoso, Keila Simpson, Fernanda Bevenutty, Gilmar de Carvalho, Orlaneudo Lima, Francisco Pedrosa, Granja, Gurgel do Amaral. Espero que, em trabalhos futuros, eu possa contemplar a riqueza das narrativas daqueles/as que não apareceram diretamente citados ao longo desta tese.

Finalmente, e, principalmente, agradeço à minha mãe, Mariazinha Ferreira, e ao meu pai, Eli Veras, pelo amor e pelo cuidado incondicionais. Por me ensinarem que o afeto, a generosidade, o conhecimento e a coragem são indispensáveis na vida.

Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas “há algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.” In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 17-18.

RESUMO

Neste trabalho, analiso a emergência do sujeito travesti em Fortaleza (CE), seu surgimento como nova personagem público-midiatizada e estigmatizada, na passagem do tempo das perucas para o tempo dos hormônios, este último, chamado de tempo farmacopornográfico (virada da década de 1970 para 1980). Problematizo esse processo de subjetivação farmacopornográfico a partir de uma análise foucaultiana e de gênero-queer das fontes históricas (jornais, revistas, obras literárias, antropológicas e narrativas orais de travestis). Se, no tempo das perucas, o termo travesti designava uma prática eventual, restrita aos espaços privado e/ou público-temporário, no tempo farmacopornográfico, a palavra também passou a nominar um novo sujeito sexual, que ganhou inteligibilidade heteronormativa, em grande parte, graças aos meios de comunicação, como um "tipo" de homossexual marcado pela ambiguidade. Tal emergência foi acompanhada por discursos e práticas de excitação-fascínio e de controle-estigma. Nessa trama-tempo marcada por embates, as travestis produziram contra-discursos que contribuíram para rearranjar as normas de gênero, sexualidade, corpo e do público-privado em Fortaleza.

PALAVRAS-CHAVE: Travesti público-midiatizado. Farmacopornografia. Fascínio. Estigma. Contra-discursos.

ABSTRACT

In this paper I analyze the emergence of the subject transvestite in Fortaleza (Ceará State), its appearance as a new public-mediatised and stigmatized character in the passage of the wigs times to the hormones-pharmacopornographic times (in the turn of the 1970s to 1980s). I problematize this process of pharmacopornographic subjectivity from a Foucault's analysis of gender-queer of historical sources (newspapers, magazines, literary, anthropological and oral narratives of transvestites). If, at the wigs times, the term transvestite designated an eventual practice, confined to private spaces and/or public-temporary ones, at the pharmacopornographic times the word also came to nominate a new sexual individual who got heteronormative intelligibility, largely by the media, as a "type" of homosexual marked by ambiguity. Such emergence was accompanied by speeches and practices of excitation-fascination and control-stigma. At this plot-time marked by clashes, transvestites produced counter-speeches that contributed to rearrange gender norms, sexuality, body, and public-private in Fortaleza.

KEYWORDS: Public-mediatised transvestite. Pharmacopornography. Fascination. Stigma. Counter-speeches.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bianca, Karine e Ilca, na “Festa do Branco”	64
Figura 2 - Bianca, “Marilyn” e Marquinhos	67
Figura 3 - Retrato de Marilyn Monroe	68
Figura 4 - Bianca, Ilca e outras bonecas no carnaval de Fortaleza	75
Figura 5 - Bonecas participando de concursos de fantasias no carnaval.	78
Figura 6 - Rudi na revista <i>Manchete</i>	79
Figura 7 - “Cordão das Coca-Colas”	83
Figura 8 - Travesti desfilando na Avenida Duque de Caxias.	84
Figura 9 - “As novinhas siliconizadas acompanhando a alegria das geniais caricatas”	87
Figura 10 - Travestis no carnaval	88
Figura 11 - Rogéria, na revista <i>Manchete</i>	89
Figura 12 - Cartaz do espetáculo “Close nelas”	91
Figura 13 - Rogéria, na sexta-feira gorda	96
Figura 14 - Thina, no <i>Diário do Nordeste</i>	103
Figura 15 - A modelo Lídia, capa da revista <i>Playboy</i>	128
Figura 16 - Roberta Close, na <i>Playboy</i>	130
Figura 17 - Foto de <i>La Close</i> , que encerra seu ensaio na <i>Playboy</i>	131
Figura 18 - <i>La Close</i> , no Caderno DN Cultura do jornal <i>Diário do Nordeste</i>	141
Figura 19 – Valérias	164
Figura 20 – Rogéria, no <i>Diário do Nordeste</i>	164
Figura 21- Patrícia, no <i>Diário do Nordeste</i>	165
Figura 22 - Planta do Panóptico, de J. Benthan	167
Figura 23 - NIKON F3 com Motor Drive Md-4 Reflex 35mm Análogica.	167
Figura 24 - Mapa do centro de Fortaleza “sitiado”.	177
Figura 25 - Chamada de capa do <i>Diário do Nordeste</i>	182
Figura 26 - Jane e Fafá, no <i>Diário do Nordeste</i>	183
Figura 27 - Imagem que acompanhou a reportagem “Gays denunciam perseguição da PM no Centro”, no <i>Diário do Nordeste</i>	193

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis
BPGMP	Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel
CRD	Centro de Referência em Diversidade
DSM	<i>Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders</i>
FACED	Faculdade de Educação
GRAB	Grupo de Resistência Asa Branca
GGB	Grupo Gay da Bahia
ILGA	<i>International Lesbian and Gay Association</i>
LIG	Lei de Identidade de Gênero
LGBT	Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti e Transexual
ONG	Organização Não Governamental
Trans	Travestis e transexuais
UB	Universidade de Barcelona
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

1.	INTRODUÇÃO	23
2.	CAPÍTULO 1 - DO TEMPO DAS PERUCAS AO TEMPO DOS HORMÔNIOS	53
2.1	TEMPO DAS PERUCAS OU QUANDO NÃO EXISTIA O SUJEITO TRAVESTI.....	56
2.1.1	Amorim-Samorim-Ilca.....	56
2.1.2	Bianca.....	68
2.2	ENTRE PERUCAS E HORMÔNIOS: O CARNAVAL COMO HETEROTOPIA DE GÊNERO	71
2.3	TEMPO DOS HORMÔNIOS OU A INVENÇÃO DO SUJEITO TRAVESTI.....	81
2.3.1	Rogéria.....	92
2.3.2	Thina.....	101
3.	CAPÍTULO 2 “O FENÔMENO ROBERTA CLOSE” COMO ACONTECIMENTO-FARMACOPORNOGRÁFICO ..	111
3.1	TEMPO DOS HORMÔNIOS, TEMPO FARMACOPORNOGRÁFICO: EXCITAÇÃO E CONTROLE	113
3.2	<i>LA CLOSE</i> E A “CONFUSÃO” DO GÊNERO.....	127
3.3	<i>LA CLOSE</i> E AS “SEXUALIDADES PERIFÉRICAS” NO CENTRO DA CENA PÚBLICO-MIDIÁTICA.....	139
4.	CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVO DO ESTIGMA E OS CONTRA-DISCURSOS TRAVESTIS.....	155
4.1	O DISPOSITIVO DO ESTIGMA	157
4.2	O DISPOSITIVO DA PROSTITUIÇÃO E DA AIDS	168
4.3	CONTRA-DISCURSOS TRAVESTIS.....	185
5.	CONCLUSÃO.....	205
6.	FONTES	211
7.	REFERÊNCIAS	215

1. INTRODUÇÃO

I

“A primeira travesti doutora do Brasil” foi o título do artigo que publiquei no jornal *O Povo*,¹ de Fortaleza (CE). Naquele texto, refleti sobre um acontecimento² inédito: o doutoramento da³ primeira travesti no país, a cearense Luma Andrade.⁴ Na ocasião, afirmei que aquele acontecimento não representava apenas uma vitória pessoal da pesquisadora,⁵ mas, também, uma fissura na produção dos discursos⁶

¹ VERAS, Elias Ferreira. A primeira travesti doutora do Brasil. **O Povo**, Opinião, 17 ago. 2012, p. 6.

² Acontecimento, aqui, é compreendido como aquilo que provoca uma mudança na abordagem do antes em direção ao seu depois. De acordo com Dosse, “esfinge, o acontecimento é igualmente Fénix que na realidade nunca desaparece. Deixando múltiplos vestígios, ele volta constantemente, com sua presença espectral, para brincar com acontecimentos subsequentes, provocando configurações sempre inéditas”. Cf. DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013, p. 7.

³ Na maioria das fontes pesquisadas, o termo travesti aparece associado ao gênero gramatical masculino. Observa-se nos últimos anos, todavia, especialmente entre as travestis que militam no movimento trans (travestis e transexuais) e nos recentes estudos acadêmicos sobre esses sujeitos, a utilização do termo na flexão feminina. No primeiro caso, o emprego do termo no feminino acena para o processo de construção da feminilidade nos corpos e nas subjetividades trans, enquanto, no segundo, para o reconhecimento, entre os/as pesquisadores/as, da afirmação do gênero feminino como uma das principais reivindicações de travestis e de transexuais.

⁴ A defesa aconteceu no mesmo dia da publicação do artigo no jornal, na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Durante a defesa, a doutoranda foi interpelada por uma das integrantes da banca sobre o “excesso de Luma” na tese, o que, segundo a referida examinadora, poderia “deslegitimar” a escrita “científica” do trabalho. Em resposta, Luma argumentou: “Fui tantas vezes procurada por pesquisadores e jornalistas para falar da minha história. Por que eu mesma não posso falar dessa experiência no meu trabalho?”. **Caderno de campo**, 17 de agosto de 2012. Recentemente, Luma Andrade lançou sua tese, como livro. Para tal, ver: ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

⁵ O acontecimento Luma Andrade e o elogio da mídia ao seu feito inserem-se em uma genealogia mais ampla de produção de enunciados positivos acerca do sujeito travesti no Brasil. Em Fortaleza, esses enunciados tiveram como

heteronormativos que, historicamente, associaram travesti à prostituição e à criminalidade.

Defendi, no artigo, que não estávamos somente diante do primeiro doutoramento de uma travesti no Brasil, em um Estado que, àquela altura, liderava o *ranking* dos casos de homofobia no país,⁷ mas de uma tese sobre travestis realizada por uma travesti. Luma Andrade, sua pesquisa, o elogio de parte da mídia ao seu ineditismo, sobretudo, sua autoidentificação como travesti – em uma sociedade na qual os sujeitos que reivindicam uma identidade de gênero feminina afirmam-se cada vez mais como trans e/ou transexual⁸ – assinalam a produção de novos discursos, reflexividades e escritas de si (trans) na contemporaneidade.

As reflexões presentes nesta tese sobre a construção histórica do sujeito travesti, em sua dimensão público-midiatizada, em Fortaleza (CE), no tempo farmacopornográfico inserem-se nesse contexto de produção de novas visibilidades e histórias⁹ (trans) no Brasil.

exemplo paradigmático a travesti Janaina Dutra, falecida em 2004, lembrada como “a primeira advogada travesti do Brasil”. Tal produção discursiva é efeito, produto e indício das transformações recentes empreendidas, dentre outros processos históricos, pela atuação dos movimentos de gays, lésbicas, travestis e transexuais.

⁶ Entendido na concepção foucaultiana, ou seja, mais do que um conjunto de signos, os discursos são práticas que formam os objetos de que falam.

⁷ **O Povo**, 22 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2012/07/22/noticiafortaleza,2883446/ceara-lidera-ranking-nordestino-com-mais-casos-de-homofobia.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2012.

⁸ Barbosa realizou uma interessante etnografia sobre os usos das categorias travesti e transexual entre pessoas trans que participavam da “Terça Trans”, no Centro de Referência em Diversidade (CRD), na cidade de São Paulo (SP). O pesquisador observou que “menos do que diferenças clínicas, as diferenças entre travestis e transexuais podem ser expressas em diferenças de gênero, sexualidade, classe, cor/raça e geração”. Cf. BARBOSA, Bruno César. **Nomes e Diferenças**: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010, p. 7.

⁹ No início de 2015, Luma Andrade voltou ao cenário midiático, dessa vez, graças à campanha de alunos/as da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sediada no município de Redenção (CE), que defendia sua eleição para o cargo de Reitora daquela instituição. Alunos da UNILAB querem travesti como reitora. **O Povo**, 7 jan. 2015. Disponível em:

Na virada da década de 1970 para 1980, que, neste trabalho, denomino, respectivamente, de tempo das perucas e tempo dos hormônios-farmacopornográficos, o termo travesti deixou de significar apenas uma prática eventual, clandestina e restrita aos momentos e espaços privados, para nominar um novo sujeito sexual, inseparável de sua dimensão público-midiatizada. Travesti-performance impressa nas notícias e fotografias. Travesti-prótese, encarnada através dos hormônios, silicone, maquiagem e vestimentas. Nova “identidade sexual” escrita em performances; inscrita no corpo. Travesti-carne-tinta-papel.

Como mostrarei ao longo desta tese, esse processo de subjetivação¹⁰ é efeito e indício de uma nova temporalidade e subjetividade, que chamei farmacopornográfico, em diálogo com Paul B. Preciado.¹¹ Nessa trama-tempo, a imprensa atuou na descrição e na

<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/brasil/2015/01/07/noticiasjornalbrasil,3372808/alunos-da-unilab-querem-travesti-como-reitora.shtml>>. Acesso em: 14 mai. 2015. Apesar da Campanha, a travesti não foi alçada à condição de reitora.

¹⁰ O historiador Paul Veyne oferece uma definição esclarecedora para esta noção no pensamento de Michel Foucault. De acordo com Veyne, Foucault chamou de subjetivação o processo de constituição do sujeito. Com isso, quis dizer que, em Foucault, o sujeito não é “natural”, ele é “modelado a cada época pelo dispositivo e pelos discursos do momento, pelas reações de sua liberdade individual e por suas eventuais estetizações [...]. A noção de subjetivação serve para eliminar a metafísica, o duplo empírico-transcendental que extrai do sujeito constituído o fantasma de um sujeito soberano”. A concepção foucaultiana não está demasiadamente distante do modo como Guattari e Rolnik pensaram a subjetividade, segundo estes, fabricada, modelada, consumida no registro do social, não sendo efeito de uma “suposta natureza humana”, mas de uma série de dispositivos históricos que atravessam os sujeitos. Ver: VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 178-179; GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

¹¹ Recentemente, Preciado incorporou “Paul” ao seu nome. Tal transformação, que aponta para um processo mais amplo de construção e apropriação crítica do masculino por Preciado, foi explicada pelo filósofo como: “Durante mucho tiempo quise afirmar la posición de las mujeres como minoría en la filosofía pero al final tuve que renunciar y acabé de reconocer mi propio deseo, que políticamente es muy importante. Me conocieron como Beatriz, bueno, ahora le tendrán que dar la vuelta. Esa B está ahí como el rastro de temporalidad política, de lucha feminista”. CURIA, Dolores. La importancia de llamarse Paul. **Página**

produção de discursos (de fascínio e de estigma) acerca das experiências¹² trans.

Nessa perspectiva, esta pesquisa está atravessada pelas reflexões de Michel Foucault. Não me refiro apenas à renovação temática manifestada no interesse do filósofo-historiador pela loucura, pela prisão e pela sexualidade – pensadas como dispositivos históricos –, mas, também, às possibilidades de novas abordagens teórico-metodológicas inauguradas por seus livros-caixa de ferramentas.

Assim, a partir do encontro com o pensamento de Foucault, desloquei minhas preocupações iniciais direcionadas para a recuperação das experiências dos sujeitos no passado, para a produção discursiva em torno das experiências, neste caso, do sujeito travesti em sua dimensão público-midiatizada e os modos de subjetivação inaugurados nesse processo histórico.¹³

Assumindo certa distância em relação ao projeto de pesquisa original, cuja abordagem teórico-metodológica estava baseada na perspectiva da história social de inspiração thompsoniana,¹⁴ e, ainda, mais radicalmente, das pesquisas desenvolvidas ao longo da graduação e

12. 6 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/1-4022-2015-06-6.html>>. Acesso em: 14 out. 2015. Assim, embora seus livros, publicados antes dessa transformação, apareçam nas referências desta tese como de autoria de “Beatriz Preciado”, Preciado será tratado ao longo do texto no masculino.

¹² Experiência, no sentido dado por Michel Foucault, como uma “correlação, [...], entre campo de saber, tipo de normatividade e formas de subjetividade”. Cf. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2009, p. 15.

¹³ Margareth Rago aponta três momentos da presença das reflexões de Foucault na produção historiográfica brasileira. O primeiro, marcado pelo privilégio da concepção de poder enquanto positividade; o segundo, pelo questionamento do sujeito como agente histórico fundamental; o terceiro, pela problematização dos modos de subjetivação. A historiadora lembra, ainda, da desnaturalização do objeto; do privilégio do descontínuo e da proposta de história genealógica propostas por Foucault. RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social** - Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, out. 1995. Conferir, também, ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: Edusc, 2007.

¹⁴ Referente ao historiador inglês E. P. Thompson.

durante o mestrado¹⁵ sobre religiosidade popular, terminei por me aproximar da perspectiva foucaultiana e profanar *minha* história.

O encontro com os livros de Michel Foucault, especialmente, com **História da Sexualidade I**,¹⁶ durante a elaboração do projeto de doutorado, e, também, com **História: a arte de inventar o passado**, do historiador Durval Muniz de Albuquerque Junior,¹⁷ que fazia parte da relação de obras adotadas na seleção do doutorado da UFSC, provocou em mim deslocamentos epistemológicos, políticos e existenciais. Esta tese e este pesquisador saíram transformados do encontro com esses livros-experiências.¹⁸ Afinal, como lembrou Foucault: “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”¹⁹

A escrita deste trabalho está atravessada, ainda, por minha afirmação política como sujeito homossexual em um país e estado profundamente marcados pela violência machista contra mulheres, gays, lésbicas, travestis e transexuais. Ao acionar minha condição de pesquisador homossexual, afirmação identitária, que, de certo modo, contradiz a orientação teórica queer presente nesta pesquisa, pretendo lembrar que a produção do conhecimento histórico é permeada por escolhas subjetivas e políticas.

Penso que a história, para além de uma produção de conhecimento sobre o passado, também é lugar de intervenção política e instrumento de transformação social. A produção de saberes críticos sobre os sujeitos (ainda) marginalizados/as, não apenas da disciplina histórica, mas da sociedade e da própria condição de humanos, pode ser utilizada como ferramenta que contribui para a desmontagem da

¹⁵ VERAS, Elias Ferreira. **O "echo das maravilhas"**: o jornal A Voz da Religião no Cariri e as missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1870). Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

¹⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., 2007.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. El libro como experiencia: conversación con Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **La inquietud por la verdad**: Escritos sobre la sexualidad y el sujeto. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2013, p. 33-99.

¹⁹ FOUCAULT, 2009, p. 15.

máquina binária heteronormativa, que produz corpos estigmatizados e abjetos.²⁰

II

Em que momento histórico passou-se a associar travesti e disfarce? Em que contexto produziu-se a associação entre travesti e prostituição? Que dispositivos de saber-poder-produção de subjetividades legitimaram as verdades acerca das experiências travestis? Quais resistências e contra-discursos travestis foram elaborados à produção heteronormativa produtora de estigma?

Para pensar essas questões, percorri o caminho da transversalidade entre História, Filosofia e Antropologia, que me possibilitou desbravar, com curiosidade e excitação, novos horizontes e novas paisagens teórico-metodológicas. Recorri a um mosaico composto por obras antropológicas, históricas e filosóficas que tem como temas de reflexão as experiências trans, a emergência histórica das homossexualidades no Brasil e a construção das identidades como produção discursiva, performativa e tecnológica. As obras de Don Kulick, Alexandre Fleming Câmara Vale, Larissa Pelúcio, João Silvério Trevisan, James N. Green, Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado, dentre outros/as, como veremos, compõem parte deste mosaico interdisciplinar.

A etnografia realizada por Hélio Silva²¹ com travestis que se prostituíam no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, na década de 1990, é considerada pioneira na aproximação entre as travestis e a antropologia no Brasil. Daí em diante, travestis que se prostituíam nos grandes centros urbanos dividiriam a “pista”²² com os/as antropólogos/as, os/as quais se mostravam sempre dispostos/as a anotar, nos seus cadernos de campo, os detalhes minuciosos e espetaculares do “universo trans”.²³

²⁰ BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

²¹ SILVA, Hélio. **Travesti**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

²² Como são chamadas por algumas travestis profissionais do sexo as ruas e avenidas ocupadas para o trabalho sexual.

²³ Conforme Benedetti, o termo “universo trans” amplia o leque de definições possíveis no que se refere às possibilidades de transformações de gênero empreendidas pelas trans. Em diálogo com Benedetti, Pelúcio o emprega para definir os “espaços de convívio das travestis, onde são tecidas as relações sociais que compõem o meio em que vivem, bem como o seu sistema material e

Todavia, ainda que o trabalho de Silva seja apontado como pioneiro, as dissertações de Regina Maria Erdmann²⁴ e de Neuza Maria de Oliveira²⁵ sobre travestis do Desterro (SC) e de Salvador (BA), produzidas no início da década de 1980, são os primeiros estudos das ciências sociais sobre a temática no país.

Don Kulick,²⁶ por sua vez, inaugurou, no Brasil, os laços, atualmente fortalecidos, entre a antropologia do “universo trans” e a perspectiva queer.²⁷ A partir do diálogo com Judith Butler, Tereza de Lauretis e Thomas Laqueur, Kulick esclareceu que tudo que era dito sobre sexo estava, necessariamente, implicado em concepções de gênero. De acordo com o pesquisador, o diálogo com esses/as autores/as permitiu que as discussões teóricas se afastassem decisivamente das noções de que o gênero era simplesmente uma leitura ou elaboração cultural do sexo biológico.

Enquanto as primeiras pesquisas antropológicas brasileiras priorizaram as experiências de travestis que se prostituíam nas ruas das grandes cidades²⁸ a partir dos anos 2000, o discurso acadêmico foi

moral”. Ver, respectivamente: BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 17; PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de Aids. São Paulo: Annablume-FAPESP, 2009, p. 33.

²⁴ ERDMANN, Regina Maria. **Reis e rainhas do desterro**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1981.

²⁵ OLIVEIRA, Neusa de. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

²⁶ KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

²⁷ Embora tenha se estabelecido nos Estados Unidos, na segunda metade da década de 1980, a teoria queer surge relacionada à abertura proporcionada pelos movimentos pelos direitos civis, feminista e homossexual, efetivando-se como política radical em meio à crise da Aids. Entre os precursores da teoria queer, estão: Guy Hocquenghem, pensador francês, autor do livro *O desejo homossexual*; Gayle Rubin, antropóloga feminista, autora do ensaio *Pensando sobre o sexo*; e Nestor Perlongher, autor do livro *O negócio do michê*. MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

²⁸ Kulick lembra que os trabalhos de Silva e de Oliveira, embora tenham rompido com o discurso sensacionalista da imprensa sobre as travestis, continuaram focalizando as práticas mais “espetaculares”: a prostituição, as modificações corporais e a automutilação. De acordo com o antropólogo, “o

diversificado pelos estudos sobre travestis militantes (que atuavam em ONGs) e “europeias”, que imigravam para os países da Europa. Os trabalhos de Marcos Benedetti,²⁹ Wiliam Siqueira Peres,³⁰ Alexandre Fleming Câmara Vale³¹ e Larissa Pelúcio,³² por exemplo, se inserem nesse novo *script*.

Essa diversificação temática é indício da multiplicidade dos lugares ocupados pelas travestis no Brasil na década de 2000, momento no qual o número de associações e de ONGs compostas por travestis e transexuais se expandiu. Um dos efeitos dessa diversificação acadêmica, social e política foi a produção de novos referenciais de visibilidade trans, que iniciaram o “luto do estigma”³³ travesti no país.

As pesquisas de Vale³⁴ ilustram de modo exemplar essas transformações, pois, embora o antropólogo continue realizando etnografias com travestis que se prostituíam nas cidades de Fortaleza e de Paris, o autor inseriu como questão central em sua abordagem as trajetórias das militantes travestis e transexuais que atuavam no movimento social trans.³⁵

resultado (embora involuntário) acaba contribuindo para fortalecer algumas ideias continuamente enfatizadas pelos textos jornalísticos, a saber, que travestis são, de certo modo, criaturas muito diferentes da maioria das pessoas: exóticas, estranhas, bizarras e ameaçadoras” (KULICK, op. cit., 2008, p. 24-25).

²⁹ BENEDETTI, op. cit., 2005.

³⁰ PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania.** Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

³¹ VALE, Alexandre Fleming C. **O Voo da Beleza: experiência trans e migração.** Fortaleza: RDS Editora, 2013.

³² PELÚCIO, op. cit., 2009.

³³ VALE, op. cit., 2013.

³⁴ Idem.

³⁵ Embora trabalhe com as pesquisas realizadas por Vale, é inegável a importância de outros estudos sobre o “universo trans” de Fortaleza. Por exemplo: FONTENELE, Cláudia Valença. **Entre estrelas e passarela: a condição travesti e seus ritos de apresentação.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1999. 181f.; GADELHA, José Juliano Barbosa. **Masculinos em mutação: a performance drag queen em Fortaleza.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009. 262f.; COELHO, Juliana Frota da Justa. **Ela é o show: performances trans na capital cearense.** Rio de Janeiro:

A narrativa de Vale,³⁶ presente em seu livro **O Voo da Beleza**, sobre seu reencontro com travestis, que, anos antes, haviam sido interlocutoras na pesquisa que o antropólogo realizou em um cinema pornô de Fortaleza (CE),³⁷ é significativa dos novos lugares conquistados pelas travestis, na década de 2000. Segundo Vale,³⁸ muitas travestis que se prostituíam no Cine Jangada³⁹ tinham entrado para a militância, atuando como agentes de prevenção no Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB).⁴⁰

Além dos estudos citados, foram importantes para a elaboração das questões presentes nesta tese a pesquisa de Jorge Leite Júnior⁴¹ sobre a invenção das categorias travesti e transexual no discurso científico. Conforme Leite Júnior,⁴² as matrizes conceituais que fecundaram o solo sobre o qual hoje plantamos e colhemos novas ideias sobre as experiências trans são efeitos da produção e da transformação discursiva sobre os corpos, os sexos e os gêneros com “origem” na

Multifoco, 2012; NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa. **A saga da beleza: um estudo das transformações corporais na experiência travesti**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009. 137f.

³⁶ Idem.

³⁷ VALE, Alexandre Fleming C. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**. Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, 2012.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Inaugurado em 1950, com pretensões de ser um cinema familiar e *cult*, o Cine Jangada, posteriormente, se especializou na exibição de filmes pornôs. De acordo com Vale (2012), enquanto, naquela sala de exibição, o que mais chamava a atenção eram as performances das travestis, “também elas ‘cinematográficas’, realizadas ao lado da tela, para uma audiência masculina”, aos olhos das travestis o cinema podia ser “colégio”, “camarim”, “faculdade”, “salão de festa”. Ibid.

⁴⁰ O Grupo de Resistência Asa Branca é uma Organização Não Governamental de utilidade pública municipal de Fortaleza, filiado à *International Lesbian and Gay Association* (ILGA) e à Associação Brasileira de Gays Lésbicas e Travestis (ABGLT). Fundada no dia 17 de março de 1989, a instituição tem como missão melhorar a qualidade de vida da comunidade de LGBTs e pessoas vivendo com HIV/Aids. Para mais informações sobre a ONG, acessar o *site*: <<http://www.grab.org.br>>.

⁴¹ LEITE JÚNIOR, J. **Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico**. São Paulo: Annablume, 2011.

⁴² Idem.

Antiguidade, quando a figura do hermafrodita apareceu como indissociável da ideia do andrógino.

A reflexão que Leite Júnior⁴³ fez sobre o descompasso entre as rígidas classificações do “travestismo” e do “transexualismo” presentes nos manuais científicos estrangeiros e a fluidez das identificações cotidianas no Brasil foram particularmente profícuas para as questões desta tese. De acordo com o autor, o sujeito conhecido como travesti no Brasil, ou seja, aquela pessoa que adota o gênero feminino, realiza intervenções cirúrgicas, usa cotidianamente roupas e adereços associados ao mundo feminino, mas, a priori, não deseja realizar a cirurgia de transgenitalização, é chamada em países estrangeiros de “transexual secundário”.

III

A antropologia e a sociologia foram pioneiras nas discussões de temas relacionados às experiências trans, obrigando-nos a fazer uma incômoda pergunta: por que os/as historiadores/as se dedicaram tão timidamente ao estudo do “universo trans”?⁴⁴ Qualquer familiaridade com a pergunta feita nos anos 1980 por Maria Odila Leite da Silva Dias (O que tornava difícil a escrita de uma história das mulheres era a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica destas?), e lembrada por Joana Maria Pedro,⁴⁵ não é mera coincidência.

Os silêncios da história acerca das experiências dos sujeitos homossexuais, travestis e transexuais tornam-se evidentes se nos lembrarmos de que, desde a segunda metade do século XX, a escrita da história, seja aquela praticada a partir de uma perspectiva marxista, seja aquela afinada com o pensamento da escola dos *Annales*, introduziu em cena uma série de novos sujeitos, novas abordagens e novas problemáticas.

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ Pesquisadores não historiadores abordaram as homossexualidades a partir de uma perspectiva histórica. TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2011; FIGARI, Carlos. **@s “outr@s” cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro. Séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007; LEITE JÚNIOR, *ibidem*.

⁴⁵ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo: Unesp, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005, p. 85.

Em parte, esse silêncio explica-se pelos mesmos motivos que excluíram as mulheres da escrita da história:⁴⁶ a hegemonia do sujeito masculino universal. As historiadoras Joana Maria Pedro e Raquel Soihet argumentaram que a tardia utilização, no campo da história, das categorias analíticas “gênero” e “mulher”, deveram-se, em grande parte, “ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’. Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas”.⁴⁷ A exclusão de travestis e de transexuais do horizonte de análise dos/as historiadores/as demonstra, porém, que, nem mesmo como “marginalizados”, estes sujeitos aparecem na história.

Esse cenário de invisibilidade está se transformando. Do mesmo modo que a invenção da categoria gênero como categoria útil de análise histórica⁴⁸ contribuiu para uma escrita da história das mulheres, ela também foi importante para o recente interesse dos/as historiadores/as pelas experiências de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). Ainda que João Bôsco Góis⁴⁹ tenha observado uma “quase ausência” do debate sobre a categoria gênero nos estudos produzidos acerca das homossexualidades,⁵⁰ é possível afirmar que existiu, nos últimos anos, uma aproximação entre os estudos de gênero e os trabalhos sobre as homossexualidades.

A antropologia e a sociologia aparecem como pioneiras nesse cenário de aproximação. As pesquisas e orientações empreendidas por Miriam Grossi sobre identidades gays e lésbicas; por Richard Miskolci

⁴⁶ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Para um debate sobre os usos da categoria gênero na disciplina histórica, ver: PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jun. 2011.

⁴⁹ GÓIS, João Bôsco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, p. 289-297, 2003.

⁵⁰ Góis se referia à ausência de debate sobre a categoria gênero nos estudos produzidos acerca das homossexualidades, assim como uma ausência de trabalhos sobre lésbicas, gays, travestis e transexuais em dois dos principais periódicos feministas e de gênero brasileiros: *Revista Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*. Cf. GÓIS, op. cit., 2003.

acerca da teoria queer; por Berenice Bento, Larissa Pelúcio, Jorge Leite Júnior, Alexandre Fleming Câmara Vale, já citados, sobre transexualidades e travestilidades; e por Júlio Simões, Cristian Paiva, Fernando Pocahy acerca das homossexualidades masculinas apontam para a intersecção entre os estudos sobre o “universo” LGBT e a perspectiva de gênero queer com seus atravessamentos foucaultianos.⁵¹

Esses/as autores/as contribuem para a pluralização das temáticas abordadas, ampliando e complexificando os horizontes teórico-metodológicos sobre o “universo” LGBT. Suas pesquisas são produtos do engajamento de acadêmicas/os, em sua maioria ligadas/os aos movimentos feministas e LGBT, que demonstram que a visibilidade de determinadas temáticas na produção acadêmica, mais do que uma operação intelectual, é uma operação política.

O levantamento dos estudos produzidos no campo da história sobre homossexualidades, por sua vez, aponta para a íntima relação entre essa temática e as historiadoras ligadas à história das mulheres e das relações de gênero. Os laços de solidariedade também foram/são costurados em diálogo com o pensamento de Michel Foucault, especialmente, as reflexões desse filósofo-historiador sobre as relações de poder que constituem historicamente os dispositivos de saber-poder, como a sexualidade.⁵²

Apesar do discreto número de trabalhos, já não se pode duvidar da possibilidade de uma historiografia das homossexualidades no Brasil. O livro **Além do Carnaval**,⁵³ resultante de rica pesquisa do historiador James N. Green sobre a homossexualidade masculina no Brasil no

⁵¹ Estes trabalhos foram influenciados pelas pesquisas clássicas sobre sexualidade, homossexualidade, desenvolvidas por Peter Fry, Richard Parker e Nestor Perlongher.

⁵² Conforme Foucault, o dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”. Operaciono esta noção foucaultiana em Dispositivo do estigma e contra-discursos travestis. Cf. FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 243-276.

⁵³ GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

século XX, contribuiu para a legitimação acadêmica da temática no país, convertendo-se em bibliografia obrigatória para os trabalhos atuais.

À obra de Green, que analisa as experiências dos homossexuais masculinos nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, somaram-se pesquisas realizadas em diferentes regiões do país, que pluralizaram as experiências de gays, lésbicas, travestis e transexuais.⁵⁴ A dissertação **A metamorfose encarnada**,⁵⁵ de José Carlos de Araújo Júnior, e as teses **Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop**,⁵⁶ de Nadia Cristina Nogueira, e **De Daniele a Chrysóstomo**,⁵⁷ de Rita de Cássia Colaço Rodrigues, revelam que a predominância da análise da homossexualidade masculina, presente nas primeiras obras antropológicas, inclusive na pesquisa pioneira de Green, dividiram a atenção dos/as historiadores/as com outras temáticas do “universo” LGBT.

Do mesmo modo, as pesquisas da historiadora Tânia Navarro Swain, que abordam as experiências das mulheres lésbicas a partir de uma perspectiva feminista,⁵⁸ foucaultiana e queer, apontam que a quase invisibilidade dessas experiências, observada por Green na bibliografia sobre a produção homossexual nas ciências sociais brasileiras nas

⁵⁴ Conferir, ainda: GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina o Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006; QUINALHA, Renan. **Ditadura e Homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. UFSCar, 2014.

⁵⁵ ARAÚJO JÚNIOR, José Carlos de. **A metamorfose encarnada**: travestis em Londrina. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade de Campinas. Campinas, 2006.

⁵⁶ NOGUEIRA, Nadia Cristina. **Lota e Bishop**: amores e desencontros no Rio dos anos 50. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade de Campinas. Campinas, 2005.

⁵⁷ RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo**: Quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

⁵⁸ Swain é uma das editoras da revista de estudos feministas Labrys. As edições da revista encontram-se disponíveis em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/>>. Acesso em: 20 abr. 2014. Da mesma autora, conferir: *O que é o lesbianismo*. São Paulo, Brasiliense, 2000; _____. *Lesbianismo: cartografia de uma interrogação*. In: GOELLNER, Silvana; SOUZA, Jane de; (Orgs.). **Corpo, gênero, sexualidade**. Porto Alegre: FURG, 2007, p. 9-17.

décadas de 1980 e 1990,⁵⁹ é um quadro que vem se revertendo nas últimas décadas.

Os trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), particularmente na Linha de Pesquisa Relações de Poder e Subjetividades, onde foi desenvolvida a presente tese, também têm contribuído para a vitalização e configuração, senão de um campo específico de estudo, mas de uma tendência nos estudos historiográficos brasileiros: a entrada em cena da diversidade sexual analisada em sua pluralidade.

Nesse programa, foram defendidas as dissertações **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**,⁶⁰ de Igor Henrique Lopes de Queiroz, e **A força de uma palavra: homofobia nas páginas da folha de São Paulo (1986-2011)**,⁶¹ de Maurício Pereira Gomes, além de **A performatividade do cárcere: uma possibilidade de trânsito no intransitável**, de Camila Diane Silva. Tais estudos foram orientados, respectivamente, por Rogério de Souza, Cristina Scheibe Wolff e Janine Gomes da Silva, cujas trajetórias estão marcadas pelo diálogo com o pensamento-movimento feminista e pela divulgação do gênero como categoria de análise histórica.

Esses trabalhos, assim como esta tese, inserem-se em um contexto de renovação da escrita da história, sendo produtos da recente aproximação daqueles/as historiadores/as que se lançam à beira da falésia que os estudos das “sexualidades periféricas” no Brasil ainda representam. Eles revelam que, a despeito das resistências, das dificuldades e dos conflitos que fazem da pesquisa histórica uma arena de disputas, as historiadoras ligadas à história das mulheres e das relações de gênero, ou seja, do feminismo, têm acolhido os estudos sobre o “universo” LGBT e enfrentado os desafios de reescrever a história a partir de outros paradigmas, incentivando pesquisadores/as do

⁵⁹ ARNEY, L.; FERNANDES, M.; GREEN, J. N. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 316-349.

⁶⁰ QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

⁶¹ GOMES, Maurício Pereira. **A força de uma palavra: homofobia nas páginas da Folha de São Paulo (1986-2011)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

Brasil e de outros países a ultrapassarem fronteiras territoriais, acadêmicas e políticas.

Essa nova historiografia está atravessada pelos estudos das relações de gênero e queer que contribuíram para a desontologização dos sujeitos sexuais. Estes enfatizam a instabilidade e fluidez das “identidades sexuais” e a imbricação da sexualidade em relações de poder e hierarquias sociais dinâmicas e contextuais.

Todavia, apesar da incorporação do gênero como categoria de análise histórica⁶² que possibilitou maior recepção dos temas relacionados às homossexualidades e às experiências trans pelos programas de história, os pressupostos interpretativos baseados na dicotômica do gênero continuam a nortear a disciplina, repetindo, como lembrou Tânia Navarro Swain, “incansavelmente a existência binária de gêneros fundados em corpos sexuais”.⁶³

Nesse sentido, o diálogo com os estudos queer contribuiu para a ampliação dos limites dos estudos de gênero, ao enfatizar os perigos do essencialismo e o caráter histórico, fabricado e performativo das “identidades sexuais”.

IV

Guacira Lopes Louro foi uma das primeiras autoras a escrever sobre a teoria queer no Brasil, lançando mão desta perspectiva para o campo da educação.⁶⁴ Louro esclareceu que a teoria queer tem como principal alvo de crítica a racionalidade moderna – centrada nos binarismos – e as fronteiras tradicionais de sexo e gênero. Desse modo, se constitui na relação conflituosa entre os movimentos feministas, homossexuais, as dissidências de gênero e a produção acadêmica (compreendidos, aqui, em suas multiplicidades e contradições). Contudo, foi o campo da sociologia e da antropologia que estabeleceu

⁶² SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

⁶³ SWAIN, Tânia Navarro. História, construção e limites da memória social. In: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo (Orgs.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008, p. 29-46.

⁶⁴ LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista de Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, jan. 2001. Além dos diversos artigos, capítulos e organização de livros sobre a teoria queer a partir de uma perspectiva butleriana, Louro traduziu para o português o livro *Judith Butler e a Teoria Queer*, de Sara Salih.

um maior diálogo com a perspectiva queer. Os trabalhos de Kulick, Vale, Benedetti, Pelúcio, Leite Júnior, citados anteriormente, apropriaram-se, por exemplo, da noção de performatividade do gênero elaborada por Judith Butler, a teórica queer que assumiu maior visibilidade no Brasil.

Butler empreendeu uma crítica radical à política de identidade construída por parte do movimento feminista, por considerá-la essencialista, naturalizante e assimilacionista. Embora a filósofa norte-americana reconheça o lugar estratégico dessa política na afirmação e na ocupação de (outros) lugares políticos e sociais, ela questionou se tal política produziu um efeito regulador e excludente ao afirmar, contornar, limitar, restringir uma posição unificadora de sujeito.

Seguindo as reflexões dessa filósofa, os/as pesquisadores/as, dentre os quais se encontra este historiador, entenderam que as normas regulatórias do sexo e do gênero assumem um caráter performativo, que, através de reiteradas repetições, produzem e materializam aquilo que nomeiam. De acordo com Butler:

El género es performativo puesto que es el efecto de un régimen que regula las diferencias de género. En dicho régimen los géneros se dividen y se jerarquizan de forma coercitiva. Las reglas sociales, tabúes, prohibiciones y amenazas punitivas actúan a través de la repetición ritualizada de las normas. Esta repetición constituye el escenario temporal de la construcción y la desestabilización del género. No hay sujeto que preceda y realice esta repetición de las normas. Dado que ésta crea un efecto de uniformidad genérica, un efecto estable de masculinidad o feminidad, también produce y desmantela la noción del sujeto, pues dicho sujeto solamente puede entenderse mediante la matriz del género. De hecho, podemos construir la repetición como aquello que desmantela la presunción del dominio voluntarista que designa al sujeto en el lenguaje.⁶⁵

⁶⁵ BUTLER, Judith. Criticamente Subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. M. **Sexualidades Transgresoras**: una antología de estudios queer. Barcelona: Icària, 2002a, p. 55-79.

A performatividade travesti é paradigmática dessa abordagem, como tentarei mostrar no presente trabalho. Porém, se Butler avançou na questão da performatividade do gênero, definindo-a como prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia,⁶⁶ inspirando diversos trabalhos sobre as experiências trans no Brasil, Paul B. Preciado vem assumindo significativa visibilidade no cenário nacional. Segundo este filósofo:

El género no es simplemente performativo (es decir, un efecto de las prácticas culturales lingüístico-discursivas) como habría querido Judith Butler. El género es ante todo prostético, es decir, no se da sino en la materialidad de los cuerpos. Es puramente construido y al mismo tiempo enteramente orgánico. Escapa a las falsas dicotomías metafísicas entre el cuerpo y el alma, la forma y la materia.⁶⁷

Conforme se percebe, a inicial concepção de gênero como “primeiro modo de dar significado às relações de poder é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”,⁶⁸ que influenciou a historiografia das relações de gênero, expandiu-se, refez-se, desfez-se.

Se, segundo Joan Scott, a categoria gênero promoveu uma crise na historiografia tradicional nos anos de 1990, não resta dúvida de que, no alvorecer do novo milênio, é a própria categoria pensada como sinônimo de homem e mulher essencializados que está em crise. Contudo, contenhamos as lágrimas. Nos embates pela história, Clio-Fênix quase sempre ressurgem de outras histórias possíveis.

⁶⁶ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

⁶⁷ “O gênero não é simplesmente performativo, (quer dizer, um efeito das práticas culturais lingüístico-discursivas) como havia querido Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, protético, quer dizer, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Escapa às falsas dicotomias metafísicas entre corpo e alma, forma e matéria”. In: PRECIADO, P. **Manifiesto contrasexual**. Barcelona: Anagrama, 2011, p. 21.

⁶⁸ SCOTT, op. cit., 1990.

Enquanto as mulheres interrogaram a historiografia a respeito da sua invisibilidade, interpelando o paradigma da história baseado na universalidade do masculino, os estudos sobre o “universo” homossexual – já citados – também partem do questionamento da invisibilidade. Esses últimos, todavia, não interpelaram apenas a universalidade do masculino, mas, sobretudo, a universalidade da matriz heterossexual.⁶⁹

Tal crítica, no entanto, não objetiva reivindicar uma história que privilegie somente a visibilidade de lésbicas, gays, travestis e transexuais – escutemos Scott e sua crítica à “visibilidade da experiência”.⁷⁰ Como nós aprendemos em décadas de pesquisas desenvolvidas pela história das mulheres e das relações de gênero, a história é construída de modo relacional.

A perspectiva queer presente nesta tese aponta para uma nova apropriação do gênero como categoria útil de análise histórica, por meio da qual podemos questionar e problematizar os dispositivos de produção dos corpos sexuados, normatizados, heterossexualizados e abjetos. Sua contribuição não está somente na inserção das experiências abjetas na disciplina histórica, mas no aceno para uma transformação epistemológica que, efetivamente, rompa com a lógica binária e com seus efeitos de classificação e exclusão.

Tal perspectiva funciona como ferramenta para a crítica à construção dos binômios – homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, norma/anormal, centro/periferia, natureza/cultura – dos dispositivos de produção de abjeção, de estigmatização e de exclusão. Através da escrita histórica queer é possível explicitar os processos culturais, sociais, políticos e técnicos através dos quais os corpos assinalados como masculinos, femininos e trans adquirem status “natural”.

A potência de uma abordagem histórica queer da emergência do sujeito travesti como novo sujeito sexual público-midiatizado, especialmente no campo da história, um dos mais resistentes entre as ciências humanas à temática, está na crítica à heterossexualidade como

⁶⁹ Modelo discursivo que parte da premissa da estabilidade e da coerência do/entre sexo e gênero. BUTLER, op. cit., 2008.

⁷⁰ SCOTT, Joan. A Invisibilidade da Experiência. **Projeto História**, n. 16, São Paulo, p. 303-304, 1998.

regime político⁷¹ que produz compulsivamente homens e mulheres definidos a partir dos seus sexos biológicos, operação fundante das desigualdades entre os sexos, que exclui lésbicas, gays e trans não apenas da escrita historiográfica, mas da própria condição de humanos.

V

Essas discussões teóricas foram aprimoradas durante meu “Doutorado Sanduíche”, realizado na Universidade de Barcelona (UB), sob a supervisão do professor Oscar Guasch, entre os meses de novembro/2013 e julho/2014.

A Espanha é pioneira na luta dos movimentos homossexuais e transexuais no mundo. Em 2007, aprovou a Lei de Identidade de Gênero (LIG), que possibilitou que os sujeitos com “identidade de gênero em desacordo com o sexo assinalado durante o nascimento” pudessem realizar mudanças em suas documentações. Além disso, a Lei também garantiu as condições para que as demandas de cirurgia de transgenitalização fossem arcadas pela saúde pública.

A Espanha é, ainda, o país onde se gestou a campanha internacional pela despatologização das identidades trans, cuja crítica encontra-se, justamente, no fato de a LIG ainda atrelar tais mudanças à autorização médica prévia e não ao princípio de autodeterminação das pessoas trans, como querem os/as ativistas trans.⁷²

Durante minha experiência na Espanha, observei um interessante debate acadêmico-político entre pesquisadores/as que realizam trabalhos sobre sexualidade a partir de uma perspectiva da Sociologia de la Sexualidad – campo no qual se inserem os trabalhos de Guasch – e da teoria queer, representada pelas intervenções de Paul B. Preciado. Diante desse contexto político-acadêmico-ativista, foi importante

⁷¹ No começo dos anos de 1980, a filósofa, poeta e ativista lésbica Monique Wittig revolucionou o campo dos estudos feministas com a publicação do texto **O pensamento heterossexual** (1978), no qual analisava a heterossexualidade, não como prática sexual, mas, sobretudo, como regime político. Wittig definia o pensamento heterossexual como dispositivo político que se constitui por meio de discursos que produzem e instauram heteronormas em matéria de sexo e de gênero. Cf. WITTIG, Monique. **El Pensamiento heterossexual y otros ensayos**. Madrid: Egales, 2006.

⁷² Sobre esse debate, ver: MISSÉ, Miquel; COOL-PLANAS, Gerard (Orgs.). **El género desordenado: Críticas en torno a la patologización de la transexualidad**. Barcelona-Madrid: Egales, 2010.

realizar meu intercâmbio naquele país, o que contribuiu para o amadurecimento das questões tratadas em minha pesquisa sobre a construção do sujeito travesti público-mediatizado em Fortaleza.

O aprendizado com o professor Oscar Guasch foi, certamente, um dos legados mais importantes do estágio, dada sua trajetória no campo da *Sociologia de la Sexualidad*.⁷³ As conversas e leituras em seu *despacho* e as aulas realizadas no curso ensinaram-me a relativizar o encanto, quase acrítico, com a teoria queer; a retomar clássicos da sociologia da sexualidade, como os trabalhos de Erving Goffman, incorporados nesta tese para pensar a produção do estigma travesti, observando seus ecos nas teorias contemporâneas, como, por exemplo, na teoria da performatividade de Judith Butler; e, sobretudo, a desmitificar a mitologia construída em torno do movimento homossexual, que, de certo modo, também essencializou e naturalizou as experiências homossexuais. Questionei-me sobre os processos de construção das “mitologias homossexuais”, como escreve Guasch, e a maneira como esses processos excluem, em seu interior, determinados sujeitos.⁷⁴

As entrevistas com protagonistas do movimento trans da Espanha foram outro momento significativo na experiência do estágio. Ainda que não as utilize diretamente em minha tese, conhecê-las e escutá-las me ajudou a perceber as similaridades e as diferenças entre estas e as experiências trans no Brasil.

⁷³ Para uma abordagem do universo homossexual na Espanha a partir de uma perspectiva da Sociologia da Sexualidade, ver a trilogia da sexualidade, de Oscar Guasch: **La sociedad rosa**. Barcelona: Anagrama, 1991; **Héroes, científicos, heterosexuales y gays: los varones en perspectiva de género**. Barcelona: Bellaterra, 2006; **La crisis de la heterosexualidad**. Barcelona: Laertes, 2007.

⁷⁴ Além das inquietações que atravessam a presente tese, foram frutos da experiência do estágio sanduíche e do aprendizado com Guasch as seguintes publicações: VERAS, Elias Ferreira. (Des) Fazendo-se homem. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 999-1000, 2014; _____. VALENCIA, Maria F. Por uma perspectiva social e política de gênero e sexualidade. **Revista Bagoas**, Natal, v. 8, n. 11, jul./dez. 2014; _____. GUASCH, Oscar. A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980). **História, Histórias**. Brasília: Unb, 2015; _____. PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. Sobre “peineta” e “cuero”: Entrevista com Oscar Guasch (prevista para ser publicada na edição v. 24, n. 1/2016 da **Revista de Estudos Feministas**).

Na passagem do tempo das perucas para o tempo farmacopornográfico, os dois países saíam de uma ditadura, contexto no qual a travesti se tornou personagem central no imaginário social. Entre a revista *Interviú*, estrelada pela trans espanhola Bibi Ándersen – que, mais tarde, atuou em alguns filmes de Pedro Almodóvar – e a revista *Playboy*, na qual surgiu a transexual brasileira Roberta Close – que também trabalhou como atriz e modelo no cinema e na televisão – encontramos muitas semelhanças.

O diálogo com esses/as autores/as e abordagens atravessa as reflexões sobre a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza, na passagem do tempo das perucas para o tempo farmacopornográfico, objeto de problematização deste trabalho.

Tais referenciais, que, apesar da diversidade, têm em comum o fato de compreenderem a sexualidade e os sujeitos como constituídos por múltiplos dispositivos de poder-saber historicamente localizados, orientaram a análise das fontes históricas utilizadas nesta tese: os jornais de Fortaleza, *O Povo* e *Diário do Nordeste* (edições da década de 1980); as revistas de circulação nacional *Manchete* (edições de carnaval, que faziam a cobertura dos bailes de travestis, publicadas entre 1952 e 1980); *Playboy* (número que trouxe o ensaio de Roberta Close, maio de 1984); as fotografias que ilustraram as matérias nos jornais e revistas sobre travestis; e as entrevistas com as travestis.

VI

Assim como procurei relacionar passado-presente e dialogar com diferentes campos do saber, também busquei conciliar a análise das estratégias discursivas com a das práticas sociais, ou melhor, das “tecnologias discursivas” com a das “tecnologias da carne”, para retomar as expressões de Paul B. Preciado. Dessa forma, as fontes escritas nacionais foram interpretadas a partir de suas circulações, efeitos de verdade e repercussões locais, seja na (re)produção discursiva dos jornais, seja nas narrativas das travestis entrevistadas.

As experiências de Rogéria, de Thina e de tantas outras travestis de Fortaleza se constituíram dos hormônios comprados “para as irmãs” nas farmácias da cidade, do silicone aplicado clandestinamente por “bombadeiras”, vindas de outros Estados, tanto quanto dos discursos e das imagens que circularam nas revistas e nos jornais sobre bailes, concursos de beleza e/ou prisão de travestis.

O jornal *O Povo* era o periódico em circulação de maior longevidade na década de 1980, no Ceará.⁷⁵ De acordo com Márcia Vidal Nunes, “não só os outros jornais tinham *O Povo* como parâmetro, mas as emissoras de rádio e, mesmo, de televisão, em suas coberturas jornalísticas, baseavam-se quase que integralmente no noticiário veiculado pelo jornal”.⁷⁶ O *Diário do Nordeste*, por sua vez, fundando em 1981 pelo empresário Edson Queiroz, passou a disputar a hegemonia com *O Povo*, fortalecendo o parentesco entre mídia impressa e televisão, uma vez que o canal televisivo Verdes Mares,⁷⁷ filiado à Rede Globo, pertencia ao Grupo Edson Queiroz, criador do *Diário do Nordeste*.

As travestis apareceram, sobretudo, nas colunas policiais e nas notícias sobre o carnaval e espetáculos protagonizados por travestis famosas, como Rogéria, Jani di Castro e Roberta Close, veiculadas nesses periódicos. A produção da travesti como um “tipo” de homossexual que se “veste de mulher” para fazer sexo por dinheiro fez parte da visibilidade público-midiática das experiências trans no período pesquisado.

Analisei, também, as revistas *Manchete*⁷⁸ e *Playboy*, cujas reportagens nas quais aparecem travestis conhecidas nacionalmente repercutiram na imprensa de Fortaleza e nas narrativas das travestis entrevistadas para este trabalho.

⁷⁵ O periódico foi fundado por Demócrito Rocha em 7 de janeiro de 1928. Sobre a história do jornal *O Povo*, ver: COSTA, José Raimundo. **Memória de um jornal**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1988; SÁ, Adísia. **Traços de União**: Demócrito Rocha – 110 anos depois. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1998; NUNES, Márcia V. **Imprensa e Poder**: o I e II Veterados (1963/1966 e 1979/1982) no jornal *O Povo*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994.

⁷⁶ NUNES, Márcia V., op. cit., 1994.

⁷⁷ Ainda que a televisão não seja abordada como fonte de pesquisa história na presente tese, esta foi importante por veicular discursos e imagens acerca das experiências trans. Em Fortaleza, por exemplo, o programa de auditório comandado pelo comunicador Irapuã Lima foi lembrando por algumas travestis entrevistadas como momento de “glória”.

⁷⁸ Durante boa parte do século XX, os semanários ilustrados foram as principais fontes de informação para o público urbano, compondo, com as demais modalidades de veiculação de imagens técnicas, dentre as quais o cinema e, posteriormente a televisão, a base de sustentação da chamada cultura da mídia. Se a revista *Playboy* escapa ao modelo das revistas ilustradas, o mesmo não pode ser dito a respeito da revista *Manchete*, fundada em 1952, que vai ocupar o lugar de destaque reservado até os anos de 1970 à revista *O Cruzeiro*.

Lançada no Brasil em agosto de 1975, com o título *A Revista do Homem*, somente em 1978 passou a se chamar *Playboy – a revista do homem*. O nome *Playboy* revelava o parentesco da revista brasileira com a publicação norte-americana criada por Hugh Hefner, em 1953.⁷⁹ Distribuída nacionalmente pela editora Abril, *Playboy* tinha o objetivo de ser uma “nova” revista para um “novo homem”, que se interessava por política, negócios, esporte, aventuras, ciência, arte, cinema, moda, literatura. Seu foco principal, porém, era a nudez feminina.

O “fenômeno Roberta Close”, como ficou conhecido nos meios de comunicação de Fortaleza e do Brasil, a repercussão em torno do ensaio da transexual carioca na revista *Playboy*, em 1984, mostra que o tempo dos corpos erotizados das mulheres, cobertos por “bolas e tarjas pretas”, analisado pela historiadora Roselane Neckel,⁸⁰ havia ficado no passado. Direcionada a um “novo homem”, a *Playboy*, que trazia o ensaio de *La Close*, apresentava ao país uma nova feminilidade (trans).

Por sua vez, através da análise da revista *Manchete*, particularmente, das edições dedicadas à cobertura da “explosão” do carnaval, acompanhei a construção de um tipo de visibilidade que, a partir de meados de 1970, passou a associar travesti e corpo siliconado.

⁷⁹ Para uma abordagem da revista norte-americana *Playboy* como lugar de emergência de um novo discurso sobre gênero, sexualidade, pornografia, domesticidade e espaço público durante a Guerra Fria, ver: PRECIADO, Beatriz. **Pornotopía: arquitectura y sexualidad en Playboy durante la guerra fría**. Barcelona: Anagrama, 2010.

⁸⁰ Roselane Neckel lembra que, na década de 1970, as mulheres eram fotografadas vestindo biquínis, camisolas e lingerie, ficando os editores encarregados dos “retoques” quando os seios apareciam. Ainda de acordo com Neckel, a partir de 1977, com a diminuição da censura, os corpos aparecem de perfil e de costas, os lábios começam a se abrir e os olhos a se fechar, simulando certo prazer. Manoel Risério, em pesquisa publicada na edição comemorativa de 35 anos da versão brasileira da *Playboy*, escreve que, por cinco anos seguidos (de 1975 a 1980), a revista foi obrigada a submeter mensalmente seu conteúdo aos censores de Brasília. De acordo com Risério, as restrições atingiam peitos e nádegas – sendo permitida apenas uma por página e de perfil – e vetavam mamilos e pelos pubianos. Conferir, respectivamente: NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004. RISÉRIO, Manoel. *Playboy vs. Censura – 1975/1980*. **Revista Playboy**, Editora Abril, n. 423, ago. 2010, p. 244. Disponível em: <<http://playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975-%E2%80%93-1980/>>. Acesso em: 27 mai. 2013.

Entre as edições que traziam a ousadia das “bonecas” e aquelas ilustradas por fotografias coloridas que destacavam os “peitos” siliconados, longos cabelos e corpos esculturais “dos” travestis, inaugurava-se uma nova temporalidade e subjetividade farmacopornográfica, produtora de um novo sujeito público-midiatizado. A emergência dessa nova personagem público-midiatizada não poderia, contudo, ser realizada sem uma história do regime de visualidade que a constituiu.

As imagens fotográficas assumiram lugar de destaque nos jornais impressos, nas revistas e nas narrativas das travestis de Fortaleza. A partir do contato com as representações que circulavam em suas páginas, algumas travestis atribuíram sentidos e significados às suas próprias experiências.

A reflexão de Paul B. Preciado sobre fotografia e “verdade visual” dos novos sujeitos sexuais foi inspiradora para pensar a produção de imagens – tão coloridas quanto às plumas e lantejoulas das fantasias usadas pelas travestis durante o carnaval – presente nas revistas *Playboy* e *Manchete*. De acordo com o filósofo, a fotografia foi crucial para a produção de um novo sujeito sexual e sua “verdade visual”, dando um valor de realismo visual à produção técnica do corpo. As discussões empreendidas no campo da história sobre história e fotografia,⁸¹ por sua vez, foram importantes para pensar as imagens

⁸¹ Num estudo pioneiro sobre as relações entre fotografia e história, Boris Kossoy afirmou que: “É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências/ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões [...]”. Porém, desde o pioneirismo das reflexões de Kossoy, muitos foram os percursos metodológicos trilhados na análise da fotografia como fonte histórica. Na perspectiva da História Cultural da fotografia, “a ênfase recai sobre os usos e funções da imagem nos circuitos sociais privados, ou nas formas de encenação do poder político; são considerados também os campos da arte e a educação do olhar e a fotografia como forma de representação social e suporte de memórias”. Na perspectiva de análise da História Social das práticas fotográficas que, “sem negligenciar a força da representação visual, volta-se para o mapeamento das condições históricas da experiência fotográfica. Incluem-se os estudos dos circuitos sociais de produção fotográfica, mas pensados em termos de agentes, situações e processos. A ação do estado na produção da imagem oficial, a

fotográficas publicadas nas revistas, jornais e fotos pessoais, ainda que, metodologicamente, não apareçam operacionalizadas.

Se, as pesquisas historiográficas, empreendidas, por exemplo, por Boris Kossoy e Ana Maria Mauad, apresentaram uma abordagem que leva em consideração, respectivamente, os “elementos constitutivos” do processo fotográfico (assunto, fotógrafo e tecnologia) e o “circuito social da fotografia” (processo de produção, circulação e consumo das imagens fotográficas), em minha abordagem, a fotografia foi interpretada como tecnologia de subjetivação. Ou seja, ainda que os elementos constitutivos⁸² e o circuito social⁸³ dessas imagens fotográficas apresentem, do ponto de vista da técnica, da produção e da repercussão particularidades nada negligenciáveis, pensadas em conjunto, as referidas imagens revelam diferentes performances que atuaram na construção da imagem do sujeito travesti público-midiática no Brasil.

Às questões colocadas pelos/as historiadores/as (Quais os usos da fotografia na produção do conhecimento histórico? Como podemos empregá-las enquanto instrumento de investigação e interpretação histórica?), incorporei outras, levantadas pelos/as teóricas queer (Que poder performativo atravessou as diferentes fotografias das travestis e de que modo essas imagens se transformaram em modelos de representação sobre esse sujeito no imaginário brasileiro?).

Uma análise comparativa dessas imagens revela o poder performativo da fotografia na construção das feminilidades realizadas por homossexuais e na construção do sujeito travesti em Fortaleza. As fotografias em preto e branco que acompanharam as notícias sobre travestis nas folhas de Fortaleza contrastaram com aquelas do carnaval, que ilustraram a revista *Manchete*.

Por meio das imagens fotográficas que circularam na imprensa, as travestis se tornaram familiares no cotidiano e construíram-atribuíram sentidos e significados para as suas próprias experiências. Nesse sentido, as performatividades travestis não se constituíram apenas de hormônios,

produção fotográfica por diferentes órgãos do poder, a propaganda política, a presença da prática fotográfica nos movimentos sociais e a história da imagem na imprensa, entre outros”. Cf. KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014, p. 32.; MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura do visual em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Porto Alegre/São Paulo, v. 2, n. 2, p. 11-20, jul./dez., 2013, p. 12.

⁸² KOSSOY, *ibidem*.

⁸³ MAUAD, *ibidem*.

silicones, roupas e adereços associados ao “universo” feminino, mas, também, de tinta, papel e fotografia. Nesse sentido, dois trabalhos literários foram importantes para a elaboração desta pesquisa. Os romances não publicados de Manoel Amorim, especialmente, o romance autobiográfico *Ilca*, e os livros de Gilmar de Carvalho.⁸⁴

Apesar da importância dos jornais, das revistas, das fotografias e da literatura, uma história que aborde a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza é, certamente, limitada pelas lacunas que marcam a natureza das fontes impressas. Recorri, portanto, também às narrativas orais de travestis para pensar o modo como esses discursos atravessaram suas vidas.

Desde a elaboração do projeto de pesquisa, em 2010, realizei uma série de entrevistas com travestis que moram na cidade de Fortaleza.⁸⁵ Utilizei, como critério de escolha das entrevistadas, a idade, assim como a autoafirmação destas como travestis. As entrevistadas deveriam ter mais de quarenta anos, uma vez que o meu interesse principal é analisar as condições de existência e de possibilidade da emergência do sujeito travesti na ordem do discurso midiático, que encontra seu ponto de inflexão em Fortaleza, no final da década de 1970, estendendo-se pela década de 1980, ou seja, na passagem do tempo das perucas para o tempo farmacopornográfico.

O contexto de realização das entrevistas foi o mais diverso. Algumas delas foram realizadas nas residências das travestis. Duas entrevistas se deram, porém, no local de trabalho das entrevistadas, enquanto uma série de outras entrevistas aconteceu durante a realização de um evento regional organizado pelo movimento travesti e transexual, onde tive a oportunidade de conversar e conviver com algumas lideranças políticas nacionais.⁸⁶

⁸⁴ Em 1969, Carvalho teve algumas de suas crônicas veiculadas no jornal *Gazeta de Notícias* (suplemento “O Balaio”), de Fortaleza, censuradas pelo regime militar por serem consideradas “obscenas” e “pornográficas”. Essas crônicas, juntamente com outras, divulgadas no jornal *O Povo*, foram publicadas posteriormente no livro *Queima de Arquivo*. CARVALHO, F. G. C. **Queima de Arquivo**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1983; **Buick Frenesi**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1985.

⁸⁵ Nem todas as entrevistas realizadas constam analisadas na presente tese. Espero analisá-las em oportunidades/publicações futuras.

⁸⁶ Refiro-me ao 9º Encontro Regional Nordeste de Travestis e Transexuais, que aconteceu na cidade de Teresina (PI), entre os dias 21 e 24 de outubro de 2012.

Conheci as entrevistadas através de outras travestis e homossexuais que sabiam da pesquisa que eu estava desenvolvendo. Foi considerado como um elemento positivo na minha aproximação com as travestis o fato de ser gay e circular nos mesmos lugares frequentados por algumas das entrevistadas (festas, bares, cinemas, eventos políticos, etc.). Por outro lado, minha identificação, entre algumas delas, como “gay machudo” ou “marido” de uma travesti, da qual, na verdade, sou amigo, também revela a tensão que tem marcado a relação entre os homossexuais e as travestis.

Embora tenha elaborado um roteiro de questões gerais,⁸⁷ as entrevistas também foram conduzidas em torno de temáticas específicas.⁸⁸ Essas temáticas “gerais” e “específicas”, assim como o tempo “passado” e “presente” e, ainda, as modalidades de narrativa “pessoal”, “comunitária” e “institucional” – refiro-me, aqui, à tipologia criada pelo historiador Alessandro Portelli⁸⁹ – não apareceram de modo separado, mas como clivagens borradas por marcadores de gênero, classe e geração, que fazem da entrevista oral uma arte “multivocal”.

Do mesmo modo que as fontes não são autoevidentes, o passado do qual o/a historiador/a julga se aproximar, a partir dos documentos, também não é evidente. Registros e tempo passados são constituídos pelos jogos de lembrança e de esquecimento discursivos, mas,

Na ocasião, entrevistei algumas travestis importantes para a história da formação do movimento trans no Brasil, dentre elas, Jovanna Cardoso da Silva (PI), Keila Simpson (BA) e Fernanda Benvenuto (PB).

⁸⁷ Em que momento você se identificou como travesti? O que significa para você ser travesti? Quais eram as condições para a vivência travesti em Fortaleza, nas décadas de 1970 e 1980? Quais referências sobre travesti circulavam nas décadas de 1970 e 1980? Quais lugares da cidade eram frequentados por homossexuais e travestis?

⁸⁸ Por exemplo, a atuação de algumas delas durante o carnaval, no “universo” da prostituição, nos espetáculos teatrais, na “militância de grupo” e, ainda, como interlocutoras em pesquisas acadêmicas.

⁸⁹ PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 19-35. Do mesmo autor, foram importantes, também: A filosofia e os fatos. Narração, significados e interpretação nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996; O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, n. 14, 1997a, p. 25-39; Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997b, p. 13-49.

especialmente, pelas relações de poder que atravessam os encontros dos sujeitos com os poderes, múltiplos poderes constituídos historicamente.

As fontes produzidas, mas, que, sobretudo, produziram o sujeito travesti público-mediatizado, são resultados do encontro dos sujeitos com os poderes, sejam as fontes escritas, jornais, revistas, sejam as narrativas orais. Mesmo a importância de recorrer às narrativas orais de travestis não obscurece o fato de que essas também estão impregnadas de poder, sendo resultado da memória dividida, esquecida, silenciada, subjetivada nesse “encontro com o poder”.⁹⁰

VII

A tese está dividida em três capítulos:

No **primeiro capítulo**, “Do tempo das perucas ao tempo dos hormônios”, mostro que, com a passagem da década de 1970 para 1980, uma série de transformações afetou o corpo, o gênero e a sexualidade em Fortaleza. Nesse contexto, atravessado por superposições, assimilações, rupturas, experimentado como tempo inédito, emergiu um novo sujeito que passou a ser (auto)denominado travesti, produto de uma nova temporalidade e subjetividade. Os meios de comunicação – revista *Manchete* e os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, por exemplo – atuaram não apenas na descrição do aparecimento dessa nova personagem, mas atravessou seus processos de subjetivação, como vemos a partir das narrativas de algumas travestis.

No **segundo capítulo**, “O fenômeno Roberta Close’ como acontecimento-farmacopornográfico”, mostro como a repercussão em torno do ensaio de Roberta Close na revista *Playboy*, em 1984, é indício e efeito de uma série de novos arranjos de gênero e de nova relação entre o privado e o público, em Fortaleza, no tempo dos hormônios, que, em diálogo com Paul Beatriz Preciado, também será chamado de tempo farmacopornográfico.

Que discursos separaram-aproximaram a feminilidade de Roberta Close e de Lídia, capa daquela edição nº 106 da revista *Playboy*? Que discursos separaram-aproximaram Roberta e Rogéria, esta última, travesti conhecida nacionalmente desde os anos de 1960? Como a imprensa de Fortaleza repercutiu esse “fenômeno”? Que enunciados de

⁹⁰ FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 199-217.

fascínio e de estigma foram evocados na construção do “mito” Roberta Close? Que discursos sobre corpo, sexo e gênero foram acionados, reificados e/ou perturbados a partir da repercussão nacional do “mito” *La Close*? São algumas questões que atravessam esse capítulo.

No **terceiro capítulo**, “O dispositivo do estigma e os contra-discursos travestis”, argumento que, ao mesmo tempo em que as experiências travestis assumiram visibilidade pública como “nova identidade sexual”, elas também apareceram como experiências estigmatizadas. Mesmo Roberta Close, comparada, na mídia, a uma “mulher de verdade”, por apresentar uma feminilidade “quase perfeita”, não escapou de ser interpretada através das tintas da matriz heterossexual.

Finalmente, problematizo que, embora essa nova personagem, que emerge das páginas dos jornais e das revistas, mais do que dos manuais médicos europeus, tenha nascido sob a marca de estigmas (corporal – presente na ambiguidade e no “excesso” de gênero, e social – presente na associação entre travesti e prostituição), as travestis se apropriaram dos discursos fabricados pela mídia de diferentes maneiras e elaboraram contra-discursos.

A presente tese tem como objetivo pensar as experiências travestis no campo da disciplina histórica, ainda marcada pela quase inexistência de estudos sobre a temática, a partir do diálogo com esse universo multidisciplinar. Além de visar ao “preenchimento” de certa lacuna temática no campo historiográfico, ou melhor, de romper com o silêncio de Clio sobre as experiências trans, este estudo pretende estimular as discussões sobre novas maneiras de escrita e de reflexão da disciplina histórica. Desse modo, se este trabalho reivindica a companhia de antropólogos/as e filósofos/as na oficina do/a historiador/a, é para problematizar o conhecimento que esta disciplina produz sobre o passado e seus efeitos (normativos) no presente e no futuro.

2. CAPÍTULO 1 - DO TEMPO DAS PERUCAS AO TEMPO DOS HORMÔNIOS

No auge da animação do Baile do Pão de Açúcar, no último carnaval carioca, um grupo de amáveis foliões, capitaneados pelo milionário paulista Chiquinho Scarpa, decidiu conhecer a rainha da noite pessoalmente. Tratava-se de Roberta Close, que assistia à festa no camarote de velhos amigos de Chiquinho. Para surpresa geral, no entanto, os visitantes foram não apenas barrados, mas praticamente expulsos aos trancos. [...]

Um outro tipo de recorde foi conseguido pelo travesti Carlota, em 1957: atravessou a pé a rua dos Andradas, a avenida Presidente Vargas, passou pelo Largo de São Francisco e chegou ao Baile dos Enxutos - tudo isso sem que sua fantasia de “Avestruz Imperial” fosse depenada pelos machões cariocas, como era de praxe naquela época.

Que os tempos mudaram nesses trinta anos não resta dúvida. Mas, mudaram os travestis ou mudamos nós? [...]

Esse é realmente o problema. Na época da gilete e das perucas, as pessoas sabiam com quem estavam falando. Mas, depois que a ciência se intrometeu com silicone e hormônios, tudo ficou mais complicado.⁹¹

Esse texto acompanhou o ensaio erótico de Roberta Close na revista *Playboy*, em 1984. Ele expõe a curiosidade, o fascínio e a celebração criada em torno da jovem transexual carioca, conhecida, à época, como “o travesti mais famoso do Brasil”.⁹² Roberta e sua feminilidade “quase perfeita”, que aproximava a modelo do ideal de “mulher de verdade”,⁹³ foram percebidas entre alguns/mas de seus/suas

⁹¹ Dizem que até Pelé se confundiu. **Playboy**, 1984, p. 96.

⁹² Como veremos no capítulo seguinte, embora Roberta Close tenha se autoidentificado publicamente como transexual, uma grande parte da imprensa considerou-a travesti.

⁹³ A ideia de “mulher de verdade”, definida como tal a partir da naturalização heterossexualizada dos sexos e dos corpos, atravessou os discursos em torno das travestis. A mesma matriz heterossexual que produziu a “mulher de verdade”,

contemporâneos/as como efeito de uma nova época, que *Playboy* atribuiu à “intromissão” do silicone e dos hormônios. Essa percepção de tempo inédito, momento em que “tudo ficou mais complicado”, do qual *La Close* era “marco social”, surgiu na revista em oposição a um tempo que passou, chamado “época das giletas e da peruca”.

Início minha análise sobre a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza apropriando-me do marco temporal estabelecido na *Playboy* e transformando-o em metáfora potencializadora de sentidos históricos.⁹⁴ Para tanto, substituí os termos, tais como aparecem originalmente na fonte pelas expressões-categorias tempo das perucas e tempo dos hormônios⁹⁵ (este último, denominei ainda de tempo farmacopornográfico⁹⁶).

A virada do tempo das perucas para o tempo dos hormônios-farmacopornográficos, que corresponde à passagem da década de 1970 para 1980, é tomada, no presente trabalho, como ponto de inflexão de uma nova temporalidade⁹⁷ e subjetividade. O sujeito travesti público-midiatizado emerge, nesse contexto farmacopornográfico, marcado por

portadora de uma feminilidade perfeita, uma vez que desprovida de ambiguidade, também fabricou a feminilidade travesti como imitação, mentira e farsa. Como veremos, as experiências trans embaralham essas verdades naturalizadas acerca do sexo, gênero e corpo masculino/feminino, criando, inclusive, a “travesti de verdade”.

⁹⁴ O emprego da categoria tempo aponta para as permanências e rupturas, ou melhor, a dinamicidade e a multiplicidade das temporalidades que a palavra época e seu sentido original de “tempo estacionado” parecem ocultar. Para uma análise da importância da reflexão em torno da noção de tempo histórico, ver: HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013; KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2012.

⁹⁵ De modo algum essas categorias assinalam a universalidade de um tempo mensurável e natural. KOSELLECK, *ibidem*, p. 14.

⁹⁶ Discuto a emergência do tempo farmacopornográfico, seus indícios e efeitos em Fortaleza, no segundo capítulo desta tese.

⁹⁷ Koselleck lembra que, na tentativa de tematizar o tempo histórico, não se pode deixar de empregar medidas e unidades de tempo derivadas da compreensão físico-matemática da natureza, como, por exemplo, as datas. No entanto, a interpretação das “circunstâncias produzidas” estão para além das “determinações temporais compreendidas de maneira física ou astronômica”. KOSELLECK, *op. cit.*, p. 14-15.

uma série de transformações que afetaram a intimidade, o corpo, o gênero e a sexualidade em Fortaleza.

A crescente visibilidade das homossexualidades na sociedade,⁹⁸ o surgimento de novas tecnologias corporais, as novas maneiras de vivenciar os espaços da cidade, a crescente presença dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas, assim como a transformação destes em regimes de verdade,⁹⁹ são algumas das condições de existência e de possibilidade da emergência desse novo sujeito, produto de um novo tempo: tempo dos hormônios, tempo farmacopornográfico.

Convido o/a leitor/a para dar início à genealogia desse processo histórico, começando pela discussão do tempo em que não existia sujeito travesti, ou seja, pelo tempo das perucas.

Quais foram os significados que os termos boneca e travesti assumiram nesse tempo? Quais estéticas inspiraram as performances de gênero femininas produzidas pelas bonecas? Quais transformações contribuíram para o quase desaparecimento do termo boneca, ao mesmo tempo em que a palavra travesti adquiriu novos e radicais significados? Quais permanências e rupturas, no que se refere às performances femininas realizadas por homossexuais, marcaram o tempo das perucas e o tempo dos hormônios? Os fragmentos das trajetórias de Ilca e de Bianca, performances femininas de Manoel Amorim e de Sebastião da

⁹⁸ Esse momento também aparece como ponto de inflexão do surgimento de novos discursos acerca da homossexualidade masculina, principalmente a partir da apropriação, entre alguns homossexuais, do termo norte-americano *gay*. Nesse cenário, enquanto parte dos homossexuais, ou melhor, dos gays, reivindicava um modelo igualitário, baseado na discrição dos comportamentos e no reforço de um ideal de masculinidade; as travestis, tratadas à época no masculino, foram interpretadas como homossexuais “exagerados” e “efeminados”. Para uma análise desse momento histórico, ver: FIGARI, op. cit., 2007; GREEN, op. cit., 2000; TREVISAN, op. cit., 2011; e SILVA, Sando José da. **Quando ser gay era uma novidade**: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras e Ciências Humanas. Recife, 2011; MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se? O Lampion da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)**. 2015. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Recife, 2015. Para um período posterior, ver: FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

⁹⁹ FOUCAULT, op. cit., 2010.

Silva, de Fortaleza, apontam algumas direções para pensar essas questões.

2.1 TEMPO DAS PERUCAS OU QUANDO NÃO EXISTIA O SUJEITO TRAVESTI

2.1.1 Amorim-Samorim-Ilca

Manoel Amorim nasceu em 1943, na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí, e ainda jovem mudou-se para Fortaleza, onde viveu até sua morte, em março de 1993. Na capital cearense, residiu no Edifício Jalcy, conhecido, na década de 1980, como “palácio dos frangos”,¹⁰⁰ expressão que alude à frequência de homossexuais àquele edifício.

No apartamento localizado no 9º andar, que se transformava em “quartel general das bichas”¹⁰¹ durante o carnaval, Amorim, que assinava seus escritos com o codinome Samorim, escreveu cinco romances autobiográficos. Dois desses textos, provavelmente escritos enquanto o escritor autodidata escutava canções de Maria Bethânia e de Roberto Carlos em sua vitrola, sobreviveram ao tempo e ao esquecimento: **Ilca** (1971) e **Nós, eles, nós** (1972).¹⁰²

O escritor Gilmar de Carvalho, contemporâneo de Amorim, observou¹⁰³ que o autor de **Ilca** “remexe com um universo eclipsado pelos preconceitos e revolve toda uma galeria de entendidos, bofes,

¹⁰⁰ Bianca empregou o termo “palácio dos frangos” para se referir ao Edifício Jalcy, localizado na Avenida Duque de Caxias, no centro de Fortaleza (Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2011). Gilmar de Carvalho, por sua vez, afirmou que a palavra “frango” nunca “pegou de verdade em Fortaleza”, sendo mais comum em Pernambuco. O edifício e a avenida aparecem no discurso da grande imprensa da época, e também nas narrativas de homossexuais e travestis, como lugares de sociabilidade homossexuais.

¹⁰¹ Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2011.

¹⁰² Amigo de Manoel Amorim desde a década de 1970, Carvalho foi o responsável por preservar os escritos deste, compartilhando-os com outros/as pesquisadores/as. Além desta tese, os romances do criador de **Ilca** foram objetos de análise em: GROOTENDORST, Sapê. **Literatura gay no Brasil?:** dezoito escritores brasileiros falando da temática homoerótica. 2012. Tese de qualificação, Departamento de Português da Universidade de Utrecht, 1993; COELHO, op. cit., 2012.

¹⁰³ A crônica sobre Manoel Amorim foi publicada em 1983. Cf. CARVALHO, op. cit., 1983, p. 70-71.

bonecas ao som de Roberto Carlos e pic-nics nos muricizais da Barra, concursos de Beleza e sempre os carnavais”.¹⁰⁴

Autodidata, Samorim não envereda pela estéril pesquisa formal (ai dele), nem cai na armadilha demagógica para uma literatura para o povo, (ele que é o próprio povo). E com cuba-livre, frases de efeito e uma construção intuitiva e artesanal do romance, ele vai compondo esse quebra-cabeça melodramático como a própria vida à espera de um editor ou de alguém que se arrisque até que todos possam ter o privilegio de ler e amar Samorim.¹⁰⁵

A narrativa de Samorim não despreza ou descarta os acontecimentos mais ordinários. O jornalista Laécio Ricardo, do jornal *Diário do Nordeste*, lembrou, uma década depois da morte do autor, o traço de “cronista do cotidiano” (homossexual)¹⁰⁶ que marca as obras de Samorim.

Residente no 9º andar do edifício, Manoel Amorim foi protagonista e observador arguto deste universo, sobretudo nos seus anos de esplendor. Sempre solícito à visita dos amigos, mantinha a vitrola do apartamento em permanente sintonia: no toca-discos, a agulha oscilava entre os vinis de Maria Bethânia, Gal Costa, Alcione e Simone, hits comuns aos moradores dos demais andares. [...]

Da janela, avistava-se com facilidade a movimentação afoita do Centro: garotas em trajés curtos, flertando com rapazes próximos, em busca de amores fortuitos. Do lado oposto, gays e

¹⁰⁴ CARVALHO, *ibidem*, p. 70.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 71.

¹⁰⁶ De acordo com o jornal, os romances de Amorim, escritos na primeira metade dos anos de 1970, e, àquela altura, “dispersos em pilhas de folhas datilografadas já consumidas pelo tempo”, anteciparam o “boom” da literatura homoerótica brasileira, impulsionada, a partir de 1978, pela publicação de periódicos como o *Lampião da Esquina*. RICARDO, Laécio. Cronista do edifício Jalcý. **Diário do Nordeste**, Caderno 3, 27 jan. 2003, p. 4.

travestis enchiam o quarteirão, numa efervescência sexual intensa, que deixava entrever a liberdade despudorada dos anos 70.¹⁰⁷

No que concerne a esta pesquisa, interessa-me analisar a obra **Ica** e a maneira como o romance está atravessado pelas possibilidades de trânsito de gênero em tempos de proibição do “uso do travesti” em público. Ao narrar, no início da década de 1970, a história do encontro entre dois jovens – César (inspirado no próprio autor) e Barreto – e a transformação do primeiro na boneca que dá título ao romance, Samorim aponta para os significados e performances dessas nomeações e práticas no tempo das perucas.

Quando Samorim escreveu seus romances, o termo travesti ainda não designava um sujeito, mas somente uma prática eventual. Em Fortaleza, quando se tratou de homossexuais, tal prática foi experimentada de modo provisório e clandestino, durante as festas temáticas realizadas nos apartamentos de amigos; nos concursos de beleza, que aconteciam em lugares afastados da cidade, como praias e sítios; e, principalmente, nos bailes e blocos carnavalescos, momento em que assumia um caráter semipúblico.

Os encontros organizados pelas “bichas” e “bonecas”, como eram chamados os homossexuais na época, transformaram-se em espaços heterotópicos.¹⁰⁸ Espaços outros onde foram instauradas rupturas das normas sociais, possibilitando, ainda que provisoriamente, relações singulares de experimentação (de performances femininas) e de invenção de novos modos de subjetivação.

As personagens do romance de Samorim transitam por esses espaços diferentes. Os protagonistas, César, a quem “falta pouco para ser uma mocinha” e Barreto, de um “corpo lindo” e de uma masculinidade “gritante”, por exemplo, se conhecem na festa de aniversário (uma festa privada) da boneca Dacruz. Após o show de

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Conforme Foucault, as heterotopias são “espaços diferentes” que emergem da modificação das funções iniciais de determinados lugares e que inauguram, provisoriamente, novos modos de vida. Além dos concursos de beleza, o carnaval e as praças e ruas ocupadas pelas travestis também são interpretadas no presente trabalho como espaços heterotópicos. FOUCAULT, Michel. **El cuerpo utópico, las heterotopías**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.

César, ao som de “Luzes da Ribalta” e “sob o ritmo frenético de um Mambo autêntico”:

César retirou um cigarro da carteira, pôs nos lábios, procurava fósforos quando alguém já com o isqueiro aceso ofereceu-lhe a chama.

Obrigado - falou.

- Você dança que é uma coisa, sabe?

- Bondade sua - respondeu César com um sorriso encabulado.

- Quer tomar algo?

- Não, obrigado, estou tomando caipirinha, por sinal está deliciosa. Você já provou?

Com movimento negativo de cabeça, César disse - Estou com *whisky*.

- Sei que você deve estar cansado, mas poderia dançar comigo esta música?

- Como não! Estamos cá para nos divertirmos.

Quando a música terminou César sabia que o garotão do isqueiro se chamava Barreto e, entre elogios e outras coisas, tinha recebido um convite para um encontro no dia seguinte.¹⁰⁹

Ainda que Barreto confesse nunca haver estado antes com pessoas “assim” como César, ou seja, com um homossexual que se “vestia de mulher”, os dois passam a se encontrar diariamente. César logo se transforma na “namorada” de Barreto, que, por sua vez, passa a ser o seu “bofe”. “Eram felizes a seus modos. Nessa união amorosa viviam quase dois anos, um precisava do outro, se realizava um nos braços do outro, causando inveja aos amigos”.¹¹⁰ O final feliz, que parecia estar predestinado ao casal, modifica-se quando Barreto se casa com Rosália, uma “rachada”.¹¹¹

A relação de posição-oposição entre César-boneca-efeminado-passivo e Barreto-bofe-m másculo-ativo evoca um primeiro significado do termo boneca, comum não apenas no universo literário de Samorim, mas na vivência dos homossexuais do tempo das perucas. Bonecas eram aqueles homossexuais que assumiam, na relação amorosa e sexual com

¹⁰⁹ AMORIM, Manuel. **Ilca**, 1971.

¹¹⁰ AMORIM, op. cit., 1971.

¹¹¹ Expressão usada entre as bonecas para se referir às “mulheres de verdade”.

os bofes, certo lugar do feminino. Os bofes, os chamados “homens de verdade”, não se consideravam, ou não eram considerados, homossexuais.¹¹² Nesse sentido, **Ica** reproduz a construção hierárquica de gênero predominante na década de 1970 no Brasil, que estabelecia lugares fixos e assimétricos para o masculino e o feminino, manifestada, também, nas relações entre “bichas” e “homens de verdade”.¹¹³

Nesse contexto literário-histórico, a boneca representava um ideal de feminino caracterizado pela delicadeza, submissão, fragilidade e passividade; enquanto o bofe reproduzia certa compreensão do masculino marcado por um comportamento ativo, não apenas na prática sexual, mas na condução da relação amorosa. Em um dos trechos de **Ica**, por exemplo, Barreto se irrita quando César paga a conta do lanche após o cinema, afirmando que o homem, ele próprio, é quem deveria pagar. Em outro momento do romance, César explica a uma de suas amigas bonecas que participará do carnaval apenas se Barreto permitir.¹¹⁴

Ora, ainda que **Ica** reproduza e reforce os estereótipos tradicionais de gênero, que produzem diferenças essencializadas entre homens e mulheres, o romance também apresenta comportamentos que se desviam, dentro das condições históricas de possibilidades, das

¹¹² Para uma discussão do modelo bicha/bofe x modelo igualitário em uma perspectiva histórica, ver: FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983; GREEN, James N. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XIX. São Paulo: UNESP, 2000.

¹¹³ Posteriormente, Manoel Amorim reelaboraria o entendimento da relação boneca/bofe. Em entrevista ao pesquisador Sapê Grootendorst, realizada nos anos de 1990, afirmou: “Anteriormente eu tinha uma visão do homem machão que gostasse do homossexual, que desse carinho para ele. Que não quisesse só sugá-lo. Anteriormente era o que mais tinha. Hoje ainda tem, mas está menos. Já tem o outro que gosta de estar com o mesmo sexo. Então, eu acho que mudou o meu pensamento a respeito. Estão mais abertos. Eles já lhe respeitam mais”. GROOTENDORST, op. cit., 1993, p. 69.

¹¹⁴ Carla Bassanezi Pinski lembra, ao analisar as representações de feminilidade que se consolidaram no começo do século XX (“rígido”) e em meados da década de 1960 (“maior fluidez”), que, ainda que os modelos não descrevam a realidade, algumas construções discursivas prevalecem em determinado período, influenciando modos de ser, agir e sentir das pessoas. PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: _____; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 470.

normas regulatórias de gênero. Embora Samorim registre: “não quis estarrecer ou modificar nenhuma regra ou ética deste nosso mundo”, seus textos questionam as verdades inscritas no corpo e revelam a possibilidade de trânsito de gênero. Assim, mais do que designar homossexuais que assumiam uma posição de submissão na relação com os bofes, o termo boneca é empregado para nomear aqueles homossexuais que se apropriavam de artefatos associados às mulheres para realizarem performances femininas.

O narrador de **Ilca** nos conta que, durante a festa de aniversário da boneca Dacruz, a personagem usava um vestido formado por uma “blusa em organza branca com um rico bordado em pedrarias lilás, cinto e sandálias douradas e saia de cetim de seda pura, aberta nas laterais”. Ao desfilar na passarela do “Concurso Miss Boneca 70”, a boneca vencedora, Ilca, surgiu em seu “longo amarelo ouro com o busto rebordado em pedrarias no mesmo tom e uma gola de plumas também na cor do vestido”.

Ao se apropriarem de artefatos naturalizados como pertencentes ao “universo feminino”, as bonecas transgridem a pretensa originalidade da heterossexualidade, que produz homens e mulheres considerados de verdade pela heteronorma. Nesse sentido, mais do que a história do fracasso do romance entre César e Barreto, Samorim nos conta a história do sucesso da transformação de César na boneca que intitula a obra.

Somos apresentados/as à personagem Ilca quando o jovem César se preparava para desfilar pela primeira vez no “Concurso Miss Boneca 1970”:

- [...] Amaro fez uma ligeira massagem na pele de César e depois espalhou base por todo seu rosto e pescoço, começando assim a maquiá-lo.
- Ô bicha, esqueci de ligar o ventilador!
 - Por isso é que estou sentindo aquele calor!
 - Dá para vestir sem mexer no cabelo?
 - Dá. O fechecler é atrás.
 - Vou colocar a peruca para depois sombrear os olhos. [...] cadê os cílios?
 - Estão nessa caixinha.
 - Tô maluca pra me ver no espelho.
 - Bicha, tá linda! Mas só vais te ver quando estiveres vestida. É melhor.
- Lá embaixo Marcelo e Barreto gritaram:
- Estão demorando muito, vamos subir!

- Nãooo! Estou nua! – gritou César – para em seguida pedir que o amigo o ajudasse abotoar o sutiã. Calçou os sapatos e enfiou uma perna pela abertura do vestido, introduziu a outra, ajeitou o dito, passou as mãos na frente desfazendo uma prega imaginária, dobrou o braço direito para trás puxando o zíper. Depois retirou a carteira de festa e colocou-a sobre a cama. Dobrou sua camisa, sua calça e apanhou seus sapatos masculinos colocando tudo dentro da sacola.

- Bicha! – exclamou Amaro – Estás uma mulher pura! – Fez uma pausa e disse:

- Agora podes te olhar à vontade no espelho.

César estava irreconhecível naquele traje de noite.

[...]

César tirou várias fotos, em grupo, sozinho e com Barreto.¹¹⁵

O concurso descrito no romance é realizado em um sítio afastado da cidade. Ali, quinze lindas moças “louras, castanhas, morenas e mulatas” desfilam “em conjunto” com seus trajes de fazer “inveja aos famosos costureiros internacionais”. Uma comissão de jurados escolhe a “Miss Boneca” levando em consideração os seguintes itens: “beleza de figura”, “beleza facial”, “altura”, “elegância e desfile”, cabendo-lhes, ainda, escolher a “Miss Charme”.

O desfile das candidatas ao título de “Miss Boneca” é o ápice do evento.

No desfile individual, Carlinhos arrancou muitos aplausos. Foi a vez de Suzí, nervosa, mas saiu-se bem. Stefânia apareceu de biquíni e uma linda capa. Finalmente chegou a vez de César, aliás, Ilca, que surgiu serena em seu longo amarelo ouro com o busto rebordado em pedrarias no mesmo tom e uma gola de plumas também na cor do vestido. Ao surgir na passarela, ouviu-se uma explosão de palmas e algumas gritavam: - Já ganhou! É Ilca! É Essa!¹¹⁶

¹¹⁵ AMORIM, op. cit., 1971.

¹¹⁶ AMORIM, idem.

Esse tipo de evento, inspirado no Concurso Miss Brasil,¹¹⁷ descrito no romance como “brincadeira”, era comum entre alguns homossexuais. Os concursos de beleza, inicialmente realizados de modo clandestino (a partir dos anos de 1970 se transformaram em “negócio lucrativo”), eram a oportunidade que as bonecas tinham para experimentarem coletivamente sua identificação com o feminino, estreitar e estabelecer os laços de amizade e encontrar novos parceiros.

Em ocasiões como essa, as bonecas se apropriavam de artefatos femininos, ou melhor, de tecnologias de gênero, como maquiagem, peruca, vestido, calcinha, biquíni e sapatos, inspirando-se em um ideal de feminilidade cujas referências eram as misses Brasil e as *stars* norte-americanas, conhecidas nacionalmente através do cinema e das páginas de revistas de variedades.¹¹⁸ Desse modo, transformaram os concursos em heterotopias de gênero, no qual um olhar (de si e do outro) mais crítico em relação à exigência das aparências foi desenvolvido.

¹¹⁷ Os concursos tornaram-se locais públicos para aqueles que desejavam desfilar e exibir sua própria noção de feminilidade. GREEN, op. cit., 2000, p. 267; FIGARI, op. cit., 2007, p. 386.

¹¹⁸ Ao analisar os significados da palavra ‘boneca’ no Rio de Janeiro, na década de 1960, Green afirma: “As ‘bonecas’ tinham estilo, graça, personalidade, uma consciência da moda e um bom gosto que as situava acima do resto da sociedade”. GREEN, op. cit., 2000, p. 300.

Figura 1- Bianca, Karine e Ilca, na “Festa do Branco” (década de 1970).



Fonte: Acervo de Bianca.

A representação do feminino – apropriada e produzida pelas bonecas – referenciava-se na cinematografia norte-americana e em sua “máquina de gerar signos”, formada pelos filmes, cartazes e músicas, bem como nas notícias e propagandas veiculadas em jornais e revistas

sobre Hollywood.¹¹⁹ Nessa performance, a *star* aparece como aquela que pode deter os segredos da beleza e do bem querer: “Ela lança modas, comete 'ousadias' e sedimenta perfis essencialmente femininos. Pertencente ao reino da aparência, nada nela é verídico – como se viu, até o próprio nome é uma invenção”.¹²⁰ A “cinematografização do cotidiano” afetou gestos, maneiras de se vestir e atitudes assumidas em relação ao par amoroso.¹²¹

As bonecas se apropriaram dessas referências nas indumentárias, poses, gestos e comportamentos,¹²² construindo uma identificação com o glamour das *stars* e sua representação hiperfeminilizada. Nas heterotopias da arte de serem outras, as bonecas podiam, mesmo que provisoriamente, viver outras vidas. Quanto de Grace Kelly, Elizabeth Taylor, Jackie Kennedy, Sharon Tate, Jean Shrimpton e, obviamente, Marilyn Monroe está presente nos penteados, maquiagens e comportamentos das bonecas de Fortaleza?

Entre as *stars* do cinema norte-americano e as estrelas das festas temáticas realizadas nos apartamentos do Edifício Jalcý, nos concursos de beleza improvisados na praia da Barra do Ceará¹²³ e nos bailes de

¹¹⁹ A partir das primeiras décadas do século XX, o cinema norte-americano passou a ser referência mundial nas escolhas estéticas que afetaram modos de vida e de relacionamentos. MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de Estrelas**: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas: UNICAMP, 1996.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 130.

¹²¹ *Ibidem*, p. 131.

¹²² Ora, o consumo de comportamentos, tanto quanto de maquiagens, penteados e vestidos, inspirado nas *stars*, insere-se num contexto mais amplo de introdução de bens de consumo que começam a fazer parte do cotidiano da cidade: aparelhos de rádios, geladeiras, fogões, produtos de limpeza, refrigerantes, chocolates, eletrodomésticos, e, também, toda uma série de artefatos, ou melhor, tecnologias associadas ao feminino, que, no caso das bonecas, mais do que representar a promessa de inserção no mundo civilizado, possibilitaram transformações da intimidade e dos desejos. FREITAS, Mirtes. **A cidade dos clubes**: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1979. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora / Núcleo de Documentação Cultural-NUDOC/UFC, 2005.

¹²³ Alguns concursos de beleza que reuniram “bonecas” e “bichas” nas décadas de 1960/70 foram realizados nessa praia de Fortaleza, possivelmente, por se tratar de um lugar mais afastado do centro da cidade, antítese da famosa Praia de Iracema, que, de moradia de pescadores e jangadeiros, passou, a partir da década de 1930, a ser um lugar frequentado pelas elites da cidade.

carnaval do Ginásio Coberto Paulo Sarasate,¹²⁴ lugares heterotópicos de sociabilidade homossexual em Fortaleza, observa-se um jogo de aparências, de estabelecimento de padrões de beleza, de glamourização da feminilidade e da produção de novas subjetividades. Os escritos de Samorim e as fotografias de Bianca, cujos fragmentos de trajetória veremos no próximo tópico, estão atravessados por essas imagens propagadas, desde os anos 1950, pelos filmes norte-americanos e a “máquina de gerar signos” criada em torno destes.

A fotografia de Bianca, na qual aparece ao lado de uma boneca inspirada na famosa atriz norte-americana Marilyn Monroe, traduz os atos performativos das bonecas e sua estética *Hollywood*.

A peruca loira, o rosto maquiado, os brincos compridos, as longas unhas pintadas, a sandália alta e a saia plissada, que lembra aquela que Marilyn vestia na cena do metrô,¹²⁵ compõem o cenário *star* – com direito a duas fãs – que, como assinalei, permitia aos homossexuais uma existência mais livre e alegre.

¹²⁴ Inaugurado em 24 de setembro de 1971, o Ginásio Coberto Paulo Sarasate apareceu como lugar de memória nas narrativas dos homossexuais que se travestiam e das travestis, principalmente, por ser o espaço onde era promovido o Baile Municipal de carnaval, divulgado na imprensa de Fortaleza, durante a década de 1980, como o “mais popular da cidade”.

¹²⁵ O PECADO mora ao lado. Dirigido por Billy Wilder. EUA: 20th Century Fox, 1955.

Figura 2 - Bianca, “Marilyn” e Marquinhos (década de 1970).



Fonte: Acervo de Bianca.

Figura 3 - Retrato de Marilyn Monroe (1953). Fotografia de Gene Kornman/John.



Fonte: <<http://funmozar.com/marilyn-monroe-in-pictures/>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

2.1.2 Bianca

Escutei pela primeira vez o nome de Bianca, durante uma entrevista realizada com o escritor cearense Gilmar de Carvalho.¹²⁶ Enquanto Carvalho narrava suas histórias sobre a sociabilidade homossexual em Fortaleza na década de 1970/80 e sua relação de amizade com Manoel Amorim, contou-me que Bianca havia conhecido e convivido com o “cronista do Jalcy”.

Não demorou em que eu entrasse em contato com Bianca. Marcamos nosso primeiro encontro em seu apartamento, que também fica localizado no Edifício Jalcy, onde morou Amorim. Imaginei que encontraria uma travesti. Minha imaginação de pesquisador havia sido reforçada ao falar com Bianca por telefone, ao identificar do outro lado

¹²⁶ Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2011.

da linha uma voz feminina ou, ao menos, certo tipo de voz que costumamos atribuir às mulheres.

Para minha surpresa, deparei-me com um “homem”, à época do nosso primeiro encontro,¹²⁷ contando 61 anos de idade, de baixa estatura, o que lhe rendeu no passado o apelido de “miniputa”, voz apressada, registrada em uma entrevista de duas horas de gravação, e de sorriso acolhedor. Apressado em classificar Bianca (Boneca? Travesti? Bicha? Homossexual?), perguntei como ela gostaria de ser tratada: “Como você quiser, não me importa”, respondeu-me.¹²⁸ “É o Sebastião que está lhe contando, mas é a cabeça da Bianca. Continuo com ela, minha cabeça não mudou; minha maneira de pensar, maneira d’eu agir [...]. Às vezes até eu me confundo com meu nome”,¹²⁹ contou-me ela/ele.

Assim, optei por usar o nome feminino, sem, contudo, “transformar” Bianca em travesti, de modo a evitar as armadilhas do anacronismo e para explicitar a complexidade das performances de gênero que escapam aos dispositivos identitários. Ao contrário de Rogéria e de Thina Rodrigues, cuja afirmação como sujeito travesti caracteriza-se, dentre outras tecnologias, pela ocultação do nome masculino, pelo tratamento no feminino e pelo reconhecimento do “nome social”, como veremos, Bianca afirmou ter sido “veado de vestir roupa de mulher”, mas, não, travesti.

Sugiro que as histórias de Bianca revelam a complexidade e o caráter provisório, processual, múltiplo e histórico presentes nas performances de gênero femininas realizadas por sujeitos (auto)considerados homossexuais. Enquanto, entre alguns, como Amorim e Bianca, tal performance não foi incorporada como definidora de uma identidade, entre outros, como Rogéria e Thina, personagens que conheceremos adiante, ela assumiu um caráter identitário. Tais diferenciações performáticas revelam as transformações que atravessaram a prática do “travestismo” em Fortaleza.

¹²⁷ O mesmo aconteceu em 19 de fevereiro de 2011, quando realizei a entrevista gravada. Depois desse primeiro encontro, reencontrei Bianca em outros momentos, visitando-a em seu apartamento e na Associação de Cabeleireiros de Fortaleza, onde ele/ela trabalhava.

¹²⁸ Em outra ocasião, abordei as narrativas de Bianca/Sebastião: VERAS, Elias F. Las historias de Sebastião-Bianca. Quién necesita de identidad?. In: 17^a International Oral History Conference, 17, 2012, Buenos Aires. **Anais...** 2012. v. 1.

¹²⁹ Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2011.

Bianca “fugiu” para Fortaleza em 1969, levando consigo um saco plástico debaixo do braço, contendo um calção, um *short*, uma camiseta, uma chinela, muitas incertezas e alguma esperança. Chegou à capital em cima de um “caminhão de laranja”, adolescente que fugia do controle familiar e dos preconceitos sofridos na pequena cidade de Russas (CE) para “faturar a vida” na capital cearense. Queria fazer “coisa melhor” da vida.

Antes de começar a trabalhar como doméstica por 17 anos na residência de uma conhecida jornalista de Fortaleza, foi “assistente de cozinha” em pensões localizadas no centro da cidade, como aquela de propriedade de Dona Júlia. Foi justamente da dona da pensão, lembrada como uma espécie de mãe, que ganhou seu nome feminino e seu primeiro “vestido de mulher”. Era o ano de 1970.

Quando foi no dia da Copa do Mundo ela disse assim: Vou fazer o vestido, se o Brasil ganhar, você se arruma hoje mesmo e sai pra ficar a tarde toda livre. Aí foi o que aconteceu. O Brasil ganhou e eu vesti o meu primeiro vestido de mulher, eu calcei meu primeiro sapato alto. Foi ela que me deu. Um sapato vermelho com uma bolsa vermelha; um vestido branco com fitas vermelhas de veludo. [...] Pra rua! Pra Avenida! Teve carnaval na Avenida Duque de Caxias. Com muita gente, batucada e tudo mais. E eu no meio! Pra comemorar a Copa. Aí eu gostei do assunto. Isso foi no domingo. Quando foi no fim de semana, eu já me vesti de novo pra ir pras festas nas boates das bichas. [...] Aí começou: compra roupa, compra sapato, compra bolsa. Aquela fuxicada.¹³⁰

Ao contrário do que eu imaginava, em nenhum momento da entrevista Bianca reivindicou para si uma identidade travesti, embora tenha se travestido até o início dos anos 2000. Ela afirmou ter sido “veado que gostava de usar roupas de mulher”, mas não “travesti de peito” ou “travesti de rua”, categorias êmicas que revelam o quanto a associação entre travesti, corpo transformado e prática da prostituição – relação que trabalharei nas próximas páginas da presente tese –

¹³⁰ Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2011.

marcaram/marcam as (auto)identificações dos sujeitos e sua aproximação-afastamento de certa identidade travesti.

A entrevistada reiterou que fazia de sua vida uma “diversão” e não uma “profissão” ou um “modo de sobrevivência”. Ao relembrar, na atualidade, o tempo em que se travestiu, Bianca se aproximou das experiências das bonecas descritas nas histórias narradas por seu amigo Manuel Amorim, a Ilca, mais do que das histórias das travestis Rogéria e Thina, o que nos faz pensar que as experiências temporais do tempo das perucas não estão limitadas a um recorte cronológico do tempo.

Os fragmentos de trajetórias de Bianca nos mostram como as identificações são atos performativos que assumem sentidos e significados distintos ao longo da vida. Embora as representações de gênero possam ser produzidas com o objetivo de modelar os comportamentos a partir de determinados padrões de inteligibilidade, os sujeitos investem e agenciam de múltiplos modos os códigos linguísticos e as representações culturais, tornando-se múltiplos e contraditórios.

2.2 ENTRE PERUCAS E HORMÔNIOS: O CARNAVAL COMO HETEROTOPIA DE GÊNERO

As performances femininas praticadas por homossexuais se transformaram radicalmente na passagem do tempo das perucas para o tempo dos hormônios. Se, no tempo das perucas, travesti estava associado a uma prática restrita aos espaços privados de sociabilidade homossexual, no tempo dos hormônios, o termo passou a nominar uma personagem com uma biografia, um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida, uma morfologia, uma “anatomia indiscreta” e uma “fisiologia misteriosa”.¹³¹

A expressão “vou de travesti”, conforme foi utilizada entre as bonecas de Samorim, se transformou em “virar travesti”. Este processo de transformação assinala que travesti deixou não apenas de nominar uma prática clandestina e provisória, mas passou a designar um novo

¹³¹ Paráfrase de Foucault. Na passassem original, Foucault se refere à invenção do homossexual: “O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa”. FOUCAULT, op. cit., 2009, p. 50.

sujeito sexual, uma nova “identidade sexual”. Tal mudança não se deu apenas no nível da linguagem, mas na própria materialidade dos corpos.

O carnaval surge como lugar privilegiado para analisar essa transformação histórica, na medida em que, ao longo do século XX, a festa tornou-se espaço de experimentação e de visibilidade das performances femininas praticadas por homossexuais, constituindo-se em espaço privilegiado para a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza.

Os estudos históricos e antropológicos analisaram a festa carnavalesca como momento de inversão da ordem cotidiana e de reprodução das desigualdades sociais.¹³² Aqueles que destacaram a apropriação da festa pelos homossexuais afirmaram, por sua vez, que a folia contribuiu para uma maior aceitação desses sujeitos na sociedade,¹³³ funcionando como laboratório das lutas dos direitos LGBTs,¹³⁴ possibilitando, ainda, a ocupação de outros espaços da cidade.¹³⁵

No presente tópico, a festa carnavalesca e a produção midiática em torno dela são interpretadas como heterotopias de gênero, que, ao instaurarem uma ruptura provisória com o cotidiano, suspendem (temporariamente) normas de gênero e possibilitam a criação de relações singulares.

O “travestismo” durante o carnaval foi vivenciado e percebido de diferentes modos. Na década de 1940, por exemplo, os homens presumidamente heterossexuais que se “vestiam de mulher” em cordões como “Coca-Cola” e “Meninas do Cocorote”, para satirizar as moças que namoravam os soldados norte-americanos instalados em Fortaleza, durante a Segunda Guerra Mundial, não tinham seu “papel como

¹³² DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997; CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: uma História social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Cia. das Letras, 2001; SOIHET, Rachel. **A Subversão pelo Riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Èpoque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998; PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

¹³³ GREEN, op. cit., 2000.

¹³⁴ GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris**: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

¹³⁵ COELHO, op. cit., 2012.

homens de verdade”¹³⁶ questionado. Já bonecas como Bianca e Ilca, que aproveitavam o desfile e os bailes carnavalescos para instaurarem novas possibilidades de jogo com o feminino e o masculino, atribuíam à prática de se travestir no período carnavalesco o sentido de experimentação e afirmação da persona feminina.

Uma parte significativa do romance **Ilca**, por sinal, é dedicada à mobilização das bonecas para festejar o carnaval. Somente nesse contexto é que Samorim e as bonecas empregam o termo travesti.

O carnaval aproximava-se. As bonecas estavam eufóricas: umas iam em blocos, outras fariam travesti no còrso e à noite dançariam na Boite Califórnia, onde era tradicional o baile das bonecas.

César também estava se preparando.

Ao sair do colégio certa manhã foi dar uma voltinha pelo centro e encontrou-se com Margot, uma boneca sua amiga.

- Sabe César, estou fazendo uma odalisca para o carnaval, está ficando uma graça. E você querida?

- Eu estou fazendo um pareô.

- A Mafalda vai desfilar no concurso de fantasias, fui em sua casa e vi, cá pra nós, é um dos Faraós, além de riquíssima, está linda de morrer! – disse ela e prosseguindo concluiu – Vai barrar Miné este ano.

- Não sei por que Margot, essas bichas se espinafram antes do carnaval e depois são as mesmas amigas. Eu hein? Parecem aqueles políticos baratos que se difamam antes das eleições e depois vão beber na mesma taça.

- Escuta, César, à noite no baile, onde será escolhida a rainha do carnaval, o que vais usar?

- Não sei, Margot, Barreto não quer que eu me meta neste negócio de rainha do Carnaval, mas se ele concordar talvez eu faça algum longo.¹³⁷

Todavia, o carnaval não era importante somente por possibilitar que as bonecas se “vestissem de mulher”, mas por ser um lugar de múltiplas sociabilidades, onde antigas amizades eram reforçadas,

¹³⁶ GREEN, op. cit., 2000, p. 333.

¹³⁷ AMORIM, Manoel. **Nós, eles, nós**, 1972.

enquanto novas poderiam ser estabelecidas. As lembranças de Bianca sobre Ilca estão atravessadas pelos momentos compartilhados durante a festa carnavalesca. O ano de 1973 foi lembrado por Bianca como o ano do primeiro carnaval que passaram juntas.

[...] conheci a Ilca por intermédio de festa de carnaval. A gente fez logo amizade, porque ela era muito consciente das coisas que ela gostava. Muito parecida comigo. Inclusive carnaval. Chegou o carnaval, bateu uma lata, ela já estava fantasiada: de peruca, de saia bem curtinha de salto alto e sambando. Isso igual a mim. Ela cansou de dizer assim: “Tu é igual a mim, quando fala em carnaval, bateu a lata, tá logo se peneirando”.¹³⁸

A importância do carnaval na vivência de Bianca evidenciou-se ainda quando ela adoeceu em decorrência de um AVC,¹³⁹ fato que a impossibilitou de participar ativamente das comemorações carnavalescas a partir do ano de 2005. A solução encontrada por ela foi comprar uma grande televisão de LCD para acompanhar o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, evitando, desse modo, que o carnaval deixasse de fazer parte da sua vida.

O acervo de fotografias de Bianca também é indício da importância do carnaval em sua biografia. Na imagem a seguir, Bianca aparece com Ilca, outras bonecas e um bofe – talvez fosse um “entendido”, termo usado na década de 1980 para designar homossexual masculino –, exibindo perucas elegantes e trajes coloridos. O sorriso de Bianca e Ilca parece simbolizar a satisfação e a alegria que as bonecas sentiam ao participar da festa, especialmente, dos bailes carnavalescos.

Ao longo da segunda metade do século XX, esses bailes e concursos se transformaram em uma verdadeira instituição do carnaval e da imprensa. A partir dos anos de 1940, emergiram como lugares privilegiados para as performances públicas da “inversão da representação e gênero” travesti, “onde a regra era o desregramento,

¹³⁸ Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2011.

¹³⁹ O Acidente Vascular Cerebral (AVC) que acometeu Bianca, em 2005, deixou-a com dificuldades de locomoção, impossibilitando-a, por exemplo, de usar salto alto e de participar de festas e shows, inclusive do carnaval. Bianca continua caminhando com dificuldades.

onde se podiam transgredir normas de masculinidade e feminilidade [...]”.¹⁴⁰

Figura 4 - Bianca, Ilca e outras bonecas no carnaval de Fortaleza (década de 1980).



Fonte: Acervo de Bianca

Tal apropriação homossexual do carnaval chamou a atenção dos meios de comunicação. Ao fazer circularem em suas páginas reportagens sobre os bailes de travestis que aconteciam nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, revistas de distribuição nacional como *O Cruzeiro*, *Revista do Rádio* e *Manchete*, atuaram não apenas na midiaticização da homossexualização da festa carnavalesca, mas, também, na construção de novas subjetividades (homossexuais).

A revista *Manchete*,¹⁴¹ criada por Adolpho Bloch em 26 de abril de 1952, que aparece sendo lida por uma das personagens do romance *Nós, eles, nós*,¹⁴² de Manoel Amorim, exemplifica a importância dos

¹⁴⁰ GREEN, op. cit., 2000, p. 332.

¹⁴¹ A revista circulou nacionalmente até o ano 2000. Depois da falência da Bloch Editores, um grupo de jornalistas continuou editando as revistas da editora criada por Bloch. Contudo, as publicações foram definitivamente interrompidas em 2008.

¹⁴² AMORIM, 1972.

meios de comunicação na visibilidade travesti. Por meio das páginas da publicação, acompanhamos as transformações que marcaram a produção e a diversificação das performances femininas praticadas por homossexuais ao longo da segunda metade do século XX, especialmente no período do carnaval.

A publicação acompanhou, com destaque, desde os bailes dos enxutos,¹⁴³ realizados na década de 1950, até o Gala Gay, dos anos de 1980/90. A *Manchete* começou a retratar a folia momina nos clubes, nas avenidas e nas ruas do Brasil, a partir de seu segundo ano de circulação.¹⁴⁴ As fotorreportagens,¹⁴⁵ a princípio em preto e branco, mostravam os requintados bailes e concursos de fantasias do Teatro Municipal e do Hotel Copacabana Palace, ambos no Rio de Janeiro. Tão esperada quanto a fantasia de Clovis Bornay¹⁴⁶ eram as imagens dos desfiles das escolas de samba cariocas e paulistas, assim como a escolha da musa do carnaval, que estamparia a capa da publicação.¹⁴⁷

¹⁴³ Nem Amorim, em seus romances do início dos anos de 1970, nem as entrevistadas de Fortaleza utilizaram essa expressão para se referirem à prática de travestir-se em Fortaleza. No Rio de Janeiro, por sua vez, era empregada para se referir a uma mulher bonita. Cf. GREEN, op. cit., 2000, p. 360.

¹⁴⁴ A primeira edição especial de *Manchete* dedicada ao carnaval foi publicada em fevereiro de 1953. Ainda que a revista trouxesse reportagens sobre os carnavais de outras cidades brasileiras, como Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e Recife (PE), as manifestações que aconteciam nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo tiveram destaque maior nas coberturas.

¹⁴⁵ O fotojornalismo conheceu o seu auge nos anos 1950, com novas narrativas fotográficas – série de imagens de tamanhos variados que contavam uma história visual – ocupando lugar de destaque nas páginas dos jornais e revistas. A *Revista do Globo*, os jornais *A Hora* e *Última Hora* estão na vanguarda brasileira desse processo. In: MONTEIRO, Charles. Imagens da cidade de Porto Alegre nos anos 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da revista do Globo. In: _____ (Org.). **Fotografia, história e cultura visual**: pesquisas recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 9-50.

¹⁴⁶ Funcionário público do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, Bornay participava dos concursos de fantasias do Teatro Municipal do Rio de Janeiro desde o carnaval de 1937. De acordo com Green, “Bornay escolheu a grandiosidade ofuscante de reis e imperadores como temas de costura para expressar sua convicção de que homens, também, podem ser pavões”. GREEN, op. cit., 2000, p. 353-354.

¹⁴⁷ Roberto Muggiati, editor da *Manchete* entre 1974 e 2000, lembra que, para que o semanário fosse o primeiro a chegar às bancas com a cobertura do

A participação dos enxutos e das bonecas, como eram conhecidos os homossexuais que faziam “uso do travesti” durante os bailes e concursos de fantasias, também fazia parte da cobertura carnavalesca da publicação semanal. A partir do final da década de 1970, os “alegres rapazes” dividiriam as páginas da revista com novas “identidades sexuais”, como travesti e gay. Tais performances transformaram enxutos, bonecas e travestis em estrelas das exuberantes edições especiais de carnaval da *Manchete*.

Ao longo da segunda metade do século XX, o discurso da revista enfatizou o glamour e o estrelato vivenciados por esses sujeitos, presentes, por exemplo, nos títulos das matérias: “Os alegres enxutos”, “A audácia dos enxutos”, “Bonecas ao luar”, “Carnaval com muita audácia”, “A glória das bonecas nos bailes dos enxutos”, “Gays em grande gala”.

Assim, ainda que, em 1957, a *Manchete* tenha se tornando mais hostil, com “ataques mais virulentos” aos bailes carnavalescos de travestis, como informa Green,¹⁴⁸ de modo geral, a cobertura da principal revista ilustrada brasileira da segunda metade do século XX girou em torno da “admiração divertida”, mais do que da “depreciação”, como os títulos destacados anteriormente sugerem. Mais do que os títulos das matérias, o que melhor parece traduzir o fascínio que a revista *Manchete* dispensava aos “audaciosos” homossexuais que participavam dos bailes eram as fotografias usadas para ilustrar a cobertura jornalística.

As fotografias, cada vez mais coloridas a partir dos anos de 1960, foram fundamentais na construção da narrativa jornalística da *Manchete* sobre os bailes. Ainda que as imagens também retratassem cenas da multidão de admiradores (e detratores) diante das portas dos teatros, onde aconteciam os bailes e os concursos, o grande destaque – algumas fotografias ocupavam páginas inteiras – eram as bonecas, com seus

carnaval, estratégia que poderia aumentar de 250 mil para 500 mil o número de exemplares vendidos, "ficávamos dois dias e meio, sábado, domingo e segunda, trancados no edifício da rua do Russel, comendo sanduíche de pão com ovo trazido do botequim e vendo o sol nascer redondo e vermelho na baía de Guanabara".

Disponível

em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/27779-o-bloco-de-bloch.shtml>>.

Acesso em: 12 nov. 2014.

¹⁴⁸ Discussão presente, notadamente, no tópico “Reações negativas”, do capítulo “A apropriação homossexual do carnaval carioca”. GREEN, op. cit., 2000, p. 354-359.

elegantes vestidos e, posteriormente, “os” travestis, com seus corpos esculturais quase completamente desnudos. Tais imagens foram evocadas por Rogéria, travesti de Fortaleza, como inspiração na confecção de fantasias, mas, sobretudo, na produção de sua própria performance e subjetividade travesti, como veremos adiante.

Figura 5 - Bonecas participando de concursos de fantasias no carnaval.



Fonte: Os alegres enxutos. **Manchete**, 17 mar. 1962, p. 61. Acervo: BPGMP.

Figura 6 - Rudi na revista *Manchete*.



Fonte: Bonecas ao luar. *Manchete*, 18 fev. 1978, p. 76. Acervo: BPGMP.

Tão presente quanto o elogio da revista às performances dos “alegres rapazes”, traduzido, por exemplo, nas fotografias, era a referência à repressão policial ao “uso do travesti” antes de entrarem nos clubes e nos teatros. Fascínio e estigma acompanharam a visibilidade público-midiática construída acerca do sujeito travesti na *Manchete*.

É sempre árduo e penoso o caminho da glória. Para pular no “Baile dos Enxutos”, os alegres rapazes do Rio tiveram que enfrentar, primeiro, a multidão postada em frente ao Teatro Recreio e, em seguida, um ataque selvagem desfechado pela Polícia Militar. No salão, todavia, tudo ocorreu na mais perfeita desordem carnavalesca. O uso do travesti não foi permitido, mas alguns enxutos,

audaciosamente sabidos, entraram à paisana e trocaram de roupa nos camarins. Às duas e meia da manhã o baile chegou ao alvo, com a realização do concurso de fantasias.¹⁴⁹

A revista enfatizava a internacionalização dos bailes de travestis; o investimento financeiro dos “alegres rapazes” na produção das luxuosas fantasias e dos elegantes trajes; a curiosidade do público e a repressão da polícia; a consagração dos vencedores e a indignação dos derrotados; a diversificação dos termos utilizados para designar os foliões homossexuais (a partir do fim dos anos de 1970, “enxutos”, “bichas”, “alegres rapazes” compartilham espaços nas matérias com novos termos, como “travesti” e “gay”).

A festa momina surge como momento privilegiado do “virar travesti”, quando eram exibidas as intervenções proporcionadas pelas novas técnicas corporais, fundamentais para a constituição das diferenças de gênero, para elaboração das identificações baseadas nessas diferenças, que ganhavam visibilidade através dos meios de comunicação.

O carnaval e a visibilidade midiática em torno dos bailes de travestis, a despeito das resistências, contribuíram para que o “uso do travesti” assumisse uma dimensão mais pública, extrapolando os apartamentos, sítios e praias, como acontecia no tempo das perucas. A metáfora criada por Roberto DaMatta, “a casa e a rua”, não é de toda dispensável para pensar esse processo histórico de transformação de sentidos nas performances e sua passagem dos espaços clandestinos para os espaços de maior visibilidade na cidade e na mídia. Criticada por Green, segundo o qual a metáfora “mascara importantes realidades sociais”,¹⁵⁰ ela pode nos ajudar a pensar como, no caso do sujeito travesti, o carnaval aparece como lugar heterotópico de gênero, ainda que não completamente livre das restrições normativas, como vimos, anteriormente, no trecho da *Manchete*.

A primeira geração de sujeitos (auto)identificados como travestis, no Brasil, emerge desse cenário de reorganização dos espaços público-privados. Nesse sentido, a festa carnavalesca aparece como momento de

¹⁴⁹ Eles continuam os mesmos. **Manchete**, 9 mar. 1963, p. 74.

¹⁵⁰ Green critica a metáfora criada por DaMatta, afirmando que, embora a mesma se tratasse de uma “estrutura teórica e abrangente de análise da cultura brasileira”, mascarava importantes realidades sociais. GREEN, op. cit., 2000, p. 333.

maior liberdade, de “glória” e de “glamour”, contribuindo para uma maior visibilidade das homossexualidades na sociedade.

2.3 TEMPO DOS HORMÔNIOS OU A INVENÇÃO DO SUJEITO TRAVESTI

No tempo dos hormônios, os concursos de beleza e o carnaval continuaram como lugares importantes para que homossexuais identificados com o “universo feminino” experimentassem e intensificassem suas performances de gênero. Contudo, a clandestinidade e a provisoriade que marcavam o “sair de travesti”, no tempo das perucas, transformaram-se, na década de 1970/80, tornando-se eventos público-midiatizados. Em 1986, por exemplo, o concurso Miss Ceará Gay foi anunciado no jornal *Diário do Nordeste* como um evento “tradicional” e de “sucesso”. Realizado no “mais luxuoso e requintado complexo diversional noturno de Fortaleza”, a boate Hippopotamus, o evento reuniu 13 concorrentes transformistas e gays, tendo como atração especial Telma Lipp, travesti de São Paulo.¹⁵¹

Anos antes, precisamente, em 1982, um articulista do mesmo periódico, refletindo sobre o carnaval de Fortaleza daquele ano, afirmou: “abro os jornais e a conversa é a mesma. As fotos as mesmas. [...] No asfalto da Duque de Caxias, o desfile de sempre com os travestis gozando a glória de Momo, dando um colorido diferente ao monótono esquema de segurança dos policiais fardados”.¹⁵² Todavia, é o texto sobre o bloco dos sujeitos, formado por homens presumidamente heterossexuais que saíam às ruas “vestidos de mulher” e a comparação entre a performance desses “foliões despretensiosos que estavam a fim de curtir a folia” e a “dos” travestis que, segundo o *Diário do Nordeste*, compunham a “turma da desmonhecagem que, recheada de silicone, dá rabissaca e faz beicinho para quem ousar atravessar seus caminhos”, a

¹⁵¹ A reportagem de meia página, ilustrada por fotografias das vencedoras com seus longos trajes, recuperava a memória dos primeiros concursos do gênero em Fortaleza, frequentados por Bianca e Ilca. De acordo com o jornal, a primeira festa de escolha de “Miss Gay”, que não tinha esse nome quando foi realizada, aconteceu no ano de 1956, na praia da Barra do Ceará. Em 1976, o criador do concurso, Aluísio Silva, transferiu a festa para o Farol do Mucuripe, “recanto muito insólito e tanto quanto marginal”. Naquela ocasião, a polícia prendeu os/as organizadores/as, concorrentes e os espectadores/as.

¹⁵² E o saldo, qual foi?. *Diário do Nordeste*, mar. 1982.

que melhor assinala a presença das travestis no discurso público-midiático.

O “Bloco dos Sujos” em tempos idos fazia as alegrias do chamado corso, quando eram realmente verdadeiras, autênticas e divertidas atrações. Por ser formado por foliões despreziosos que estavam a fim de curtir a folia com tudo que tinham direito e, principalmente, porque era composto em sua maioria por homens vestidos de mulher. E, não há nada mais engraçado do que (homem mesmo) homem vestido de mulher. Ainda mais quando arrasta tamancos de salto alto, sacudindo desajeitadamente saíotes curtos a deixar à mostra, pernas tortas, desengonçadas e cabeludas tal qual canelas de caranguejo. Outro detalhe jocoso era o da maquiagem, em alguns que até usam bigodes, exibiam uma cara lambuzada de rouge e com o batom passando dos limites dos lábios. Sem falar nos famosos soutiens recheados com cuias de coco. Um turbante e brincos de argola completavam o visual que ia do cômico ao grotesco. Hoje os sujós não são mais os mesmos, assim como o nosso carnaval de rua. Os homens cederam seus lugares à colorida turma da desmonhecagem que, recheada de silicone, dá rabissaca e faz beicinho para quem ousar atravessar seus caminhos usando cuias de coco e exibindo pernas peludas.¹⁵³

¹⁵³ Os sujós. **Diário do Nordeste**, 8 fev. 1986, p. 16.

Figura 7 - “Cordão das Coca-Colas” (1948).



Fonte: **O Povo**, 29 jul. 1984, Caderno Domingo, p. 24. Acervo: BPGMP.

Figura 8 - Travesti desfilando na Avenida Duque de Caxias.



Fonte: O desfile na avenida. **O Povo**, fev. 1980. Acervo: BPGMP.

A emergência dessas novas imagens e performances, registradas e produzidas pelos meios de comunicação, acompanhou as transformações no espaço da cidade. O *gay-guide* de Fortaleza, enviado pelo leitor Modesto de Souza ao jornal *Lampião da Esquina*, em 1978, que trazia um roteiro dos cinemas, saunas, bares, boates e pontos de “pegação” da cidade, havia se expandido consideravelmente¹⁵⁴ na década de 1980. Veremos essas transformações de modo mais detalhado no próximo capítulo.

Nesse cenário, surge como nova “identidade sexual”, considerada um novo “tipo” de homossexual masculino, nominada pelos meios de

¹⁵⁴ SOUZA, Modesto de. Fortaleza: um *gay-guide*. **Lampião da Esquina**, dez. 1978, p. 4.

comunicação de travesti. Ao contrário das bonecas do tempo das perucas ou dos transformistas do tempo dos hormônios – esses últimos emergiram no contexto dos espetáculos que invadem teatros e boates das grandes cidades –, essa nova personagem fazia uso de outras tecnologias científico-corporais, como hormônios (comprimidos e/ou ampolas injetáveis) e silicone (médico e/ou industrial), para feminilizar o corpo e construir uma aparência feminina.

Diferente, ainda, das transexuais, definidas como “aqueles que possuem órgão de um sexo, mas têm a cabeça de outro”,¹⁵⁵ as travestis afirmavam não desejarem realizar a operação de “mudança de sexo”, desejo que, naquele período, diferenciava marcadamente travestis de transexuais, tema que retomaremos nas páginas seguintes.

Entre alguns sujeitos que se identificava com o “universo feminino”, a expressão “uso do travesti” se transformou radicalmente. Não se tratava mais, somente, de “sair de travesti” para participar das festas particulares entre amigos e dos bailes e concursos carnavalescos, como no caso de Ilca-Amorim e Bianca, mas de “virar travesti”, termo êmico usado pelos sujeitos que se autodefiniram nesta pesquisa como travestis.

Antigas noções como fantasia, disfarce, embuste e falso-ser – essa última, tributária do discurso psiquiátrico – continuaram alimentando a produção discursiva heteronormativa em torno do novo sujeito, porém, não demarcaram, tanto quanto o corpo transformado, hormonizado, siliconado, “bombado”¹⁵⁶ e ambíguo, a nova personagem.

Enquanto, nas publicações das décadas de 1950/60, a palavra travesti aparece entre aspas, como sinônimo de fantasia – o mesmo pode ser observado nos romances de Samorim e nas primeiras reportagens da *Manchete* sobre os concursos de travestis realizados durante o carnaval –, a partir da década de 1970, o termo perde as aspas e ganha novos significados. Os elegantes trajés, as plumas e paetês das bonecas misturaram-se aos hormônios e ao “silicone distribuído nos lugares certos”¹⁵⁷ das travestis. As “toneladas de maquiagem, léguas de cílios postiços, barris de esmaltes” juntaram-se aos “tonéis de hormônios, montanhas de silicones e milímetros de tecidos”, como elementos

¹⁵⁵ APARECIDA, Inês. A medicina muda o sexo, mas a mente ainda é problema. *O Povo*, 4 jun. 1984, p. 17.

¹⁵⁶ Termo êmico utilizado entre as travestis para definir o processo de transformação corporal realizado a partir da aplicação de silicone industrial.

¹⁵⁷ A glória das bonecas no Baile dos Enxutos. *Manchete*, 5 mar. 1977, p. 52.

indispensáveis para “cobrir uma anatomia indesejável e expor formas femininas”.¹⁵⁸

Estava em jogo a constituição de novos modos de subjetivação, pois, como lembrava a *Manchete*, no final da década de 1970, “nem só de bonecas sonsas se faz o esplendor do Baile dos Enxutos: existem rapazolas a fim de descolar não apenas uma lantejola, travestis profissionais, deslumbradas depiladas com eletrólise, transexuais certas que são mulheres totais”.¹⁵⁹ Essas novas personagens promoveram fissuras na estrutura binária heteronormativa, na medida em que, ao contrário dos homens presumidamente heterossexuais que se “vestiam de mulher”, mantinham sua “inversão de gênero” depois da quarta-feira de cinzas.

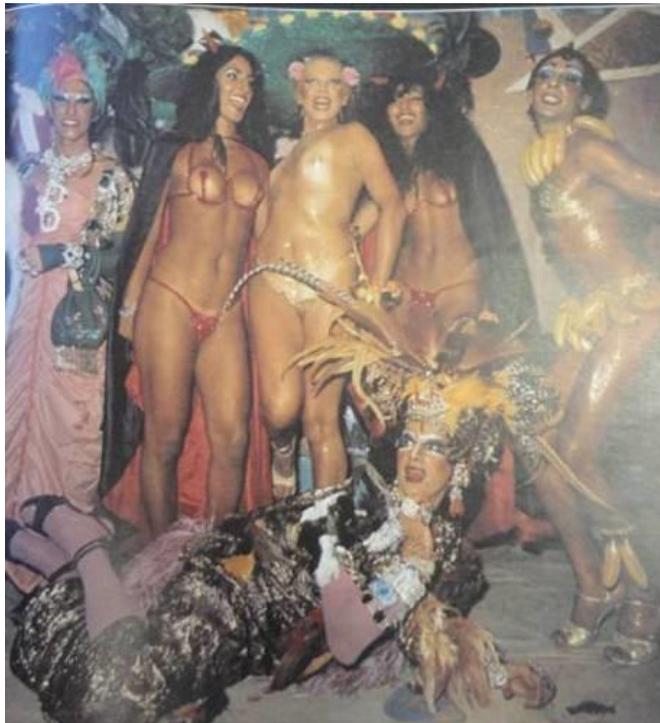
Os meios de comunicação não apenas registraram, como, também, atuaram na constituição desse novo sujeito, que, embora continue sendo classificado como homossexual, diferenciava-se deste por encarnar no corpo a performance diariamente.

As coloridas imagens de travestis com o corpo hormonizado e siliconado, que circularam nas revistas e na cobertura televisiva dos bailes carnavalescos, atuaram na constituição visual do novo sujeito, revelando a estética do gênero na constituição do sujeito travesti, misturando tradições visuais norte-americanas (*star*), europeias – notadamente francesas (*vedette*) – e brasileiras (mulata).

¹⁵⁸ Enxutos – O baile que as nossas babás não contavam. **Manchete**, 1. mar. 1980, p. 71.

¹⁵⁹ A glória das bonecas no Baile dos Enxutos. **Manchete**, 5 mar. 1977, p. 55.

Figura 9 - “As novinhas siliconizadas acompanhando a alegria das geniais caricatas”



Fonte: Carnaval com muita audácia. **Manchete**, 10 mar. 1979, p. 53. Acervo: Rogéria.

Figura 10 - Travestis no carnaval



Fonte: Enxuto: O baile que nossas babás não contavam. **Manchete**, 1º mar. 1980, p. 69. Acervo: Rogéria.

A travesti Rogéria,¹⁶⁰ considerada “travesti mais talentoso do Brasil”, de “gestos largos, teatrais, modulando as frases com muita habilidade; os constantes meneios de cabeça, que fazem esvoaçar os cabelos louríssimos e bem tratados; a maquiagem bem cuidada; o vestido cintilante, o salto muito alto”, é paradigmática desse contexto histórico-discursivo-imagético. Não existiam travestis como Rogéria!

¹⁶⁰ Ainda adolescente, Rogéria começou a trabalhar como cabeleireiro e maquiador na TV Rio. Contudo, foram os bailes de travestis, principalmente, sua participação nos espetáculos de travestis promovidas no Stop Club, Rio de Janeiro, onde estreou em 1964, que projetaram nacionalmente a artista. Para entender a importância de Rogéria no circuito travesti brasileiro, ver: FIGARI, op. cit., 2007; GREEN, op. cit., 2000; TREVISAN, op. cit., 2011. Atualmente, o escritor Márcio Paschoal prepara uma biografia de Rogéria, ainda sem previsão de data para publicação.

Os espetáculos protagonizados pela travesti percorreram diversas cidades brasileiras, entre elas, Fortaleza,¹⁶¹ além de outros países latino-americanos, africanos e europeus, transformando a artista em sinônimo de glamour e de exemplo a ser imitado. (Quase) todas queriam ser Rogéria!

Figura 11 - Rogéria, na revista *Manchete*



Fonte: Rogéria: a polivalente. **Manchete**, 27 ago. 1977, p. 101. Acervo: Rogéria.

¹⁶¹ Gilmar de Carvalho se recorda das apresentações de Rogéria em Fortaleza, em 1968, com o espetáculo *Le Girls*. Rogéria, travesti de Fortaleza, lembra que, em 1978, a atriz de *Le Girls* voltaria a se apresentar na cidade, com a peça *Um show em alta rotatividade*, em que contracenava com o ator Agildo Ribeiro. Os espetáculos foram encenados no principal teatro da cidade, o Teatro José de Alencar. Em setembro de 1985, os jornais de Fortaleza registram a participação de Rogéria no final do concurso Miss Ceará Gay, realizado no Clube dos Diários. Um mês depois, a travesti retornou à cidade com o espetáculo “Close nelas”, que aproveitava o sucesso midiático em torno do “fenômeno Roberta Close”.

Rogéria conquistou um inimaginável espaço nos meios de comunicação brasileiros, que só encontraria paralelo no “mito” Roberta Close, esta última herdeira do título de “travesti mais famoso do Brasil” e objeto de reflexão do capítulo seguinte.

Ainda que as travestis fossem hostilizadas publicamente, algumas delas começavam a ser retratadas como estrelas, não somente porque se inspiravam nas *stars* do cinema norte-americano, como as bonecas, mas porque conquistavam lugares próprios de estrelato na imprensa, nos palcos, nas boates e na televisão. As imagens público-midiáticas de Rogéria e, posteriormente, de Roberta Close, foram fundantes desse processo.

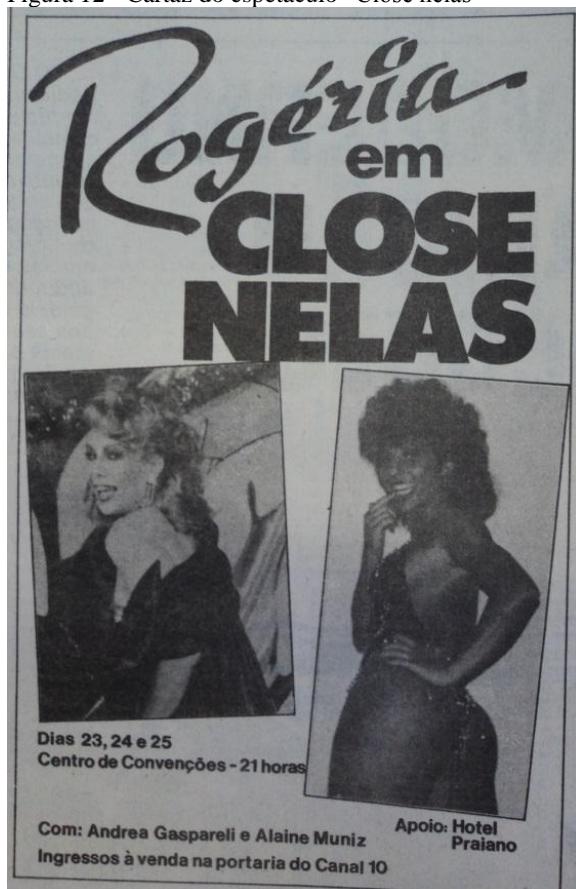
A performance público-midiática da travesti, sua ênfase discursiva na ambiguidade – o nome masculino, assim como a personalidade masculina, era constantemente lembrado nas entrevistas que Rogéria concedia aos meios de comunicação – contribuiu para os contornos do sujeito travesti em Fortaleza. Tal visibilidade possibilitou que Rogéria conquistasse lugar de referência como sujeito de corpo feminilizado através dos hormônios, que encontrava no mundo dos espetáculos possibilidade não só de sobrevivência, e, sobretudo, de reconhecimento social: “Quando se tem talento o preconceito é rejeitado. Se a pessoa tem fibra, a sociedade é obrigada a reconhecer o seu trabalho”,¹⁶² acreditava Rogéria.

O corpo feminilizado de Rogéria, resultado de “seis longos anos de tratamento severo, vigilante, de controle de peso e aperfeiçoamento de formas [em Paris], para explodir toda a feminilidade que se escondia em Astolfo”,¹⁶³ transformou-se em paradigma de corpo travesti. Com Rogéria, o carnaval como palco da performance travesti se expandiu para os palcos dos teatros, das boates e dos programas de televisão.

¹⁶² A Aids é mais um tipo de pressão contra o gay. **O Povo**, 14 set. 1985, p. 1.

¹⁶³ BARTOLO, Júlio. Uma noite DI-VI-NA com elas & elas. **Manchete**, 18 fev. 1978, p. 83.

Figura 12 - Cartaz do espetáculo “Close nelas”



Fonte: **Diário do Nordeste**, 22 de outubro de 1985, p. 18. Acervo: BPGMP.

A partir do contato com a atriz, fosse através dos espetáculos teatrais, fosse por meio das aparições da artista nos meios de comunicação, alguns sujeitos passaram a se autodenominar travesti e atribuíram sentidos e significados à sua própria travestilidade, como a travesti Rogéria, de Fortaleza.¹⁶⁴

¹⁶⁴ A travesti Rubina, em entrevista para uma publicação que pretendia fazer um “resgate histórico” da prostituição de travestis em Porto Alegre, afirma que a “febre” de tomar hormônios chegou a Porto Alegre no final da década de 1950, com a vinda do grupo *Le Girls*. “Foi o primeiro grupo de travestis com tetas de

Mostro como os discursos produzidos pelos meios de comunicação foram apropriados por alguns sujeitos que se identificavam como travestis, a partir das narrativas de Rogéria, de Fortaleza, que se considera do tempo em que, para ser travesti, “tinha que ter muito peito e muita coragem”.¹⁶⁵ Tais discursos misturaram-se aos hormônios, à maquiagem e a outros artefatos associados ao “universo feminino”, contribuindo nas transformações do corpo e da “personalidade feminina” travesti.

2.3.1 Rogéria

Os cães e gatos de estimação compõem o cenário da residência de Rogéria, 55 anos, no bairro da Parquelândia, em Fortaleza. Além dos animais, moram ali sua mãe, três irmãs e uma sobrinha. Na grande casa, que fica à beira da Avenida Humberto Monte, Rogéria tem seu próprio refúgio ecleticamente decorado, que abriga sua coleção de revistas “do tempo dos carnavais antigos”. Seu acervo é formado por livros, principalmente biografias de artistas brasileiros, filmes nacionais produzidos na década de 1980, além de *box* de DVD de novelas brasileiras, como *Dancin’ Days* e *Escrava Isaura*. Diferente de Bianca e de Manoel Amorim, Rogéria identificou-se como travesti.

Os encontros com Rogéria aconteceram naquele refúgio, com a entrevistada deitada em sua rede (a mesma que compartilha com os “bofes”), sob os olhares das gatas, Geni, Tieta, Vera Furacão, Fernanda Terremoto, Rita Cadillac, que teimavam em pular no meu colo enquanto conversava com Rogéria.

Nossas conversas giraram em torno das recordações de Rogéria acerca do carnaval de Fortaleza, na década de 1980, lembrado por ela como um tempo de mais “glamour”, quando travesti era “novidade”; da circulação na imprensa das imagens das travestis Rogéria e Roberta

hormônios. Elas estavam com show em Porto Alegre e iam para o Uruguai e umas meninas estiveram na minha casa. Foram as primeiras tetas que eu vi. Tinha a Valéria, a Rogéria, tinha uma preta muito bonita [...]”. BOER, Alexandre (Org.). **Construindo a igualdade**: a história da prostituição travesti em Porto Alegre. Porto Alegre: Igualdade, 2003, p. 34. Depoimento parecido foi dado pela travesti Claudia Goulart, na mesma publicação. Segundo ela, “a gente ficou impressionado porque elas tinham peito, então enchia assim o teatro para ver o show, e aí então as bichas começaram, pegaram amizade com elas e descobriram o hormônio, e começaram a tomar.”. Ibidem, p. 43.

¹⁶⁵ Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

Close, que aparecem para ela como modelos de travesti e de feminilidade; e, ainda, da importância das transformações corporais na constituição de sua “personalidade feminina”. Carnaval, travestis na imprensa e modificações corporais compõem o mosaico de narrativas sobre sua própria travestilidade.

Conheci Rogéria por meio de Thina Rodrigues, travesti de Fortaleza que também colaborou com minha pesquisa. Thina, sobre a qual falarei adiante, havia comentado que Rogéria colecionava revistas do “tempo dos carnavais antigos”. Tal informação, somada ao fato de o nome da travesti ser “Rogéria”, que, presumi, acertadamente, se tratar de uma homenagem à famosa travesti de *Le Girls*,¹⁶⁶ aumentou meu interesse em conhecê-la e em entrevistá-la.

Antes de nos encontrarmos pessoalmente, conversei com Rogéria algumas vezes por telefone. Durante nossas conversas, a travesti tratou-me no feminino, chamando-me de “mona” e “mulher”. Embora não compartilhe da crença de que os/as pesquisadores/as devam estabelecer uma relação estritamente “científica”, “objetiva” e “distante” dos/as interlocutores/as da investigação, a intimidade me assustou. Se, por um lado, a sensação de estranhamento contribuiu para que me mantivesse atento às regras do fazer historiográfico, por outro lado, não impediu que Rogéria se tornasse uma amiga, com a qual, mesmo depois do trabalho de campo, continuei próximo.

Na primeira visita à casa de Rogéria, fotografei seu acervo de revistas formado por publicações das décadas de 1960 a 1990, como *Manchete*, *Amiga*, *Fatos & Fotos*, *Playboy*, *Close* etc. Parte de sua coleção foi herdada do irmão mais velho, que também assinava *O Cruzeiro* e *A Revista do Rádio*. Naquele mesmo dia, assistimos ao filme *Rainha Diaba*.¹⁶⁷ Rogéria gostava especialmente das cenas das boates do Rio de Janeiro, que faziam com que ela lembrasse o tempo em que frequentava bares e boates de Fortaleza, como o Beco, localizado na

¹⁶⁶ Rogéria contou-me que, quando lia as reportagens sobre a travesti do Rio de Janeiro, dizia a si mesma: “Meu Deus, quando eu tiver bem travesti eu quero mudar meu nome pra Rogéria. Por causa dela”. Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

¹⁶⁷ RAINHA diaba. Direção de Antonio Carlos Fontoura. Brasil: Produções Cinematográficas R. F. Farias; Lanterna Mágica Produções Cinematográficas Ltda.; Ventania Produções Cinematográficas Ltda.; Lírio, 1974.

Avenida Leste-Oeste.¹⁶⁸ A dinâmica daquele primeiro encontro se repetiu nas visitas posteriores.¹⁶⁹ Entrevista, pesquisa no acervo, troca de material sobre o “universo trans”, conversas informais, filmes, lanches...

Além do acervo de revistas, Rogéria criou três álbuns com recortes de fotografias e matérias publicadas nas revistas semanais ilustradas e nos jornais de Fortaleza nas décadas de 1980/1990. Um dos álbuns, na verdade, um “caderno de matéria” adaptado, tem como protagonista Roberta Close; o outro tem o carnaval como temática principal; o terceiro álbum é formado por matérias publicadas nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* e privilegia a cidade de Fortaleza, seus monumentos históricos, seu carnaval e uma série de outros temas relacionados às travestilidades na cidade.

As narrativas de Rogéria são palimpsestos sobre o modo como as revistas que circulavam nacionalmente e os jornais locais construíram representações sobre o sujeito travesti. São cartografias afetivas que traçam linhas do tempo que conectam temporalidades, histórias e registros históricos múltiplos e singulares. De suas histórias, desenham-se imagens sobre os modos como os sujeitos experimentavam sua travestilidade, na qual o carnaval aparece como evento marcante.

Quando chegava o carnaval, eu ficava louca!
 Aí tinha aquela reunião com a gente. - Bicha, como é que tu vais sair? Como é que está tua fantasia? Aquele glamour da vida. [...] Aí, quando terminava o carnaval, a gente ia comprar as revistas pra gente ver as bichas do Rio. Aquela turma das pioneiras, que marcou época; a Rogéria, a Valéria. Pra gente ver como elas se vestiam. Aí

¹⁶⁸ Enquanto o Beco aparecia na imprensa associado aos crimes cometidos na Avenida Leste e Oeste, nas histórias de Rogéria e de outros homossexuais e travestis o bar surge como um local de diversão e de acolhimento.

¹⁶⁹ Os encontros na casa de Rogéria se estenderam para outros lugares, como, por exemplo, a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, de Fortaleza. Rogéria me acompanhou algumas vezes, durante o período de minha pesquisa, na hemeroteca daquela instituição. Enquanto eu pesquisava nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, Rogéria buscava as revistas *Manchetes* que faltavam à sua coleção pessoal. As visitas à Biblioteca foram interrompidas por causa da minha viagem para Barcelona (novembro de 2013 a julho de 2014) e da reforma iniciada naquela instituição, no início de 2014.

no outro ano, a gente fazia quase do mesmo jeito a fantasia. A gente tinha curiosidade! Toda a curiosidade da gente vinha da revista *Manchete*, uma das pioneiras.¹⁷⁰

Para Rogéria, o carnaval surge como palco de visibilidade e de experimentação. A cobertura da imprensa, por sua vez, aparece como fonte de inspiração. O Carnaval de 1978, o mesmo em que o cabeleireiro de Fortaleza, Gurgel do Amaral, venceu o desfile de fantasia do VII Baile Municipal de Carnaval do Ginásio Paulo Sarasate, com a fantasia Sinfonia dos Signos,¹⁷¹ foi lembrado pela travesti como momento fundante em sua experiência como sujeito travesti, quando já apresentava “pinta de mulher” e “corpinho de mulher”:

Na época, comecei a assumir mesmo assim, com treze, quatorze [anos]. Eu já sabia o que eu queria ser. Mas travesti é de 77 pra cá, depois. Só que eu passei um ano, depois do carnaval de 77, ainda estava àquela ditadura imensa. Mexendo com todo mundo.

Eu digo: - Não! Eu vou dar um tempo.

Aí 78... Carnaval... Aí me vesti de mulher de novo, travesti.

Já tinha peito e tudo [...].¹⁷²

Essa percepção de si aparece, por exemplo, como diferente do “travestismo” do bloco de sujos.

A gente era glamourosa. Queria ser bonita. A gente não queria ser do bloco de sujo, não. Porque a maioria dos blocos de sujos era tudo homem mesmo de barba. De bigode. Só apenas se vestia de mulher. Claro que diferenciava. Aí pronto! Quando a gente chegava, na época tinha o Canal 2, foi o primeiro canal aqui do Ceará, né?! Chamava a gente pra entrevista. Bicha, era um glamour, éramos uns artistas, bicha de cinema.

¹⁷⁰ Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2012.

¹⁷¹ **O Povo**, 8 fev. 1978, p. 13.

¹⁷² Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2012.

Entrevistaram a gente, entendeu? Era bom o carnaval naquele tempo.¹⁷³

Além da referência ao carnaval e da divulgação da folia nos meios de comunicação, o processo de “virar travesti” de Rogéria é explicado por ela como resultado do uso de hormônios, estando diretamente conectado às transformações corporais.

Passava o ano tomando hormônio pra arrasar no carnaval. Porque carnaval era carnaval, nos anos setenta! Hoje não... Tá muito evoluído, né. Mas o travesti naquela época de corpo de mulher! Você vê aquela foto minha, né?! Bem mulherzinha!¹⁷⁴

Figura 13 - Rogéria, na sexta-feira gorda (1986)



Fonte: Acervo de Rogéria.

¹⁷³ Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2012.

¹⁷⁴ Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

O corpo assinalado como masculino e modificado com o objetivo de alcançar uma corporalidade feminina assume centralidade na performatividade de Rogéria. No processo de “virar travesti”, antigas tecnologias de sexo-gênero como perucas, vestidos, sapatos, cosméticos, maquiagens, esmaltes, pinça, juntam-se às novas intervenções proporcionadas pelo tempo dos hormônios, como o uso de hormônios femininos e a aplicação de silicone, que assumiram primazia na ideia de “travesti de verdade”.

Enquanto o médico Lawrence E. Lamb usava sua coluna “Como viver”, publicada no jornal *O Povo*, para desencorajar uma leitora a utilizar produtos à base de estrógeno para aumentar os seios, alegando que o tamanho dos mesmos estava associado às “características herdadas” ou aos “genes individuais da mulher”, à produção de hormônio pelo próprio organismo e ao “depósito de gorduras”,¹⁷⁵ as travestis revelavam que os seios, ou melhor, os peitos, poderiam ser construídos, fabricados, performatizados, não apenas com enchimentos, como faziam bonecas e transformistas, mas com a ingestão de hormônios e, de modo mais radical, com a aplicação de silicone, intervenções que estabeleceram os critérios de diferenciação entre bonecas, transformistas, gays e travestis.

A associação entre hormônios femininos e travesti era tal, que uma reportagem do início do ano de 1980, publicada no *O Povo*, que anunciava “novas descobertas importantes”, não deixou de lembrar o uso de hormônios pelas travestis. De acordo com o jornal, que criticava o uso de estrogênio pelas travestis sem “orientação médica”:

Os travestis usam estrogênio com a finalidade de aumentar o volume mamário, diminuir o crescimento da barba, tornar a voz mais aguda, diminuindo também o volume dos músculos, aumentando, conseqüentemente, o volume dos quadris. A pele se torna delgada e a aparência mais feminina.¹⁷⁶

¹⁷⁵ **O Povo**, Como viver, 16 de jun. de 1985, Segundo Caderno, p. 01.

¹⁷⁶ Nova mulher: descobertas científicas acabam com os sintomas da menopausa. **O Povo**, 2 jan. 1982, p. 19.

Os hormônios femininos (contraceptivos e aqueles para combater deficiência de estrogênio), novidade no mercado farmacêutico brasileiro na década de 1970,¹⁷⁷ eram um dos poucos recursos médicos que as travestis dispunham para construir seus corpos femininos. Como observou Dom Kulick, as travestis – o antropólogo se referia às travestis de Salvador – valorizavam os hormônios porque eles custavam pouco, eram fáceis de obter e funcionavam relativamente rápido.¹⁷⁸ “Hormônio pra ficar com corpo de mulher”, que “faziam a personalidade da gente”, disse Rogéria, explicitando que a substância era responsável pelas transformações no corpo, na subjetividade, inclusive na sexualidade.¹⁷⁹

A travesti lembra que aprendeu a combinar os comprimidos de hormônios com outras travestis mais experientes:

As outras indicavam. Ana Maria, o pessoal mais antigo. Eu sempre fui curiosa. Na época, eu estudava ali na Avenida da Universidade, tinha eu, a Luciana e a Kiki, ela já morreu, a Kiki. A Luciana ainda é viva. Mas Luciana não queria ser travesti, não. Só no carnaval. Aí, quando terminava a aula, a gente levantava: - Vamos pra Praça do Ferreira! [...] Aí, quando era, assim, umas seis e meia, sete horas começava a chegar a Ana Maria, bonito, os travestis ficavam e passavam. Aí, diziam: - Menino, tu quer ficar igual a gente? É só tomar Aspin, Postafen e pronto. A gente ia na farmácia. Aí o farmacêutico: - Por que vocês querem isso, meninos? A gente era bem novinho. [...] - Isso é coisa de mulher! Pra mulher não ter filho. [...] A gente inventava, dizia que era pra uma irmã da gente, pra uma cunhada, entendeu? Mas era a gente que tomava. Aí, quando meu pai ia ver: - Diabo que teu peito está crescendo?¹⁸⁰

Quem me ensinou Postafen com Anacyclin foi a Lúcia Lavada. Eu vi o corpo da bicha belíssimo, entende? Eu digo: - “Bicha, que corpo é esse?”.

¹⁷⁷ KULICK, 2008, p. 81.

¹⁷⁸ KULICK, *ibidem*, p. 84.

¹⁷⁹ Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

¹⁸⁰ Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2012.

Porque tinham vários hormônios. Tinha Anacyclin, tinha outros hormônios que agora eu não estou lembrada. Mas o Anacyclin era tiro e queda! A maioria dos travestis tomava. Agora, era muito forte. A reação era terrível. Dava dor de cabeça, dor no estômago. Às vezes um calor muito forte, você sentia que desmaiava. Era forte o Anacyclin. Mas deixava o corpo maravilhoso! Você viu minha bunda como era bonita. E quando eu ia pra praia, os homens ficavam tudo loucos.¹⁸¹

As mudanças corporais se mostravam mais visíveis, e, aparentemente definitivas, com a ingestão de hormônios como Anacyclin,¹⁸² de modo que a substância assume um *status* privilegiado entre as travestis.¹⁸³ Como escreveu Marcos Benedetti, em seu estudo com travestis de Porto Alegre, realizado no início da década de 2000, cujos achados de campo guardam semelhanças com a pesquisa realizada nesta tese, “o hormônio [...] parece ser o instrumento ritual de passagem, porque é justamente com os seios e as formas arredondadas do novo corpo que a travesti (re)nasce para o mundo [...]”¹⁸⁴

No projeto de “virar travesti”, a construção do peito é um dos elementos mais significativos. O peito que “pula pra fora”, transformou-se em evidência legitimadora da existência de um novo sujeito sexual, marca corporal que é, ao mesmo tempo, marca de diferenciação de gênero.

A observação feita por Josefina Fernández, no final da década de 1990, no contexto de sua pesquisa etnográfica com travestis da cidade de Buenos Aires, Argentina, de que os seios são um dos atributos mais fortemente valorizados como signo corporal feminino, sendo primordial na experiência travesti, não se distancia dos significados atribuídos ao peito pelas travestis de Fortaleza. Apesar das diferenças temporais e espaciais, o peito funciona como “porta de entrada para o gênero

¹⁸¹ Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

¹⁸² Kulick observa que o Anacyclin também era usado entre as travestis de Salvador. KULICK, op. cit., 2008, p. 84.

¹⁸³ As etnografias sobre o universo trans citadas anteriormente (nota 84), assim como as entrevistas realizadas com os sujeitos dessa pesquisa, confirmam esta afirmação.

¹⁸⁴ BENEDETTI, op. cit., 2005, p. 80.

feminino”: “Travesti só é travesti a partir de quando ela tem peito”,¹⁸⁵ afirmou Rogéria, de Fortaleza.

Na anedota contada por Thina, travesti de Fortaleza, sobre um programa com um dos clientes e a história sobre uma de suas amigas travestis, a ideia da “travesti de verdade” e da verdade travesti encarna-se na existência do corpo transformado, hormonizado:

Cliente – Ei, eu te dou R\$10,00 pra chupar teu peito.

Thina – Eu disse: Me dê logo! Aí quando o homem me deu, eu tirei a laranja e dei o peito, o homem apontou um revólver e disse:

Cliente – Seu veado safado!

Thina – Eu corri da boate. Aí nesse dia eu nunca mais usei laranja. (risos)

Aí a Tara Wells também, ela não tinha contado pra gente, mas ela começou a tomar hormônio porque o peito dela era de esponja. Aí ela entrou no carro, quando o homem foi pegar no peito dela era de esponja.

- Não! Não! Meu peito não, meu peito não! Aí o homem coisou e a esponja caiu. Aí o homem colocou o revólver na cabeça dela. Aí por isso também ela começou a tomar hormônio pra virar travesti.¹⁸⁶

Hormônios e silicões passam a ser a evidência da “travesti de verdade”, que não apenas se travestia, assumia ocasionalmente ou intimamente um nome feminino, como Ilca, Bianca e suas amigas bonecas, mas que transformava radicalmente seu corpo e começava a viver “24 horas do dia como mulher”.

Ora, enquanto a conhecida e instigante tese de Laqueur afirma que a ressignificação do corpo feminino no século XVIII e a invenção de dois sexos distintos e opostos foram efeitos das transformações epistemológicas e políticas, mais do que do progresso científico, a invenção de um “Terceiro Sexo”, do qual o sujeito travesti seria o representante, aponta para a importância das transformações da ciência, hormônios, silicone e outras intervenções cirúrgicas. Nessa reinvenção

¹⁸⁵ Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2012.

¹⁸⁶ Entrevista realizada em 29 de janeiro de 2013.

do corpo pelas travestis, as mudanças científicas imbricam-se com as mudanças epistemológicas, políticas e sociais.

A referência ao corpo hormonizado e/ou siliconado travesti estava presente nas reportagens da grande imprensa, como vimos em *Manchete*; nas narrativas dos sujeitos travestis, como observamos em Rogéria e em Thina; assim como nos estudos antropológicos sobre o “universo trans”, citados anteriormente. Tais produções discursivas, oriundas de lugares de enunciação tão diversos, informam que o corpo transformado foi e continua sendo essencial para a (auto)identificação do sujeito travesti no Brasil.

2.3.2 Thina

Thina Rodrigues, 53 anos, é a travesti de Fortaleza que mais colaborou com trabalhos acadêmicos¹⁸⁷ sobre as experiências trans na cidade. Sua presença também é significativa nos meios de comunicação e nos eventos políticos-institucionais sobre as condições das travestis em Fortaleza, nos quais aparece como referência de militância.

Nasceu na cidade de Brejo Santo, Estado do Ceará. Quando tinha 17 anos, se mudou para Fortaleza com a “cara e a coragem” para “enfrentar a vida”. Os motivos da fuga e a escolha pela capital foram os mesmos que levaram Bianca e Amorim a deixarem suas cidades: “fugir” para evitar a violência dos pais e a “vergonha” que o fato de ser homossexual causava na família. Thina lembra que, quando sua família descobriu que ela era “homossexual”, “não podia mais ficar na cidade. O falatório ia ficar grande e minha mãe ia morrer de vergonha. [...] Então, pra minha mãe não me bater, eu fugi de casa. Aí, resolvi fugir pra Fortaleza. [...] Eu vim com a cara e a coragem”¹⁸⁸.

Depois de ter vivido muito sofrimento e humilhação nas casas e pensionatos onde viveu e trabalhou, Thina “melhorou de vida”, ao conseguir um trabalho em uma rede de supermercado de Fortaleza, o que possibilitou que ela dividisse um apartamento com um amigo, no Edifício Jalcy. Acabara de completar vinte anos e seu “lado homossexual”, que não tinha ainda “despertado”, encontrava lugar (bares e boates localizadas próximas daquele prédio) e a “turminha” ideais para sua iniciação na “fase homossexual”.

¹⁸⁷ COELHO, op. cit., 2006, 2012; GADELHA, 2009, op. cit.; NOGUEIRA, F., op. cit., 2009.

¹⁸⁸ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

Thina iniciou sua performance feminina como transformista, nos shows de dublagem e nos concursos de beleza realizados nas boates da Avenida Duque de Caxias, como Casa Blanca e Feitiço. Naquele contexto, assumiu o nome Tina Turner, o que revela uma de suas inspirações femininas, a cantora de rock e de *black music*, Tina Turner. Começou a se “montar para fazer show”.

Na mesma década, abandonou a “fase gay”, o trabalho em uma rede de supermercado, o sobrenome de transformista e começou a “virar travesti”, a trabalhar na “prostituição de rua”, oferecendo, posteriormente, seus serviços sexuais nos classificadores dos jornais da cidade, como o *Diário do Nordeste*. “Eu, assim, passei a ser travesti de verdade foi no primeiro programa que eu fiz. Foi quando eu comecei a decidir que eu ia virar travesti, que eu era travesti”,¹⁸⁹ revelou Thina.

“MacGyver”,¹⁹⁰ sobrenome que ganhou no período e que fazia alusão ao personagem-título da série norte-americana homônima, exibida no Brasil, entre os anos de 1980 e 1990, pela Rede Globo de Televisão, com o nome “Profissão Perigo”, parece explicar a sua desenvoltura no “universo” da prostituição e traduzir esse momento da vida de Thina.

Antes que os homossexuais masculinos ganhassem as páginas dos jornais de Fortaleza, com a fundação, em 1989, do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), primeira organização homossexual da cidade, e que a travesti Janaina Dutra se transformasse na “primeira travesti advogada do Brasil”, fundando a Associação de Travestis do Ceará (ATRAC), primeira associação de travesti de Fortaleza, em 2001, Thina já havia se apropriado da imprensa para denunciar os preconceitos e a violência policial contra as travestis, no mitológico evento de 1988, em que foi presa com outros homossexuais que frequentavam as boates e bares da Avenida Duque de Caxias,¹⁹¹ sobre o qual falaremos no terceiro capítulo.

¹⁸⁹ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

¹⁹⁰ Em entrevista à Revista *Entrevista*, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, Thina explicou: “Naquela época eu gostava de fazer shows. Eu fazia shows da Tina Turner e eu assistia muito ao seriado do MacGyver. Era muito legal o ponto da gente, as festas na (Avenida) Duque de Caxias, eram bares e bares. A gente ficava pulando de carro em carro, os carros paravam, levavam um bocado de travesti em cima, era animado. Então eram esses os perigos de que a gente gostava”. p. 40.

¹⁹¹ Retomarei esse acontecimento constantemente lembrado por Thina como fundante do início da sua militância travesti, no terceiro capítulo desta tese.

Na década de 1990, Thina Rodrigues começou a trabalhar no GRAB, como multiplicadora e educadora do Projeto “Travestis, prevenção e organização social”. Em 2004, depois da morte de Janaina Dutra, assumiu a presidência da ATRAC, atuando no trabalho de sensibilização e prevenção na pista.¹⁹² Atualmente, comprovando sua habilidade para a adaptação, Thina trabalha na Coordenadoria para Diversidade Sexual da Prefeitura de Fortaleza.

A trajetória de Thina é fundamental para entendermos as transformações que marcaram a recente história das experiências trans em Fortaleza. No que concerne a este trabalho, as narrativas de Thina são significativas, sobretudo, para a análise da construção da ideia de “travesti de verdade”.

Figura 14 - Thina



Fonte: Concursos de beleza são a festa na vida dos gays. **Diário do Nordeste**, 6 nov. 1988, p. 14.

¹⁹² Rua e outros locais (bares/cinemas) onde as travestis “fazem pontos”.

Nas falas de Thina, observa-se a produção de discursos sobre a travesti, cuja legitimidade encontra-se no corpo transformado com hormônios, que faziam a “personalidade feminina”.

Travesti não usava peruca, cabelo era cortado, tinha silicone, quadril largo, tinha peito grande. Entendeu? E as transformistas, você sabe que elas andam de peruca, hoje em dia, não, que já tem *interlaser* que não dá pra parecer que é peruca. Mas antes não tinha esse negócio de *interlaser*. Ou peruca, ou cabelo. Então a maioria tinha seus cabelos, então já sabia que era travesti. [...] O vício de silicone era tanto... Hoje, o pessoal luta sem saber que diabo você é. É travesti? Que antes, quem tivesse silicone, quem faz plástica, seio. Qualquer pessoa hoje em dia é travesti. Antes tinha um limite (pra) quem era ou quem não era.¹⁹³

Oliveira lembra, em sua etnografia sobre travestis de Salvador, escrita no início dos anos de 1980, que o processo de “modelagem” do corpo siliconado era um dos mais sofisticados e caros. Este era aplicado em forma líquida ou gelatinosa nas regiões dos seios, maçãs do rosto, quadris, queixo, testa e pernas. A pesquisadora cita o exemplo da travesti carioca Eloína, que, em entrevista ao jornal *Lampião da Esquina*, explicou como se dava a intervenção cirúrgica: “consiste numa bolsa que eles (os cirurgiões) colocam internamente nos seios e injetam o soro de silicone e é feito em quinze e vinte aplicações, não tem espécie nenhuma de reação e não é proibido”.¹⁹⁴

Ainda de acordo com Oliveira, o “uso do silicone médico” data da década de 1940, mas foi a partir dos anos de 1970 que seu uso se consolidou no setor de cirurgia plástica. Inicialmente usado em mulheres para casos de seios diminutos ou ausência total de seios, a pesquisadora explica que o silicone passou a ser o “líquido sagrado para o processo de inversão masculina”, sendo fundamental para o trabalho de “alteração de um corpo que, discretamente indefinido, vai ganhando

¹⁹³ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

¹⁹⁴ OLIVEIRA, op. cit., 1994, p. 72.

formas femininas, com seios inflados, quadris ampliados, evidências de cintura e aumento das maçãs do rosto”.¹⁹⁵

Todavia, ao contrário de Eloína, a maioria das travestis usava silicone industrial. Aplicado no rosto, quadril, coxas, pernas, braços, bunda, e, em alguns casos, no peito.

Prótese ainda nem se falava, ninguém tinha condição. Acho que naquela época nem existia, então existia só (como é que se diz) a injeção, a aplicação de silicone nos seios. Onde morreram várias, nessa tentativa. Porque elas não tinham, não tinha a caixa, né? Aí era arriscado, aí morria.¹⁹⁶

Assim como os hormônios apareceram na imprensa associados às travestis, que manipulavam a substância na busca da construção do corpo e da aparência feminina, o silicone industrial também surge relacionado à prática travesti, principalmente pelos riscos que representavam para a saúde. Em 1983, o jornal *O Povo* publicou a seguinte nota:

O silicone industrial é utilizado como cola de vidro e na fabricação de "shampoos". Cada litro custa Cr\$ 1 mil e 500. Ele é preferido pelos travestis porque é mais barato que o silicone medicinal, cujo vidro de 1 litro custa Cr\$ 7 mil. Para que ele possa ser injetado no corpo, principalmente, quadris, seios e maçãs do rosto, é misturado ao laxante nojol, tornando-se mais fino. Aplicado, ele pode se espalhar pelo corpo, causar feridas e dores, além de asfixiar.¹⁹⁷

Thina revela que um gay que quer ser travesti tem que passar pela “fase do silicone” e questiona: “Como é que vai modelar o corpo dele? Como é que ele vai querer ser mulher? Então, é um gay! É um gay de peito! É um gay de cabelo grande”.¹⁹⁸

¹⁹⁵ OLIVEIRA, op. cit., p. 72.

¹⁹⁶ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

¹⁹⁷ Travestis morrem com aplicação de silicone. *O Povo*, 19 mar. 1983, p. 13.

¹⁹⁸ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

As travestis tinham acesso ao silicone por intermédio de outras travestis. Rogéria afirmou que não existiam “bombadeiras” em Fortaleza, na década de 1970.

Não tinha bombadeira nos anos setenta. Bombadeira só surgiu aqui no Ceará no fim dos anos oitenta. Botar silicone numa bicha daqui, nos anos oitenta, tinha que viajar pro Rio. As bichas finas de lá que botavam, entendeu? Depois, foi que veio uma tal de Carlinha de Recife que veio bombar as bichas aqui. Já no fim de oitenta pra noventa. Pra tu vê como o Ceará era atrasado. Mas a bicha que queria colocar silicone tinha que viajar. Só tinha uma aqui no Nordeste, a Carlinha de Recife. Aí ela vinha. As bichas ligavam. Ela vinha e passava a semana na casa de uma. E saía bombando as bichas todinha daqui. Depois ia embora.¹⁹⁹

Thina conta que, em Fortaleza, no final da década de 1980,

sempre existiu esse negócio de silicone e de hormônio, entendeu? A gente comprava na farmácia e o silicone era clandestino, como sempre é, né?! Vinha de São Paulo, a maioria vem de São Paulo, e as bombadeiras bombavam. A gente ia pesquisando, ia atrás e as pessoas iam indicando quem bombava, quem não bombava, entendeu? Hoje em dia que é proibido, é isso e aquilo outro, tal e tal coisa. E a medicina proíbe e tal coisa. Só que elas nunca deixaram de se bombar.²⁰⁰

Sem condições financeiras para recorrer a outros tipos de intervenção, como implantação de prótese de silicone, ou, ainda, sem uma estrutura pública de saúde que possibilitasse acesso a essas intervenções em Fortaleza, as travestis recorriam às práticas clandestinas. As “bombadeiras”, categoria êmica utilizada para definir a travesti que dominava a técnica de aplicação do silicone líquido

¹⁹⁹ Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

²⁰⁰ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

industrial no corpo, transformaram-se em personagens fundamentais no projeto de “virar travesti”.

Ah, bombadeira já passou. Eram várias né?! Não posso citar nomes delas, é muito sério, entendeu? É como se você estivesse assumindo, estivesse delatando uma delas.

Sempre foi! Sempre foi proibido, então ninguém nunca dizia quem foi que bombou. A gente sempre mantinha o nome delas em sigilo, entendeu? Porque se a polícia pegasse, você também ia preso, como você vai também preso, se acontecer. Então, pôr silicone é uma coisa séria.²⁰¹

O conhecimento da técnica, assim como a identidade daquelas que a dominavam, estava restrito às redes de relações compostas pelas travestis. Envoltas em mistério e silêncio, “pacto de silêncio”, justificado pelo *status* ilegal e clandestino da prática, a aplicação de silicone pelas bombadeiras poderia ser enquadrada como crime de lesão corporal, conforme artigo 129 do Código Penal Brasileiro. Desse modo, as informações sobre as bombadeiras deveriam ser preservadas, como salientou Thina e como está presente na tradição etnográfica sobre o “universo trans”.²⁰²

Se as intervenções cirúrgicas traziam uma série de consequências para as travestis famosas, aquelas realizadas de modo quase artesanal eram ainda piores, implicando uma série de complicações, inclusive em mortes.²⁰³

²⁰¹ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

²⁰² SAMPAIO, Juciana de Oliveira. Reflexões sobre o uso de silicone líquido e sociabilidades entre travestis em São Luís (MA). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XV. **Anais...** 2011. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2188&Itemid=171>. Acesso em: 12 mai. 2015.

²⁰³ A partir do final da década de 1990, os danos, inclusive, mortes, causados pela aplicação clandestina de silicone passou a ser pauta do movimento organizado de homossexuais e travestis de Fortaleza. Uma das oficinas ministradas durante o XIX ENTLAIDS, realizado em Fortaleza, em 1999, teve o objetivo de fazer a discussão do silicone. A travesti Janaina Dutra, à época no GRAB, instituição que organizou o evento, revelou a preocupação: “E eu queria fazer essa discussão com as travestis, levando junto uma bombadeira oficial, para fazer tipos perguntas e respostas, tira dúvidas, mitos e verdades. Eu acho

Tinha 27 anos? Isso! Aí botei um litro e meio, tal coisa deu bem! A outra vez foi outro um litro e meio, aí me dei mal. Eu não sei se era o silicone ou se meu sangue estava sujo e tal. Aí tive problema com o silicone.

A maioria das pessoas tem problema com silicone devido ao sangue estar sujo. Porque você pode ter Aids, mas não pode ter sífilis, entendeu? A sífilis expulsa o silicone do corpo, porque ele não aceita. A Aids aceita o silicone, entendeu? Mas a sífilis não! E quando a gente bombava, assim, as meninas que moravam na minha casa, me perguntavam onde era indicado por mim pra se bombar. Eu mandava elas fazerem exame de sangue, uma alimentação bem... Entendeu? Frutas, essas coisas todas que era pra elas superar o silicone. Só que a maioria não faz isso entendeu? Faz do jeito que quer e faz, entendeu? A sociedade em si também, a sociedade e os médicos também, eles não sabem como lidar com o silicone! – Aí, mentira! – Eles estudam demais, mas eles não sabem! Não sabem, não. Aqui em Fortaleza, eles não sabem! Se você tem um problema de silicone, eles abrem sua pele todinha, fazem raspagem todinha. E quando vão costurar, parecem que estão costurando um fundo de rede, entendeu? E fica uma cicatriz horrível. Nem tira o silicone direito.²⁰⁴

Essas práticas de si parecem representar um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência, uma vontade de demarcação, um desejo de singularização e de alteridade, nas quais o corpo torna-se privilegiado, o lugar predileto de discurso. Elas apontam para novos modos de subjetivação e para as possibilidades de resistência que eles atualizam.

Na produção do saber travesti sobre o corpo, o silicone aparece como um problema de saúde, mas, sobretudo, tratado como uma questão

que seria legal, porque isso desmistifica, assim, do quanto que paga ao quanto que sofre e as recompensas que se tem”. VALE, op. cit., 2013, p. 247.

²⁰⁴ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

de beleza. Como definiu Thina, as “agulhadas da beleza” eram necessárias para o processo de diferenciação entre travestis, gays e transformistas, para “virar travesti de verdade”. Ainda que tenha surgido na imprensa como sinônimo de morte, danos corporais, prática ilegal, e, que, posteriormente, se transformasse em questão de saúde, surgindo como tema nas oficinas de “redução de danos” do uso de silicone das associações de homossexuais, para Thina, era uma fase fundamental para a produção do corpo e subjetividade travesti: “Você tinha que ter silicone. Se você não tivesse, você não era travesti. Então, você tinha que passar pelas agulhadas da beleza, pra você ser travesti. Não adiantava você ser bonita, não ter silicone, você não era travesti! Entendeu?”, concluiu Thina.

Na passagem do tempo das perucas para o tempo dos hormônios, surgiu uma nova estética da diferença sexual, que questionou a naturalidade do masculino e do feminino. Essa nova epistemologia visual, discursiva e corporal promoveu um curto-circuito no sistema de semelhanças e de oposições,²⁰⁵ definidor das anatomias sexuais masculinas e femininas; ou seja, de homens e de mulheres “de verdade”. Entre a vigilância e a espetacularização, cujos meios de comunicação são dispositivos privilegiados, o novo sujeito que surgiu – travesti – manipulou as verdades sobre corpo, sexo, sexualidade e gênero da mesma forma que manipulou hormônios e silicones.

Esse novo sujeito, invenção da mídia e da ciência, constituído por atos de repetição estilizada, será definido como sujeito fascinante-desejável – Rogéria e Roberta Close são exemplares. Mas, também, como sujeito anormal, o que demonstra a associação entre “travestismo” e “homossexualismo”, considerados patologias; “travestismo” e criminalidade, que atualizou a criminalização do disfarce; “travestismo” e monstrosidade, ambiguidade de gênero e “excesso” de sexualidade.

O sujeito travesti, que emerge de modo colorido dos bailes de carnaval, dos palcos das boates e dos teatros, espaços heterotópicos de inteligibilidade e de legitimação, tomado quase sempre como sinônimo de fascínio e de curiosidade, na medida em que vai deixando de ser considerado personagem e passa a assumir uma “identidade sexual” interpretada pelos dispositivos heteronormativos como fundada no desejo homossexual e nas transformações corporais, passa a ser considerado por essa mesma norma heteronormativa, como transgressor,

²⁰⁵ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos até Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

que oferece risco ao ordenamento da cidade, principalmente pela prática do *trottoir*, ou seja, da “prostituição de rua”.²⁰⁶

O “fenômeno Roberta Close”, como destacado no início deste capítulo e como veremos de modo mais demorado no capítulo seguinte, além de inaugurar um novo tempo, o tempo dos hormônios e da ciência, e de instaurar uma crítica radical à dualidade do gênero masculino e feminino ancorado em verdades biológicas, revela a teia discursiva em torno das experiências trans, sobretudo que o discurso de fascínio está atravessado pelo de estigma e abjeção.

Travestis, hormônios, corpos performatizados e corpos (in)visibilizados são indícios da gênese da sociedade farmacopornográfica em Fortaleza, no momento em que o país ensaiava seu retorno à democracia.

²⁰⁶ Perlongher utiliza a expressão “prostituição de rua” – em oposição à prostituição em “locais fechados” – para demarcar a prática/território analisados em sua etnografia sobre a prostituição viril em São Paulo nos anos de 1980. PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 51.

3. CAPÍTULO 2 “O FENÔMENO ROBERTA CLOSE” COMO ACONTECIMENTO-FARMACOPORNOGRÁFICO

Na passagem da década de 1970 para 1980, um novo sujeito sexual, (auto)denominado travesti, extrapolou o espaço das festas privadas, dos concursos de fantasia, apresentações teatrais e do carnaval; invadiu as ruas e os meios de comunicação dos centros urbanos, transformando-se em personagem público-midiatizada.

Se, no tempo das perucas, as pessoas “sabiam com quem estavam falando”,²⁰⁷ garantidas por um quadro de referência de gênero binário mais rígido, no tempo dos hormônios, que chamarei, a partir de agora, de tempo farmacopornográfico,²⁰⁸ “tudo ficou mais complicado”: as fronteiras do gênero e do público-privado se tornaram mais flexíveis.²⁰⁹ Como veremos neste capítulo, “o fenômeno Roberta Close”, como foi chamada na imprensa a repercussão em torno do ensaio da transexual carioca na revista *Playboy*, em 1984, é um ponto de inflexão desse processo de transformações.

Roberta Close é interpretada como acontecimento paradigmático dessa nova temporalidade e subjetividade farmacopornográfica. Como evento singular e imprevisível,²¹⁰ contribuiu para o desnudamento das tecnologias do sexo, gênero e corpo, permitindo, ainda, que as

²⁰⁷ Dizem que até Pelé se confundiu. **Playboy**, maio 1984, p. 96.

²⁰⁸ Especialmente aquelas presentes nas obras: PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008; _____, 2010.

²⁰⁹ Como mostra Carla B. Pinsky, a flexibilização das fronteiras do gênero na década de 1960/1970 multiplicou as imagens e representações acerca das mulheres e da feminilidade no Brasil. A emergência do sujeito travesti público-midiatizado não está dissociada desse processo de multiplicação do feminino na sociedade brasileira, analisado pela historiadora. Cf. PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: _____; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012b, p. 513-543.

²¹⁰ A interpretação do fenômeno *La Close* como acontecimento foi inspirada nas análises que François Dosse realizou do termo nas obras de Nora, Morin, Derrida, dentre outros. Em comum, os intelectuais analisados por Dosse pensaram o acontecimento como ruptura marcada pela irrupção do novo midiático. O novo midiático, que emerge a partir de *La Close*, está na sexualidade trans como espetáculo desestabilizador da ordem normativa do gênero e da cidade. Para a noção de acontecimento em tempo midiático, ver, especialmente: DOSSE, François. O acontecimento na era das mídias. In: _____. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Unesp, 2013, p. 257-334.

experiências trans extrapolassem os espaços temporários do carnaval e/ou fechados dos teatros e boates. Desse modo, os significados e sentidos históricos do acontecimento farmacopornográfico Roberta Close ultrapassaram o indivíduo Roberta Close. Tal acontecimento está indissociado do suporte midiático que o produziu e o difundiu.

La Close contribuiu para desestabilizar a norma do gênero, na medida em que confundiu as representações heternormativas, alicerçadas na ideia de homem e de mulher “de verdade” (embora Roberta Close tenha buscado se aproximar justamente de uma feminilidade representada pela “mulher de verdade”). Confusão²¹¹ do gênero.

O acontecimento *La Close*, contribuiu, também, para reorganizar antigas noções de público e de privado, uma vez que, através das controvérsias em torno do seu nome, e mesmo assumindo-se como transexual, a questão travesti e, de modo geral, a homossexual, ultrapassou, definitivamente, os espaços privados e temporários do tempo das perucas. As “sexualidades periféricas” entraram no centro da cena público-midiática.

Como veremos neste capítulo, tal proliferação discursivo-imagética em torno de *La Close*, que foi atravessada pela tentativa de decifrar o “verdadeiro sexo” escondido sob as “aparências confusas”²¹² da modelo, foi acompanhada da produção de enunciados de fascínio, mas também de estigma.

²¹¹ Em entrevista ao *Lampião da Esquina*, publicada em 1981, o escritor e militante homossexual francês, Guy Hocquenghem, observou que a “questão gay”, particularmente, interessante no Brasil, era a “questão do travesti”, sentenciando: “Revolucionário é o travesti”. Ao comentar as diferenças sexuais no Brasil, o autor do livro **A contestação homossexual** (1980) afirmou que havia certa “confusão sexual” atribuída à “ambiguidade brasileira”. Hocquenghem, porém, explicou que, em sua reflexão, o termo confusão – ao qual a experiência travesti era um exemplo –, não tinha um sentido pejorativo ou negativo, mas de “proliferação” e “riqueza”. Hocquenghem: “Revolucionário é o travesti”, *Lampião da Esquina*, ano 3, n. 37, junho, p. 06-07, 1981. Neste capítulo, precisamente, no tópico “La Close e a confusão do gênero”, analiso como o “fenômeno Roberta Close”, ao confundir o público sobre o masculino e o feminino “de verdade”, contribuiu para a proliferação de outros discursos sobre o gênero e a sexualidade em Fortaleza, e, de modo geral, no Brasil.

²¹² FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 83.

3.1 TEMPO DOS HORMÔNIOS, TEMPO FARMACOPORNOGRÁFICO: EXCITAÇÃO E CONTROLE

Criança bi-sexuada precisa ser operada; Topless causa tumulto no Rio; Conselho de censura veta dez filmes pornográficos; Televisão debate homossexualismo; Legalizado primeiro grupo de homossexuais do País; Cardeal condena as novelas da TV; Uma campanha feminina para acabar com a violência; Deflagrada guerra aos ambulantes; A sociedade não perdoa seus ex-doentes mentais; Ceará vai receber 300 mil turistas; TV Manchete estreia com imagem perfeita; Baile do América escolhe amanhã Rainha da Folia Gay deste ano; Médica cearense desenvolve nova técnica para a cirurgia plástica; Musculação: os riscos de um modismo; A escalada da pornografia no Ceará; A medicina muda o sexo, mas a mente ainda é problema; Sexo antes ou após o casamento já não importa; Bahia aprova dia do orgulho “gay”; Papa critica o prazer do sexo até para casais; Estudos garantem que homossexualidade não é doença; O jovem moderno busca novas formas para expandir as suas atitudes sexuais; Regulamentação do DIU divide os médicos; Repressão sexual prejudica entender o travesti; Farmácias clandestinas proliferam em Fortaleza; Público cearense esperava mais do manequim-travesti; Disque Amizade está em toda Fortaleza; Uma cura para cada caso de impotência; Primeiro bebê de proveta do país é menina; A dependência ao tóxico no Brasil; Coração de plástico salva norte-americano; Morre nos EUA o “pai” da pílula; Identificado o vírus da AIDS; Papa condena divórcio e aborto; Ney Latorraca travestido de uma elegante mulher; BRASILSAT: a conquista do espaço; Campanha contra o aborto choca opinião pública; Homens unem-se às mulheres e protestam contra violência; Prossegue agonia: Máquinas mantêm Presidente [Tancredo Neves] vivo; Moradores protestam contra motéis em áreas residenciais; Travesti assalta; Orgasmo: direito da mulher à sexualidade do corpo; Machões contra-atacam; AIDS faz vítimas em Fortaleza; Hemoce não aceita sangue de homossexuais; Liberdade na TV para os travestis; Pesquisadores produzem pele humana artificial; Impotência masculina intimida o homem moderno; Mudança de costumes gera aumento de doenças venéreas; Prostituição e lenocínio crescem no centro da cidade; Estética “Rambo”: a hora e a vez dos bíceps e músculos; Carnaval: a questão do nu feminino; Constituinte: porta aberta para a legalização do aborto; Doadores homossexuais contestam discriminação; Operação médica em transexuais; Sangue gay é

*rejeitado por norma de saúde; Reagan quer acabar com pornô que rende 8 bilhões de dólares; Na França, o sexo já é por computador.*²¹³

As manchetes em destaque são indícios das conexões entre as novas tecnologias do sexo, gênero e corpo e a constituição dos processos de subjetivação em Fortaleza, no tempo farmacopornográfico. Ao estamparem as páginas dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, elas revelam o lugar estratégico da imprensa na produção e circulação de saberes-poderes farmacopornográficos na cidade. Essas manchetes; o corpo de Rogéria, construído em Paris; os peitos hormonizados e siliconados das travestis de Fortaleza; o “fenômeno Roberta Close”, ou seja, o sujeito travesti público-midiatizado, são indícios e efeitos do regime farmacopornográfico em Fortaleza.

De acordo com Paul B. Preciado, a era farmacopornográfica caracteriza-se por ser um novo regime de saber-poder-subjetivação, que emergiu na década de 1970, entre a as ruínas do modo de produção e consumo fordista e a ascensão das indústrias bioquímicas, eletrônicas, de informática e de comunicação. Essa nova temporalidade, produtora de novas subjetividades, corresponde a uma nova economia pós-sociedade disciplinar. Conforme Preciado:

La mutación del capitalismo a la que vamos a asistir se caracterizará no sólo por la transformación del sexo en objeto de gestión política de la vida (como ya había intuido Foucault en su descripción "biopolítica" de los nuevos sistemas de control social), sino porque esta gestión se llevará a cabo a través de las nuevas dinámicas del tecnocapitalismo avanzado.²¹⁴

A sexualidade transformou-se no centro da atividade política e econômica na era farmacopornográfica. Preciado aponta que se constituíram como parte desse programa biopolítico da sexualidade: a inauguração de dezenas de centros de investigação sobre a sexualidade no Ocidente; os Relatórios Kinsey²¹⁵ sobre a sexualidade do homem e

²¹³ As manchetes foram destacadas das edições dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, da década de 1980.

²¹⁴ PRECIADO, op. cit., 2010, p. 27.

²¹⁵ As pesquisas que Alfred Kinsey publicou sobre o comportamento sexual do homem no livro *Sexual Behavior in the Human Male* (Philadelphia, PA: W.B.

da mulher norte-americano/a; os protocolos de Robert Stoller, criador do conceito de identidade de gênero;²¹⁶ a comercialização da progesterona e do estrógeno; a invenção da pílula anticoncepcional; a criação do termo "gênero", por John Money;²¹⁷ o "fenômeno transexual" de Harry Benjamin, dentre outros. Tais arquiteturas, pesquisas e substâncias se converteram em próteses, performances, ou melhor, em tecnologias que (des)constroem as tecnossexualidades, os tecnôgêneros e os tecnocorpos²¹⁸ – expressões criadas por Preciado – farmacopornográficas.

Embora Preciado reflita sobre a sociedade farmacopornográfica a partir dos contextos europeus e norte-americanos, essa nova temporalidade e subjetividade se configuraram no Brasil, certamente com peculiaridades tropicais. A emergência do sujeito travesti público-midiatizado é um dos seus indícios e efeitos.

No Brasil, a gênese do regime farmacopornográfico coincide, embora não se confunda, com o declínio do período ditatorial militar e da redemocratização do país. Entre ruínas e promessas, os modelos tradicionais associados ao masculino e ao feminino, assim como os estereótipos de gênero e de raça, foram questionados e fissurados. Seja

Saunders), em 1948, e da mulher, *Sexual Behavior in the Human Female* (Philadelphia, PA: W.B Saunders), em 1953, ficaram conhecidos como *Relatório Kinsey*. A obra **A conduta sexual da mulher** foi publicada, no Brasil, em 1954, pela editora Atheneu, tendo sido reeditada em 1967. Para uma análise crítica do Relatório Kinsey, ver: SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite**: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

²¹⁶ Deste psiquiatra e psicanalista norte-americano, foram publicadas, no Brasil, as obras **A experiência transexual** (Imago, 1982); **Masculinidade e Feminilidade** (Artes Médicas, 1993); **Observando a imaginação erótica** (Imago, 1998). Para uma abordagem crítica do pensamento de Stoller, ver: BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006; ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades**: a emergência de novas identidades políticas e sociais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

²¹⁷ O livro **Os papéis sexuais** (Brasiliense) deste psicólogo, em parceria com Patrícia Tucke, foi lançado no Brasil em 1981. Para uma abordagem crítica do pensamento de Money, ver: BENTO, ibidem; ÁVILA, ibidem.

²¹⁸ Expressões criadas por Preciado. PRECIADO, op. cit., 2008.

pela emergência das novas tecnologias produzidas e difundidas pela ciência e pela mídia, seja pela atuação dos movimentos brasileiros (com suas conexões internacionais), feminista,²¹⁹ negro²²⁰ e homossexual.²²¹ Estes últimos assumiram uma visibilidade e uma politização público-midiática sem precedentes no tempo farmacopornográfico.

No mesmo período, os meios de comunicação se expandiram no país, que assistiu à consolidação da hegemonia da Rede Globo de Televisão no cenário nacional,²²² o que contribuiu para que os discursos críticos sobre a sexualidade produzidos pelos movimentos citados anteriormente circulassem nacionalmente. O surgimento do *Lampião da Esquina*, primeiro jornal homossexual brasileiro, no final dos anos de 1970, e também as conversas matinais de Marta Suplicy sobre sexo, no programa TV Mulher, da Rede Globo, e a coluna semanal sobre feminismo de Rose Marie Muraro, no jornal *O Povo*, na década de 1980, inseriram-se nesse contexto de expansão midiática, de visibilização-politização das mulheres e dos homossexuais, que flexibilizaram as fronteiras nacional-local, público-privado e, também, de gênero-sexo-corpo.

²¹⁹ Para a atuação das feministas brasileiras e suas conexões com outros países, especialmente, latino-americanos, na época da ditadura militar, ver: PEDRO, Joana. M.; WOLFF, Cristina Scheibe. As dores e as delícias de lembrar a ditadura no Brasil: uma questão de gênero. **História Unisinos**, v. 15, p. 398-405, 2011; PEDRO, Joana Maria. Os feminismos e os muros de 1968 no Cone Sul. **CLIO**. Série História do Nordeste (UFPE), v. 26, p. 59-82, 2009; WOITOWICZ, K. J.; PEDRO, Joana. M. O movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo. **Espaço Plural** (Unioeste), v. 21, p. 43-56, 2009.

²²⁰ Para uma história do movimento negro brasileiro surgido no regime militar e suas conexões com as lutas pela libertação das colônias portuguesas na África e pelos direitos civis dos/as negros/as nos EUA, conferir: ALBERTINI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo (Orgs.). **Histórias do movimento negro no Brasil**. Rio de Janeiro: PALLAS, 2007.

²²¹ Para a formação do primeiro grupo homossexual brasileiro, o Grupo Somos de Afirmação Homossexual, fundado em 1978, na cidade de São Paulo, buscar: MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "Abertura"**. Campinas: Unicamp, 1990. Para uma análise recente da atuação dos homossexuais durante a ditadura militar, ver: GRENN, James N.; QUINALHA, op. cit., 2014.

²²² Em Fortaleza foram lançadas a TV Verdes Mares, em 1970, e a TV Cidade, em 1981.

A sexualidade transformou-se em assuntos político e econômico. As situações e personagens homossexuais, travestis e transexuais, invadiram a cena pública, política e midiática brasileira.²²³ O escritor e militante homossexual João Silvério Trevisan²²⁴ chamou esse momento, em que as homossexualidades assumiram uma visibilidade inédita no país, de “boom guei” e da “bicha eletrônica”.

A “bicha eletrônica” marcou presença na televisão, como jurada do *Cassino do Chacrinha* (Rogéria e Roberta Close); como estrela dos shows de transformistas do *Clube do Bolinha*; como protagonista de programas femininos e de entrevista (Clodovil Hernandez, no *TV Mulher*, da TV Globo; Roberta Close, no *Programa de Domingo*, da TV Manchete, e Rogéria, no sofá de Hebe Camargo, na TV Bandeirantes e no SBT). Essas novas personagens ganharam destaque, ainda que de modo estereotipado, em programas humorísticos (“Capitão Gay”, interpretado por Jô Soares, no *Viva o Gordo*, da TV Globo; “Painho”, vivido por Chico Anísio, em *Chico City*, na mesma emissora de televisão), e em telenovelas brasileiras.

Com o incentivo dos meios de comunicação – apesar da censura militar –, o processo de mercantilização e de politização das experiências homossexuais e trans se transformou em rotina, estimulando a curiosidade do público.²²⁵ As homossexualidades e “universo trans” haviam se constituído em parte integrante da vida política e econômica do país e já não dependiam exclusivamente da festa carnavalesca para ganhar visibilidade, como no tempo das perucas.

²²³ Lembro, ainda, a importância, nos anos de 1970, do surgimento, no campo das artes, de uma série de produções que questionaram os padrões de gênero ao flertar com a androgenia ou ao dar visibilidades às práticas homoeróticas: os espetáculos apresentados pelo grupo teatral/musical *Dzi Croquettes*, a partir de 1972; peças teatrais; obras literárias, publicadas no ano de 1975, como **Histórias de amor maldito** e **Os solteirões** (Gasparino Damata), **Primeira carta aos andrógenos** (Darcy Penteadado) e **Testamento de Jônatas deixado a David** (João Silvério Trevisan); a música tropicalista de Caetano, Gil, Gal e Bethania e a teatralidade musical de Ney Matogrosso. Além dos ídolos internacionais da juventude como Alice Cooper, David Bowie, Lou Reed, Mick Jagger e outros. FIGARI, op. cit., 2007, p. 413-414; MACRAE, op. cit., 1990, p. 33.

²²⁴ Trevisan discute essas transformações históricas nos capítulos “... E aconteceu o boom guei” e “E com vocês: a bicha eletrônica”. TREVISAN, op. cit., 2011.

²²⁵ TREVISAN, *ibidem*, p. 305.

Os homossexuais e travestis também se tornaram mais visíveis nas ruas e nos meios de comunicação de Fortaleza no tempo farmacopornográfico. O sucesso do espetáculo teatral *Metamorfose*, composto por atores travestis e transformistas;²²⁶ a abertura das primeiras boates gays, como a boate *Casablanca*, conhecida pelos *shows* de transformistas e de travestis;²²⁷ a expansão do Concurso *Miss Gay Ceará*, que ocupou o palco do Teatro José de Alencar, onde também se apresentaram o grupo *Metamorfose* e as travestis Rogéria, Roberta Close e Jane Di Castro; a produção literária de Gilmar de Carvalho;²²⁸ a criação do GRAB;²²⁹ o “fenômeno Roberta Close” e as visitas da modelo à Fortaleza²³⁰ indicavam que os tempos eram outros. A despeito das críticas e das resistências, os homossexuais, travestis e transexuais se tornavam mais familiares também na capital cearense.

A imprensa transformou-se em palco de discussão em torno da sexualidade, que, em muitos casos, apareceu como sinônimo de pornografia.²³¹ Como lembra Luciana Klanovicz, a década de 1980 não

²²⁶ Para a importância do grupo *Metamorfose* na cena artística trans de Fortaleza, ver: COELHO, op. cit., 2012; BORGES, Ed. **Trans olhares**: Histórias de vida de pessoas trans em Fortaleza. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

²²⁷ Juliana Justa recuperou a história das primeiras apresentações trans em boates de Fortaleza, a partir de entrevistas com donos de boates e com os/as artistas transformistas e travestis da cidade. COELHO, op. cit., 2012.

²²⁸ Nas obras **Queima de arquivo** (1983) e **Buick frenesi** (1985), Carvalho traz algumas personagens e situações da cena homossexual e travesti de Fortaleza.

²²⁹ Para uma análise da criação do GRAB, ver: FERREIRA, Daniel Rogers de Souza. **Ousar dizer o nome**: movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará. 2003. 106f. Monografia (Especialização). Curso de Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2003.

²³⁰ Nos anos de 1980, Roberta Close esteve em Fortaleza em duas ocasiões. Na primeira, em 1984, fez *show* no “Recreio Clube de Campo” e na boate “Tropicana” (**O Povo**, 4 ago. 1984, p. 14); na segunda vez, em 1987, apresentou-se no Teatro José de Alencar, com a peça “Uma vez por semana” (**Diário do Nordeste**, 8 abr. 1987, p. 2).

²³¹ Lynn Hunt lembra que o termo pornografia emerge como categoria legal e artística na Europa Ocidental, no século XIX, embora algumas noções sobre o mesmo estivessem esboçadas nos séculos anteriores, especialmente, na Itália (século XVI), na França e na Inglaterra (séculos XVII e XVIII). Entre o Renascimento e a Revolução Francesa, o termo surgiu lentamente, como categoria distinta, graças ao nascimento da imprensa e às possibilidades de

foi marcada somente pela constituição e pela ampliação da opinião pública voltada aos temas da participação política e da liberdade de expressão, ecos do processo de redemocratização do país, mas pelos discursos sobre o erotismo.²³² A abertura-excitação redemocrática foi acompanhada por tentativas de censura-frustração, revelando que os mecanismos de censura da ditadura militar brasileira continuavam permeando a visibilidade pública de algumas questões.

Mais do que informar, a imprensa atuou na tentativa de regulação da visibilidade pública da sexualidade, de modo que sua vontade de saber se tornou inseparável da vontade de controle. A circulação, na imprensa de Fortaleza, de discursos em torno da legalização das obras consideradas pornográficas revela que a definição de pornografia que atravessava, de modo geral, a imprensa no tempo farmacopornográfico não esteve relacionada somente ao conteúdo das obras, mas, sobretudo, à sua publicização nos espaços públicos.

Em 1985, por exemplo, o jornal *Diário do Nordeste* repercutiu, em reportagem de página inteira, a polêmica em torno do projeto de lei do vereador protestante Gabriel Ortega, do Rio de Janeiro, que pretendia proibir títulos, dizeres e *outdoors* “obscenos que promovam filmes pornográficos e/ou os de sexo explícito” em locais vistos pelos transeuntes. Os “famosos” cartazes das películas eram afixados na entrada dos cinemas para “excitar” e “atrair os consumidores”.

Confeccionados em cores berrantes, onde o preto, o vermelho e o amarelo revezam-se na coloração de títulos como “O Viciado em C...”; “Taradas no Cio”; “Bobeou... Entrou”; “A Mansão do Sexo

reprodução gráfica proporcionadas por esta. Se, durante os séculos XVI e XVIII, as obras consideradas pornográficas expressavam crítica à ordem estabelecida (autoridades eclesásticas e seculares), aproximando-se da sátira política, a partir do final do século XVIII e início do XIX, Hunt esclarece que elas passaram a representar ameaça à decência, consolidando-se como negócio. Conforme a historiadora, a pornografia moderna revela algumas das mais importantes características da cultura moderna. HUNT, Lynn. Apresentação. In: _____. (Org.). **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999, p. 9-49.

²³² KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. **Erotismo na cultura dos anos 1980: censura e televisão na Revista Veja**. 2008. 303f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

Explícito”; “O Orgasmo de Miss Jones”; “As Taras do Sexo Sujo”; “Põe Devagar”; “Convento das Taras” e outras preciosidades do gênero, estes cartazes, que ainda reforçam os seus óbvios títulos com ilustrações e fotos que tiram qualquer dúvida quanto à natureza do espetáculo ali exibido, estão agora na ordem do dia e das discussões.²³³

Os comerciais que recorreram à nudez feminina para anunciar produtos e a exibição em canal aberto de filmes considerados pornográficos, como *Último tango em Paris*,²³⁴ também foram temas de discussão e de tentativa de interdição nas folhas de Fortaleza. Em torno das controvérsias desencadeadas pela “nudez na telinha”, por exemplo, os comerciais da Calvin Klein Jeans e das duchas Lorenzetti, nos quais a nudez, o erotismo²³⁵ e as insinuações do sexo foram utilizadas com

²³³ MACHADO, Ana Lucia. Guerra aberta aos cartazes dos filmes pornográficos. **Diário do Nordeste**, 9 mar. 1985, p. 15.

²³⁴ *LE DERNIER Tango à Paris*. Direção de Bernardo Bertolucci, produção de Alberto Grimaldi. França: Les Productions Artistes Associés, 1972.

²³⁵ Conforme Gregori, a distinção entre erotismo e pornografia reproduz uma série de sequências opostas e binárias como arte versus comércio; filosofia versus necessidades “chãs”; reino de certa transcendência versus “crua” imanência; e, ainda, consentimento versus exploração e alienação. A pesquisadora lembra, em diálogo com Lynn Hunt, que, desde o Renascimento, estabeleceu-se uma associação entre o erotismo e os exercícios do espírito, ao mesmo tempo em que pornografia significaria a “contraparte empobrecida ou degradada, ou melhor, ela diria respeito aos materiais (imagens, escritos, objetos) produzidos no âmbito do mercado, que visam ao lucro imediato, envoltos numa aura de vulgaridade e de desrespeito a direitos”. Tal associação entre erotismo e indagações eruditas, por um lado, e pornografia e mundo mercantilizado e massificado, por outro. Esta distinção orientou alguns discursos sobre erotismo/pornografia em Fortaleza. Para os publicitários, o erotismo aparece diferente da pornografia, pois, enquanto o primeiro era colocado como algo “saudável”, a segunda era relacionada ao “excesso” e à “apelação”. Maria Filomena Gregori e Maria Elvira Díaz-Benítez lembram que essas definições estão atravessadas por juízos e avaliações de ordem moral, procedimento que fica visível no uso recorrente de termos como vulgar, obsceno, baixo, desvio e transtorno. Todavia, do ponto de vista teórico, as pesquisadoras afirmam que “não faz sentido estabelecer uma distinção entre erotismo e pornografia”. GREGORI, Maria Filomena. Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo. **Cad. Pagu**, n. 38, p. 55,

“relevância pelos criadores”,²³⁶ foi mobilizada uma rede discursiva composta por publicitários, psiquiatras, jornaleros, membros da Igreja Católica e leitores/as.

Enquanto alguns publicitários cearenses se colocaram a favor do erotismo nas propagandas, desde que, sem “excesso” e “apelação”, Dom Aluísio, Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, afirmou, no jornal *O Povo*, que havia chegado a hora de “dar um basta” à “imoralidade” das propagandas apresentadas pela TV e pelos outros meios de comunicação.²³⁷ De acordo com o Arcebispo, a História havia ensinado que os povos que se abateram começaram por ceder diante dos apelos aos mitos do prazer e do poder.

Dias depois, o mesmo periódico apresentou um levantamento dos comerciais alvos de críticas²³⁸ (as duchas para banheiro, que teriam originado os protestos, não deixaram de figurar na relação). A reportagem de página inteira, ilustrada por imagens com cenas das polêmicas propagandas, recuperava o argumento do Arcebispo Metropolitano, publicado dias antes em *O Povo*, de que o mito do prazer e do poder enfraquecia a sociedade.

Gilmar de Carvalho, que, além de escritor, era professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), oferecia um contraponto à opinião do Arcebispo. De acordo com Carvalho:

Estamos saindo, entre aspas, de um período autoritário, pelo menos, de uma fase mais negra, quando filmes, músicas e livros foram mutilados e censurados. Este veio erótico que a propaganda está tomando é mais uma forma de respirar. Creio que passada esta fase de readaptação, tudo volte ao normal.²³⁹

2012; GREGORI, Maria Filomena; DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira. Apresentação. **Cad. Pagu**, n. 38, p. 07-12, 2012.

²³⁶ LUNA, Regina. A nudez na telinha da TV. **Diário do Nordeste**, 4 dez. 1985, p. 17.

²³⁷ Dom Aloísio condena o apelo erótico. **O Povo**, 16 jan. 1986, p. 8.

²³⁸ PAIVA, Flavio. A nudez nas propagandas e o mito do poder e do prazer. **O Povo**, Segundo Caderno, jan. 1986, p. 3.

²³⁹ Idem.

Carvalho lembrou que as palavras de Dom Aluísio estavam “impregnadas da ideia moralista de pecado”. O professor não deixou de criticar também os publicitários, afirmando ser lamentável que estes utilizassem as mulheres para vender produtos não relacionados com seu corpo. Na opinião do escritor, esta era uma estratégia conservadora, que seria revertida com as transformações do lugar das mulheres na sociedade.

A escalada da pornografia no Ceará²⁴⁰ foi interpretada pela imprensa como evidência de que a cidade e os costumes estavam se transformando. Entre as experiências descritas nos romances não publicados de Manoel Amorim (tempo das perucas), e a “Geração Roberta Close” (farmacopornográfico), o sexo havia virado moda em Fortaleza.²⁴¹

O consumo de revistas, fitas VHS, comerciais e outros produtos classificados como pornográficos, além da frequência aos cinemas que subsistiam à base de programação composta de filmes pornôs,²⁴² sugeria, para alguns, que Fortaleza havia mudado em termos de comportamento. Parafraseando a leitura do psiquiatra e escritor cearense Airton Monte a respeito do “fenômeno Roberta Close”, o sexo estava nas capas das revistas, nas telas das tevês, nos jornais, nas mentes e nas bocas do povo.²⁴³

Há quem diga que o erotismo predomina em Fortaleza. E que, de repente, o sexo virou moda aqui também. E justifique isso tudo relacionando o número crescente de motéis, casas de massagens, lojas de sexo, procura intensa de filmes eróticos nos vídeo-clubes da cidade, afora a fila de interessados às salas exibidoras de títulos pornográficos. A venda de revistas especializadas

²⁴⁰ A escalada da pornografia no Ceará. **Diário do Nordeste**, 30 mai. 1984.

²⁴¹ De repente, o sexo vira moda na terra de Iracema. **O Povo**, fev. 1986.

²⁴² Vale observa que as salas especializadas em filmes pornográficos surgem, em Fortaleza, no momento de “desmoronamento” do centro da cidade, enquanto local de lazer para determinadas camadas sociais. “Depois de meados da década de 1980, o lazer cinematográfico *do centro* [grifo do autor] da cidade passa a dar sinais de crise devido ao aumento da violência urbana e das possibilidades encontradas nas salas dos bairros de classe média e alta da cidade”. VALE, op. cit., 2012, p. 60.

²⁴³ MONTE, Airton. Quem tem medo de Roberta Close?. **Diário do Nordeste**, DN Cultura, 8 jul. 1984, p. 4.

seria outro motivo para tal afirmação. Há até os que citam a existência de “coisas mais arrojadas”, como um clube fechado para troca de casais. Na verdade, ele existe mesmo.

A terra de Iracema estaria evoluindo, pensam uns poucos. A cabeça do fortalezense estaria mais liberal, apontam outros. Mas há também os que vêem nisso tudo excesso de permissividade.²⁴⁴

Ao mesmo tempo em que a visibilidade público-midiática em torno do sexo e da sexualidade foi interpretada como sinal dos novos tempos, também foi encarada como um “excesso de permissividade”. Essa era a opinião de um promotor de Justiça, o qual criticou, na imprensa, a “avalanche de permissivismo moral” que se alastrava pelo Brasil e a falta de uma “devida repressão” por parte do Governo, do Ministério da Justiça e da CNBB.²⁴⁵

José Benevides criou, à época, o neologismo “pornofonografia” para descrever o momento de proliferação discursiva em torno do sexo. A nova palavra foi definida como sinônimo de prostituição e “devassidão da fala e da escrita”, sendo utilizada para descrever, nominar e combater a “avalanche de permissivismo moral”.²⁴⁶ Na pornofonografia, os meios de comunicação assumiram um duplo papel: foram percebidos como instrumentos pedagógicos na luta pela “educação do povo brasileiro”, mas foram acusados de incentivar a pornografia. A televisão brasileira, que, na opinião de Benevides, “deveria ser um instrumento de cultura, de educação, de formação cristã e de sadia diversão”, foi considerada, pelo autor, “esgoto de uma sentina moral, com seus programas levianos e suas novelas pervertedoras”.²⁴⁷

Tal como o vereador do Rio de Janeiro e o promotor de Justiça de Fortaleza, Benevides defendeu uma cruzada para conter a “inflação aviltante de libertinagem e de despudor que está reduzindo a gente brasileira à condição de povo bárbaro, sem progresso verdadeiro e sem civilização”.²⁴⁸

²⁴⁴ Idem.

²⁴⁵ Idem.

²⁴⁶ BENEVIDES, José. *A pornofonografia. O Povo*, 1985.

²⁴⁷ As travestis foram permitidas a aparecem na televisão brasileira somente no fim da década de 1970 e início dos anos de 1980.

²⁴⁸ BENEVIDES, op. cit., 1985.

É preciso por um freio, ainda que pela força, a essa libertinagem pornofônica e pornográfica que assola a Nação como vendaval destruidor, através do cinema, das novelas de televisão, das modas impudicas e das revistas e publicações que ensinam a imoralidade e estimulam o baixo erotismo, ferindo a dignidade das pessoas que ainda não perderam a crença em Deus e o senso do mal.²⁴⁹

Mais do que o conteúdo considerado pornográfico das obras, o que estava em questão nesse embate-debate era a visibilidade público-midiática da sexualidade, assim como suas estratégias de controle.²⁵⁰ O objetivo dos projetos e campanhas que tiveram como alvo as obras consideradas pornográficas não era somente proibir as práticas “imorais” ou “desviantes”, há muito inseridas no circuito do comércio de Fortaleza, mas controlar a visibilidade público-midiática das “sexualidades periféricas”, a fim de restringi-las ao “escurinho do cinema”, às páginas internas das revistas e ao quarto do casal (heterossexual).

Na tentativa de gestão farmacopornográfica das “sexualidades periféricas”,²⁵¹ encontram-se resquícios do discurso dos censores do

²⁴⁹ BENEVIDES, *ibidem*.

²⁵⁰ Em 1986, o *Diário do Nordeste* destacou o abaixo-assinado, com 150 mil assinaturas, que pedia o “fim da pornografia e do erotismo na televisão”. O documento enviado ao Governo Federal insere-se no contexto de mobilização nacional promovido pela Campanha Nacional contra o Erotismo. Em Fortaleza, tal campanha foi deflagrada pela Renovação Carismática Cristã do Ceará, com o apoio da Igreja Católica. Pornografia na TV: uma nova guerra santa. **Diário do Nordeste**, 5 mar. 1986, p. 15.

²⁵¹ O dispositivo da sexualidade não atravessou somente os corpos de homossexuais e travestis; ele também buscou governar os corpos dos adolescentes e das mulheres. Esses últimos também foram alvo de intervenção da gestão da sexualidade, seja através de discursos de proteção às Doenças Sexualmente Transmissíveis, seja das técnicas para evitar a gravidez na adolescência, seja, ainda, das condenações da prática do aborto. A sexualidade dos homens heterossexuais, por sua vez, foi pouco discutida, exceto quando o assunto era impotência sexual. Tal invisibilidade da sexualidade masculina talvez esteja no fato de o corpo masculino aparecer historicamente como sem problemas e estável, em oposição ao feminino, que está sempre constituído, como observou o historiador Thomas Laqueur.

regime militar, da Divisão de Censura, que consideravam “obscenos” e “atentados à moral e aos bons costumes” as obras que retratassem “em pleno detalhe, imagens de penetração vaginal ou anal, ejaculação externa, cunilíngua, felação, homossexualismo, triolismo, bestialidades e outras perversões sexuais”.²⁵² E, ainda, a presença de certa moral católica cristã,²⁵³ que sobrevive e se atualiza no processo de redemocratização do país.²⁵⁴ Como veremos no próximo tópico, através do “fenômeno Roberta Close” e do dispositivo do estigma travesti, os resquícios da censura militar e da moralidade religiosa católica continuaram projetando sobre as “sexualidade disparatadas”²⁵⁵ imagens ligadas ao perigo, à ameaça e à desordem (do gênero e da cidade).

Todavia, mais do que o debate em torno da liberação e repressão do erotismo na cultura de mídia brasileira, as folhas de Fortaleza informam a constituição de uma nova temporalidade e subjetividade farmacopornográfica do gênero, da sexualidade e do corpo. Ora, se a hipótese repressiva da sexualidade não se aplica à sua emergência na modernidade, como observou Foucault,²⁵⁶ aplica-se menos ainda à sociedade farmacopornográfica.

²⁵² A pornografia no cinema e na TV. **O Povo**, jan. 1986, Caderno Domingo, p. 6.

²⁵³ “Todas as iniciativas que visem fortalecer o sexto mandamento da Lei de Deus que ensina a não pecar contra a castidade merece todo o nosso respeito”, dizia Monsenhor André Camurça, de Fortaleza.

²⁵⁴ Em 1984, o jornal *O Povo* mostrava-se crítico ao posicionamento do Papa João Paulo II, que condenou a atividade sexual fora do casamento, defendendo que esta deveria existir com o objetivo da procriação. De acordo com o periódico, “não é a primeira vez que o Papa recrimina a sexualidade das pessoas, várias proibições têm sido feitas, como a masturbação. Mas, somente o povo pode dizer de suas necessidades e de seus sentimentos [...]”. O que o povo pensa de: sexualidade. **O Povo**, 22 jul. 1984, p. 07.

²⁵⁵ FOUCAULT, op. cit., 2009, p. 39.

²⁵⁶ De acordo com Foucault, os séculos XVIII e XIX foram marcados pela incitação política, econômica, técnica que colocou o sexo em discurso. Nesse período, uma série de dispositivos – da nova pastoral cristã à *scientia sexualis* – foram criados de modo a incitar uma produção discursiva que colocou o sexo e a sexualidade como questões centrais. O que estava em jogo – histórico, político, teórico – não era a repressão às “sexualidades periféricas”, mas seu controle, gestão e administração. De acordo com o filósofo-historiador, “do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e

Nesta nova temporalidade e subjetividades, o pornográfico assumiu visibilidade como sexualidade transformada em espetáculo, em representação pública e comercializável, que adquire o estatuto de pornografia a partir do conteúdo considerado obsceno, sobretudo, por colocar em marcha o devir-público daquilo que se supunha privado.²⁵⁷

Como veremos adiante, nas críticas da colunista Regina Marshall à Roberta Close e à visibilidade homossexual nos meios de comunicação, não estava em questão somente o fascínio em torno do modelo, mas a crescente visibilidade pública dela e de homossexuais e travestis na sociedade. Marshall reagia a um novo tempo, no qual o “confinamento dos homossexuais nos salões de beleza” foi tomado pela visibilidade do “terceiro sexo” e do “resto” em “todos os setores da sociedade”.

Desse modo, a sociedade farmacopornográfica se confunde com a “Geração Roberta Close”, esta última expressão cunhada por Marshall em uma de suas colunas. As fotos de Roberta nua, na revista *Playboy*, sua repercussão nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* e o discurso injurioso de Marshall são teias dessa mesma trama-tempo farmacopornográfico. Colocação discursiva que revela técnicas polimorfos do poder, a vontade de saber e vontade de controle.

Como veremos a seguir, *La Close* revelou que homem e mulher são tecnossexos e tecnogêneros. *La Close* escancarou, através dos meios de comunicação, o universo homossexual e trans, até então reservados aos espaços privados. Finalmente, *La Close* deixou à mostra os discursos estigmatizantes escondidos sob o discurso de fascínio. De tal modo, que não podemos pensar na emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza sem problematizar o dispositivo do estigma travesti, questão analisada no próximo capítulo deste trabalho.

institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou”. FOUCAULT, op. cit., p. 39.

²⁵⁷ Preciado compreende o dispositivo pornográfico como virtual masturbatório; sexualidade transformada em espetáculo comercializável; teletecn masturbatória; espetáculo da indústria cultural, extensão dos espetáculos populares (circos, *freak shows*, feiras de jogos e parques temáticos etc.); questão de encenação, teatralização e iluminação, mais do que de conteúdo; produz a indústria do sexo; o sexo é performance, representação pública, processos de repetição social politicamente regulados; produz uma compressão popular segundo a qual a ejaculação é a única verdade; diz a verdade sobre o sexo, na medida em que o revela enquanto performance. PRECIADO, op. cit., 2008, p. 179-184.

Porém, antes da análise da construção desse estigma, vejamos o acontecimento *La Close*.

3.2 LA CLOSE E A “CONFUSÃO” DO GÊNERO

Súbito, um fenômeno toma conta do Brasil. Ela está em todas as conversas, domina todos os papos. Nas capas das revistas, nas telas das tevês, nos jornais, nas mentes e nas bocas. Na boca do povo, principalmente. De repente, o maior e mais desejado objeto libidinal nacional, o tesão verde-amarelo é nada mais, nada menos, do que um homem. Ave, Roberta Close. Mudou a cabeça do homem brasileiro ou a mulher brasileira perdeu seu tradicional charme e veneno?²⁵⁸

Uma nova personagem acabava de fazer seu aparecimento na paisagem imaginária do Brasil que se redemocratizava, e, nela, logo ocuparia lugar privilegiado:²⁵⁹ era Roberta Close, então com 20 anos. Ainda que, desde 1981, a jovem já frequentasse as edições de carnaval da *Manchete*, foi somente a partir do seu desnudamento na revista *Playboy*, em 1984,²⁶⁰ que a modelo tornou-se fenômeno midiático nacional.²⁶¹

²⁵⁸ MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

²⁵⁹ Paráfrase de Foucault: “Um objeto novo acaba de fazer seu aparecimento na paisagem imaginária da Renascença; e nela, logo ocupará lugar privilegiado: é a Nau dos Loucos, estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos”. FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 9.

²⁶⁰ No mesmo ano, *Playboy* trouxe como uma de suas coelhinhas a travesti Thelma Lipp, de São Paulo. Thelma foi apresentada na revista como uma das “rivais” de Roberta Close (As rivais de Roberta Close. **Playboy**, out/1984). Cláudia Wonder lembra, em sua autobiografia, que Telma “surgiu como uma resposta paulista” à Roberta Close, que era do Rio de Janeiro. Ainda de acordo com Wonder, “Thelma [escrito com a letra “h”] e Roberta disputaram, durante toda a década [de 1980], capas de revista de todo o Brasil. Uma fazia o tipo ‘mulherão fatal’ [Roberta], enquanto a outra [Telma] fazia o gênero ‘garotinha’”. WONDER, Cláudia. **Olhares de Cláudia Wonder, crônicas e outras histórias**. São Paulo: GLS, 2008, p. 119-120.

²⁶¹ O aparecimento de Roberta na *Playboy* garantiu à modelo sua aparição na imprensa (jornais, revistas e televisão) e sua apresentação em várias cidades brasileiras, entre elas, Fortaleza.

As fotos de uma transexual nua – enquanto Roberta começava a se afirmar como transexual, grande parte dos meios de comunicação a classificou como travesti – em uma revista masculina de circulação nacional direcionada a um público hétero-orientado causaram uma “comoção erótica” na nação. Como observou Airton Monte, no *Diário do Nordeste*, “o fenômeno Roberta Close” estava em todas as conversas, dominava todos os papos; podia ser visto nas capas das revistas, nas telas das tevês, nos jornais, principalmente, na boca do povo.

Figura 15 - A modelo Lídia, capa da revista *Playboy* (1984).



Fonte: Acervo Rogéria.

A atenção de grande parte do público e dos meios de comunicação àquela edição nº 106 da *Playboy*, que se esgotou das bancas em três dias,²⁶² não esteve voltada somente para o ensaio de Lídia, coelhinha da capa; para as histórias de Zico, jogador brasileiro de futebol; ou para a reportagem sobre a peça *Oh! Calcutta!*, que “escandalizou o mundo”.

Os/as leitores/as, dentre estes/as jornalistas, médicos/as e psiquiatras, que transformaram a imprensa em divã público, alimentaram especial curiosidade pelo “enigma chamado Roberta Close”²⁶³ e pelas imagens que “revelavam”, como prometia a *Playboy*, em sua capa, por que Roberta “confunde tanta gente”.

La Close abre seu ensaio na *Playboy* com um olhar enigmático e um sorriso de Monalisa.²⁶⁴ A imagem, em preto e branco, que ganha destaque de página inteira, parece sugerir mistério e romantismo. Na página seguinte, a jovem surge debruçada sobre uma cadeira, com os seios à mostra, usando apenas um sapato alto prateado e posando como *femme fatale*. O contraste entre as duas primeiras imagens não se encontra somente na pose ou na sugestão de uma feminilidade mais agressiva (no caso da segunda), mas, também, na própria fotografia, que, a partir da segunda imagem, passou a ser colorida.

²⁶² TREVISAN, op. cit., 2011, p. 310.

²⁶³ O maior enigma sensual do momento. **Playboy**, mai. 1984, p. 88.

²⁶⁴ Referência à famosa pintura do artista renascentista italiano Leonardo da Vinci.

Figura 16 - Roberta Close, na *Playboy* (1984).



Fonte: Acervo Rogéria.

Na última imagem do ensaio, que invade toda a página, ápice do *strip tease* de Roberta, a modelo está em pé, de braços abertos e de pernas cruzadas. Roberta surge exibindo sua feminilidade, de acordo com a revista, “quase perfeita”.

Figura 17 - Foto de *La Close*, que encerra seu ensaio na *Playboy* (1984).



Fonte: Acervo Rogéria.

Todavia, se, a partir da foto de *La Close* sobre a cadeira, a revista começou a cumprir a promessa feita na capa, ou seja, desvendar por que

Roberta confundia tanta gente, o enigma em torno dela ao longo do ensaio foi estimulado mais do que revelado. Parte do público se questionou se Roberta era um homem, um homossexual, “um” travesti, “um” transexual ou uma mulher.

Ao “trucar a neca”,²⁶⁵ performatizando uma vagina, Roberta se apropriou, como estratégia de visibilidade e de inserção no gênero (feminino) que elegera para si, de códigos e gestos de produção da identidade da “mulher de verdade”. Desse modo, mostrou o quanto o gênero é performativo, sendo efeito da repetição das normas mediante as quais o masculino e o feminino são constituídos e diante das quais os sujeitos não podem descartar por vontade própria. Roberta reatualizou, no ensaio da *Playboy*, e também em outras performances público-midiáticas, o gênero feminino representado pela “mulher de verdade”.

No texto que acompanhou o ensaio de *La Close*, os jornalistas Pedro Cavalcante e Ivo Cardozo escreveram que:

Raras pessoas provocam curiosidade tão intensa como Roberta Close, que, sendo como é, roubou o lugar das mulheres mais bonitas no último carnaval e anda atrapalhando completamente a cabeça de muitos homens deste país. Como é ela – que se define como uma pessoa transexual? “Uma moça fina e bem educada, que eu teria o maior prazer em convidar para casa, certa de que encantaria todos os meus amigos”, é a opinião da colunável carioca Noelza Guimarães. “Roberta é uma pessoa extremamente gentil e uma profissional de rara competência”, acrescenta o produtor Guilherme Araújo. E Suzana de Moraes, filha do poeta e diplomata Vinicius de Moraes, [...] não deixa por menos: “Roberta é delicada e doce, uma grande artista, uma gracinha”.²⁶⁶

²⁶⁵ Entre as travestis, “trucar a neca” significa guardar o pênis entre as pernas. No glossário que acompanha seu trabalho sobre o Cine Jangada (Fortaleza) e as sociabilidades de travestis naquele cinema, especializado na exibição de filmes pornográficos, o antropólogo Alexandre Fleming C. Vale define trucar e trucagem como “técnica corporal realizada pelas travestis com o propósito de invisibilização do volume do pênis sob a roupa, realizada a partir do uso de emplastro Sabiá ou calcinhas e shorts de lycra apertados”. VALE, op. cit., 2012, p. 231.

²⁶⁶ O maior enigma sensual do momento. *Playboy*, mai. 1984, p. 88.

Na construção do “mito” Roberta Close, foram acionados enunciados baseados no elogio da beleza e da docilidade da modelo. Quase duas décadas depois da estreia de *La Close* como fenômeno midiático, Lúcia Rito, jornalista que publicou, em 1998, a biografia de Roberta Close, reforçou essa dimensão discursiva:²⁶⁷

[...] transpirava frescor e sensualidade, um *look* absolutamente juvenil, com singelas flores nos cabelos, bronzeadíssima, contrastando com a aparência dos travestis, muito pintados. Parecia diferente dos outros, parecia uma mulher de verdade: os cabelos, o corpo, o jeito de se comportar e de falar. O sucesso foi instantâneo.²⁶⁸

Se, por um lado, *Playboy* e Rito buscaram aproximar *La Close* da representação da “mulher de verdade”, por outro, também tentaram distanciá-la da travesti. Nesses discursos, como vimos, Roberta estava mais próxima de Lídia, que protagonizou o principal ensaio da revista, em 1984, do que de travestis como Rogéria, conhecida nacionalmente desde a década de 1960.

O famoso psicanalista Eduardo Mascarenhas escreveu, na *Playboy*, que Roberta era “simplesmente, um marco na história social do país. É a primeira pessoa assim que transmite um sentimento de sensualidade e ternura e não o clima habitual de agressividade e ódio pelo que é diferente”.²⁶⁹ Na mesma direção, Airton Monte argumentou, no jornal *Diário do Nordeste*, que repercutia o “fenômeno” na imprensa de Fortaleza de que a modelo podia ser alvo de muitas reações: “medo, espanto, admiração, desejo. Nunca de riso ou de nojo. Coisa inédita num país que ainda é o paraíso dos machões e a fortaleza do machismo”.²⁷⁰ No mesmo jornal, o escritor cearense Gilmar de Carvalho escreveu:

²⁶⁷ Não por acaso, a jornalista chamou o subcapítulo reservado ao aparecimento de sua biografada na mídia de “Roberta Close virou mito”. Tal interpretação, presente também entre os/as contemporâneos/as do “fenômeno Roberta Close”, atualizou o mito, ou seja, a ideia de que aquilo antes reservado ao impossível, raro e incomum, tornava-se parte do cotidiano.

²⁶⁸ RITO, Lucia. **Muito prazer**: Roberta Close. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos (Grupo Record), 1998.

²⁶⁹ RITO, op. cit., 1998.

²⁷⁰ MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

Um traço interessante da personalidade dela é a tranquilidade, o não ter a necessidade de agredir para sobreviver. É como se o ego de Roberta estivesse protegido o suficiente para não precisar se expor aos gritos, para não precisar do arraso, do trejeito, da caricatura. Roberta Close é gente, é pessoa. Tudo o mais é pequeno demais e antigo demais.²⁷¹

Ainda que Roberta tenha se assumido como transexual na revista *Playboy*, parte da imprensa brasileira, inclusive, a de Fortaleza, a considerou “um” travesti. Desse modo, o ineditismo atribuído à *La Close*, que a transformou em “fenômeno”, “mito” e “marco social”, foi construído oposição-associação à representação do sujeito travesti recorrente na sociedade na época: Mascarenhas argumentou que a modelo não despertava “ódio” e “agressividade” – permitindo a suposição de que, antes dela, as travestis despertavam tais reações; Monte escreveu que a modelo não era motivo de riso ou nojo – indício de que riso e nojo eram reações comuns associadas às travestis antes do surgimento de Roberta. Carvalho, por sua vez, foi enfático ao afirmar que Roberta era gente. Antes dela, o que as travestis seriam?

Ora, se, por um lado, o “fenômeno Roberta Close” é uma produção da matriz heterossexual que tenta estabelecer a “verdade do gênero” em correspondência com a “verdade do sexo”, por outro as controvérsias – que revelaram os limites e as fissuras dessa mesma matriz e deslocaram as representações heteronormativas sobre as mulheres e travestis – em torno da modelo provocaram uma confusão no gênero. Ainda que parte da produção discursivo-imagética em torno da modelo, inclusive de sua biógrafa, tenha buscado aproximá-la da representação da “mulher de verdade”, ao mesmo tempo em que a distanciou de certa representação travesti²⁷² relacionada ao riso e ao medo, paradoxalmente, o acontecimento *La Close* interpelou a

²⁷¹ CARVALHO, Gilmar. Close to Roberta. **Diário do Nordeste**, DN Cultura, 8 jul. 1984, p. 5.

²⁷² A diferenciação entre travestis e transexuais, inclusive em *La Close* e em torno dela, também foi empregada no sentido de estabelecer uma distinção social entre os sujeitos. Para uma análise contemporânea das diferenças e barragens entre travestis e transexuais, ver: BENTO, op. cit., 2006; BARBOSA, op. cit., 2010; LEITE JÚNIOR, op. cit., 2011.

sociedade sobre a feminilidade “original” da “mulher de verdade” e a “imitação” travesti da feminilidade.²⁷³ Se a performatividade do gênero está constituída por normas que delimitam o sujeito a partir de normas anteriores que não podem ser descartadas por vontade própria, como mostrou Butler, ela também é o recurso a partir do qual se produz resistência, subversão e deslocamento – conformidade, mas, também, confusão do gênero.

Em artigo publicado em junho de 1984, no Caderno *DN Cultura*, dedicado ao fenômeno *La Close*, do jornal *Diário do Nordeste*, Gilmar de Carvalho escreveu sobre o potencial de contestação e ruptura representado pelo “fenômeno”.

É como se nosso mito tornasse obsoleta, anacrônica a questão homem/mulher, esta dualidade que nos persegue.

[...]

Homem e mulher, mais que atitudes são rótulos.

Roberta Close, ao fazer o gênero discreto, aparentemente se enquadra em formas de comportamento típico. Mas a ruptura é maior, a

²⁷³ Em 1990, Roberta Close novamente surpreendeu. A edição de março da *Playboy* daquele ano anunciou o “novo corpo” de Roberta Close. Na matéria, lia-se: “Terminou com um esperado happy end o enigma que há seis anos fascinava milhões de fãs – o mito Roberta Close se transformou numa mulher. E agora, pela primeira vez, ela revela para o leitor de *Playboy* sua nova e gloriosa intimidade”. Roberta invadiu as páginas da revista – as pernas já não estavam cruzadas –, sem a companhia de especialistas analisando-lhe e sem o termo transexual ou travesti lhe definindo, como aconteceu em 1984. “Roberta Close se transformou numa mulher”, afirmou a revista, ao exibir sua “nova e gloriosa intimidade”, construída em Londres, nove meses antes. A modelo ganhou o *status* de mulher na *Playboy* não apenas pela presença da vagina, mas pela eliminação de sua ambiguidade lembrada pela mesma revista, em 1984. Ao afirmar que Roberta era uma mulher, a revista, mais uma vez, contribuía para a reorganização das convenções de sexo, gênero e sexualidade. Um “homem” poderia efetivamente transformar-se em uma mulher a partir de intervenções cirúrgicas. Contudo, nessa construção tecnológica do sexo-corpo-gênero, não se questionou a genitalidade como fundante do sujeito sexuado. Pelo contrário, reafirmou-se que, para se tornar uma mulher, era preciso possuir uma vagina, ainda que fosse uma tecnovagina. Roberta Close: O final feliz. **Playboy**, mar. 1990, p. 110.

contestação é mais forte, porque menos carnavalizada.²⁷⁴

A análise do mito *La Close* por Carvalho, incrivelmente, próxima das reflexões *queer* elaboradas, posteriormente, por Judith Butler, colocou às claras o caráter construído do gênero, ao revelar que homem e mulher são “rótulos”: “É como se nosso mito tornasse obsoleta, anacrônica a questão homem/mulher, esta dualidade que nos persegue”.²⁷⁵

A reflexão de Carvalho, interpretada a partir do pensamento de Butler, filósofa que teorizou a desconstrução do gênero tomando como exemplos as performances *drag queen* e travesti,²⁷⁶ aponta que homem e mulher são constituídos por normas regulatórias que assumem aparência de verdade, originalidade e naturalidade.

Através de *La Close*, a concordância entre gênero e sexo foi questionada, assim como o destino da masculinidade e da feminilidade orientado pela genitália passou a ser criticado. No mesmo caderno²⁷⁷ em que foi publicado o texto de Carvalho, Monte também surpreendeu, ao afirmar: “[...] o caso de ser homem ou mulher não se resume apenas ao fato de possuir ou não um penduricalho pessoal”.²⁷⁸ Enquanto Carvalho se apropriou do mito *La Close* para apontar que homem e mulher são fabricações, Monte acionou o “fenômeno Roberta Close” para mostrar que a masculinidade e a feminilidade não se resumiam à anatomia sexual e/ou à biologia corporal. A anatomia não era o destino!

O jornalista Luis-Sérgio Santos, também de Fortaleza, argumentou de modo parecido, ainda que de forma irônica: “E já que estamos falando de estereótipos, vale aqui a constatação do fim de um mito. O mito de ser mulher. Com essa onda de bissexuais, de homossexuais e transexuais, o fenômeno Roberta Close rompe definitivamente com o estereótipo da mulher”.²⁷⁹

²⁷⁴ CARVALHO, op. cit., 1984, p. 5.

²⁷⁵ CARVALHO, op. cit., 1984, p. 5.

²⁷⁶ BUTLER, op. cit., 2008.

²⁷⁷ Refiro-me ao caderno DN Cultura, do jornal *Diário do Nordeste*, e à sua edição de 08 de julho de 1984, dedicada ao fenômeno Roberta Close. No próximo tópico, retomarei a análise do mesmo.

²⁷⁸ MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

²⁷⁹ SANTOS, Luís Sérgio. Os tempos são os mesmos. *Diário do Nordeste*, 27 mai. 1984, DN Gente, p. 7.

Tais interpretações contemporâneas de *La Close*, que poderiam ser interpretadas como leituras queer do mito, aproximam-se, como assinalado anteriormente, das reflexões de Butler. De acordo com a filósofa norte-americana, as identidades sexuais e de gênero são conceitos estabelecidos no interior de um sistema de heterossexualidade normativa e compulsória, constituídas a partir de uma pretensa coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Nesse cenário, os sujeitos vivenciam suas identidades de modo performativo, contingente e plural.²⁸⁰

Do mesmo modo, as análises de Monte e de Carvalho podem ser colocadas em diálogos com as reflexões de Preciado sobre o gênero, sexo e o corpo como tecnologias.

Nessa perspectiva, um dos efeitos e sentidos mais significativos da repercussão do mito *La Close* foi o questionamento da feminilidade como natureza e biologia. Se, a “naturalidade” de Lídia, insuspeita “mulher de verdade”, foi legitimada através de uma série de dispositivos, convenções e ritos, a paródia²⁸¹ de *La Close* destruiu²⁸² essas mesmas tecnologias de construção do sexo e do gênero, contribuindo na produção de modos dissidentes de subjetivação que indicaram que gênero e sexualidade, no tempo farmacopornográfico, já não eram tão fixos e naturais quanto aparentavam ser no tempo das perucas.

A performance público-midiatizada de Roberta Close, as reações e as controvérsias em torno do seu nome revelaram que o gênero é uma construção histórica – o que a aproxima do pensamento feminista da época – mas, também, o próprio sexo –, o que a aproxima do pensamento feminista *queer* que surgiria anos depois.

Através de *La Close* foram produzidos novos significados – aqui corro o risco do exagero mais do que do anacronismo – à conhecida frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.²⁸³ O processo de desnaturalização feminista do gênero iniciado por Beauvoir encontrou-se com os efeitos de desessencialização do gênero e do sexo desnudado por *La Close*: “Não se nasce mulher, torna-se mulher (ainda que uma transmulher ou tecnomulher)”, disseram

²⁸⁰ BUTLER, op. cit., 2008.

²⁸¹ BUTLER, op. cit., 2008.

²⁸² Utilizado como sinônimo de desfazer.

²⁸³ BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: a Experiência Viva. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 361.

alguns/as contemporâneos/as de Roberta Close. Como lembrou Carvalho, na época: “Roberta Close era a porção mulher do Brasil que se redescobria depois de vinte anos de autoritarismo”.²⁸⁴

Se Roberta reproduziu as normas de gênero, paradoxalmente, contribuiu para romper com essas mesmas normas, uma vez que certos tipos de identidade de gênero “criam oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero”.²⁸⁵ Nessa perspectiva, Roberta Close expôs seu corpo enigmático ao olhar *voyeur* de milhares de brasileiros/as, e, na mesma medida, as tecnologias de gênero e de sexo que atuam na performatividade dos tecnocorpos.

Assim, ainda que grande parte dos/as leitores/as da *Playboy*, baseados em convenções de gênero historicamente estabelecidas, não alimentassem dúvidas quanto à “verdade” da feminilidade de Lídia e à “mentira” da feminilidade de Roberta, para alguns/as, pares opostos como cópia-original, verdade-falsidade, artificial-natural foram confundidos no jogo midiático farmacopornográfico de esconde-revela-excitação-frustração em torno de *La Close* e da multiplicação dos significados atribuídos ao “fenômeno” na cena público-midiática. Monte, Carvalho e Santos talvez acreditassem que a feminilidade de Roberta era montagem tanto quanto a feminilidade de sua companheira de publicação, Lídia.

O “fenômeno Roberta Close” desnudou mais do que as lentes do fotógrafo J. R. Duran e as análises do psicanalista Eduardo Mascarenhas puderam revelar, acerca de Roberta, a construção do gênero como dispositivo normativo, performativo e tecnológico, deixando às claras as incoerências do modelo binário do gênero, a artificial naturalidade dos sexos e a construída imutabilidade dos corpos.

Se, *La Close* foi um acontecimento farmacopornográfico por excelência, foi porque, por um lado, apresentou um corpo transformado segundo novas tecnologias e explicitou uma produção subjetiva que contrastava com marcos biológicos corporais. Por outro, como veremos no próximo tópico, transformou questões, comportamentos e sujeitos até então reservados aos espaços privados em público-midiatizados.

²⁸⁴ CARVALHO, op. cit., 1984, p. 5.

²⁸⁵ BUTLER, op. cit., 2008, p. 39.

Tal colocação dos tecnôgenos, das tecnosexualidades e dos tecnocorpos (obsceno) em cena, cujo paradigma é a emergência do sujeito travesti público-midiatizado, é indício e efeito dos rearranjos no sistema sexo/gênero e público/privado no tempo farmacopornográfico.

3.3 *LA CLOSE* E AS “SEXUALIDADES PERIFÉRICAS” NO CENTRO DA CENA PÚBLICO-MIDIÁTICA

Há alguns anos, o terceiro sexo era envolto em um amontoado de tabus e preconceitos que, comentado por debaixo dos panos, ainda causava impacto e chocava até os mais “avançadinhos”. Quem algum dia poderia imaginar que hoje estaria tudo aí, tão às claras, a desfilar seus desmunhecamentos, fazendo caras e bocas, dentro da maior frescuragem e com a maior naturalidade?

Revista masculina que anda circulando com fotos de badalado travesti sumiu das bancas mais depressa do que manteiga em focinho de cachorro. Disputada por homens, mulheres e o resto. O “resto” de que falamos é o que está se transformando na grande maioria, ou seja, os chamados transformistas, “assumidos”, “enrustidos” e outros do mesmo ramo.²⁸⁶

A curiosidade em torno de Roberta Close e as perguntas obstinadas sobre o “verdadeiro” sexo e gênero da modelo transformaram a imprensa de Fortaleza em divã público-midiático, possibilitando que assuntos, antes “envoltos em um amontoado de tabus e preconceitos”, como homossexualidade, “travestismo” e “transexualismo”, deixassem de ser comentados por “debaixo dos panos” para serem discutidos publicamente, tornando-se parte do cotidiano.

Nesse contexto, o acontecimento *La Close* não provocou apenas a confusão do gênero, anunciando uma nova distinção ontológico-sexual entre homens e mulheres *bio* e *trans*,²⁸⁷ que fraturou o modelo dimórfico

²⁸⁶ MARSHALL, Regina. “Geração Roberta Close”. *O Povo*, 3 jun. 1984, p. 8.

²⁸⁷ Preciado utiliza as nomenclaturas *bio* e *trans* como estatutos de gênero tecnicamente produzidos. Conforme Preciado, os *bio*-homens e as *bio*-mulheres são aqueles que se identificam com o sexo que lhes foi designado no nascimento e, por outro, os *trans*-homens e as *trans*-mulheres são os que

do sexo, surgido no século XVIII;²⁸⁸ rompeu, também, as fronteiras entre o público e o privado que marcavam as “sexualidades periféricas” no tempo das perucas. Como escreveu a colunista Regina Marshall, no texto anteriormente citado, intitulado “Geração Roberta Close”,²⁸⁹ facilmente considerado homofóbico e transfóbico nos dias de hoje: “Quem algum dia poderia imaginar que hoje estaria tudo aí, tão às claras, a desfilar seus desmunhecamentos, fazendo caras e bocas, dentro da maior frescuragem e com a maior naturalidade?”²⁹⁰

Como efeito do acontecimento *La Close*, o “resto”, que na opinião de Marshall estava se transformando na “grande maioria” (“transformistas”, “assumidos”, “enrustidos” e “outros do mesmo ramo”), ampliou sua visibilidade, fazendo proliferar, em torno de suas experiências, uma série de discursos de violência verbal, como os da jornalista, como de ressignificação, por exemplo, de despatologização das homossexualidades.

Ainda que o ensaio de Roberta Close na *Playboy* tenha instaurado e disparado muitas dúvidas com relação à ambiguidade de *La Close* – ela foi considerada um enigma na revista –, as perguntas “É um homem?”, “É uma mulher?”, “É um homossexual?”, “É ‘um’ travesti?” foram, em parte, desdobradas em “O que é ser homem?”, “O que é ser mulher?”, “O que é ser homossexual?”, “O que é ser travesti?”.

Essas questões e descolamentos atravessaram a edição especial do caderno *DN Cultura*, do jornal *Diário do Nordeste*, dedicada a analisar o “fenômeno público o qual se tornou Roberta Close”. Ilustrada por uma imagem da modelo cortada ao meio, que parece sugerir uma divisão entre masculino e feminino e/ou uma separação entre alma (feminina) e corpo (masculino), a edição questionava: “Quem tem medo de Roberta Close?”²⁹¹ O objetivo do caderno era analisar o mito Roberta Close a partir da opinião de especialistas, como o psicanalista

contestam tal designação e tentam modificá-la com ajuda de procedimentos técnicos, prostéticos, performativos ou legais. PRECIADO, 2008, p. 84.

²⁸⁸ LAQUEUR, op. cit., 2001.

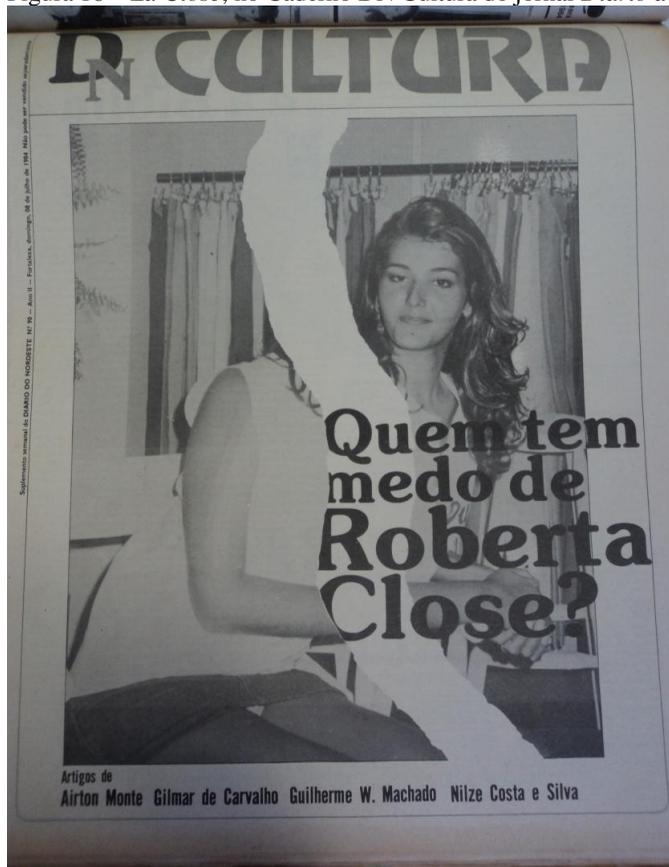
²⁸⁹ O texto de Marshall sobre *La Cose*, que será analisado de modo detalhado, adiante, inaugurou a produção midiática da imprensa de Fortaleza em torno do “fenômeno Roberta Close”. A partir de junho de 1984, a modelo e a repercussão do seu ensaio na *Playboy* apareceram com frequência nas folhas de Fortaleza.

²⁹⁰ MARSHALL, Idem.

²⁹¹ Quem tem medo de Roberta Close?. *Diário do Nordeste*, 8 jul. 1984, DN Cultura.

Guilherme W. Machado; o psiquiatra Airton Monte e os escritores Nilze Costa e Gilmar de Carvalho.

Figura 18 – *La Close*, no Caderno DN Cultura do jornal *Diário do Nordeste*.



Fonte: Quem tem medo de Roberta Close?. *Diário do Nordeste*, 8 jul. 1984, DN Cultura. Acervo: BPGMP.

Airton Monte aproveitou a repercussão em torno de *La Close* para refletir sobre a homossexualidade, assunto que comentava nos jornais da cidade com frequência. De acordo com o psiquiatra:

O que se quer dizer exatamente quando falamos de homossexualidade? Uma perturbação mental ou uma forma de comportamento? É consciente

ou inconsciente? Um aspecto ontogenético universal do comportamento humano ou uma forma específica de psicopatologia? O resultado de conflitos familiares individuais ou o reflexo de fatores sócio-culturais mais amplos? É doença ou safadeza? É culpa do Ney Matogrosso? Ou do Zé Tatá?²⁹²

Monte colocou na berlinda uma série de verdades estabelecidas sobre a homossexualidade. Em um texto irônico, em que misturou psicanálise com personagens gays em evidência nacional naquele momento, como Ney Matogrosso²⁹³ e Clodovil,²⁹⁴ e sem negligenciar a cena gay de Fortaleza, representada, no artigo, por Zé Tatá,²⁹⁵ o psiquiatra complexificou as “causas” das experiências homossexuais.

Segundo o psiquiatra, o homossexual era um indivíduo motivado, quando adulto, por uma atração erótica preferencial por pessoas do mesmo sexo e que, de um modo geral, “entrega-se às relações declaradas com elas”. Ora, ainda que tenha interpretado a homossexualidade a partir do campo da psiquiatria, especialmente, do diálogo com Freud, Monte afirmou que esta não era uma doença, mas uma “tendência universal presente em todas as pessoas”.

Sobre *La Close*, escreveu:

É de conhecimento geral que ele/ela próprio/a define-se não como homossexual, mas sente-se perfeitamente mulher. Afora, é claro, um pequeno e insignificante detalhe anatômico.

[...] é certo que se pode definir, superficialmente, o indivíduo Roberta Close como homossexual. Poderemos também defini-lo como doente? Seria a homossexualidade uma doença? E se for pega? É contagiosa como a AIDS?²⁹⁶

²⁹² MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

²⁹³ Para saber sobre a importância da arte de Ney Matogrosso na visibilidade da homossexualidade no Brasil na década de 1970, ver TREVISAN, op. cit., 2011, p. 289.

²⁹⁴ Para entender a repercussão da aparição pública de Clodovil na mídia à época da ditadura militar, ver TREVISAN, ibidem, p. 309.

²⁹⁵ LEITÃO, Juarez. **Estação de Viver: Histórias da Boemia Cearense**. Fortaleza: Premium, 2000, p. 240.

²⁹⁶ MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

Monte produziu um ponto de vista diferente e inovador a respeito da homossexualidade e de Roberta Close. Ainda que suas análises, de certo modo, estivessem atravessadas pelos discursos de patologização das homossexualidades, presentes no pensamento médico-jurídico brasileiro desde o final do século XIX e reatualizados, na época em que Monte escreve, com a emergência da Aids,²⁹⁷ o psiquiatra não considerou que a homossexualidade era doença e que Roberta Close só poderia ser definida como homossexual “superficialmente”.

Desse modo, Monte empregou a palavra homossexualidade e não homossexualismo. Vale ressaltar, que, meses depois, o psiquiatra afirmou, na imprensa, que “homossexualismo não é doença, é uma opção”.²⁹⁸ A interpretação de Monte acompanhava as inovações da

²⁹⁷ Na virada do século XIX para o XX, as práticas homoeróticas no Brasil, antes denominadas “libertinagem”, “sodomia”, “pederastia”, passaram a ser agrupadas pelo discurso médico-científico sob o termo “homossexualismo”. O novo conceito, introduzido na literatura médica da Europa, em 1870, pelo psiquiatra alemão C. F. O. Westphal, atravessou o Atlântico, se abrigou nos tratados médicos brasileiros e não demorou a constituir uma “nova espécie” também no Brasil. O livro **Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro**, publicado em 1906 pelo médico José Ricardo Pires de Almeida, revela a apropriação da categoria europeia nos trópicos, no mesmo momento em que os estudos da sexualidade despertavam fascinação, interesse e novas preocupações. O homossexual tornou-se uma personagem. Sua sexualidade deixou de ser interpretada apenas como “pecado habitual”, para virar marca de uma “natureza singular” “pervertida” e/ou “congenita”. Era portador de uma patologia, necessitava de cura. Nascia a medicina social, acompanhada das campanhas de higiene social (contra a sífilis e a prostituição). A partir dos anos de 1930 e 1940, à sombra do pensamento eugênico, proliferaram no país os diagnósticos das “perversões sexuais” e a medicalização dos desejos homossexuais, em íntima relação com a criminologia. Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro, autores das obras **Sexologia Forense** (1934) e **Homossexualismo e endocrinologia** (1938), são representantes das vertentes psiquiátrica e endócrina que buscaram explicar as origens da “inversão sexual”. Desses trabalhos, bem como os de outros médicos-juristas, emergiu um corpo homossexual “degenerado”, em desequilíbrio mental e hormonal, potencialmente perigoso. Aprimorava-se a busca pelo homossexual “nato”. Tal discurso foi reatualizado com a emergência da Aids, em meados da década de 1980. PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Viver e Lutar. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 34-38, 1º ago. 2015.

²⁹⁸ Não muito distante daquele mês de julho de 1984, quando Monte analisou o mito *La Close* de modo despatologizado, uma reportagem sobre

Organização Mundial de Saúde (OMS),²⁹⁹ que, a partir de 17 de maio de 1990, deixou de considerar a homossexualidade uma “insanidade física ou mental”. Ao mesmo tempo, rompia com o discurso religioso-moral da Igreja Católica, que considerava a homossexualidade “antinatural”.³⁰⁰

Além de criticar a patologização da homossexualidade e a homossexualização de *La Close*, Monte reconheceu que os homossexuais que buscaram o seu serviço o fizeram por causa de problemas resultantes “[...] de sua interação com uma sociedade hostil, ameaças legais, sociais ou econômicas ou pela sua incapacidade de aceitar a sua própria homossexualidade por causa de sua imagem depreciada perante seus próprios olhos e dos olhos do mundo em geral”.³⁰¹ Afinal, afirmou o psiquiatra, “da mesma forma que o subversivo político ameaça solapar as bases de um regime, o homossexual balança o valor da heterossexualidade. Tal simbolismo explica a atitude repressiva da sociedade com o homossexual”.³⁰²

O psiquiatra colocou na berlinda a heterossexualidade compulsória. De acordo com Monte, a nossa cultura incentiva a heterossexualidade de “todas as maneiras possíveis” – Adrienne Rich,³⁰³ Gayle Rubin e Judith Butler chamaram essa imposição de heterossexualidade compulsória –, sentindo-se, dessa forma (ou) dessa maneira, ameaçada pelo homossexual. “Homossexual, assumido de fato, não procura doutor. A vasta maioria dos homossexuais não procura e não deseja qualquer tipo de tratamento. Quanto mais de cura. Quem

homossexualidade feminina, publicada no *O Povo*, em 1983, trazia como título “Quando a cura é impossível”.

²⁹⁹ Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde retirou o “homossexualismo” da lista de patologias relacionadas na Classificação Internacional de Doenças (CID). A partir de então, na data passou a ser celebrado o Dia Internacional contra a Homofobia.

³⁰⁰ Em reportagem publicada por ocasião da realização do seminário “Homossexualidade”, promovido pela Sociedade Cearense de Psiquiatria, pela Residência Médica de Psiquiatria do Hospital de Saúde Mental de Messejana e pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), Monte repetia o argumento presente no seu artigo sobre *Close*: “existia muita hipocrisia em torno da homossexualidade”.

³⁰¹ MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

³⁰² Idem.

³⁰³ RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. **Bagoas**, n. 5, p. 17-44, 2010. Tradução: Carlos Guilherme do Valle.

deseja curá-los e sem angústia com tal é a família e não a ‘bicha’ da família”.³⁰⁴

A reportagem “A medicina muda o sexo, mas a mente ainda é um problema”³⁰⁵ também repercutiu o acontecimento *La Close* nos jornais de Fortaleza, contribuindo para a discussão do “transexualismo” na cena público-midiática da cidade. A matéria foi elaborada a partir dos depoimentos do cirurgião plástico Geraldo Sérgio Barbosa Teixeira, da psiquiatra Fátima Barroso e de homossexuais de Fortaleza.

De acordo com Barbosa, “fazer a transformação de um homem em mulher é mais fácil do que transformar mulher em homem”. O “mais fácil” contido na sentença do cirurgião plástico foi acompanhado por uma ressalva: cirurgias “desse tipo” só deveriam ser feitas com “acompanhamento psiquiátrico”, sendo o “estado psicológico do paciente” e o apoio da família determinantes para o sucesso da transformação. Barroso, por sua vez, advertia que “após a cirurgia, o transformado poderá sucumbir ante fortes crises depressivas”, sendo “candidatos em potencial ao suicídio”.

Para o médico, as cirurgias de “mudança de sexo” eram mais indicadas para transexuais, definidos como aqueles que possuem órgãos de um sexo, mas que tem a ‘cabeça’ de outro e para hermafroditas, “aqueles que nascem com órgãos sexuais masculinos e femininos”. Tal intervenção cirúrgica deveria ser realizada “de preferência nos primeiros anos de vida”.

Segundo a matéria havia aproximadamente 1.200 pessoas esperando a cirurgia para a “transformação de sexo” no Brasil. Em Fortaleza, “sabe-se de pelo menos um caso de uma pessoa que, embora se considere do sexo feminino, e aja como tal, nasceu com órgãos genitais masculinos”. O jornal conta que, mesmo que o pai da “pessoa” tivesse oferecido uma “volumosa soma em dinheiro” para que um cirurgião fizesse a operação em seu filho, os médicos da cidade não quiseram entrar na “empreitada”, uma vez que a transformação cirúrgica era proibida por lei no país, revelava o jornal.

Um das entrevistadas pela reportagem foi Bianca, apresentada pelo jornal do seguinte modo:

³⁰⁴ MONTE, op. cit., 1984, p. 4.

³⁰⁵ APARECIDA, Inês. A medicina muda o sexo, mas a mente ainda é um problema. *O Povo*, 4 jun. 1984, p. 17.

Bianca, de 33 anos, cujo nome de registro e batismo é Sebastião, sempre se considerou do sexo feminino. Nunca desenvolveu seu “lado masculino” e desde cedo percebeu que sua aparência exterior não se harmonizava com o que sentia e com o que ia em sua cabeça. “Se tivesse condições financeiras enfrentaria uma cirurgia para mudar de sexo”, afirmou, se dizendo, porém, consciente dos problemas que poderiam advir.

“Sei, através de leitura, que nos países onde as cirurgias se realizam há algum tempo, se registram muitos suicídios com pessoas transformadas”. Nos dois primeiros anos, prossegue Bianca, “todos ficam num estado de euforia”, mas os questionamentos que se seguem “deixam as cabeças em parafuso” e o caminho mais curto que encontram para resolver os conflitos é o suicídio, que, via de regra, é antecedido pelas drogas.

Mas mesmo sabendo destes riscos, Bianca ainda acalenta a vontade de se submeter a uma cirurgia de transformação.³⁰⁶

A Bianca que apareceu no jornal se trata da mesma pessoa que entrevistei em 2012, cujas narrativas aparecem no primeiro capítulo deste trabalho. Enquanto, na entrevista que realizei com Bianca, ela não reivindicou qualquer enquadramento como travesti ou transexual, na entrevista concedida ao *O Povo* foi classificada como uma possível transexual.

Bianca mostra a interiorização do discurso de medicalização da transexualidade. Por outro lado, ao afirmar saber dos riscos e, mesmo assim, manifestar a vontade de se submeter à cirurgia de “transformação”, ela expunha os limites desse mesmo saber. Desse modo, sua experiência também é paradigmática de como as identidades são construídas performaticamente, contingências históricas, trânsitos inacabados. Como o/a leitor/a pode lembrar, Bianca não fez a cirurgia, assim como não se travestia ou utilizava qualquer tecnologia para feminilizar o corpo, exceto, o próprio nome.³⁰⁷

³⁰⁶ APARECIDA, Inês. A medicina muda o sexo, mas a mente ainda é um problema. *O Povo*, 4 jun. 1984, p. 17.

³⁰⁷ Até a interrupção desta tese, em outubro de 2015.

Gilmar de Carvalho destacou que a discussão em torno de Roberta reascendia o debate sobre normalidade,³⁰⁸ ecos da ciência sexual no tempo farmacopornográfico. Se, em torno de *La Close*, emergiram discursos de despatologização da homossexualidade, em parte, efeito da campanha nacional promovida pelo Grupo Gay da Bahia, a transexualidade ganhava os holofotes sob o signo da patologização e da correção, senão da polícia, sempre atenta às travestis que se prostituíam nos espaços públicos da cidade, como veremos no próximo capítulo, mas da medicina. A transexualidade tornava-se novidade público-midiática através das lentes médico-psiquiatras.³⁰⁹ A sua inclusão no Código Internacional de Doenças, em 1980, foi um marco nesse processo de definição da transexualidade como uma doença.³¹⁰

As reações e controvérsias suscitadas em torno de *La Close* revelam a produção das diferenças entre as categorias de identidade como parte de um processo histórico mais geral de segmentação e especificação das categorias sexuais e de distinção entre gênero e sexualidade. Como mostrou Leite Júnior, para que o termo transexual se tornasse uma categoria específica no Brasil, foi necessária sua diferenciação das categorias travesti e homossexual. Nessa divisão, enquanto transexuais seriam vistas como um “bom desviante”, pessoas

³⁰⁸ CARVALHO, op. cit., 1984, p. 5.

³⁰⁹ Berenice Bento e Larissa Pelúcia informam que os primeiros artigos que registraram e defenderam a especificidade do “fenômeno transexual” foram publicados na década de 1950. Desde o início daquela década, porém, o endocrinologista Harry Benjamin já se dedicava a estabelecer as ocorrências que justificariam a diferenciação das pessoas transexuais em relação às homossexualidades. A relação de abjeção que as pessoas transexuais têm com as genitálias seria uma das frequências observadas nos seus discursos, observam as autoras. De acordo com as pesquisadoras, ainda que Benjamin tenha defendido a cirurgia de transgenitalização como a única alternativa terapêutica possível para as pessoas transexuais, ele também estabeleceu critérios “científicos” para que fosse possível diagnosticar “o verdadeiro transexual”. Em seu livro *O fenômeno transexual*, publicado em 1966, Benjamin forneceu as bases para esse diagnóstico. BENTO, Berenice; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 569-581, 2012.

³¹⁰ Nesse mesmo ano, a Associação de Psiquiatria Norte-Americana aprovou a terceira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, incluindo a transexualidade no rol dos “Transtornos de Identidade de Gênero”. *Ibidem*, p. 571.

com uma doença em busca de cura e representantes da verdadeira identidade de gênero, travestis seriam vistas como o “mau desviante”, relacionadas à marginalidade e à prostituição e como um feminino mal sucedido.³¹¹

É necessário lembrar, todavia, que o “fenômeno Roberta Close” imprimiu, paradoxalmente, outras imagens à representação público-midiática acerca da travesti. Antes do acontecimento, o regime de visualidade acerca das experiências travestis era composto por duas séries de imagens. As fotografias coloridas de travestis nas fotorreportagens das revistas ilustradas, como vistas no primeiro capítulo deste trabalho, e os retratos em preto e branco de travestis anônimas, flagradas nas delegacias quando presas, que ilustravam as seções policiais dos grandes jornais de Fortaleza, como serão vistos no próximo capítulo. Tal produção imagética heteronormativa transformou a experiência travesti em sinônimo de disfarce e imitação. A novidade em torno de Roberta esteve justamente em confundir essa verdade visual.

Essas transformações da intimidade levadas a público através dos meios de comunicação não se limitaram às análises especializadas de jornalistas, intelectuais ou médicos. Elas também se manifestaram entre os/as leitores/as.

No período em que Roberta Close esteve em evidência, alguns/as leitores/as escreveram para a coluna “Correio sentimental”, assinada por certo Professor Joel Cairo, codinome, publicada aos sábados, no Caderno *Fame*, do jornal *O Povo*. Um deles, que assinou sua carta com o pseudônimo “Em Cima do Muro”, quis esclarecer se o fato de desejar a modelo implicava sua homossexualidade.

Professor Joel: Sou vidrado em mulher e não posso ver rastro de saia sem que eu não tome

³¹¹ No excelente estudo sobre a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico, Jorge Leite Júnior desnuda a maneira como elas foram criadas e transformadas ao longo dos séculos, da Antiguidade à Contemporaneidade. Conforme o autor, as matrizes conceituais que fecundaram o solo sobre o qual hoje plantamos e colhemos novas ideias são efeitos da produção e da transformação discursiva sobre os corpos, os sexos e os gêneros com “origem” na Antiguidade, quando a figura do hermafrodita apareceu como indissociável da ideia do andrógino – junções do masculino e do feminino no mesmo corpo. Para uma análise histórico-sociológica das categorias transexual e travesti no discurso científico, ver: LEITE JÚNIOR, op. cit., 2011.

nenhuma atitude, mesmo que só em pensamento. Acontece que no momento, sinto-me muito perturbado pela Roberta Close e não posso passar sem uma olhadela cuidadosa em suas fotos nas revistas coloridas. Responda-me professor, curtir travesti pode implicar em homossexualismo? Se implica, devo procurar um médico? Em Cima do Muro, Varjota³¹².

A resposta bem-humorada do titular da coluna não fugia à regra dos comentários anteriores: “Caro Muro, por mais que Roberta Close seja mulher, ela é um homem. E quanto ir ao doutor, pouco vai adiantar. Ele certamente estará curtindo a Close também. Felicidade”.

O ineditismo do “mito” Roberta Close e sua repercussão na imprensa de Fortaleza possibilitaram um debate nacional acerca do “universo” homossexual, travesti e transexual, contribuindo, desse modo, para a transformação de noções cristalizadas sobre corpo, identidade, sexo e gênero. Como destaquei ao longo deste capítulo, a curiosidade da mídia em torno de Roberta Close e sua repercussão nos jornais de Fortaleza representam o começo de uma nova época: o “tempo da ciência”, da “intromissão” dos hormônios e do silicone, como observou *Playboy*.³¹³ Travestis, mídia, corpos revelados são indícios e efeitos do regime farmacopornográfico³¹⁴ da sexualidade, do gênero e do corpo em Fortaleza, no mesmo tempo em que o país ensaiava seu retorno à democracia.³¹⁵

³¹² CAIRO, Joel. **O Povo**. “Correio sentimental”, julho, Caderno *Fame*, 1984.

³¹³ **Playboy**, mai. 1984, p. 96.

³¹⁴ PRECIADO, op. cit., 2008.

³¹⁵ Não por acaso, Roberta foi utilizada diversas vezes como metáfora da transição que o país estava atravessando. Em 25 de julho de 1984, lia-se, no *Diário do Nordeste*: “É verdade. Já não se pode abrir uma revista brasileira em que não esteja a Roberta Close, às vezes a partir da capa. A propósito, um ilustrado professor de filosofia desabafava ontem para o Diário: - O que existe atrás dessa manifestação original é o subconsciente coletivo se expressando por metáforas e procurando dizer, através de parábolas, que o Brasil tornou-se uma grande atração circense, uma Roberta Close monumental, uma mentira tamanho família, cuja maior atração é passar por ser o que não é. Como o engodo travesti que possui todos, ou quase todos os atributos secundários de uma mulher, também o Brasil tem todos, ou quase todos os atributos secundários de um país desenvolvido”.

A visibilidade das “sexualidades periféricas” no centro da cena público-midiática foi acompanhada por discursos estigmatizantes. A colocação de Roberta como enigma a ser desvendado provocou fascínios, mas, também, estigma. Nem todos estavam fascinados por Roberta Close. Em sua biografia, Roberta se recorda que:

Uma parte da Imprensa sempre me tratou mal. Insistiam em se referir a mim como um travesti. Falavam como se eu fosse uma idiota. Eu dizia uma coisa, publicavam outra. Eram só ataques, ataques e comparações baixas. Não respeitavam os meus sentimentos, me usavam apenas para vender revista.³¹⁶

Enquanto intelectuais como Monte e Carvalho aproveitavam as discussões em torno de *La Close* para fazer uma crítica à homossexualidade como doença, acompanhados por cientistas sociais que, em 1984, se reuniram na Universidade Federal do Ceará para discutir a homossexualidade, Guilherme W. Machado interpretou *La Close* como imitação, entrelinhas, embuste e mentira.

O psicanalista abriu a série de artigos, perguntando-se o que fazia com que “um” travesti – o psicanalista utilizou o gênero gramatical masculino ao ser referir à Roberta – vendesse todos os exemplares das revistas em que aparecia.

De acordo com o psicanalista, a venda de revistas que traziam Roberta Close era um assunto que mereceria uma reflexão dos “confessores modernos”, principalmente pela “constatação de uma evidência”: tratava-se de “um” travesti. Machado apontou que o “pequeno detalhe”, da modelo, era uma “atração a mais”. Conforme o psicanalista, a jovem teria uma “grande vantagem sobre a mulher”.

Ela desperta desejos diferentes. Na aproximação sexual comum, o homem procura a mulher enquanto mãe, mas a libido, sendo uma mistura de tendências homossexuais e heterossexuais, se reconhece talvez mais facilmente num ser andrógeno do que num ser bem determinado. É uma questão de ‘mais ou menos’ [...] Essa variável – o mais ou menos – determina

³¹⁶ RITO, op. cit., 1998, p. 152.

justamente a atração que pode exercer de maneira perfeitamente inconsciente sobre o leitor uma foto de travesti.³¹⁷

O psicanalista recorria ao discurso de que Roberta era uma ameaça às mulheres. A acusação de usurpação da feminilidade acompanhou a produção de enunciados em torno de *La Close*, sendo um dos traços fundadores do estigma travesti, como será visto no próximo capítulo. Não nos esqueçamos da pergunta de Aírton Monte, que iniciou o segundo tópico deste capítulo: “Mudou a cabeça do homem brasileiro ou a mulher brasileira perdeu seu tradicional charme e veneno?”; e das palavras dos jornalistas da *Playboy*: “roubou o lugar das mulheres mais bonitas no último carnaval” ou, ainda, dos discursos presentes nas colunas da jornalista Regina Marshall.

A acusação de que a modelo “roubou o lugar das mulheres mais bonitas no último carnaval”, mas, principalmente, a revelação do seu nome masculino, o “pequeno detalhe”, mostra que o discurso de fascínio em torno de Roberta, alicerçado sobre determinado ideal de beleza feminina, foi acompanhado por discursos estigmatizantes. Nesse sentido, seria um engano acreditar que travestis e transexuais que se aproximavam de uma representação da “mulher de verdade”, como *La Close*, estavam plenamente aceitas na heteronormatividade.

A jornalista Regina Marshall, que assinava uma coluna social dominical no jornal *O Povo*, certamente fazia parte dessa Imprensa lembrada por Roberta. Ao contrário de Monte e Carvalho, se apropriou do fenômeno *La Close* para criticar a visibilidade homossexual. No texto, já citado, intitulado “Geração Roberta Close”, Marshall manifestou seu temor a respeito da visibilidade daqueles que estavam se tornando, em sua opinião, a “grande maioria”: transformistas, “assumidos”, “enrustidos” e “outros do mesmo ramo”.

Afirmava a colunista que, diferentemente de alguns anos atrás, quando “o terceiro sexo era envolto em um amontoado de tabus e preconceitos, que, comentado por debaixo dos panos, ainda causava impacto e chocava até os mais ‘avançadinhos’”, a “Geração Roberta Close” estava “a todo vapor”, “proliferação vergonhosa da bicharada”, antes era restrita às profissões de cabeleireiros, costureiros e maquiladores agora, “tomou conta de todos os setores da sociedade”,

³¹⁷ MACHADO, Guilherme W. Roberta Close, por que tão próxima?. **Diário do Nordeste**, DN Cultura, 8 jul. 1984, p. 3.

“invadindo” teatros, cinemas, novelas, comerciais de televisão, o “alto soçate (sic)” e o plenário do Legislativo.³¹⁸

Em outro texto, intitulado “A Voz do Trovão”, Marshall recorreu novamente à modelo para disparar seu arsenal de injúrias contra a visibilidade dos homossexuais em “todos os setores da sociedade”. A colunista aproveitou o questionamento feito pelo Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro à Justiça, que alegava que Close, que, à época, debutava como entrevistadora no *Programa de Domingo*, da TV Manchete, não tinha diploma de jornalista, nem “sexo definido”, para afirmar:

[...] Que me desculpem a expressão, mas, diante da contratação ridícula de tal figura que, além de se passar por mulher, ainda quer dar uma de jornalista, a “press” verde-amarela está descambando para a avacalhação total. [...].

Uma Roberta Close em horário nobre de domingo, inclusive sendo destaque nas chamadas apresentadas por Sargentelli (A Voz do Trovão), a perguntar a todo e qualquer entrevistado, seja, homem, mulher, bicha ou sapatão, o que faria se estivesse com ela numa ilha deserta, trata-se de uma sem vergonhice sem tamanho, uma tremenda imbecilidade e uma total falta de respeito ao público telespectador. Sem falar no grande mau exemplo que isso significa para o público jovem que vê ali um travesti, numa boa, a dizer besteira por cima de besteira e ainda ganhar uma nota por isso.³¹⁹

A princípio, o texto de Marshall parece tratar apenas da defesa da imprensa como espaço que deveria ser ocupado por profissionais formados nas escolas de comunicação.³²⁰ Seu discurso, no entanto,

³¹⁸ MARSHALL, op. cit., 1984.

³¹⁹ MARSHALL, Regina. A Voz do trovão. **O Povo**, 2 fev. 1985, p. 8.

³²⁰ Para conhecer o papel exercido pelos sindicatos de jornalistas na tentativa de formar os profissionais da área enquanto classe e corporação, no momento da polêmica envolvendo o nome de Roberta Close, ver: SILVA, Marco Antônio Roxo da. Quando até Roberta Close foi jornalista: o jornalismo e suas fronteiras. **Lumina**, v. 2, n. 2, dez. 2008. Disponível em:

revela uma defesa dos valores heteronormativos que nortearam os enunciados da grande imprensa a respeito de *La Close* e, de modo geral, da visibilidade pública da “turma do requadrado”.

Marshall acreditava que homossexuais e travestis deveriam permanecer confinadas aos espaços reservados e não “servindo de exemplo” para o público jovem ou “promovendo e exteriorizando seus problemas”.

De algum tempo para cá, esse pessoal (Roberta Close, Clodovil e similares), antes confinado a salões de cabeleireiros, bailes “gays”, ou costurando para fora, deu para dar uma de “estrela”, transformando-se em cartazes, com espaço livre para deitar e rolar, promovendo e exteriorizando seus problemas. [...] A verdade é que a bicharada anda solta, com toda a corda, dizendo e fazendo o que bem entende, nos mais importantes meios de comunicação.³²¹

Regina Marshall também acionou a ideia do disfarce para criminalizar Roberta Close. A jornalista acusou a modelo de roubar espaço dos jornalistas formados nos cursos de comunicação social (os “verdadeiros” profissionais), culpando-a, ainda, por tentar usurpar a feminilidade da “mulher de verdade”. Para Marshall, *La Close* ameaçaria não apenas a “press” verde-amarela, ou seja, a imprensa, mas, de modo geral, a sociedade.

O discurso de violência linguística presente nas colunas assinadas por Marshall revela que a visibilidade das “sexualidades periféricas” provocou não apenas fascínio, como, também, estigma. A produção do corpo trans como enigmático e de sua ambiguidade como ameaça à “mulher de verdade”, como vimos com o “fenômeno” *La Close*, assim como a difusão de enunciados público-midiáticos, que privilegiaram a associação entre travesti e criminalidade, como veremos nas próximas páginas, são constituintes do mesmo dispositivo.

<<http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/170/165>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

³²¹ MARSHALL, op. cit., 1985, p. 8.

4. CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVO DO ESTIGMA E OS CONTRA-DISCURSOS TRAVESTIS

[As pessoas dizem] - “Ah, você foi travesti no passado!” Eu não fui travesti, não. Eu fui veado de vestir roupa de mulher e tá na rua! De estar fazendo ponto! Eu fui e não nego! Agora tem uma coisa: eu nunca fiz isso pra sobrevivência. Nunca roubei pra viver!³²²

Só eu que tive coragem de virar travesti. Mas, como se diz, virei travesti não do dia pro outro. [...] Eu passei a ser travesti de verdade foi no primeiro programa que eu fiz. Foi quando eu comecei a decidir que eu ia virar travesti, que eu era travesti.³²³

Ser travesti não é somente frequentar o “Baile dos Enxutos”, ser engraçado, ai, ai, ai, ti, ti, ti. Existe, fundamentalmente, o lado sério e humano. Já disseram até que travesti veste roupa de mulher porque gosta de aparecer, sobressair, o que não é verdade. Cada um tem o direito de ser aquilo que melhor lhe convém, e isso deve ser respeitado.³²⁴

O primeiro trecho em destaque faz parte da narrativa de Bianca sobre o tempo em que se travestiu em Fortaleza. Ao contar sua história, problematizada no primeiro capítulo deste trabalho, ela não se identificou como “travesti de peito”, mas como “veado de vestir roupa de mulher”. Ainda que Bianca tenha se travestido, usado hormônios e utilizado nome feminino durante um período de sua vida, ela não se identificou, durante os nossos encontros, como travesti.

A citação seguinte foi retirada de uma fala de Thina Rodrigues, cujas histórias também compõem o enredo desta tese. Como vimos no primeiro capítulo, Thina condicionou seu processo de “virar travesti” às transformações corporais, proporcionadas pelo uso de hormônios e pela aplicação de silicone. Thina se considera uma “travesti de verdade”.

³²² Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2011.

³²³ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

³²⁴ Os travestis da vida. **Close**, jun. 1981, p. 44.

O último trecho, finalmente, faz parte de uma entrevista que Roberta concedeu à revista *Close*, que exibiu o ensaio sensual da modelo naquela publicação, de onde, a propósito, Roberta escolheu seu sobrenome. Na entrevista, a jovem se reconheceu como travesti, ao contrário do que ocorreria, anos depois, na *Playboy*, afirmando que, como tal, sua experiência não poderia ser resumida à imitação ou carnavalesco do feminino.

Bianca, Thina Rodrigues e Roberta Close têm mais em comum do que, a princípio, podemos imaginar. De um modo ou de outro, suas experiências e (des)identificações com o “universo trans” foram atravessadas pelo dispositivo do estigma. Se retomo essas narrativas trans para iniciar o capítulo, é com o objetivo de disparar as discussões sobre esse dispositivo, que ganhou novos regimes de produção e de difusão através dos meios de comunicação.

O dispositivo do estigma travesti é compreendido, neste trabalho, como estratégia normativa que constitui a economia dos mecanismos de poder, saber e produção de subjetividades no tempo farmacopornográfico. Esta rede heterogênea de discursos e práticas atualizou (e continua atualizando), em torno das experiências travestis, antigas associações entre homossexualidade-patologia e travesti-disfarce-criminalidade, existentes desde o início do século XX, que ganharam, por meio dos meios de comunicação, novos lugares de enunciação.

Para realizar a análise genealógica da produção do estigma travesti, inseparável da própria emergência do sujeito travesti público-midiatizado, no tempo farmacopornográfico, continuo escavando os discursos da imprensa e relacionando-os às peculiaridades dos enunciados produzidos em Fortaleza, com a produção discursiva sobre o “universo trans” que circulava nacionalmente.

Quais foram as relações de poder-saber que produziram o sujeito travesti estigmatizado no momento mesmo em que as experiências trans designaram um novo sujeito sexual? Quais foram os atributos associados aos sujeitos travestis que foram produzidos como marcas estigmatizadoras? Como a prática da prostituição travesti foi transformada em marca normativa do estigma travesti? Quais foram os contra-discursos travestis que foram elaborados na denúncia do estigma?

São essas as principais questões que orientam este último capítulo da tese.

4.1 O DISPOSITIVO DO ESTIGMA

Propus-me a analisar um grupo de jovens e seus parceiros homossexuais adultos. A interação desse grupo de menores com determinada categoria de homossexuais masculinos é analisada, procurando detectar o significado da mesma. Verifico, também, a natureza dessa relação e como os dois grupos a interpretam, como se apresentam e veem a situação. Especialmente em relação às categorias de homossexuais, procuro detectar como convivem com seu estigma e se vêem a si mesmos.³²⁵

O trecho em destaque encontra-se nas primeiras páginas da dissertação **Reis e Rainha no Desterro**, de autoria de Regina Maria Erdmann, produzida em Florianópolis, no início da década de 1980. O trabalho é um registro histórico de uma das representações do sujeito travesti no Brasil, no tempo farmacopornográfico. Das páginas da obra emerge “o” travesti como pertencente à categoria de homossexuais que “convivia com seu estigma”.³²⁶

Ao empregar o termo estigma para explicar a interação entre os grupos de “homossexuais adultos do mesmo sexo”³²⁷ e de “menores do sexo masculino”, Erdmann inseriu sua pesquisa no campo dos estudos sobre o “comportamento desviante”, o que revela os ecos do pensamento do sociólogo canadense Erving Goffman no seu trabalho e, de modo geral, nas ciências sociais brasileiras daquele período.³²⁸

O termo estigma foi transformado em categoria de análise sociológica por Goffman na década de 1960. Entre os gregos, o termo foi utilizado para se referir às marcas corporais através das quais se procurava evidenciar algo de extraordinário ou de mau sobre quem as apresentava. Os sinais no corpo, que poderiam ser feitos com corte ou fogo, indicavam que uma pessoa (escravo, criminoso ou traidor) deveria

³²⁵ ERDMANN, op. cit., 1981, p. 1.

³²⁶ No trabalho de Erdmann, as pessoas estigmatizadas pertenciam à categoria “homossexual masculino”, que se desdobrava em diversas subcategorias nativas, como homossexual, boneca, entendido, convicto e travestis.

³²⁷ ERDMANN, 1981, p. 1.

³²⁸ Sobre essa questão, ver: VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 38, p. 9-17, 2002.

ser evitada, especialmente, em lugares públicos. Na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro, religioso, referia-se a sinais corporais de “graça divina”; e o segundo, médico, correspondia às marcas corporais de “distúrbio físico”.³²⁹

Em Goffman, o termo faz referência a um “atributo profundamente depreciativo”, que, através de uma “linguagem de relações”, de “exigências” e de “expectativas normativas”, estigmatiza alguns sujeitos, provocando descrédito, vergonha e marginalidade, ao mesmo tempo em que confirma a “normalidade” de outros. “Assim, deixamos de considerá-lo [o sujeito estigmatizado] criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente, quando seu efeito de descrédito é muito grande”,³³⁰ sentencia Goffman.³³¹ Para o sociólogo, “acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano”.³³²

Ainda que Goffman e Erdmann estivessem preocupados com as experiências estigmatizantes dos sujeitos, estes/as pesquisadores/as não se questionaram sobre os mecanismos de produção do estigma. Goffman deu pouca atenção às normas sociais que produziram, na garota “desesperada”, cuja impactante carta abre seu estudo, o desejo de se matar por ter nascido sem nariz. Erdmann, por sua vez, não foi além do questionamento de como os homossexuais “convivem com seu estigma”. Nesse sentido, os seus trabalhos naturalizaram as experiências estigmatizantes dos sujeitos.

No presente capítulo, o termo estigma não aparece como categoria explicativa, como em Goffman e Erdmann, mas, como palavra, que, ao ser associada, no período analisado, às experiências de homossexuais e travestis, necessita ser historicizada e problematizada. Para tanto, me aproprio do conceito de dispositivo, conforme pensado por Michel Foucault, que o definiu como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações

³²⁹ GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: LTC, 2012, p. 11-13.

³³⁰ GOFFMAN, *ibidem*.

³³¹ De acordo com Goffman, os sujeitos estigmatizados – suas pesquisas são povoadas por ex-presidiários, homossexuais e sujeitos com “incapacidade física” (auditiva, visão, locomoção) – poderiam ser facilmente recebidos na relação social cotidiana, mas ao apresentarem um “traço que pode-se impor a atenção” (“abominações do corpo”, “culpas de caráter individual”, “estigmas tribais de raça”), que causa uma discrepância entre “identidade real” e “identidade virtual”, sofrem uma série de efeitos de descrédito.

³³² GOFFMAN, *op. cit.*, 2012, p. 15.

arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. [...]. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”.³³³

Se o dispositivo surge para atender a uma urgência, como apontou Foucault, o disposto do estigma travesti está indissociável da emergência público-midiática desses sujeitos e, de modo geral, dos homossexuais na sociedade. Sua função estratégica foi produzir um sujeito perigoso, que legitimou e justificou as relações de poder heteronormativas que atravessaram os corpos e a cidade. Se o dispositivo do estigma travesti respondeu a uma necessidade histórica, foi a de proteger a ordem rígida do gênero e disciplinar da cidade – ameaçada não apenas pela Nova República, mas pelas novas feminilidades (trans).

Os dispositivos são máquinas de fazer ver e falar.³³⁴ As imagens de Rogéria na *Manchete*; o corpo nu de Roberta Close na *Playboy*; as narrativas de Bianca e de Thina Rodrigues; a etnografia de Erdmann; assim como as reportagens dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* sobre o “universo trans”, compõem as “curvas de visibilidade” e os “regimes de enuciabilidade” do dispositivo do estigma travesti, que ganhou formas de ver e de falar nos meios de comunicação no tempo farmacopornográfico.

Das/nas páginas da grande imprensa de Fortaleza, emergiu, sobretudo, um sujeito travesti “perigoso” e “marginal”, associado às “desordens” na cidade, como roubos, brigas, assassinatos e Aids. Ainda que os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* tenham dado destaque às travestis famosas nacionalmente, como Rogéria, Roberta Close e Jani Di Castro, a maioria das reportagens desses periódicos sobre travestis relacionou o “universo trans” à criminalidade, e, como veremos de modo detalhado no próximo tópico, à prostituição, que apareceu na imprensa como território perigoso. A certeza das acusações contrastava com as incertezas sobre o sujeito, cujo nome feminino entre aspas, seguido da revelação do nome masculino, parece simbolizar.

³³³ FOUCAULT, op. cit., 2010, p. 244.

³³⁴ DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>>. Acesso em: 16 out. 2015.

As notas transcritas abaixo ilustram a maneira como as travestis, principalmente, aquelas que pertenciam às camadas populares, surgiram na grande imprensa da capital cearense, no tempo farmacopornográfico:

Agentes da Delegacia de Furtos e Roubos detiveram na madrugada de ontem vários travestis que perambulavam pela cidade, visando identificar aquele que seria o assaltante da Casa Andrade, de onde levou, em companhia de um parceiro, a importância de trezentos mil cruzeiros. Entre os detidos, todas as atenções se voltavam para as Valérias, uma loura e outra morena, identificadas como José Carlos Gomes e Jarbas Daniel Freitas. Pela manhã todos os travestis, depois de serem mostrados à caixa da Casa assaltada, foram postos em liberdade. Nenhuma tinha a aparência da assaltante.³³⁵

Francineide Venâncio da Silva, residente na Rua General Sampaio, 466, foi atingida a golpe de garrafa desfechado pelo travesti conhecido por Paulinha. O fato verificou-se ontem de madrugada, na Praça José de Alencar. A vítima recebeu medicação de urgência na Assistência Municipal.³³⁶

Com três tiros de revólver, o travesti Fernando Batista da Silva, a “Fernanda”, sem residência fixa, matou o baiano Carlos Cícero Andrade, natural de Salvador, 36 anos, com quem vivia maritalmente. Ele fugiu. O crime ocorreu anteontem à noite, no interior de um bar, à avenida Duque de Caxias, 839, Térreo do Edifício Jalcly Avenida, área bastante frequentada por travestis e boêmios.³³⁷

³³⁵ DFR prendem travestis suspeitos de assalto. **O Povo**, 28 jan. 1984, Plantão da Polícia, p. 13.

³³⁶ Travesti agride. **O Povo**, 22 maio 1984, Plantão da Polícia, p. 8.

³³⁷ Travesti mata amante a tiros no “Jalcly Avenida”. **O Povo**, 15 set. 1989, Polícia, p. 14A.

Essas notícias trazem o *script* que constituíram o sujeito travesti público-midiatizado e o dispositivo do estigma travesti na imprensa de Fortaleza, no tempo farmacopornográfico: a associação travesti-criminalidade. Modos de falar.

A ambiguidade travesti apareceu como prática suspeita. Na notícia sobre a prisão das Valérias, a “aparência” foi utilizada como parâmetro de reconhecimento e (pré)julgamento, o que justificou, de forma naturalizada, a inserção das travestis no *rol* da criminalização. Tal julgamento fazia parte do exercício policial, da sua força no aparato social e jurídico, sendo indício de uma sociedade profundamente hierarquizada que cria as diferenças baseadas na aparência para transformá-las em estigma.

As travestis apareceram sem direito à fala ou a uma história que não fosse a do crime no qual apareceram enredadas. Se Paulinha apareceu na imprensa, foi unicamente como a travesti que agrediu Francineide Venâncio da Silva com um golpe de garrafa; o jornal não falou nada sobre a mesma. Na entrelinha de tal mudicidade se esconde a ideia de que, ao não serem reconhecidas como humanas, as travestis, principalmente, aquelas pertencentes às camadas populares, não tiveram direito ao protagonismo do verbo ou a uma biografia, ao final, a uma vida. Somente as que possuíam uma “ambiguidade perfeita” ou as que buscaram se afastar da prostituição, como *La Close*, tiveram direito a uma história de vida, ainda que também atravessada pelo mesmo dispositivo do estigma.

As experiências trans surgiram no dispositivo do estigma, operacionalizado pela imprensa, a visibilidade associada às desordens, aos escândalos, aos assassinatos. Mais do que apenas descrever pequenas perturbações cotidianas, as notícias publicadas nas seções policiais constituíram parte dos mecanismos e das estratégias de saber-poder farmacopornográfico que atravessaram a emergência do sujeito travesti público-midiatizado. A notícia sobre o assassinato do namorado de Fernanda é exemplar. Tal *script* revela o lugar reservado às travestis no enredo do dispositivo do estigma operacionalizado pela mídia no tempo farmacopornográfico: o lugar da criminalidade.

A associação feita, na imprensa, entre travesti e criminalidade era tal, que, no texto em que conta a história da travesti Valéria, publicado em 1984, no jornal *Diário do Nordeste*, o jornalista Odovaldo Portugal Neiva lembrou que “com um grande espaço nas ‘calúnias’ policiais (o termo é de Valéria), os travestis chegam à imprensa local através dos

escândalos. Travestis presos com maconha – uma delas”.³³⁸ O jornalista escreveu que a primeira reação de Valéria, ao se deparar com a reportagem do jornal, foi afirmar: “Vocês só procuram a gente pra falar de crise, quem matou ou morreu. Nosso ‘trabalho’ pouco interessa”.³³⁹

Esta representação das travestis como sujeito perigoso e marginal atravessou a narrativa dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa. Ou seja, as redes de significação construídas nos meios de comunicação atravessaram a vida dos sujeitos. Rogéria, de Fortaleza, contou que:

[...] a polícia achava que naquela época todo travesti roubava, entendeu? Tá certo que tinham várias que roubavam, assaltavam, mas eram aquelas pessoas que moravam no Farol. Tinha a finada Quinca que foi uma das primeiras aqui do Ceará que mataram ela lá na [Avenida] José Bastos. Ela foi fazer o roubo com dois ladrões e não quis dividir um dos roubos, aí o ladrão matou ela. Ela foi lenda a finada Quinca, entendeu? Essa daí assaltava, ela entrava no carro e assaltava. Tanto que puxou cadeia, passou vários anos presa. A finada Quinca é um nome aqui, tipo marginal. Era um travesti marginal, todo mundo conhecia como ladrão. Passou vários, IPPE, ou melhor, IPPO que se chamava na época. Quando eu conheci ela, já nos anos setenta, já era um senhor de idade. Se fosse vivo hoje ia ter uns oitenta e tantos anos.³⁴⁰

Os sentidos atribuídos por Rogéria à sua experiência travesti não foram atravessados apenas pelas imagens das travestis famosas como Rogéria e Roberta Close, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, mas por histórias, como a da “finada Quinca”. Thina, por sua vez, revelou que:

Aí a gente já não queria amizade com ela, porque a gente tinha preconceito. A gente temia travesti. Porque travesti era sinônimo de violência, era

³³⁸ NEIVA, Odovaldo Portugal. Quando a hierarquia gay (ou pelo menos aceita). *Diário do Nordeste*, DN Gente, 4 nov. 1984, p. 3.

³³⁹ *Idem*.

³⁴⁰ Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

sinônimo de corte, entendeu? Era barbarizar tudo, ser travesti, entendeu? Tinha uma palavra que eu ia dizer, mas esqueci. Era o carimbo da máfia, era nós, entendeu? Por um lado era bom, porque a gente era respeitada, marginal nenhum mexia com a gente.³⁴¹

A associação entre travesti e criminalidade, que transformou a imprensa em par indispensável do dispositivo do estigma, compôs as narrativas dos próprios sujeitos trans e a relação de proximidade-afastamento desses sujeitos com certa imagem travesti. Talvez Bianca tivesse essas imagens em mente quando se recusou a assumir uma identidade travesti.

Assim como as notícias, as fotografias de travestis que ilustravam as matérias publicadas nas folhas de Fortaleza constituíram as tecnologias de saber-poder do dispositivo do estigma travesti e engendraram sentidos às experiências trans. Não por acaso, Valéria, a travesti entrevistada por Neiva, se recusou a ser fotografada: “Por questões de segurança, meu filho, fotos não. Pode fotografar qualquer travesti. A história é a mesma”. Um detalhe: alguns fazem e não dão nomes aos bois, meu bem.³⁴² Modos de ver.

As fotografias de travestis publicadas nos jornais *O Povo e Diário do Nordeste* apresentaram certo padrão de visualidade. Diferentemente das fotografias coloridas das travestis das edições de carnaval da revista *Manchete* e das imagens que destacaram a sensualidade de Roberta Close, nas revistas masculinas, a representação mais comum da travesti na imprensa de Fortaleza são os retratos das travestis presas que estampavam as colunas policiais dos jornais.

As fotos em preto e branco, feitas, geralmente, na delegacia, durante a prisão das travestis, traziam, quase sempre, uma legenda contendo o nome masculino seguido do nome feminino das travestis entre aspas. O reforço da ambiguidade e a ambiguidade pensada como disfarce com fins criminosos presente nas notícias compôs o retrato das travestis.³⁴³

³⁴¹ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

³⁴² NEIVA, op. cit., 1984, p. 3.

³⁴³ Judith Butler faz uma interessante reflexão, a partir de Levinas, sobre a importância do rosto no processo de humanização/desumanização presente na representação midiática acerca de determinados sujeitos, apontando o papel da mídia no esvaziamento do humano através da imagem e o caráter violento dessa

Figura 19 – Valérias.



As duas 'Valérias' movimentaram bastante a Delegacia de Furtos. Fonte: DFR
 prendem travestis suspeitos de assalto. **O Povo**, 28 jan. 1984, Plantão da
 Polícia, p. 13. Acervo: BPGMP.

Figura 20 – Rogéria.

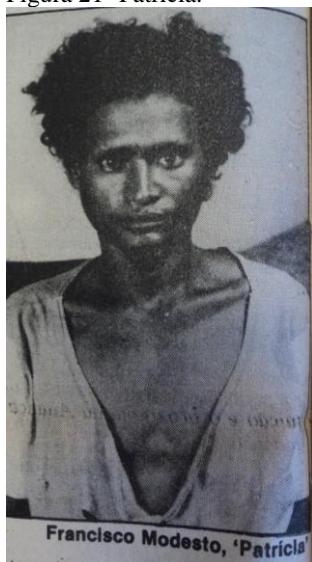


Luciano Nascimento, travesti

Fonte: **Diário do Nordeste**, 1984. Acervo BPGMP.

produção. Para Butler, certas personificações midiáticas nem sempre humanizam. Cf. BUTLER, J. Vida precária. **Contemporânea**, n. 1, p. 13-33, 2011.

Figura 21- Patrícia.



Fonte: Travesti é preso na tentativa de fugir mas a saia atrapalha, **Diário do Nordeste**, 19 de abril de 1985, p.12. **Diário do Nordeste**. Acervo: BPGMP.

As imagens de travestis nas colunas policiais dos jornais de Fortaleza mantêm certos laços de parentesco com a fotografia instrumental, utilizada como tecnologia de vigilância e de regulação no século XIX. Como mostra John Tagg,³⁴⁴ a fotografia surgiu como nova técnica de representação através da qual se entrelaçaram regimes de poder e de saber marcados pela organização administrativa (aparecimento de novas instituições, práticas de observação e arquivamento); e pela emergência de novos conhecimentos (antropologia, criminologia, anatomia médica, saúde pública, urbanismo, saneamento etc.). Estava em jogo a formação dos Estados Nacionais.

Naquele período, os usos da fotografia como evidência jurídica e prova médico-policial estavam restritos a determinados contextos institucionais, como tribunais de justiça, comitês parlamentares, departamentos governamentais, publicações profissionais e círculos acadêmicos. Tagg ainda mostra que, na terminologia daqueles discursos,

³⁴⁴ TAGG, John. **El peso de la representación**: ensayos sobre fotografías e historias. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

as classes trabalhadoras, os povos colonizados, os criminosos, os pobres, os doentes e os loucos foram designados como objetos passivos e feminizados, “sometidos a una mirada escrutadora, forçados a emitir signos, pero apartados del control del significado, esos grupos eran representados e intencionadamente mostrados como incapaces de hablar, actuar u organizarse por sí mismos”.³⁴⁵

As fotografias de travestis publicadas nas seções policiais dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* também funcionaram como tecnologia de vigilância e de regulação indispensáveis para a formação e legitimação de um poder-saber³⁴⁶ sobre o gênero, o sexo, o corpo e os espaços da cidade no tempo farmacopornográfico. Mais do que evidência jurídica e/ou médica, as fotografias de travestis na grande imprensa funcionaram como produtoras da ideia de perigo, medo e ameaça associadas às travestis.

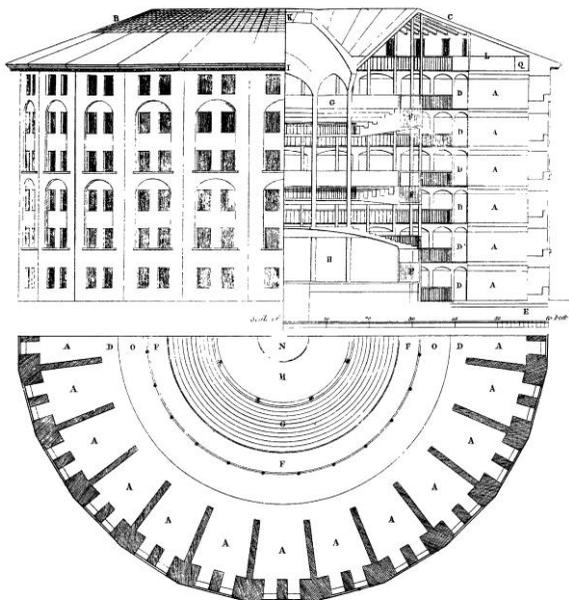
Nessa perspectiva, a câmera fotográfica dos repórteres das folhas jornalísticas de Fortaleza, que tudo pareceu registrar, estimular e controlar, pôde ser utilizada como metáfora para pensar a produção imagética como tecnologia panóptica, no tempo farmacopornográfico. Embora tal tecnologia não apresente a mesma natureza do dispositivo da prisão analisado por Foucault, cujo panóptico inventado pelo engenheiro naval Samuel Benthán, em 1786, é paradigmático, ambas têm o mesmo objetivo: intensificar a vigilância e o controle dos corpos.³⁴⁷ Contudo, enquanto, na primeira, os corpos são encarcerados, na segunda, os corpos são expostos.

³⁴⁵ TAGG, *ibidem*.

³⁴⁶ Susan Sontag lembra que uma das utilidades da fotografia é incriminar. Depois de inaugurado seu uso pela polícia parisiense, no cerco aos *comunards*, em junho de 1871, as fotos tornaram-se uma útil ferramenta dos Estados modernos na vigilância e no controle de suas populações cada vez mais móveis. SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 16.

³⁴⁷ Paul B. Preciado percebeu a sobrevivência do modelo de Benthán no desenho original da cartela de pílula anticoncepcional comercializada a partir dos anos de 1960. Para Preciado, a pílula é um panóptico comestível. “La torre de vigilancia ha sido sustituida ahora por los ojos de la consumidora dócil de la píldora, que sin necesidad de mirada exterior, regula su propia administración siguiendo el calendario espacial propuesto por la plaqueta circular o rectangular”. Cf. PRECIADO, *op. cit.*, 2008, p. 133-135. Tal reflexão me inspirou a pensar a objetiva como produtora de um sujeito que deveria ser controlado.

Figura 22 - Planta do Panóptico, de J. Benthan, 1791.



Fonte: Reproduzido nos livros **Vigiar e Punir** e **Texto Yonqui**, de Michel Foucault e Paul Beatriz Preciado, respectivamente.

Figura 23 - NIKON F3 com Motor Drive Md-4 Reflex 35mm Analógica.



Fonte: Elaborada pelo autor.

As notícias e as fotografias que associaram travesti e criminalidade são elementos que constituem o dispositivo travesti produzido na/pela imprensa. Enquanto, em *La Close*, tal dispositivo marcou o corpo ambíguo como ameaça à “mulher de verdade”, motivando as acusações de que Roberta Close estava roubando o lugar das mulheres, no caso das travestis, que apareceram nas colunas policiais, a ambiguidade apareceu indissociável da ideia de disfarce, sendo projetada como ameaça à sociedade de modo geral.

Como veremos no tópico seguinte, o dispositivo do estigma transformou a prostituição, prática social travesti que assumiu significativa visibilidade na sociedade, em experiência estigmatizante por excelência. Se a ambiguidade oferecia riscos à pureza da ordem sexo/gênero, uma vez que ameaçava poluí-la, a prostituição representava perigo ao ordenamento da cidade.

Em defesa do modelo rígido de gênero, cambaleante com as críticas feminista e homossexual desde o final dos anos de 1960; e disciplinar da cidade, em crescente processo de urbanização na década de 1970, foi produzido um sujeito travesti-perigoso, que deve ser evitado, temido, regulado, encarcerado e assassinado (e/ou inserido como estigmatizado).

Ao mesmo tempo em que emergem como novo sujeito, considerado, à época, como pertencente a um “terceiro sexo”, as travestis foram tomadas como ameaça ao ordenamento do gênero e da cidade. A imprensa não apenas descreveu as experiências trans, mas atuou no processo histórico de fabricação de sua visibilidade público-midiática-estigmatizada.

4.2 O DISPOSITIVO DA PROSTITUIÇÃO E DA AIDS

No tempo das perucas, a palavra travesti não definia um novo sujeito, tampouco estava associada à prática da prostituição. Como vimos no primeiro capítulo desta tese, entre os homossexuais, também chamados “bicha” e “boneca”, o termo travesti designava uma prática provisória, restrita aos espaços privados, afastados da cidade e/ou de visibilidade temporária. Manoel Amorim empregou o termo nesse sentido, em seus romances: “O carnaval aproximava-se. As bonecas estavam eufóricas: umas iriam em blocos, outras fariam travesti no

côrso e à noite dançariam na Boate Califórnia, onde era tradicional o baile das bonecas”.³⁴⁸

Na década de 1970, o termo travesti também passou a designar um novo sujeito, que ganhou inteligibilidade como um tipo de homossexual masculino, que feminilizava o corpo através do uso de hormônios e da aplicação de silicone. Rogéria, conhecida nacionalmente a partir da atuação na peça teatral *Le girls*, é paradigmática da emergência dessa nova visibilidade público-midiática farmacopornográfica. A circulação de Rogéria pelo Brasil e a repercussão dos espetáculos teatrais protagonizados pela travesti nos meios de comunicação do país contribuíram para que muitos sujeitos, inclusive em Fortaleza, se autodesinissem como travesti.

Na passagem dos anos de 1970 para 1980, no entanto, travesti deixou de significar somente uma prática provisória ou novo tipo de homossexual, que vivia “vinte e quatro horas como mulher” (o que o ativismo contemporâneo apontaria como sendo a constituição de uma identidade de gênero feminina), para se tornar sinônimo de homossexual que se prostitui.³⁴⁹ Como observou Neuza Maria de Oliveira em sua etnografia com travestis de Salvador, realizada no início da década de 1980,

não só de plumas, paetês e sonhos glamourosos vivem os travestis brasileiros. Nos grandes centros urbanos não pisam apenas no palco ou emergem magicamente durante o carnaval. Após as primeiras luzes da noite, habitam as ruas e avenidas exercendo o antigo ofício da “mercância” do uso do corpo e do erotismo.³⁵⁰

Oliveira, que escreveu sua pesquisa no momento em que a prostituição travesti assumia maior visibilidade público-midiática no Brasil, reconheceu que, embora grande número de travestis exercesse atividades diversas, a “identidade entre prostituição e travesti” acabou atribuindo-lhe a “cama como seu local de trabalho”.³⁵¹

³⁴⁸ AMORIM, op. cit., 1971.

³⁴⁹ Nesse mesmo momento histórico aconteceu o “Voo da beleza”, emigração de travestis do Brasil para a França. OLIVEIRA, 1994; TREVISAN, 2011; para uma perspectiva recente do “Voo da beleza”, ver: VALE, 2013.

³⁵⁰ OLIVEIRA, ibidem, p. 79.

³⁵¹ Idem.

Nascia o “travesti prostituto” como efeito da comercialização e mercantilização do sexo no tempo farmacopornográfico; da democratização do estrelato travesti³⁵² e do corpo travesti feminilizado, por meio do uso dos hormônios e do silicone,³⁵³ que tornaram as travestis mais desejáveis, atraentes e cobiçadas. O ensaio sensual de *La Close* na revista *Playboy*, por intermédio do qual muitos/as brasileiros/as tiveram contato pela primeira vez com um corpo trans nu, possivelmente, despertou a curiosidade de muitas pessoas sobre como seria transar com uma travesti. E, ainda, diante de um contexto de crise econômica e de desemprego, em que vivia o país e a cidade de Fortaleza no início da década de 1980, a prostituição se transformou em alternativa de sobrevivência econômica para muitas travestis excluídas do mercado de trabalho formal.

Crescente em número e em visibilidade no início da década de 1980, a prostituição travesti não despertou somente o interesse acadêmico de pesquisadores/as, como Erdmann e Oliveira, mas, sobretudo, o olhar panóptico da mídia, segundo a qual foi operacionalizado o dispositivo do estigma. Todavia, enquanto as pesquisas etnográficas possibilitaram outros lugares de enunciação para as experiências travestis (mesmo privilegiando narrativas sobre a prostituição), a imprensa as descreveu na prostituição (quase que exclusivamente) como sinônimo de criminalidade e perigo, fabricando uma travesti “marginal” e “perigosa”.

A maioria das matérias veiculadas nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, na década de 1980, particularmente, aquelas publicadas nas colunas policiais, projetou sobre a prostituição travesti uma série de imagens ameaçadoras. Os discursos que colocavam a travesti como ameaça à sociedade, presente, por exemplo, nas entrelinhas das coberturas midiáticas em torno de Roberta Close, ficaram, assim, mais explícitos nas reportagens sobre a presença de travestis nos espaços públicos de Fortaleza, tornando-se constituintes da emergência do sujeito travesti público-midiatizado na cidade.

Notícias envolvendo travesti, prostituição e criminalidade, como a que reproduzo abaixo, foram constantes nas folhas fortalezenses, ao longo do tempo farmacopornográfico.

³⁵² GREEN, op. cit., 2000, p. 403.

³⁵³ KULICK, op. cit., 2008, p. 149.

Atravessar a Praça do Ferreira à noite, especialmente, depois das 22 horas, é por demais perigoso. Travestis se postam nas calçadas à procura de clientes. O homem que, por infelicidade, pretenda passar a noite com um deles acaba assaltado. O golpe é simples. O travesti convida o amigo para tomar alguns tragos e quando o freguês vai para a cama, já embriagado, acaba sendo furtado. Os travestis e as mulheres, agindo em conjunto ou isoladamente, também praticam assaltos, imobilizando suas vítimas sob a mira de armas. Há também aqueles que procuram os bancos dos logradouros públicos para fumar maconha, ou praticar sexo. Assim o Centro da cidade torna-se, com o passar dos anos, um verdadeiro antro de marginais.³⁵⁴

Foi através da ocupação noturna das ruas e das praças do centro da cidade que as travestis despertaram a atenção da grande mídia e, como veremos, da polícia. Enquanto, no período da manhã, as praças do Ferreira, José de Alencar, Castro Carreira, (esta última conhecida como Praça da Estação) e o Passeio Público, localizadas no centro da cidade, assumiam visibilidade como lugares diversificados de circulação de transeuntes e produtos, no período da noite, esses logradouros públicos da capital cearense se transformavam em um “verdadeiro antro de marginais”, segundo a imprensa.

Durante o dia, entre edifícios históricos, Cine São Luiz (Praça do Ferreira), Teatro José de Alencar (Praça José de Alencar) e Estação João Filipe (Praça Castro Carreira), trabalhavam vendedores ambulantes de bolsas, calçados, bombons, cigarros, brinquedos, cerâmica, óculos, pipoca, sorvete, sanduíches, refrigerantes, acarajé e cafezinho que se misturavam aos donos de bancas de revistas e de jogo do bicho, e, também, aos mendigos, hippies e trombadinhas.

Entre essa miscelânea de sujeitos que buscavam sobreviver ao alto índice de desemprego que marcava o Ceará no início da década de 1980,³⁵⁵ encontrava-se “Burra-Preta”, que ganhou a atenção da imprensa

³⁵⁴ Antro de marginais. **Diário do Nordeste**, 24 mai. 1986, p. 9.

³⁵⁵ Fortaleza no pesadelo social do desemprego. **Diário do Nordeste**, 14 mai. 1984, capa.

como “figura folclórica mais conhecida na cidade”.³⁵⁶ Carvalho descreveu “Burra-preta” como: “[...] misto de figura de bumba-meu-boi e personagem/fenômeno dos museus itinerantes de cera, sempre pede dinheiro para completar um prato feito das pensões da Praça da Sé. E escandaliza com a sua coleção de bustiês de senso estético mais aguçado”.³⁵⁷

Era só o moreno, de quase dois metros de altura, com “jeito atrevido no andar” e de “fala grossa conflitando com os trejeitos femininos”, aparecer, para que um reboiço acontecesse na Praça do Ferreira. Os vendedores das lojas, acompanhados dos donos das bancas de jornal, faziam piadas dele; as piores, entretanto, eram as crianças, que, não se limitando às palavras, corriam atrás da “figura morena e agigantada que apressando o passo procura fugir do barulho, da maneira mais rápida possível”.³⁵⁸

Ainda que “Burra Preta” fosse apresentada como o “homossexual mais valente” do Ceará, que “nem policial se mete”, sendo comparada à Madame Satã, parece ter provocado riso, mais do que medo. Isso talvez explique o fato de a personagem ter sido incorporada à cena diurna da cidade, sem a necessidade de sua expulsão do espaço público, como aconteceu com as travestis consideradas “perigosas” e “marginais”.

Durante a noite, os logradouros, como a Praça do Ferreira e as ruas próximas, eram transformados em território de encontros de homossexuais e travestis. Ali, alguns/as praticavam o *trottoir*, como ficou conhecido o tipo de prostituição de rua travesti mais comum em Fortaleza e em outros centros urbanos brasileiros naquele período. Somente na área próxima ao Correio Central de Fortaleza, no centro da cidade, encontrava-se uma média de 30 travestis que, geralmente, começavam “a baixar no local” por volta das 21 horas e permaneciam, aproximadamente, até às 3 horas da manhã, “dependendo do movimento”.

Valéria, citada no tópico anterior, era uma das travestis que “marcava ponto” no centro de Fortaleza. Sua história, contada pelo jornalista Odovaldo Portugal Neiva, no *Diário do Nordeste*, efeito do interesse da imprensa pelo “universo travesti” no auge do “fenômeno Roberta Close”, mostra a complexidade da vivência travesti.

³⁵⁶ MACHADO, Ana Lúcia. No centro de Fortaleza, a festa é do povo. **Diário do Nordeste**, 12 mai. 1982, p. 12.

³⁵⁷ CARVALHO, op. cit., 1983, p. 65.

³⁵⁸ MACHADO, op. cit., 1982, p. 21.

Na área central da cidade, marcada pela hierarquia machista, as coisas, realmente, acontecem. Veja só: “Valéria” é casada há cinco anos com Antônio, bancário, 28 anos, estudante da Universidade Federal do Ceará. Até aí, tudo bem: Valéria é uma mulher e a vizinhança não vai se perturbar. Só que “Valéria” é metade de uma “nova” opção sexual do cearense. Sem conversa fiada, Valéria é travesti. Marcando ponto entre as ruas Liberato Barroso, Guilherme Rocha, Major Facundo, Praça José de Alencar, Valéria ganha a vida contrariando as leis dos caretas. Eles são demais. Com Valéria uma centena de “outras” moças que rejeitam o “mito” Roberta Close, defende seus “bofes”, num linguajar todo próprio.³⁵⁹

Todas as noites, Valéria tomava o ônibus José Walter-Circular, em direção à casa de Antônio, no Centro. Maquiada, glamourosa, carregada de base e pó que foram comprados em lojas de “produtos de mulher”, Valéria transformava-se na “dama da noite”. A travesti relevou ao jornalista que

“a maioria dos homens que **transa** é casado. Deixa as mulheres em casa e parte pro centro. Eles pagam bem, mas se encontrar você em qualquer circunstância nem fala”. Rancorosa, agora, Valéria fica triste. Aparece um fusca branco, misterioso, atento: buzina. Valéria – “bixin” falamos depois. Não se vê o rosto, percebe-se a barba pós-marxista e os óculos de fundo de garrafa. Existe um perfil mais “macho” do que este? – a direção do fusca branco é para o Motel Damas, na zona central da cidade. Lá entre as “acusações de traficantes e desordeiros pela polícia”, o amor vai “realmente” acontecer. Na saída, deixa com D. Creuza, seis barões – é o preço por duas horas de “amor” e velhos filmes. Os riscas de televisão que insistem em quebrar o barato.

³⁵⁹ NEIVA, op. cit., 1984, p. 3.

Curto prazer, é certo. Afinal, Valéria precisa “faturar”.³⁶⁰

A história de Valéria não era muito diferente de outras histórias travestis, como Thina, Valquíria, Margô, Ruth, Ana, Micheline, Aydê, Celeste,³⁶¹ que deixaram suas famílias e os preconceitos sofridos no interior do Ceará para “brilhar”, “ganhar fama” e “faturar” a vida em Fortaleza, cidade que aparece em suas narrativas como lugar de oportunidades de trabalho e de “liberdade comportamental”. Contudo, a maneira como a história de Valéria foi contada por Neiva se diferenciou do modo como a maioria das travestis aparece, no mesmo período, na grande imprensa.

Valéria não teve sua existência limitada à prática da prostituição, ainda que “faturasse” a vida “marcando ponto” no centro da cidade. Neiva nos conta que Valéria era casada com Antônio, “liberal”, que, eventualmente, fazia programa em uma sauna de Fortaleza e, com ele, “formava o casal perfeito”. Valéria tinha sonhos de se tornar uma cabeleireira famosa.

Apesar da sensibilidade do olhar do repórter para a história de Valéria, as travestis apareciam na imprensa de modo mais frequente a partir da associação entre prostituição e a criminalidade.

As cartas publicadas na seção de leitores dos jornais reforçaram a associação entre travesti, prostituição e perigo. As correspondências que traziam as súplicas dos/as leitores/as às autoridades oferecem indícios da trama jornalística do dispositivo do estigma, sendo uma peça da maquinaria que produziu um sujeito travesti, que colocava em risco o ordenamento da cidade. Ainda que, possivelmente, muitas dessas cartas tenham sido escritas por funcionários dos jornais, o que parece explicar as semelhanças tanto na escrita, quanto no conteúdo das narrativas das cartas transcritas abaixo, os efeitos de verdade dessas como “opinião do leitor” são inquestionáveis. Em 1986, o jornal *O Povo* publicou, na seção “opinião do leitor”, as seguintes cartas:

Através desta carta que faço, usando a seção de Opinião do Leitor, com muito respeito e humildade, escrevo para o ilustre chefe do Executivo cearense, pedindo que neste ano

³⁶⁰ NEIVA, op. cit., 1984, p. 3.

³⁶¹ Travestis citadas por Odosvaldo Portugal Neiva no perfil que elaborou de Valéria.

internacional da Paz ofereça aos moradores fortalezenses e aos nossos turistas um melhor policiamento noturno para que fatos degradantes praticados por travestis, no horário das 22hs, não aconteçam mais.

Por não existir policiamento é que tais travestis desfilam nus pelas ruas de Fortaleza e fazem todo tipo de bagunça na abandonada Praça do Ferreira. Que o governo autorize a Polícia Militar a fazer rondas diárias, no horário noturno, nos bairros do Bom Jardim, Henrique Jorge, Conjunto Ceará, Alto do Bode, usando seus cães amestrados num trabalho conjunto com a Polícia Civil [...].³⁶²

Sr. Editor: Virou moda em Fortaleza elementos desocupados e de mente desequilibrada atuarem no centro de Fortaleza, no horário noturno, para quebrar com pedras as vitrines das lojas, como também tocar fogo nas mesmas. Os grandes responsáveis pelas bagunças feitas no centro de Fortaleza, no horário noturno, são os travestis, que não são somente pederastas, mas também gatunos e desordeiros. Eles ficam na Av. Duque de Caxias com a Rua Senador Pompeu, desfilando nus, num flagrante desrespeito às famílias como também assaltando pessoas. E fazem também da abandonada Praça do Ferreira seu palco de desordem, juntamente com os mirins chamados trombadinhas, que adoram dar prejuízo a quem quer que seja. O povo dará os parabéns merecidos à Polícia Militar do Ceará se colocar no centro de Fortaleza, no horário noturno, motos, cães amestrados e também a cavalaria. É preciso que nossa milícia faça esse policiamento todas as noites e que não haja somente uma medida de impacto, para pressionar lojistas e a população.³⁶³

De acordo com as cartas, era preciso defender as famílias, os lojistas, os turistas e os moradores fortalezenses da presença pública das

³⁶² RIBEIRO, Waldy Cavalcante. Travestis. **O Povo**, Opinião do leitor, 24 jan. 1986, p. 6.

³⁶³ GONÇALVES, Azimar Sampaio. Desfilando nus. **O Povo**, Cartas do leitor, 8 nov. 1989, p. 6.

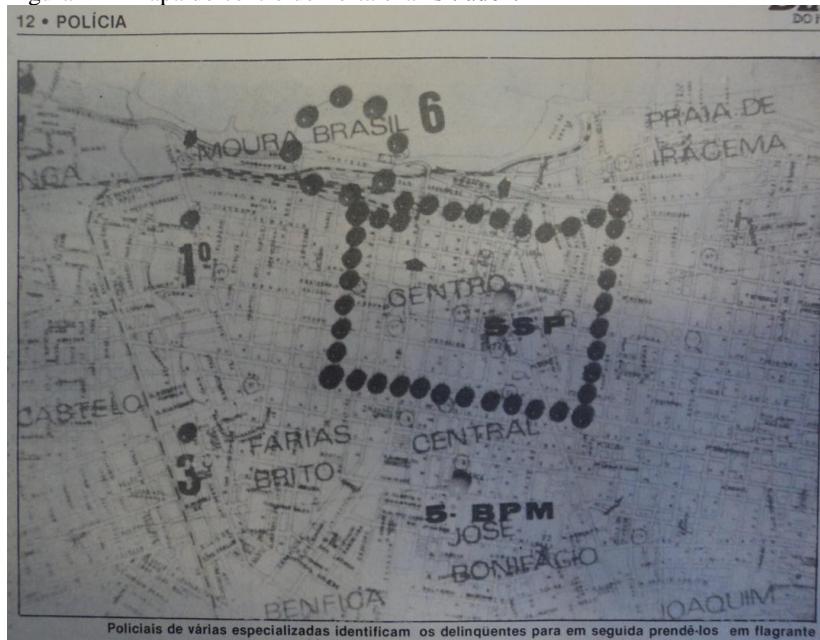
travestis, chamadas de “pederastas”, “gatunos”, “desordeiros” e de “mente desequilibrada”. O dispositivo do estigma fazia operar, em torno da prática da prostituição travesti, antigos discursos de patologização e de criminalização das experiências e práticas travestis. Como veremos adiante, tal associação será atualizada com a emergência da epidemia da Aids, sendo fundante do sujeito travesti público-mediatizado.

A solução apontada pelos/as leitores/as não destoou daquela presente nas matérias sobre a mesma temática: era necessário um policiamento, todas as noites, principalmente, depois das 22 horas, no centro da cidade. Era preciso defender a cidade, que, no discurso dos jornais, apareceu como território abandonado, da ocupação de travestis. A violência linguística, presente nas colunas de Regina Marshall, desferida contra a visibilidade homossexual na sociedade, como vimos no capítulo anterior, ainda que tenha ocupado um espaço aparentemente mais nobre do jornal, insere-se na mesma rede discursiva, no mesmo dispositivo. Tanto os leitores que escreveram aos jornais quanto Marshall defenderam que era preciso defender a cidade de “pederastas”, “gatunos”, “desordeiros” e de “mentes desequilibradas”.

Essa projeção heteronormativa da travesti como potencialmente criminosa compôs o dispositivo do estigma travesti. Tal visibilidade também produziu uma cidade em perigo, que necessitava de proteção (policial). Um mapa produzido pela Secretaria de Segurança Pública do Ceará, publicado no jornal *Diário do Nordeste*, reforçou a imagem do centro ameaçado por “delinquentes” e “marginais”, cercado por perigo.

A área pontilhada na imagem indica uma cidade, ou melhor, seu centro, sitiado por “marginais” e pela força policial. Enquanto, em outras reportagens, o centro apareceu como palco de manifestações políticas e culturais – como a manifestação realizada pelo Centro Popular da Mulher em protesto à violência contra as mulheres; a vigília a favor da emenda “Dante de Oliveira”; a comemoração da vitória de Tancredo Neves para presidente do Brasil; a vitória de Maria Luiza para prefeitura de Fortaleza – para lembrar apenas algumas ocorridas na “Geração Roberta Close”, no mapa, surge como território abandonado, que necessitava de proteção.

Figura 24 - Mapa do centro de Fortaleza “sitiado”.



Fonte: Polícia fecha cerco no centro contra marginais. **Diário do Nordeste**, 8 dez. 1984, p. 12. Acervo: BPGMP

O mapa publicado na imprensa coincide com os espaços ocupados por camelôs, trombadinhas, mirins, mendigos, além dos “delinquentes” e “marginais” apontados pelo plano da Secretaria de Segurança Pública. Ele circunscreve uma “zona de abjeção” ou frequentada por personagens indesejados, por isso, estigmatizados, dentre os quais estão inseridos os homossexuais e as travestis.

Juntamente com as notícias, fotografias e cartas, o mapa compõe a trama jornalística que entrelaçou a prostituição travesti, a denúncia de ocupação dos espaços públicos e as demandas por policiamento na cidade, que, do mesmo modo que a força policial, os cães amestrados e as prisões arbitrárias, materializaram as relações de poder heteronormativas que atravessaram os sujeitos. São estratégias que compõem os mecanismos polimorfos da mesma mecânica de poder farmacopornográfico.

O dispositivo do estigma travesti e o modo como este projetou sujeito e cidade perigosos e ameaçadores tiveram como função

estratégica intervir, vigiar, controlar e punir a crescente visibilidade de homossexuais e de travestis nos espaços públicos da cidade, no tempo farmacopornográfico. Neste sentido, representam uma vontade de controle, que legitimou e justificou uma série de violências e injúrias contra homossexuais e travestis. A perseguição e a violência policial são paradigmáticas desse mecanismo de poder.

Assim, se, por um lado, diante das reclamações que tiveram como alvo a “multidão” de travestis no centro da cidade, a Secretaria de Segurança Pública esclareceu que “homossexualismo” e prostituição não eram crimes; por outro, os homossexuais e travestis não deixaram de ser perseguidos e punidos.

Muitos homossexuais e travestis foram perseguidos e presos por estarem ocupando os espaços públicos de Fortaleza. Enquanto, o delegado Flávio Filomeno explicava, com certa ironia, que “se fosse promovida uma ‘blitz’ para prender os homossexuais da cidade, a polícia acabaria com a sociedade cearense inteira”, e outro delegado, da Delegacia de Repressão dos Entorpecentes, esclarecia que a prostituição não era crime, embora fosse “toda a atividade que a favorecesse”, afirmando, ainda, que “ser travesti e homossexual não é crime”; muitos homossexuais e travestis não deixaram de ter a “má conduta” combatida, sendo acusadas de “vadiagem”, “perturbação da ordem pública” ou “práticas de atos obscenos em público”.

Rogéria, de 32 anos, cabeleireira, foi umas das inúmeras travestis de Fortaleza que teve sua vida violentada pela força policial. Rogéria explicou ao delegado de plantão que se encontrava na Rua General Bezerril, Centro de Fortaleza, fazendo “trottoir”, quando apareceu a “blitz”. Naquele momento, foi levada e espancada em um matagal em Caucaia, município da Região Metropolitana de Fortaleza. Os militares rasgaram seu vestido e tanga, deixando-a completamente despida, para, em seguida, serviá-la, utilizando um cacete. Mesmo que o delegado que recebeu a denúncia de Rogéria tenha solicitado que os policiais acusados fossem apresentados, o seu pedido não foi atendido. Como tantos outros crimes, a violência sofrida por Rogéria ficou impune.

A repressão policial se intensificou no final da década de 1980, na medida em que a visibilidade de homossexuais e de travestis crescia na cidade. Thina Rodrigues lembra que, naquela época,

[...] a gente tinha toque de recolher. A gente não podia ficar muito tempo na rua não, porque eles prendiam. Tinha que explicar por que estava na

rua àquela hora fora de casa. Principalmente, se é homossexual, se é travesti aí era que é pior mesmo.³⁶⁴

A prisão de dezenas de homossexuais, travestis e lésbicas na noite do dia 11 de setembro de 1988, analisada no tópico seguinte, revela o aumento da perseguição aos homossexuais na década de 1980.

Os gays e travestis denunciam que estão sofrendo cerrada perseguição da Polícia Militar, numa briga onde vale tudo, desde as humilhações às agressões físicas, passando, naturalmente, pela extorsão. No maior reduto homossexual da cidade, trecho da Avenida Duque de Caxias, compreendido entre as ruas General Sampaio e Barão de Aratã, o temor é generalizado. Ali a polícia está recolhendo, de forma indiscriminada, todos os travestis que são encontrados. Eles dizem que não se trata apenas de preconceito, mas de uma atitude policialesca exacerbada, com o cerceamento do direito que tem o cidadão de fazer a sua opção sexual.³⁶⁵

Um leitor do jornal *O Povo* não deixou de reconhecer e de parabenizar a maior presença de policiais na cidade.

Sr. Editor: Depois que a Polícia Militar do Ceará colocou nas ruas centrais de Fortaleza, no horário noturno, a partir das 22 horas, a cavalaria e os cães amestrados, diminuiu bastante o número de roubos, assaltos a mão armada, saques e incêndios nas lojas, praticados pelos mirins e travestis, não somente portadores do defeito moral da pederastia, mas finíssimos ladrões. E a prova de que os travestis são perigosos à sociedade é que os mesmos ficam diariamente na rua Duque de Caxias com Senador Pompeu e também na Praça do Ferreira, em grande grupo, assaltando pessoas indefesas. A PMC deve fazer busca de arma nos

³⁶⁴ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

³⁶⁵ Gays denunciam perseguição da PM no Centro. **Diário do Nordeste**, 23 set.1988, Capa.

travestis que andam armados com giletes, navalhas etc. e são um perigo, sobretudo para os turistas desprevenidos.³⁶⁶

A produção do estigma travesti é efeito do encontro das travestis com o poder, no momento mesmo em que estas emergiram como novo sujeito sexual público-midiatizado. As notícias que registraram a presença de travestis em Fortaleza, fragmentos de vidas singulares destinadas a passar sem deixar vestígios, carregaram rastros do encontro desses sujeitos com os mecanismos dos poderes farmacopornográficos. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros breves, incisivos e enigmáticos, a partir do momento de seu contato instantâneo com a rede heterogênea que constituiu o dispositivo do estigma travesti.³⁶⁷

Sem o encontro com os mecanismos de poder farmacopornográfico, as travestis não teriam se transformado em personagens frequentes na imprensa de Fortaleza. Os poderes que espreitaram, perseguiram, prestaram atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, suscitaram as palavras e as imagens que delas nos restam. Sem esse choque, nenhuma palavra restaria para lembrar seu fugidio trajeto.

Além da prática da prostituição, o surgimento da Aids e sua midiática foram apropriadas pelo dispositivo do estigma travesti como nova marca estigmatizante, na medida em que patologizou as experiências homossexuais e travestis. Thina se recorda que as primeiras notícias sobre a Aids foram acompanhadas por um “corre corre”:

Como se fosse, tipo assim, um corre corre exagerado. Porque ninguém estava preparado pra obter informações, entendeu? Ninguém sabia de nada. A gente só ouvia era a perseguição que era, como era o nome, a doença de gay, como era o nome, doença de gay não! A peste gay! Então, nós, travestis e homossexuais, a gente sofreu muito. Os clientes não queriam mais procurar travesti porque pensavam que era elas que

³⁶⁶ COSTA, Eduardo. Travesti. *O Povo*, Cartas do leitor, Travestis, 16 jan. 1990, p. 6A.

³⁶⁷ FOUCAULT, op. cit., 2003, p. 203-222.

passavam a Aids. Nós do grupo, tínhamos medo de pegar Aids uma da outra, entendeu? Foi um caso muito sério que aconteceu isso.

Muito gay apanhava, era apedrejado, levava pedrada, paulada por ser gay. Entendeu? Como era peste gay ninguém queria nem encostar com medo de pegar. Então, foi isso mesmo, foi um momento quase que você tivesse voltado a aquela época pré-histórica, aquela perseguição da época do Hitler! Correndo, se escondendo. Podia ser ou não ser, a vivência era aquilo assim. Falando assim, como se eu tivesse vivendo hoje. Era o momento de quando eu fui ser travesti quando não era. Momento que eu podia andar numa rua e quando não podia. Então era mais ou menos assim. Não sei se eu te expliquei direito.³⁶⁸

Thina acionou, em sua narrativa, uma série de metáforas propagadas pelos meios de comunicação com o surgimento da Aids. Desse modo, mais do que informar aos/as leitores/as sobre uma doença até então desconhecida, a imprensa contribuiu para realimentar os estigmas contra travestis no tempo farmacopornográfico.

A expressão “câncer gay” foi empregada em 22 de junho de 1983, pelo *Diário do Nordeste*, para se referir à emergente epidemia, que lembrava que o termo era “largamente difundido no Brasil”.³⁶⁹ O periódico de Fortaleza não se distanciava do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, que publicara, dias antes, uma das primeiras notícias sobre Aids no País: “Brasil registra dois casos de câncer gay”.³⁷⁰ Ao empregar esses termos, os meios de comunicação atualizaram preconceitos, medos e vergonhas relacionados ao câncer e à peste.³⁷¹ Como aconteceu com o câncer, a Aids passou a ser sinônimo de morte – a imagem de uma caveira encapuzada era bastante comum nas matérias sobre a doença. E, semelhante à peste, a epidemia foi justificada como castigo divino.³⁷²

³⁶⁸ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

³⁶⁹ “Câncer gay”. *Diário do Nordeste*, 22 jun. 1983, Coluna Comunicado, p. 4.

³⁷⁰ *Jornal do Brasil*, 12 jun. 1983.

³⁷¹ Realizei uma discussão sobre essa temática com Joana Maria Pedro em: PEDRO; VERAS, 2015.

³⁷² SONTAG, Susan. **A doença como metáfora: a Aids como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Essa combinação de discursos científicos e religiosos em torno das sexualidades “desviantes” se multiplicou a partir de 1985, compondo o *script* das folhas jornalísticas de Fortaleza sobre a Aids, que invadia o cotidiano dos brasileiros e afetava, particularmente, a vida dos homossexuais masculinos e travestis, responsabilizados pela disseminação do HIV.

Larissa Pelúcio lembra que as travestis se viram associadas à rede semântica da Aids, que associou homossexualidade, desvio e doença.³⁷³ Em 1985, por exemplo, momento em que a imprensa de Fortaleza trazia diariamente novas informações sobre a epidemia, uma fotografia de duas travestis encarceradas – tratavam-se de Jane e Fafá, presas meses antes – ilustrou a chamada de capa de uma reportagem sobre a disseminação da Aids no sistema penitenciário do Ceará.

Figura 25 - Chamada de capa do *Diário do Nordeste*.



Fonte: **Diário do Nordeste**, 5 set. 1985. Acervo: BPGMP.

Poucos/as leitores/as devem ter percebido que a imagem utilizada na capa da edição de setembro do *Diário do Nordeste* tratava-se da

³⁷³ Larissa Pelúcio analisou o modelo oficial preventivo para DST/Aids direcionado para as travestis que se prostituem em São Paulo. A pesquisadora se debruçou sobre os desafios enfrentados pelas campanhas preventivas e o modo como esses discursos foram (re)significados pelas travestis. PELÚCIO, op. cit., 2009.

mesma fotografia usada, meses antes, em uma reportagem do mesmo jornal sobre a prisão das travestis Jane e Fafá. Os editores do periódico julgaram que a foto das duas travestis representava o tema Aids.

Figura 26 - Jane e Fafá, no *Diário do Nordeste*.



Fonte: Travestis quebram a delegacia. **Diário do Nordeste**, 14 mar. 1985, Polícia, p. 10. Acervo: BPGMP

Essas imagens, entre outros elementos, instauraram todo um imaginário de suspeita e de marginalização dos homossexuais e das travestis, o que pode ser demonstrado pela invenção da noção de “grupo de risco”. Ou seja, ainda que as notícias sobre as infecções entre heterossexuais começassem a aparecer e que a noção de “grupo de risco” fosse cada vez mais criticada, os homossexuais masculinos e as travestis permaneceram como os principais alvos das ações preconceituosas.

Os discursos em torno da desconhecida epidemia, anunciada como a “mais terrível doença do século”, adquiriram uma dimensão mais ampla ao serem legitimados por instituições de referência para a formação da opinião de milhares de brasileiros. No início dos anos de 1980, a reprovação das práticas homossexuais foi ministrada, principalmente, pela Igreja Católica, e funcionou como tentativa de controle das sexualidades vistas como “anormais”. A condenação, pela

Igreja Católica, do “sexo por prazer” (representada pelo terror ao sexo anal), considerou as vivências homossexuais “antinaturais”, seja pela “lei da natureza”, seja pela “lei divina”. A reprovação à primeira campanha nacional contra a Aids, especialmente aos termos “camisinha de vênus” e “coito anal”, veiculados em um dos filmes da ação do Ministério da Saúde pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1986, insere-se na longa tradição de condenação da instituição à chamada “permissividade sexual”, que, como vimos no capítulo anterior, estava presente nos discursos condenatórios da instituição às obras consideradas pornográficas.

A associação entre travestis e Aids se tornou mais visível nos meios de comunicação no final da década de 1980. A travesti Janaína Dutra, em entrevista ao antropólogo Alexandre Fleming Vale, no início da década de 2000, revelou o quanto a epidemia contribuiu para a estigmatização das travestis, pois, em meados dos anos de 1980, ainda não se conhecia bem a Aids. De acordo com a travesti, “a Igreja tripudiou em cima, o Estado tripudiou em cima, disseram que era câncer gay”.³⁷⁴

Paradoxalmente, em virtude dos discursos estigmatizantes alicerçados sobre argumentos científicos e religiosos, emerge um “militantismo contra a Aids”, baseado em contra-discursos protagonizados pelos próprios homossexuais, posteriormente abrigados sobre a sigla LGBT. A despeito das contradições e dos conflitos, lésbicas, homossexuais, travestis e transexuais uniram-se em torno da noção política de comunidade, reverberando novos enunciados e performances público-midiáticas. Como veremos, a Aids possibilitou o “passaporte” para que travestis se tornassem educadoras voltadas para a política da saúde e de prevenção. “Isso trouxe uma abertura, uma conscientização e uma cidadania plena”, revelou Janaína Dutra.

Se o dispositivo do estigma transformou a prostituição em lugar de ameaça e de perigo, o mesmo foi produzido em torno da associação entre travestis e Aids. As travestis, todavia, “não se tornaram cinzas nas poucas frases que as abateram”.³⁷⁵ No encontro com os mecanismos de poder farmacopornográfico, as travestis criaram contra-discursos.

Se, por um lado, as redes heterogêneas de saber-poder materializadas em instituições, discursos e práticas médicas, religiosas, midiáticas que constituíram o dispositivo do estigma produziram um

³⁷⁴ VALE, op. cit., 2013, p. 211.

³⁷⁵ FOUCAULT, op. cit., 2003.

sujeito travesti perigoso, criminalizado (prostituição) e patologizado (Aids), elas também foram atravessadas pelas resistências travestis.

As travestis assumiram não apenas uma nova identidade sexual, mas, também, o protagonismo do verbo. As reportagens nas quais elas aparecem denunciando a perseguição policial e os preconceitos são exemplos de como se apropriaram da imprensa como lugar de construção de novos discursos.

Tal apropriação discursiva transformou a mídia em arena de denúncia. Se, através desses novos discursos, as travestis ainda não faziam o “luto do estigma”,³⁷⁶ elas iniciaram o processo de luta que tornou visíveis os estigmas sofridos cotidianamente, contribuindo, desse modo, para a multiplicação das imagens acerca do sujeito travesti público-midiatizado, em Fortaleza, no tempo farmacopornográfico.

4.3 CONTRA-DISCURSOS TRAVESTIS

Uma contra-análise da produção discursiva em torno da prostituição travesti, feita a partir de uma leitura a contrapelo das fontes jornalísticas e do destaque às narrativas trans, revela que esta prática foi lugar de múltiplas experiências e formas coletivas de existência, não podendo ser restringida à criminalidade. Ora, se o dispositivo do estigma, operacionalizado pela imprensa, restringiu a ocupação do centro de Fortaleza por travestis à “desordem”, contribuindo para a produção de um sujeito travesti público-midiatizado perigoso e marginal, tais espaços e práticas ganharam outros significados entre as travestis.

Diante da vulnerabilidade³⁷⁷ e da precariedade que marcou a vida de muitas travestis – a expulsão da casa familiar e da escola são dois

³⁷⁶ VALE, op. cit., 2013.

³⁷⁷ Vale explica que o termo “vulnerabilidade” – tal como foi pensado no meio associativo LGBT – foi utilizado, inicialmente, por Jonathan Mann e adotado pela “comunidade” [aspas de Fleming] a partir da constatação de que a pandemia [da Aids] deslocava-se e expandia-se, consistentemente, para populações excluídas e discriminadas. “Vulnerabilidade seria o oposto de empoderamento – processo no qual cada indivíduo adquire capacidade de tomar decisões realmente livres e esclarecidas sobre sua própria vida”. Judith Butler, em outro contexto histórico-político, fazendo uma reflexão sobre vulnerabilidade e resistência, pensa a vulnerabilidade como potência de resistência, ainda que, ou, sobretudo porque, na vulnerabilidade, a vida esteja constantemente em risco. Butler faz a discussão na Conferência Magistral

efeitos do preconceito e da injúria recorrentes nas narrativas das travestis ainda hoje –, o trabalho na prostituição passou a ser alternativa de sobrevivência econômica. As travestis que participaram da pesquisa realizada por Erdmann e Oliveira destacaram, em suas narrativas, a importância do retorno financeiro da “profissão” – como se referiram à prostituição –, para as suas vidas. Mirinha, travesti que fez parte do trabalho de Oliveira, confessou:

Aqui no Brasil, a prostituição é um tipo de trabalho pra gente. Nós não temos um campo de trabalho aqui no Brasil. No Brasil, travesti é enfeitado mesmo, nem todo mundo aceita pra trabalhar num escritório, numa repartição pública. Nenhuma repartição pública aceita travesti. Aceita um homossexual de paletó e gravata, que finge ser um homem, mas na realidade é pior que a gente.³⁷⁸

Rogéria, travesti de Fortaleza, afirmou que, na passagem dos anos de 1970 para 1980, para “ser travesti de programa”, você tinha que ter “uma tendência”, “vir de uma família pobre [...]. Se ela queria subir na vida, faltava muita coisa aqui [em Fortaleza]”.³⁷⁹

Para “subir na vida”, e, sobretudo, para viver uma vida com mais liberdade, muitas travestis deixaram suas casas, no interior do Ceará, em direção à Fortaleza, como fez Thina Rodrigues. Essa travessia também foi feita para outros estados – três interlocutoras de Oliveira eram cearenses – e países, como sintetizou a personagem Veronique Mercier, “travesti não operado”, criada por Gilmar de Carvalho, no início da década de 1980, que foi “fazer a praça” e “arrasar” no *Bois de Boulogne*, em Paris.³⁸⁰

“Vulnerabilidad y resistencia revisitadas”, realizada na UNAM, em 23 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6taXkozajec>>. Acesso em: 14 set. 2015. Quando Janaina Dutra emprega o termo, o faz no primeiro sentido, comum ao seu contexto de militância anti-Aids. Quando o emprego, o faço em diálogo com J. Butler. Os contra-discursos e contrapráticas; as resistências e interpelações travestis são contrafeitos de poder que não podem ser separadas, no seu conteúdo histórico e na sua abordagem analítica, da dimensão vulnerável e precária das experiências travestis.

³⁷⁸ OLIVEIRA, op. cit., 1994, p. 123.

³⁷⁹ Entrevista realizada em 22 de maio de 2013.

³⁸⁰ CARVALHO, op. cit., 1983.

O retorno financeiro também apareceu nas narrativas de Thina, que explicou que, antes de praticar a prostituição, em meados da década de 1980, ganhava um salário mínimo para trabalhar “do meio dia até meia noite”. Um dia uma amiga a chamou para “fazer um programa”: “[...] ganhei em uma semana três meses de trabalho, entendeu? Eu nem fui buscar minhas contas e nada. A carteira ainda até hoje é aberta, porque eu nem fui porque eu ganhava bem, entendeu?”³⁸¹ Do mesmo modo, uma das travestis entrevistadas pelo jornal *O Povo*, em 1990, afirmou que se prostituía há quinze anos por escolha: “Essa que escolhi é a que dá mais dinheiro”.³⁸²

Além do retorno financeiro, as travestis também praticaram a prostituição por prazer. Se, por um lado, foi encarada pelas travestis como um tipo de trabalho e de profissão – o termo “profissional do sexo” ainda não era utilizado –, por outro, a prática da prostituição apareceu, entre algumas travestis, como “palco” para “dar close”, ou seja, como espaço de sociabilidade onde podiam ver e ser vistas.³⁸³

No tempo farmacopornográfico, as travestis se apropriaram das praças e ruas da Cinelândia (Rio de Janeiro); Vale do Anhangabaú (São Paulo); Praça XV de Novembro (Florianópolis); Pelourinho (Salvador); Praça do Ferreira (Fortaleza), como “palco” e “passarela”. Diferente dos palcos dos teatros São José, no Rio de Janeiro, ou do José de Alencar, em Fortaleza, que investiam nos espetáculos teatrais protagonizados por travestis, as ruas e praças das grandes cidades foram espaços onde o estrelato e “glamour” poderiam ser vivenciados por (quase) todas. (Quase) todas podiam ser Rogéria, *La Close*. Corpos-utópicos encontrando palcos-heterotópicos, que, temporariamente (a partir das 22h, a julgar pelas denúncias nos jornais de Fortaleza), e, não sem tentativas de controle, como vimos no tópico anterior, suspenderam as normas heteronormas do gênero e da cidade.

Rogéria se lembrou da Praça do Ferreira como palco “pra dar close” e para “pegar os boys bonitos”:

Aí de noite a gente já saía pras esquinas. Na primeira esquina aqui do centro da cidade que

³⁸¹ Entrevista realizada em 29 de agosto de 2013.

³⁸² QUEZADO, Ana. Nem AIDS preocupa os que fazem ponto em Fortaleza. *O Povo*, 14 jan. 1990, p. 16A.

³⁸³ A metáfora da rua/prostituição como palco também foi percebida entre as travestis pesquisadas por Benedetti, op. cit., 2005.

ficava com os travestis, ele nem ficava até pra fazer o programa. Era só pra dar close, pra pegar os boys bonitos, entendeu? [...] era um glamour ali no centro. Cada esquina, se você sentasse com paciência, já arrumava um namoradinho.³⁸⁴

As ruas e o centro de Fortaleza foram vivenciados como “passarela” para a performance travesti (para além dos dias mominos). Em uma reportagem sobre prostituição travesti no centro de Fortaleza, publicada no jornal *O Povo*, em 1990, lia-se que “antes de cair em campo, “elas” passam por uma grande produção. Não dispensam as pinturas, as unhas pintadas de vermelho, brincos e um belo penteado. A maioria delas tem todas as características de mulher. Corpos bem torneados, cabelos compridos e salto alto, passam até três horas perante o espelho”.³⁸⁵

A prostituição possibilitou a muitas travestis, talvez inspiradas em Rogéria, Roberta Close, Jane Di Castro e Telma Lipp, famosas na década de 1980, viverem momentos de glória, em que podiam exibir seus talentos e conquistar reconhecimento social, pelo menos entre amigas/os, clientes e outros/as admiradores/as. “Não sei por que estou aqui, mas gosto dessa coisa do brilho, de ser mulher, de transar um vestido, acho a liberdade isto”, revelou Valéria, travesti cearense, ao jornal *O Povo*, em 1984.

Thina Rodrigues, que frequentou, como transformista e como profissional do sexo, os palcos das boates e das avenidas, na década de 1980, e que, atualmente, frequenta o palco de diversos eventos políticos, em decorrência do seu trabalho na ATRAC e na Coordenadoria de Diversidade Sexual de Fortaleza, disse que, naqueles espaços, as travestis não eram discriminadas: “era nosso ambiente. A gente andava sem ser molestado, sem nada”.³⁸⁶

[À noite] Todo gato é pardo. Quer dizer que todo mundo se sente bonito à noite. Então, a gente só vivia a noite. Então, à noite que os guetos, as meninas se encontravam nos guetos, nas passarelas da vida, tal, tal... A gente ia pros barzinhos, [...] a maioria desses anos oitenta, era

³⁸⁴ Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2012.

³⁸⁵ QUEZADO, op. cit., 1990, p. 16A.

³⁸⁶ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

focado mais na [Avenida] Duque de Caxias. Aí tinha Inferninho, tinha Duques e Barões, aí de Duques e Barões passou para Qui Cesar. Aí tinha boate Casablanca, tinha Feitiços Bar. Tinha vários pontos que a gente podia estar lá, entendeu? A gente podia...

Não era discriminado que era nosso ambiente. A gente andava sem ser molestado, sem nada.³⁸⁷

Nesse sentido, enquanto as praças, ruas, bares de Fortaleza frequentados por travestis apareceram no discurso midiático como “antro de marginais”, estes espaços funcionaram, para algumas travestis, como o espaço público mais democrático da cidade, espaços heterotópicos.

Como vem mostrando a tradição antropológica brasileira sobre o “universo travesti”, desde a década de 1980, a prática da prostituição travesti foi/é atravessada por múltiplos sentidos e experiências. Embora a criminalidade não esteja ausente deste cenário, ele também foi marcado por laços de solidariedade que tornaram as travestis participantes de uma rede de trocas afetivas e sociais.³⁸⁸ Na prostituição, as travestis puderam ser admiradas e reconhecidas.³⁸⁹ Foi na convivência nos territórios de prostituição que elas incorporam valores e formas do feminino, tomaram conhecimento dos “truques” e se construíram corporal, subjetiva e socialmente.³⁹⁰ Na “avenida”, as travestis testaram seus esforços de transformação, fizeram amizade e conquistaram “maridos”.³⁹¹ Do universo da prostituição emergiram as protagonistas que fizeram o “luto do estigma” travesti.³⁹²

Desse modo, se o dispositivo do estigma produziu o sujeito travesti marginal, no interior das mesmas relações midiáticas de saber-poder que o constituiu, ou melhor, dos deslocamentos e das fraturas dessas relações de poder-saber, foram produzidos contra-discursos travestis. A partir da experiência/território da prostituição surgiu uma série de críticas acerca dos efeitos do dispositivo do estigma

³⁸⁷ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

³⁸⁸ OLIVEIRA, op. cit., 1994.

³⁸⁹ KULICK, op. cit., 2008, p. 151.

³⁹⁰ BENEDETTI, op. cit., 2004, p. 115.

³⁹¹ PELUCIO, op. cit., 2009, p. 70.

³⁹² VALE, op. cit., 2013.

na vida das travestis, insurreição dos “saberes sujeitados”,³⁹³ que inaugurou novos lugares de enunciação público-midiático-políticos.

Em meados da década de 1980, as travestis que tiveram suas vidas atravessadas pelo estigma da prostituição e da Aids protagonizaram público-midiaticamente o verbo. Ao mesmo tempo em que se tornavam visíveis – já não se tratava apenas das travestis que estrelavam os espetáculos teatrais e bailes de carnaval – elas também contribuíam para que uma série de questões, até então invisibilizadas, como a violência policial, que podia se manifestar em agressões, prisões, extorsões, estupros, corte do cabelo, fossem transformadas em denúncias.

As pesquisas etnográficas de Erdmann e de Oliveira, realizadas em Florianópolis e em Salvador, no início da década de 1980, foram transformadas pelas travestis em espaços de denúncia do estigma que sofriam. As travestis entrevistadas por Oliveira responsabilizaram a polícia pelo “grau de marginalidade e estigmatização social” que pesava sobre a maioria das travestis. VLSP contou que, ainda que a Ilha do Desterro fosse um “paraíso” se comparada com São Paulo, os “marrons” de Florianópolis podiam ser tão violentos quanto a “macacada” de São Paulo:

[Sobre São Paulo] Olha, o que eu já vi de amiga minha apanhar, levar tiro, a RAPA atrás, aquilo não é gente, animal mesmo, treinado pra isso. Eu mesma fui em cana não sei quantas vezes, mas como não sou babaca, vou dizendo logo os artigos e eles me soltam logo. É só passar uma grana firme pra eles ou dá o cu, que eles querem mesmo, porque fingem que a gente é mulher de verdade [...].

[Sobre Florianópolis] Às vezes, só pra mostrar serviço, eles levam a gente pra delegacia, dizendo que é puta não autorizada, vagabunda, querem ver os documentos e tal... Mas soltam logo, se você dá umas pratas pra cervejinha... Outras vezes, fazem sacanagem mesmo, tiram a peruca, mandam tirar a roupa, pra ver os documentos, revistar, entendeu, querem ver tudo os tarados, te apertam, bota a mão, se divertem pra valer, fazendo futebol

³⁹³ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

da tua peruca, vestem a saia da gente, imitam as bonecas e quando esvaziam o saco, mandam circular, andando, andando...³⁹⁴

As folhas jornalísticas de Fortaleza também se constituem dessas microrresistências. As reportagens da década de 1980 em que travestis apareceram denunciando perseguição policial são exemplos de como esses sujeitos se apropriaram da imprensa como espaço de denúncia e de construção de novos discursos acerca das experiências trans. Se as controvérsias em torno de *La Close* promoveram, em parte, uma ruptura na representação público-midiática da travesti como imitação, os contra-discursos de travestis que denunciaram a violência policial inverteram outra representação público-midiática, a da “travesti marginal”. Desse modo, se, por um lado, a grande imprensa produziu um sujeito travesti marginal, ela também possibilitou a circulação de outros discursos. Os meios de comunicação não foram apenas instrumentos de operacionalização do dispositivo do estigma, mas, também, lugar de sua fratura. Denúncia através do protagonismo da voz.

A prisão de homossexuais e de travestis, em setembro de 1988, que frequentavam a “Passarela”, o “maior reduto homossexual” de Fortaleza, localizado na Avenida Duque de Caxias, entre as ruas General Sampaio e Barão de Aratanha, é reveladora da violência e da perseguição policial que alvejou a vida desses sujeitos no momento em que assumiram maior visibilidade público-midiática na cidade. Por outro lado, a divulgação da prisão, dias depois, no *Diário do Nordeste*, mostra a gênese de outros lugares de enunciação na imprensa, conquistados pelas travestis no tempo farmacopornográfico.

A reportagem do *Diário do Nordeste*, “Gays denunciam perseguição da PM no Centro”, cuja chamada de capa destaquei no tópico anterior, reportava a um evento ocorrido dias antes, nas boates localizadas na “Passarela”. Naquela madrugada de 11 de setembro de 1988, um contingente da Polícia Militar invadiu, expulsou e prendeu travestis, transformistas e gays que participavam do desfile para a escolha da Miss Playboy “Gay”, na boate Feitiço. A partir de entrevistas com homossexuais e travestis detidos pela polícia naquela madrugada – “os ‘gays’ e travestis afirmam que nunca sofreram tanto preconceito e perseguição” –, o *Diário do Nordeste* descreveu o episódio como uma “verdadeira caçada”.

³⁹⁴ ERDMANN, op. cit., 1981, p. 54.

Sem que fosse prestado qualquer esclarecimento, os policiais abordaram as pessoas grosseiramente e, debaixo de tapas e socos, os homossexuais foram postos na calçada. Obrigados a formarem uma fila, eles saíram pela avenida, sob os olhares dos militares, até a boate “Casablanca”, esquina com a Rua Sólon Pinheiro. Ali, novamente, a Polícia pôs os travestis para fora, juntando-os aos demais.

Terminada a operação, os homossexuais percorreram a avenida em fila indiana, com um saldo de 48 presos, entre os quais a Miss Universo “Gay”, Marília Luty, figurinista de moda maranhense, que participava como jurada do concurso “Miss Playboy”, além de outros artistas detidos.

Os pedestres e demais transeuntes que passavam na Duque de Caxias, durante a ocorrência, pensavam que era uma “operação varredura”.³⁹⁵

Uma das travestis entrevistadas contou que “os militares não querem nem saber, levam logo presos os travestis, mesmo nós sendo cidadãos comuns, como quaisquer outros. Afinal de contas, os direitos de todos não são iguais?”.³⁹⁶ Outra, apresentada na reportagem como “a serpente do Prazer à Noite”, reconheceu: “Essa caçada é terrível. Durante os meus anos de batalha nas ruas da vida, posso dizer que a perseguição agora é grande. Pra mim, acho que a polícia está querendo mostrar serviço, pois não justifica tamanha repressão”.³⁹⁷ Enquanto a maioria dos gays, travestis e transformistas manteve o anonimato ou apareceu na matéria, sob o pseudônimo, Thina Rodrigues, que, na época, ainda transformista, assumia o nome “Tina Tunner”, foi a única a revelar seu nome e a se deixar fotografar.

Durante o episódio do último dia 11, a “Miss Simpatia 88”, Tina Tunner, 25 anos, comerciário,

³⁹⁵ Gays denunciam a perseguição da PM no Centro. **Diário do Nordeste**, Cidade, 23 set. 1988, p. 17.

³⁹⁶ *Ibidem*.

³⁹⁷ Gays denunciam a perseguição da PM no Centro. **Diário do Nordeste**, Cidade, 23 set. 1988, p. 17.

nunca passou por uma situação tão vexatória – “Ficamos expostos ao público como se fôssemos prisioneiros de guerra. Percorremos as ruas da cidade, até a Central de Polícia, e lá dentro eles (os policiais) nos obrigaram a desfilar debaixo de porrada.”³⁹⁸

Thina se deixou fotografar ao lado de outra travesti, tendo, ao fundo, um *outdoor* com a imagem de um policial acompanhada da seguinte frase: “Para você este é um rosto amigo. Para os marginais é a face da lei”. Ironicamente, o *outdoor* fazia parte de uma campanha do Governo do Estado do Ceará para melhorar a imagem da polícia perante a opinião pública.

Figura 27 - Imagem que acompanhou a reportagem “Gays denunciam perseguição da PM no Centro”.



Fonte: **Diário do Nordeste**, 23 set. 1988, Cidade, p. 17. Acervo: BPGMP

O episódio da prisão dos homossexuais e travestis, em 1988, assumiu um lugar de destaque nas narrativas de Thina que, em entrevista realizada para esta tese, contou:

³⁹⁸ Gays denunciam a perseguição da PM no Centro. **Diário do Nordeste**, Cidade, 23 set. 1988, p. 17.

[...] quando aconteceu esse episódio, estava havendo um desfile, num sei se era Feitiço ou era Inferninho, não me lembro o nome da boate não. Só sei que estava havendo esse desfile lá. Quando foi na hora de começar o desfile, o show, aí chegou penca de polícia. Só vi todo mundo correndo. Veado, travesti, sapatão, todo mundo correndo. Eu corri e me escondi no banheiro, fiquei assim bem... Quem abrisse a porta não me via, certo?

Aí nisso a polícia – PAPAPAPA – batendo em umas pessoas e colocando outras pra fora. Era muito, parecia o exército, assim, sabe pra metralhar tudinho, a gente pensava que ia morrer! Fiquei tão escondida assim, [...] que ninguém nem me via.

Quando, de repente, aí entra duas amigas minhas correndo tipo pra dentro do banheiro e aí fecha o banheiro. Aí me vê. Aí disse:

- Ô mulher, pelo amor de Deus, sai mulher se não eu vou presa!

- E eu vou presa?! Não mulher, o pessoal te conhece, aí tu não vai presa não!

- Num deixa os homens me levar não, porque meu pai vai ver e vai me matar, entendeu?

Então, ela dizia assim porque eu aqui em Fortaleza não tinha família, então, o que acontecesse [risos] pra ela tinha o que acontecia. E pra outras que tinham pai, pai e mãe, parece que seria um desastre total. [risos]

[...] Aí o que aconteceu? Eu saí, na hora que eu saí, do banheiro, elas ficaram recuadas, elas duas, ficaram recuadinhas, assim, aí eu abri a porta. E a polícia disse:

- Tem alguém aí?

Eu disse: - Não, estou sozinha.

Aí saí deixei a porta aberta, pra que os policiais não prendessem, pros polícias não pegar elas, aí foi. Então, a gente andando em fila indiana, nesse Inferninho.

[...] Quando chegou no [bar] Duque e Barões, já tinha outra turma de polícia, com outros tipos de veados, na fila, encostados naquela parede de lado

do Banco do Brasil, aquele de vidro lá. Aí juntou com a outra turma que vinha do Inferninho e seguimos em direção à Casablanca. Quando chegamos à Casablanca, eles invadiram a Casablanca e pegaram todas as travestis que tinham lá dentro ou homossexual ou lésbica que estavam se beijando.

E isso nós seguimos tudinho assim com a mão assim, como é que se diz?, cobrindo a outra, pra poder chegar até lá na Secretaria de... Como é o nome? Secretaria de Segurança Pública. E, nisso, era a cavalaria, era um bucado de coisa e nisso tudo apontado a arma pra gente. Parava o trânsito! Parou o trânsito, entendeu? Parecia uma coisa assim de guerra mesmo.

[...] quando chegamos lá na Secretaria de Segurança, na Civil certo? Então, eles contaram 1, 2, 3. Aí metiam a porrada. Batia na cara das travestis, de qualquer pessoa, poderia ser a lésbica, a travesti, gay! Na época, eu acho que foram duas lésbica. Muito, muito homossexual e muita travesti. Recolheram a gente. Aí quando chegou lá dentro foi um escândalo!

[...] Quando chegou de manhãzinha, aquela humilhação, já tinha chegado de manhã, chegaram uns coronéis lá, com as putarias deles lá! Aí ficava chamando a gente de um por um com o nome de homem e o nome de mulher. Aí depois ele humilhava a gente, mandava a gente desfilar, dançar pra eles verem, entendeu? As que tinham dinheiro, que tinham advogado, o advogado vinha e levava. E as que não tinham [risos] iam ficando, ficando, ficando. Aí não colocou a gente em cela, não, deixou a gente no pavilhão mesmo.

Aí quando foi sete horas da manhã, aí ele soltou todo mundo. Aí todo mundo olhe: todo maquiado, de peruca, de salto, pra sair de delegacia. Em frente à delegacia, “assim” de gente pra saber o que tinha acontecido, muito humilhante, né? Foi daí que essa minha amiga, ela teve a ideia da gente chamar o jornal pra fazer a denúncia.³⁹⁹

³⁹⁹ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

O evento apareceu nas narrativas de Thina Rodrigues como fundante de sua militância travesti. Na entrevista concedida aos pesquisadores Juliana da Frota Justa Coelho e Ed Borges,⁴⁰⁰ Thina também elegeu sua prisão, em 1988, como “marco” para o seu ingresso na luta pelos direitos das travestis no Ceará. Ela afirmou que “em 1988, aqui em Fortaleza, eu fiquei, como é que se diz, fui vítima de um preconceito muito forte, eu estava em uma boate, e fui presa, entendeu? Várias travestis, transformistas presas. [...] Fiquei chocada, então fui no jornal junto com uma amiga e denunciemos”.⁴⁰¹ Ao entrevistá-la, Thina repetiu o marco de sua prisão, em 1988, como nascimento de sua militância travesti.

Eu comecei a ser militante, a partir desse episódio aqui, certo?! Que antes, eu, pra mim, não existia direitos humanos, não existia nada assim que pudesse nos ajudar em nada. Sempre, todo travesti, todo homossexual, era entregue às baratas. Entregue a Deusdará. A gente nunca procurava nossos direitos. Porque nossos direitos sempre foram negados. Até hoje em dia também é negado.⁴⁰²

Thina Rodrigues construiu o seu presente político como consequência do seu passado de perseguições e de violências policiais. Ela argumentou que, não fosse pelo episódio no qual foi presa durante a “caçada policial”, não teria entrado na militância institucional. Thina deixava claro⁴⁰³ que a polícia não protegia as travestis, pelo contrário, as travestis que se prostituíam na rua eram alvo de constante violência por parte da polícia.

Se, ao considerar-se uma “travesti de verdade”, Thina deslocou o dispositivo do estigma que produziu as experiências trans como imitação, disfarce e mentira, ao denunciar a perseguição policial no

⁴⁰⁰ BORGES, op. cit., 2014.

⁴⁰¹ COELHO, op. cit., 2006, p. 65.

⁴⁰² Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

⁴⁰³ Durante uma homenagem, em 2008, Thina Rodrigues falou das dificuldades enfrentadas pelas travestis e denunciou a frequência das agressões policiais. “A polícia chega batendo e ameaçando as meninas e nos proíbe de andar nas ruas. Eles, que deveriam cumprir a lei, nos tiram o direito de ir e vir”, protestou ela. **O Povo**, 21 nov. 2008.

Diário do Nordeste, ela também deslocou tal dispositivo e a representação da “travesti marginal”, criada por este mecanismo de poder heteronormativo farmacopornográfico. Thina não apenas protagonizou o verbo, ela o fez instrumento de denúncia e de resistência. Sobre aquele episódio da prisão na Duque de Caxias, Thina lembrou: “Eu tive coragem [de falar]”, colocando em risco sua vida.

Na sexta feira [logo após a publicação da reportagem], você só via os camburões vasculhando os pontos [onde os homossexuais e travestis costumavam frequentar] atrás de nós duas. Eles [policiais] levavam a foto pra saber quem eram. [...] eles ficavam caçando a gente pra gente explicar, porque eles negavam tudo que a gente falou, entendeu?⁴⁰⁴

Os contra-discursos travestis também apareceram na forma de escândalo. A prisão de Jane e Fafá e o “espetáculo” delas na delegacia, transformados em notícias, são exemplares de como o escândalo pode representar uma resistência travesti ao dispositivo do estigma. Na notícia sobre a prisão das travestis, ilustrada pela fotografia destacada no tópico anterior, que, mais tarde, seria utilizada em uma matéria sobre a Aids no sistema penitenciário do Estado do Ceará, o jornal destacou o “espetáculo” que elas fizeram na delegacia.

Na prisão um dos policiais empurrou um dos homossexuais, o que foi suficiente para criar uma imensa confusão na hora deles entrarem no “camburão”. Ao chegarem à Secretaria de Segurança Pública, onde funciona a delegacia de plantão permanente, o “espetáculo” voltou a se repetir. Os travestis quebraram os telefones, vidraças das janelas, cadeiras, além de aplicar violentos tapas, arranhões e mordidas em vários policiais que se esforçavam para aplacá-los [...]. Após quebrar o vidro da janela do cartório, “Fafá” ainda cortou os dois braços, tendo que receber atendimento médico.⁴⁰⁵

⁴⁰⁴ Entrevista realizada em 8 de janeiro de 2011.

⁴⁰⁵ Travestis quebram a delegacia. *Diário do Nordeste*, 14 mar. 1985, Polícia, p. 10.

O “espetáculo” de Jane e Fafá é uma transgressão à violência do dispositivo do estigma, que, no entanto, opera no interior das relações de poder criadas por esse mesmo dispositivo. Enquanto, para o jornal e o aparato policial, ele foi interpretado como ato criminoso – na fotografia que acompanha a reportagem, as travestis aparecem encarceradas –, nesta tese, o “espetáculo” travesti, que pode ser aproximado do escândalo travesti, é pensado como performance política de denúncia. Kulick observou que, entre as travestis de Salvador, os escândalos operavam dentro das “estruturas da vergonha”, em benefício das travestis.⁴⁰⁶ No “espetáculo” de Jane e Fafá, a “estrutura” foi outra. Através do escândalo na delegacia, as travestis se apropriaram do dispositivo do estigma em benefício próprio.

Antes de aparecerem explicitamente na forma de denúncia público-midiática contra a violência policial, os contra-discursos travestis são encontrados nas denúncias contra os preconceitos, feitas pelas travestis que protagonizaram os espetáculos teatrais e shows nas boates de Fortaleza.

A travesti Raquel Simpson, 23 anos, de Recife, que apresentava, em Fortaleza, seu show de variedades, composto por números de transformismo, dublagem, dança, piadas e *streptase*, foi uma das muitas que aproveitaram o espaço na imprensa para denunciar os preconceitos. Ao falar da curiosidade do público por suas apresentações – “apesar da Aids” –, denunciou: “As pessoas nos aceitam de longe, quando estamos no palco. Elas se divertem. Mas, no dia-a-dia, somos discriminadas em lojas, cabeleireiros, supermercados. É muito difícil. O jeito é enfrentar essa realidade e seguir em frente”. Raquel atribuiu o

⁴⁰⁶ De acordo com o antropólogo: “Os escândalos constituem uma das tarefas mundanas no dia-a-dia das travestis para que elas consigam arrecadar o suficiente para o sustento. O escândalo não é uma ação coletiva. Apesar de os escândalos poderem se transformar em brigas, nas quais outras travestis aparecem para socorrer a colega e ajudar a atacar um cliente particularmente violento ou obstinado, ocorrem na maioria das vezes como ações individuais. [...] Apesar da sua natureza individualista, escândalos podem ser analisados como um tipo de política – é certamente uma micropolítica, que produz na trama da sociedade apenas feridas pequenas e temporárias”. KULICK, Don; KLEIN, Charles. Escândalo: a política da vergonha em meio às travestis brasileiras. **Anales N. E.**, n. 13, 2010, p. 9-45. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/25200/1/gupea_2077_25200_1.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

motivo dos preconceitos à Aids: “Trata-se de um estigma. As pessoas relacionam os gays com as doenças e se afastam. Temos que ter uma cabeça muito boa para superar tamanho problema”.

Do mesmo modo que o dispositivo do estigma produzido em torno da prostituição travesti teve como contra-efeito a resistência travesti, o dispositivo da Aids, que patologizou as experiências de travestis e homossexuais, também foi atravessado por contra-discursos. Se, por um lado, a cruzada religiosa, médica e midiática em torno da Aids contribuiu para que parte da sociedade acreditasse na epidemia como um castigo divino, que recaía como punição sobre homossexuais e travestis, por outro, em virtude dos discursos discriminatórios, emergiram novos contra-discursos.⁴⁰⁷ Com a Aids, a sexualidade passou a mostrar sua dimensão política.⁴⁰⁸

Uma leitura do surgimento da epidemia feita a partir de uma contra-análise da produção midiática revela que, mesmo que a doença tenha dramatizado e atualizado a exclusão,⁴⁰⁹ ela também possibilitou a abertura de novos espaços para que se falasse sobre a sexualidade e, neste processo, ajudou a criar novas visibilidades acerca do sujeito travesti público-midiatizado.

Enquanto, em meados da década de 1980, era comum que alguns homossexuais e travestis descreditassem na Aids, alegando que esta era uma doença inventada pelos Estados Unidos da América,⁴¹⁰ com a intensificação e a midiaticização dos casos de novas infecções e das primeiras mortes em Fortaleza, alguns homossexuais e travestis começaram a se organizar. “No mundo inteiro as reações ao preconceito são evidentes. A conclusão de que a Síndrome não é uma ‘peste gay’, como se quis que pensasse, foi decisiva para a retomada”,⁴¹¹ afirmava *O Povo*, em reportagem sobre o Grupo de Resistência Asa Branca, GRAB, de Fortaleza.

⁴⁰⁷ PEDRO; VERAS, op. cit., 2015.

⁴⁰⁸ VALE, op. cit., 2013, p. 211.

⁴⁰⁹ VALE, op. cit., 2013, p. 201.

⁴¹⁰ Quando visitou Fortaleza para participar do concurso Miss Gay Ceará de 1985, a travesti Rogéria atacou a associação entre homossexualidade e Aids, afirmando: “A Aids não é só coisa de homossexual. Olha, para mim, isso de AIDS e gay é coisa armada, tramada. Isso foi uma bomba inventada pelo presidente Reagan e que tem a Igreja por trás. Esse negócio de dizer que a AIDS é coisa de homossexual foi puro direcionismo. A AIDS pode dar em qualquer pessoa. Qualquer um pode transmitir também” [...].

⁴¹¹ Grupo de Resistência Homossexual Asa Branca. *O Povo*, 5 mai. 1992, p. 1B.

Criado em 1989, no contexto do enfrentamento homossexual à epidemia da Aids e dos discursos patologizantes produzidos em torno dela, o GRAB teve como “grande meta”, de acordo com Luis Rabelo, um dos trinta integrantes da primeira formação do grupo, a “conscientização do verdadeiro papel do homossexual na sociedade”, que, para ele, “não pode mais ser como uma minoria, sofrendo discriminações de todos os tipos”.⁴¹²

O grupo, pioneiro na organização de homossexuais na cidade, promovia debates e reuniões para discutir questões relacionadas à sexualidade, religião e doenças sexualmente transmissíveis,⁴¹³ contudo, destacou-se no trabalho de amparo às pessoas vivendo com HIV/Aids e na luta contra as violências às quais estavam sujeitos os homossexuais.⁴¹⁴ Em 1991, Alan Gomes, à época presidente do GRAB, lembrava, na imprensa, da importância da participação na organização, “devido às discriminações que sofrem no dia-a-dia”.⁴¹⁵

O nome Asa Branca, referência a um pássaro comum na paisagem do sertão cearense, imortalizado na canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, foi escolhido por simbolizar a resistência nordestina.⁴¹⁶ O nome se revelaria apropriado, uma vez que o GRAB continua sendo um dos poucos grupos de homossexuais fundados naquele período que ainda permanece em atuação no Brasil.⁴¹⁷

⁴¹² Homossexuais lançam, no próximo dia 29, o grupo Asa Branca. **Diário do Nordeste**, 19 jul. 1989, p. 16.

⁴¹³ Idem.

⁴¹⁴ Grupo Asa Branca realizará eleição para escolher a nova diretoria. **Diário do Nordeste**, 24 fev. 1991, p. 12.

⁴¹⁵ Idem.

⁴¹⁶ Homossexuais lançam, no próximo dia 29, o grupo Asa Branca. **Diário do Nordeste**, 19 jul. 1989, p. 16.

⁴¹⁷ As recentes conquistas legais, como as leis municipais nº 8.211/98, em que fica vedado a qualquer estabelecimento comercial ou similar, ato discriminatório em virtude de orientação sexual, com risco à multa, suspensão de funcionamento em até 30 dias e até cassação de alvará de funcionamento; nº 8.626, através da qual foi possível inserir no calendário municipal o Dia Municipal de Orgulho Homossexual, a ser comemorado no dia 28 de junho; a portaria nº 03/2010 que assegura o direito de travestis e transexuais utilizarem nome social nas escolas da rede municipal de ensino em todos os documentos oficiais a qualquer momento que seja solicitado, tendo que ser respeitado por servidores, professores e outras pessoas ligadas à Secretaria Municipal de Educação são conquistas garantidas com o apoio do GRAB, além de outras entidades/movimentos sociais.

A atuação do GRAB, considerado “um dos três mais influentes grupos brasileiros de conscientização homossexual”,⁴¹⁸ no início da década de 1990, transformou os discursos de estigmatização homossexual, que também atingiam travestis, em luta política – contra-discursos e resistências –, deslocando e fraturando o dispositivo do estigma.

Tal mobilização contribuiu para a criação de redes de solidariedade, de troca de informações, não apenas em função dos “imperativos estatais de prevenção”, mas no que se refere ao exercício da cidadania. Se alguns trabalhos recentes analisaram a construção da cidadania travesti via-políticas preventivas como um processo de “SIDAdanização”, que pressupõe a adesão a princípios tipicamente modernos, como a individualização e a racionalização,⁴¹⁹ é inegável que novos lugares do político foram inaugurados pelo protagonismo homossexual e travesti no combate à Aids.

A partir do GRAB e das atividades desenvolvidas na instituição, muitas travestis experimentaram outros espaços de atuação e de visibilidade, marcados por uma mobilização indentitária que buscou transformar o “luto do estigma” em políticas de direitos. Janaína Dutra, travesti cearense, reconhecida como a “primeira travesti advogada do Brasil”, lembrou a Vale o quanto a epidemia e o trabalho desenvolvido por instituições como o GRAB contribuíram para o empoderamento de homossexuais e travestis:

Em meados dos anos 80, na cidade de Fortaleza, ainda não se conhecia bem a Aids. A Igreja tripudiou em cima, o Estado tripudiou em cima,

⁴¹⁸ Grupo de Resistência Homossexual Asa Branca. **O Povo**, 5 mai. 1992, p. 1B.

⁴¹⁹ Larissa Pelúcio nos mostra que os “desviantes”, travestis, gays, prostitutas ou usuários de drogas foram os alvos preferenciais das políticas preventivas. Como afirma a autora, “em todos os casos, o que se quer regular são as práticas sexuais que escapam à proposta do sexo monogâmico, procriativo, heterossexual, não comercial, autorizado” (p. 34). Ao mesmo tempo em que esta pesquisadora reconhece o esforço dos/das profissionais da saúde em acompanhar os novos paradigmas das políticas públicas de prevenção, alicerçadas em conceitos como “protagonismo político”, “educação entre pares” e “prevenção dialogada”, Pelúcio aponta, inspirada pelas reflexões de Michel Foucault e pela apropriação que Néstor Perlongher faz do conceito foucaultiano de dispositivo, que essas políticas atuam como dispositivos de poder. PELÚCIO, 2009.

disseram que era “câncer gay”. E tudo isso foi desmistificado; hoje a pessoa luta pela parceria civil, as travestis passaram a ser convocadas para falar, para ajudar na conscientização com relação à doença. Uma forma de política já existia antes, mas estava muito mais ligada à cultura do glamour, mas, com a Aids, já se vê uma forma mais ligada às reivindicações junto às leis do país [...]. Isso trouxe uma abertura, uma conscientização e uma cidadania plena, buscando despertar, através da cultura a autoestima, um outro pensar na cidadã travesti”.⁴²⁰

Então vice-presidenta do GRAB, Janaína Dutra analisava que a Aids significou o “passaporte” para que muitas travestis se tornassem educadoras voltadas para a política da saúde e de prevenção. Thina Rodrigues foi uma das travestis que conseguiram esse “passaporte” – não para Paris ou Milão, como sonhavam tantas! –, mas para a cidadania (via prostituição-Aids). A atuação local e nacional de Janaina Dutra, falecida em 2004, exemplifica esse novo momento da história das experiências trans em Fortaleza e no Brasil, que poderia ser chamado de tempo da cidadania travesti. Nesse novo contexto, que excede o recorte temporal desta tese, mas que, sem dúvidas, é tributário do tempo aqui analisado, parte da denúncia travesti contra os estigmas foi institucionalizada.

Foi justamente buscando construir outro tipo de visibilidade que algumas travestis se organizaram, no Rio de Janeiro, no início da década de 1990, para fundar a Associação de Travestis e Liberados (Astral). Um dos marcos da nova associação foi a criação do Seminário Nacional de Travestis e Liberados que trabalham com a Aids (Entlaids), que, em 1999, teve uma de suas edições realizada em Fortaleza, momento em que foi realizada a primeira parada pela diversidade sexual do Ceará.⁴²¹

A Astral inaugurou um novo capítulo na história das organizações políticas das travestis. Questões como segurança – uma vez que as travestis eram alvo constantes de agressões e de prisões

⁴²⁰ VALE, op. cit., 2013, p. 238-239.

⁴²¹ Para uma discussão sobre a importância da Parada pela Diversidade Sexual do Ceará, ver: OLIVEIRA, Teljunior Cândido. **Tem Política na Avenida: história e configuração da Parada pela Diversidade Sexual do Ceará.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Serviço Social), Universidade Estadual do Ceará, 2013.

policiais arbitrárias – e prevenção ao HIV/Aids, tornaram-se pautas de discussões políticas. E, ainda, ao mesmo tempo em que se filiavam a uma tradição de lutas e de reivindicações das “minorias sexuais”, protagonizada até então por homossexuais masculinos, as travestis organizadas na Astral e em outras ONG’s imprimiam uma especificidade: as violências físicas e simbólicas sofridas pelas travestis não eram as mesmas que as sofridas por gays e lésbicas. Muito além das plumas e do paetê, a cena passava a ser político-institucional.

Esse primeiro momento de institucionalização correspondeu a uma necessidade política de construção de uma identidade travesti cidadã, cujo objetivo era melhorar a posição da travesti na sociedade e combater os estigmas. Estas ações, que se traduziram em conquistas de espaços públicos-midiáticos e em garantia de direitos, esteve no cerne da criação da Associação das Travestis do Ceará (ATRAC), por Janaína Dutra, Thina Rodrigues, dentre outras, no início da década de 2000.

A afirmação de uma identidade de gênero feminina travesti, em detrimento da afirmação de uma “identidade homossexual”, acompanhada da defesa da reivindicação do uso do termo travesti na flexão feminina e do emprego da palavra travestilidade em contraposição ao termo “travestismo”, é uma das práticas contradiscursivas desse contexto, certamente, herdeiro das primeiras denúncias travestis público-mediatizadas.

Talvez não seja exagero afirmar que a “travesti cidadã”, que nasce da luta do movimento LGBT e sob a égide do crescente discurso de afirmação dos direitos humanos, a partir da década de 1990, é filha da “travesti marginal” do tempo farmacopornográfico.

5. CONCLUSÃO

Meu interesse acadêmico pelo “universo travesti” surgiu nos momentos finais da escrita da minha dissertação de mestrado em História, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Lembro-me de que os primeiros livros comprados sobre o tema foram guardados e, apesar da curiosidade, lidos somente depois da defesa da dissertação, em 2009. Era preciso esperar para vivenciar minha mudança radical de “objeto” de pesquisa: da religiosidade popular, no fim do século XX, às experiências trans, na segunda metade do XX. Se algo daquela dissertação ainda pode ser encontrado neste trabalho, refere-se à importância da imprensa na construção de sentidos do mundo e da história. Exceto pelo uso dos periódicos como fonte e objeto de pesquisa, a história contada aqui foi outra, tão diferente quanto seu autor.

Desde então, resisti à sugestão de um historiador de propor o projeto de doutorado em um Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pois a história não tinha “tradição” na temática, afirmava o professor; ao pedido de uma professora de sociologia para que eu abandonasse a “identidade de historiador” (creio que nunca me (in)vesti completamente dela); aos risos de alguns professores de história, que pareciam denunciar que a temática das experiências trans, de modo geral, das homossexualidades não eram importantes para a disciplina histórica. A conclusão deste trabalho faz parte dessas resistências acadêmicas, e, sobretudo, existenciais, uma vez que, em 2009, não descobria apenas uma nova temática de estudo, mas me redescobria como sujeito homossexual.

Assim, parafraseando Michel Foucault, não busquei a todo custo apagar, nesta tese, aquilo que poderia me trair, o lugar a partir do qual estava olhando, o partido que tomei e o incontornável de minhas paixões. Não apaguei do saber os traços do querer. Se, por um lado, o tema de estudo, os referenciais teóricos e as fontes pesquisadas estão marcadas pelas regras da disciplina histórica, por outro, também foram marcadas por posicionamentos e escolhas políticas e subjetivas.

Atravessado por esses acontecimentos acadêmicos e existenciais, problematizei as condições históricas de emergência do sujeito travesti em Fortaleza a partir de sua dimensão público-mediatizada. No tempo das perucas, o termo travesti era utilizado no Brasil – não era diferente em Fortaleza – somente para designar uma prática eventual, não estando relacionado a um novo sujeito sexual ou à prática da prostituição. Ao

longo dos anos de 1970 e, principalmente, a partir de 1980, a palavra travesti passou a designar um novo “tipo” de homossexual, que feminilizava o corpo através do uso de hormônios e da aplicação de silicone e que estava associado ao universo do carnaval, dos espetáculos teatrais e da prostituição. Tal processo de subjetivação é efeito e indício de um novo momento histórico, a que chamei tempo farmacopornográfico, marcado pelo amalgamento da ciência e da mídia e por suas produções heteronormativas acerca do sexo e do gênero.

Na medida em que a nova personagem de carne, tinta e papel, denominada travesti, extrapolou os bailes de carnaval e os palcos das boates e teatros, tornando-se público-mediatizada, sinônimo de fascínio e de curiosidade, passou a ser considerada pelos dispositivos da heteronorma potencialmente transgressora ao ordenamento do sistema sexo/gênero e da cidade.

A ambiguidade-indeterminação travesti apareceu como ameaça à ordem binária do gênero, como vimos em *La Close*, na mesma medida em que a prostituição travesti, prática social que assumiu significativa visibilidade na grande imprensa, surgiu como risco ao ordenamento da cidade. Ao “excesso” de gênero, misturou-se o “excesso” de sexualidade. À abjeção por não habitar a inteligibilidade dos gêneros, somou-se a abjeção por habitar – e partilhar com outros “não sujeitos” – as “zonas inóspitas” da cidade, cuja metáfora da noite, como lugar de vivência travesti e do desconhecido e do perigo, revela. Assim, ao mesmo tempo em que as experiências trans surgiram designando um novo sujeito sexual público-mediatizado, elas também foram marcadas pelo dispositivo do estigma, como um risco à norma de gênero e da cidade.

Nessa invenção heteronormativa encontraram-se as possibilidades de resistências, uma vez que a “montagem” e o “escândalo” travesti, considerados, neste trabalho, como contra-práticas e contra-discursos, destrucaram as relações de poder-saber que atravessam o caráter performativo-protéstico do gênero, a materialidade dos sexos e as tentativas de disciplinamento da cidade.

As múltiplas imagens público-mediatizadas criadas em torno das experiências trans contribuíram para a transformação de antigos modelos de masculinidade e de feminilidade, confundindo as verdades estabelecidas pelas normas de gênero. Em torno da emergência do sujeito travesti público-mediatizado todo um jogo de disputa em torno da “verdade” do sexo e do gênero foi criado. Corpos utópicos. Elas também traçaram novos modos de ocupação dos espaços públicos da cidade. Em

torno do sujeito travesti público-midiatizado emergiu todo um jogo de disputa sobre o direito de ocupação dos espaços públicos. Espaços heterotópicos.

Nesse jogo, ou melhor, nessa trama-tempo farmacopornográfico, a grande imprensa assumiu importância fundamental. A imprensa atuou como dispositivo performativo, produtor e difusor de identidades e subjetividades, na medida em que não apenas descreveu certa imagem do corpo travesti e de sua presença na cidade, como contribuiu para a sua invenção e na produção de efeitos de verdade acerca das experiências trans. A imagem público-midiatizada da travesti como imitação e da “travesti marginal” são duas projeções que se materializaram por meio do dispositivo heteronormativo midiático.

Ao mesmo tempo, a imprensa também produziu e fez circular contra-discursos travestis que fraturaram os dispositivos que estigmatizaram as experiências trans. Os discursos trans contra os preconceitos e os estigmas produzidos em torno da prostituição e da Aids, por exemplo, mostram que as travestis resistiram e elaboraram outras imagens trans, não sendo possível pensar na “travesti cidadã” sem colocá-la em parentesco direto com a “travesti prostituta”.

Foi na relação com a travesti de tinta e de papel, produzida pelo dispositivo da sexualidade, da mídia e do estigma como personagem fascinante-glamourosa e, também, perigosa-marginal, que os sujeitos se (des)identificaram e (des)encarnaram as experiências travestis. Foi atravessado pelo sujeito travesti público-midiatizado que sujeitos tão diferentes como Rogéria, Bianca, Roberta Close, Jane, Fafá, Thina Rodrigues, Janaína Dutra e tantas outras (des)construíram sentidos às suas próprias experiências trans.

Essas disputas imagéticas, jogos de poder-saber, marcam a história recente das experiências trans no Brasil, seu capítulo sobre a emergência do movimento político trans e, sobretudo, a trajetória dos sujeitos trans. A tortura sofrida pela travesti Verônica Bolina, no interior da carceragem do 2º DP (Bom Retiro), centro de São Paulo, que causou comoção nacional no país, no início de abril de 2015, revela as permanências e rupturas dos dispositivos da sexualidade, da mídia e do estigma na vida dos sujeitos trans da atualidade.

Preso naquela unidade sob a suspeita de tentativa de homicídio contra uma vizinha, Verônica foi violentamente espancada após ser acusada de “arrancar” a orelha de um policial. A violência contra Verônica teria ficado na invisibilidade não fossem as imagens publicadas na internet – nas quais a travesti aparece algemada, com o

rosto desfigurado, o cabelo raspado, os seios expostos e os pés amarrados. Além de movimentar as redes sociais, onde foi lançada a campanha #somostodosverônica, o “caso Verônica” também mobilizou as organizações e instituições em defesa dos direitos LGBT de todo o país.

Como lembrou, à época, Renan Quinalha, advogado e militante dos direitos humanos, novamente uma travesti tornava-se visível aos olhos da sociedade e dos poderes públicos não pelo reconhecimento e garantia plena de sua cidadania, mas por conta da violência brutal sofrida enquanto estava sob a custódia de forças de segurança pública.⁴²²

A tortura sofrida pela travesti, ao mesmo tempo em que se celebra o doutoramento da primeira travesti do Brasil e se festeja o primeiro Centro de Cidadania LGBT de São Paulo, este último, inaugurado dias antes da repercussão do “caso Verônica”, revela que, apesar das conquistas, as experiências trans continuam marcadas por múltiplas violências; que, apesar de toda a luta e resistência, travestis e transexuais continuam sendo interpretadas pelos dispositivos que constituem a matriz heterossexual como estigmatizadas.

Luma Andrade, a primeira travesti doutora do país; Dediane Souza, a travesti cearense que coordenava o Centro de Cidadania LGBT paulistano à época da repercussão da violência contra Verônica Bolina; e Verônica Bolina estão mais próximas do que podemos imaginar. Suas experiências estão atravessadas pelo dispositivo do estigma travesti. A tese de Luma Andrade sobre travestis na escola, a militância de Dediane Souza à frente do CCLGBT/SP e, atualmente, do GRAB/CE, e a reação de Verônica contra os policiais do 2º DP (Bom Retiro), de São Paulo, constituem parte das resistências trans a esse mesmo dispositivo.

A luta trans continua sendo por reconhecimento social (pelo glamour, pela beleza, pela astúcia, pelo escândalo, pela militância, pela educação), contra o estigma, e, sobretudo, pelo reconhecimento de sua humanidade. As palavras de *La Close*, “ser travesti não é somente frequentar o ‘Baile dos Enxutos’, ser engraçado, ai, ai, ai, ti, ti, ti. Existe, fundamentalmente, o lado sério e humano”, ditas no início da década de 1980, continuam ecoando nas falas de travestis como Dediane Souza que, recentemente, afirmou: “As pessoas não me reconhecem como mulher em muitos espaços... elas não me reconhecem como

⁴²² Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/as-suspeitas-e-manipulacoes-no-caso-veronica-bolina.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.

homem em lugar nenhum e elas não querem me reconhecer como travesti”⁴²³.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende ser uma ferramenta na luta trans por reconhecimento social, cidadania, e, sobretudo, na luta contra o estigma que desumaniza esses sujeitos. Quantas pessoas ainda não insistem em associar travesti e disfarce, portanto, travesti e mentira? Quantas não permanecem relacionando travesti, prostituição e criminalidade? Quantas não continuam acreditando que as travestis são potencialmente criminosas?

Que as problematizações históricas discutidas ao longo desta tese, também elas contra-discursivas, possam contribuir para que pessoas que colocam em suspeita as experiências trans passem a duvidar das verdades inventadas pelos dispositivos da heteronorma acerca desses sujeitos.

⁴²³ Dediane Souza, no vídeo “Empoderadas”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/programaempoderadas/videos/1685137491722477/?pnref=story>>. Acesso em: 18 out. 2015.

6. FONTES

Jornais⁴²⁴

- Lampion da Esquina (Rio de Janeiro - RJ) – (1978-1981);
- O Povo (Fortaleza - CE) – década de 1980;
- Diário do Nordeste (Fortaleza - CE) – década de 1980.

Revistas⁴²⁵

- Close – junho/1981;
- *Playboy* – maio/1984; março/1990;
- Manchete – edições dos meses de fevereiro e de março das décadas de 1950-1980.

Romances

- Publicado

CARVALHO, F. G. C. **Queima de Arquivo**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1983.

_____. **Buick Frenesi**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1985.

- Não publicado

AMORIM, Manuel. **Ilca**, 1971.

_____. **Nós, eles, nós**, 1972.

⁴²⁴ As edições dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* encontram-se disponíveis na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (Fortaleza-Ce). Os números do jornal *Lampion da Esquina* encontram-se digitalizados no seguinte endereço eletrônico: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/?page_id=53>. Acesso em: 2 jan. 2013.

⁴²⁵ As revistas pesquisadas fazem parte do acervo pessoal de Rogéria, uma das travestis interlocutoras nessa pesquisa. A revista *Manchete* – exceto os exemplares correspondentes à década de 1950 – também compõe o acervo da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (Fortaleza-CE).

Biografia/autobiografia/memórias

BOER, Alexandre (Org.). **Construindo a igualdade**: a história da prostituição de travestis em Porto Alegre. Porto Alegre: Igualdade, 2003.

RITO, Lúcia. **Muito prazer**: Roberta Close. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

Entrevistas realizadas

Bianca

Nasceu em Russas (CE). Na década de 1960, ainda adolescente, foi morar em Fortaleza (CE). Trabalhou, inicialmente, como assistente de cozinha em uma pensão localizada no centro da cidade. No estabelecimento, conheceu Dona Núbia, que escolheu seu nome feminino, sendo, também, responsável por presentear-lá com as primeiras roupas, perucas e sapatos femininos. Bianca estreou sua travestilidade pública na década de 1970, na Avenida Duque de Caxias, durante as comemorações da vitória da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo daquele ano. Na entrevista, afirmou não se identificar como “travesti de peito”, mas como “veado que vestia roupa de mulher”. Atualmente, vive socialmente como “homem”, embora continue sendo chamada pelo nome feminino.

Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2011.

Gilmar de Carvalho

Nasceu em Sobral (CE). Homossexual desde os anos de 1970, assumiu uma visibilidade pública através de sua atuação como professor, publicitário e escritor. Escrevia com frequência nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. Foi correspondente do jornal *Lampião da Esquina*, no Ceará. Na década de 1980, publicou os livros **Queima de Arquivo** e **Buick Frenesi** – utilizados como fonte de pesquisa neste trabalho – que registram lugares e personagens do universo homossexual de Fortaleza (CE). Atualmente, dedica-se a pesquisas sobre o universo da cultura popular cearense.

Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2011.

Rogéria

Nasceu em Cedro (CE). Ainda criança, mudou-se, com a família, para Fortaleza. Estreou sua travestilidade pública no carnaval de 1977, comemorada no Baile Municipal, que acontecia no Ginásio Paulo Sarasate. Rogéria, cujo nome feminino é uma homenagem à famosa travesti e atriz, tem uma significativa coleção de revistas (anos 1970-1980) em que aparecem travestis famosas nacionalmente. Assim como o carnaval, as edições de carnaval de revistas como *Manchete* e *Fatos & Fotos* assumem um lugar de destaque em suas memórias.

Entrevistas realizadas em 16 de janeiro de 2012 e 22 de maio de 2013.

Thina Rodrigues

Nasceu em Brejo Santo (CE). Aos 17 anos, mudou-se para Fortaleza. No início da década de 1980, Tina McGyver, como se chamava à época, dividia seu tempo entre o trabalho em uma loja, onde era vendedor, e os shows em boates, onde se apresentava como transformista. As transformações no corpo, com a aplicação de hormônios e de silicone, se intensificaram na medida em que Thina praticava a prostituição. Em 1988, Thina iniciou sua militância no movimento homossexual cearense, inicialmente, no GRAB, e, em seguida, na ATRAC, sendo uma de suas fundadoras. Atualmente, preside a ATRAC e trabalha na Coordenadoria da Diversidade Sexual, da Secretaria de Direitos Humanos de Fortaleza (SDH).

Entrevistas realizadas em 8 de janeiro de 2011, 29 de janeiro e 29 de agosto de 2013.

Utilizo, ainda, as entrevistas de Janaína Dutra concedidas ao antropólogo Alexandre Fleming Câmara Vale, que, gentilmente, cedeu-me parte desses registros.

Janaína Dutra

Nasceu em Canindé (CE). Mudou-se para Fortaleza para continuar seus estudos. Formou-se em Direito. Seu processo de travestilidade aconteceu nesse período. Foi a primeira travesti a conseguir sua carteira e filiação junto à OAB. Em 1989, Janaína tornou-se militante dos direitos humanos, ocupando a vice-presidência do GRAB. Fundou a ATRAC; exerceu, ainda, o cargo de Secretária de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis; foi presidente da ANTRA - Articulação Nacional de Transgêneros; e, por fim, foi membro do Conselho Nacional de

Combate à Discriminação. Participou de inúmeros congressos, mesas redondas e seminários sobre direitos humanos, Aids e travestilidade. Faleceu em 8 de fevereiro de 2004, aos 43 anos.

7. REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo (Orgs.). **Histórias do movimento negro no Brasil**. Editora: PALLAS, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado**. Baurú: EDUSC, 2007.

AMARAL, Marília dos. **Essa boneca tem manual: prática de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

ARAÚJO JÚNIOR, José Carlos de. **A metamorfose encarnada: travestimento em Londrina (1970-1980)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade de Campinas. Campinas, 2006.

ARNEY, L.; FERNANDES, M.; GREEN, James N. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003.

ASSIS, Eduardo Moreira. **O homossexual respeitável**. 2011. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

ÁVILA, S. **Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BARBOSA, Bruno César. **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006.

_____; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 569-581, 2012.

BORGES, Ed. **Trans olhares**: histórias de vida de pessoas trans em Fortaleza. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. M. **Sexualidades transgressoras**: uma antologia de estudos queer. Barcelona: Icária, 2002a, p. 55-79.

_____. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002b.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. Vida precária. **Contemporânea**, n. 1, p. 13-33, 2011.

CARVALHO, Gilmar de. **Queima de Arquivo**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

_____. **Buick Frenesi**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1985.

COSTA, José Raimundo. **Memória de um jornal**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1988.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **“Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta”**: uma compreensão fenomenológica da travestilidade a partir de narrativas. 2006. 108f. Monografia (Graduação em Psicologia), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

_____. **Ela é o show**: performances trans na capital cearense. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da Folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>>. Acesso em: 16 out. 2015.

DIAS, Ed Ney Borges. **Trans olhares**: duas histórias de vida de pessoas trans em Fortaleza. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: UNESP, 2013.

ERDMANN, Regina Maria. **Reis e rainhas no desterro**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1981.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERREIRA, Daniel Rogers de Souza. **Ousar dizer o nome**: movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará. 2003. 106f. Monografia (Especialização), Curso de Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2003.

FIGARI, Carlos. **@s Outr@s Cariocas**: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FONTENELE, Cláudia Valença. **Entre estrelas e passarelas**: a condição travesti e seus ritos de apresentação. 1999. 181f. Dissertação. (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1999.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222. (Coleção Ditos e Escritos IV)

_____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos V)

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. **A história da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. **El cuerpo utópico, las heterotopías**. Buenos Aires: Nueva Visión; 2010.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. El libro como experiencia: conversación con Michel Foucault. In: _____. **La inquietud por la verdad: escritos sobre la sexualidad y el sujeto**. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2013, p. 33-99.

FREITAS, Mirtes. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1979**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora / Núcleo de Documentação Cultural-NUDOC/UFC, 2005.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GADELHA, José Juliano Barbosa. **Masculinos em mutação**: a performance drag queen em Fortaleza. 2009. 262f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOIS, João Bôsko Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista de Estudos Feministas**, v. 11, n. 1, p. 289-297, 2003.

GOMES, Maurício Pereira. **A força de uma palavra**: homofobia nas páginas da Folha de São Paulo (1986-2011). 2014. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris**: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GREGORI, Maria Filomena. Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo. **Cad. Pagu**, 2012, n. 38, p. 53-97.

_____; DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira. Apresentação. **Cad. Pagu**, 2012, n. 38, p. 07-12.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

_____; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GROOTENDORST, Sapê. **Literatura gay no Brasil?**: dezoito escritores brasileiros falando da temática homoerótica. Tese de qualificação, Departamento de Português da Universidade de Utrecht, 1993.

GUASCH, Oscar. **La sociedade rosa**. Barcelona: Anagrama, 1991.

_____. **Héroes, científicos, heterossexuales e gays**: los varones em perspectiva de género. Barcelona: Bellaterra, 2006.

_____. **Las crisis de la heterosexualidad**. Barcelona: Laertes, 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HUNT, Lynn. Apresentação. In: _____ (Org.). **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da Modernidade. São Paulo: Hedra, 1999, p. 9-49.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. **Erotismo na cultura dos anos 1980**: censura e televisão na Revista Veja. 2008. 303f. Tese. (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC, 2012.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

_____; KLEIN, Charles. Escândalo: a política da vergonha em meio às travestis brasileiras. **Anales N. E.**, n. 13, 2010, p. 9-45. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/25200/1/gupea_2077_25200_1.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos até Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LEITÃO, Juarez. **Estação de viver**: Histórias da Boemia Cearense. Fortaleza: Premius, 2000.

LEITE JÚNIOR, J. **Nossos corpos também mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, 2001, v. 9, n. 2, p. 541-553.

LUNA, Regina. A nudez na telinha da TV. **Diário do Nordeste**, 4 dez. 1985.

MACHADO, Ana Lucia. Guerra aberta aos cartazes dos filmes pornográficos. **Diário do Nordeste**, 9 mar. 1985.

MacRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da “Abertura”. Campinas: UNICAMP, 1990.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia pública e cultura do visual em perspectiva histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, Porto Alegre/São Paulo, v. 2, n. 2, p. 11-20, jul./dez., 2013.

MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir-se ou não assumir-se?**: O Lamião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de Estrelas**: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas: UNICAMP, 1996.

MISSÉ, Miquel; COOL-PLANAS, Gerard. (Orgs.). **El género desordenado**: crítica en torno a la patologización de la transexualidad. Barcelona-Madrid: Egales, 2010.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. “A prevenção do desvio: o dispositivo da Aids e a repatologização das sexualidades

dissidentes”. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**. Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, n. 1, p. 25-157, 2009b.

_____. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MONTEIRO, Charles. Imagens da cidade de Porto Alegre nos anos 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da revista do Globo. In: _____ (Org.). **Fotografia, história e cultura visual**: pesquisas recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 9-50.

NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima**: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979). 2004. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

NOGUEIRA, Francisco Jader de Sousa. **A saga da beleza**: um estudo das transformações corporais na experiência travesti. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

NOGUEIRA, Nadia Cristina. **Lota e Bishop**: amores e desencontros no Rio dos anos 50. 2005. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade de Campinas. Campinas, 2005.

NUNES, Marcia V. **Imprensa e poder**: o I e o II veterados (1963-1966 e 1979-1982) no jornal *O Povo*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo: UNESP, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

_____. Os feminismos e os muros de 1968 no Cone Sul. **CLIO**, Série *História do Nordeste (UFPE)*, v. 26, p. 59-82, 2009.

_____. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jun. 2011.

_____; WOLFF, Cristina Scheibe. As dores e as delícias de lembrar a ditadura no Brasil: uma questão de gênero. **História Unisinos**, v. 15, p. 398-405, 2011.

_____; VERAS, Elias Ferreira. Viver e Lutar. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 34-38, 1º ago. 2015.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de Aids. São Paulo: Annablume-FAPESP, 2009.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: _____; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012a, p. 470.

_____. A era dos modelos flexíveis. In: _____; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012b, p. 513-543.

PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

_____. **Pornotopia**: Arquitectura y sexualidad en *Playboy* durante La guerra fría. Barcelona: Anagrama, 2010.

_____. **Manifesto contra-sexual**. Barcelona: Anagrama, 2011.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, significados e interpretação nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997a.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr./1997b.

_____. Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral. **Ensaio de História oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 19-35.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. **As sexualidades desviantes nas páginas do jornal Diário Catarinense (1986-2006)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

GRENN, James N.; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades**: Repressão, Resistência e a Busca da Verdade. São Carlos: UFSCar, 2014.

RAGO, L. Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da USP, v. 3, n. 28, p. 67-82, 1995.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, n. 5, 2010, p. 17-44.

RISÉRIO, Manoel. Playboy vs. Censura - 1975/1980. **Revista Playboy**, Editora Abril, n. 423, ago. 2010, p. 244. Disponível em: <<http://playboy.abril.com.br/entretenimento/historia/playboy-vs-censura-1975-%E2%80%93-1980/>>. Acesso em: 27 mai. 2013.

RITO, Lucia. **Muito prazer**: Roberta Close. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos (Grupo Record), 1998.

RUBIN, Gayle. **Pensando o Sexo**: notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/rubin_pensando_o_sexo.pdf?>. Acesso em: 20 ago. 2015.

RUDDY. **Liberdade**: ainda que profana. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 2008.

SÁ, Adísia. **Traços de União**: Demócrito Rocha - 110 anos depois. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1998.

SAMPAIO, Juciana de Oliveira. Reflexões sobre o uso de silicone líquido e sociabilidades entre travestis em São Luís (MA). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XV. **Anais...** 2011. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2188&Itemid=171>. Acesso em: 12 mai. 2015.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 16, 1990.

_____. A invisibilidade da experiência. Projeto História, n. 16, São Paulo, **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, 1998, p. 297-325.

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite**: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

SILVA, Hélio. **Travesti**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Marco Antônio Roxo da. Quando até Roberta Close foi jornalista: o jornalismo e suas fronteiras. **Lumina**, v. 2, n. 2, dez. 2008.

Disponível em:
 <<http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/170/165>>.
 Acesso em: 5 ago. 2015.

SILVA, Sando José da. **Quando ser gay era uma novidade**: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras e Ciências Humanas. Recife, 2011.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____.; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **A doença como metáfora**: a Aids como metáfora. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SWAIN, T. N. História, construção e limites da memória social. In: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

TAGG, John. **El peso de la representación**: ensayos sobre fotografías e historias. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade: Rio de Janeiro: Record, 2011.

VALE, Alexandre Fleming C. **No escurinho do cinema**: cenas de um público implícito. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

_____. **O voo da beleza**: experiência trans e migração. Fortaleza: RDS, 2013.

VERAS, Elias Ferreira. **O “eco das maravilhas”**: o jornal A Voz da Religião no Cariri e as missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1870). Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

_____. (Des) Fazendo-se homem. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 999-1000, 2014a.

_____; VALENCIA, Maria F. Por uma perspectiva social e política de gênero e sexualidade. **Revista Bagoas**, Natal, v. 8, n. 11, jul./dez. 2014b.

_____. Ilca ou A escrita como prática de liberdade em tempo de interdições. In: DUARTE, Ana Rita Fonteneles; LUCAS, Meize Regina de Lucena (Orgs.). **As mobilizações do gênero pela ditadura militar brasileira (1964-1985)**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014c, p. 155-171.

_____; GUASCH, Oscar. A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980). **História, Histórias**. Brasília: Unb, 2015.

_____; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. Sobre “peineta” e “cuero”: homossexualidades e masculinidades em Espanha. Entrevista com Oscar Guasch (aguardando publicação na **Revista de Estudos Feministas**).

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 38, p. 9-17, 2002.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WONDER, Cláudia. **Olhares de Cláudia Wonder, crônicas e outras histórias**. São Paulo: GLS, 2008, p. 119-120.

WOITOWICZ, K. J.; PEDRO, J. M. O movimento feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo. **Espaço Plural** (Unioeste), v. 21, p. 43-56, 2009.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos.**
Madrid: Egales, 2006.